

**UMA QUERÊNCIA ENTRE ACORDES: PRÁTICAS COMUNICACIONAIS NO  
PEIÇÃO DA COMPOSIÇÃO REGIONAL E A CONSTITUIÇÃO DE UMA  
COMUNIDADE CRIATIVA**

Mestrando: Matheus Bernardes Paim Lalis

Orientadora: Prof. Dra. Luciana Menezes Carvalho

Co-orientador: Prof. Dr. Joel Felipe Guindani

**São Borja**

**2023**

**MATHEUS BERNARDES PAIM LALIS**

**UMA QUERÊNCIA ENTRE ACORDES: PRÁTICAS COMUNICACIONAIS NO  
PEIÇÃO DA COMPOSIÇÃO REGIONAL E A CONSTITUIÇÃO DE UMA  
COMUNIDADE CRIATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Indústria Criativa.

Orientadora: Prof.a Dra. Luciana Menezes Carvalho

Co-orientador: Prof. Dr. Joel Felipe Guindani

**São Borja  
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

L195q Lalis, Matheus Bernardes Paim

Uma querência entre acordes: práticas comunicacionais no  
peitaço da composição regional e a constituição de uma  
comunidade criativa / Matheus Bernardes Paim Lalis.

215 p.

Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E INDÚSTRIA CRIATIVA, 2023.

"Orientação: Luciana Menezes Carvalho".

1. Comunicação. 2. Comunidade Criativa. 3. Indústria  
Criativa . 4. Música Regional Gaúcha. 5. Peitaço da Composição  
Regional. I. Título.

**MATHEUS BERNARDES PAIM LALIS****UMA QUERÊNCIA ENTRE ACORDES: PRÁTICAS COMUNICACIONAIS NO PEITAÇO DA  
COMPOSIÇÃO REGIONAL E A CONSTITUIÇÃO DE UMA COMUNIDADE CRIATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Comunicação e Indústria Criativa.

Dissertação defendida e aprovada em: 05 de abril de 2023.

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciana Menezes Carvalho  
Orientadora  
(UFSM/Unipampa-PPGCIC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Alciane Nolibos Baccin  
(PPGCIC/Unipampa)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Clarissa Figueiró Ferreira

18/04/2023, 14:37

SEI/UNIPAMPA - 1095472 - SISBI/Folha de Aprovação

(UNIRIO)



Assinado eletronicamente por **Luciana Menezes Carvalho, Usuário Externo**, em 10/04/2023, às 14:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ALCIANE NOLIBOS BACCIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/04/2023, às 18:27, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CLARISSA FIGUEIRO FERREIRA, Usuário Externo**, em 17/04/2023, às 17:27, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1095472** e o código CRC **106F908E**.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta dissertação: as mulheres que contribuíram para a realização deste estudo e a todos que, novamente, foram ‘obrigados’ a dar palpite em mais um de meus projetos, e colaboraram nas diferentes etapas de construção e revisão deste trabalho.

As integrantes do Peitaco da Composição Regional que dedicaram seu tempo a colaborar com este trabalho, responderam questionário, cedendo informações e entrevistas: Adriana e Adrieli Sperandir, Angela Patias, Bianca Bergmam, Charlise Bandeira, Fátima Gimenez, Laura Guarany, Lizzi Barbosa, Luiza Gomes Veloso, Márcia Freitas, Maria Rita Dias, Nair Teresinha, Nicole Carrion, Oristela Alves, Pyetra Hermes, Patrícia Pedrozo, Shana Müller e Su Paz. Foi sublime contar com mulheres tão especiais e que tanto admiro na construção deste trabalho.

Agradeço em especial à minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luciana Carvalho, por toda a atenção a mim dirigida durante o curso de Mestrado.

Repito a menção realizada na conclusão da graduação em Jornalismo dirigida a meus apoiadores, familiares e amigos que, durante toda minha vida me estenderam a mão e me incentivaram a seguir em frente, pois entendo que sem o apoio dessas pessoas nada seria possível. Privo-me de nomeá-los pois a lista é grande. Mesmo os que estavam fisicamente distantes, suas palavras sempre abrandaram o cansaço e ajudaram a superar as maiores dificuldades.

Sinto necessário registrar aqui minha gratidão a minha avó Clementina por todo amor, cuidados e lições, receba meu imenso agradecimento por tudo que vivemos juntos. E juntos continuaremos em minha eterna saudade!

Igualmente, faço menção especial à minha mãe, Andréia, que sempre buscou e garantiu minha educação, me amparou e inspirou a sempre buscar e fazer o melhor.

Agradeço ao Henrique, por toda ajuda, compreensão e dedicação empreendida em me auxiliar neste trabalho.

À Véia, Samantha e Thereza, mascotes que durante esses anos de aulas e orientações on-line - em decorrência pandemia da Covid 19 - participavam ativamente dessas atividades e foram companhia constante, alegrando momentos de desafio constante na formulação desta pesquisa. Obrigado, meninas, pelo amor que independe de palavras.

À Universidade Federal do Pampa, que me oportunizou a graduação em Jornalismo e hoje a titulação de Mestre em Comunicação e Indústria Criativa. A meus professores, pelos mais diferentes ensinamentos, garantindo educação e pesquisa, fazendo ciência por meio da educação pública de qualidade.

## RESUMO

A presente dissertação propõe a abordagem do conceito de Comunidade Criativa, relacionando-o ao campo da Indústria Criativa, analisando como a comunicação contribui na constituição de uma comunidade. O objeto do estudo é o Peitão da Composição Regional, festival que nasce de um movimento de mulheres artistas que se reúnem visando a produção criativa, e cujas repercussões manifestam-se diretamente sobre a geração de propriedade intelectual e no estímulo à maior participação de mulheres compositoras na música regional gaúcha. O objetivo geral deste estudo visa compreender de que forma a comunicação pode contribuir na constituição de uma comunidade criativa no movimento Peitão da Composição Regional. Os objetivos específicos são: trazer o conceito de Comunidade Criativa para a área da Indústria Criativa; mapear as fases da música regional gaúcha e a inserção das mulheres nesse movimento; identificar de que modo o ambiente criado no 1º Peitão promove a criatividade; analisar as percepções das integrantes do Movimento Peitão acerca do seu papel enquanto comunidade criativa. Para tanto, foi utilizada uma triangulação de técnicas metodológicas a partir das pesquisas bibliográfica, documental, e análise qualitativa, com aplicação de questionários e entrevistas baseadas na abordagem pragmatista estimulada pelo problema e o objeto de pesquisa, visando seu entendimento e possibilidades enquanto ação comunicativa. Os resultados identificados evidenciaram que o Peitão da Composição Regional promove um espaço que permitiu às mulheres liberdade e estímulo para compor, a partir de laços formados pelas integrantes por meio do uso da comunicação, por dividirem características, causas e objetivos afins, que propiciaram o sentimento de pertencimento ao movimento. O estudo considera o Peitão uma comunidade criativa que, pelo uso da criatividade, busca resolver um problema ou questão comum ao grupo - a escassa presença de mulheres compositoras na música gaúcha -, estabelecendo a comunicação como contribuidora para a constituição de uma comunidade ao estabelecer processos comunicacionais que resultam na geração de produtos ou processos resultantes da criatividade.

Palavras-chave: Comunicação; Comunidade Criativa; Indústria Criativa; Música Regional Gaúcha; Peitão da Composição Regional.



## ABSTRACT

The present dissertation proposes an approach to the concept of Creative Community, relating it to the field of the Creative Industry, analyzing how communication contributes to the constitution of a community. The object of the study is the Peitaco da Composition Regional, a festival that was born out of a movement of women artists who come together with a view to creative production, and whose repercussions are directly manifested on the generation of intellectual property and on encouraging greater participation of women composers in gaúcho regional music. The general objective of this study is to understand how communication can contribute to the constitution of a creative community in the Peitaco movement of Regional Composition. The specific objectives are: to bring the Creative Community concept to the Creative Industry area; map the phases of gaúcho regional music and the insertion of women in this movement; identify how the environment created in the 1st Peitaco promotes creativity; to analyze the perceptions of Movimento Peitaco members about their role as a creative community. For that, a triangulation of methodological techniques was used from bibliographical research, documental and qualitative analysis, with the application of questionnaires and interviews based on the pragmatist approach stimulated by the problem and the research object, aiming at its understanding and possibilities as a communicative action. The results identified showed that the Peitaco da Composition Regional promotes a space that allowed women freedom and encouragement to compose, based on the bonds formed by the members through the use of communication, by sharing characteristics, causes and related objectives, which led to the feeling belonging to the movement. The study considers Peitaco a creative community that, through the use of creativity, seeks to solve a problem or issue common to the group - the scarce presence of women composers in Rio Grande do Sul music -, establishing communication as a contributor to the constitution of a community by establishing processes communication processes that result in the generation of products or processes resulting from creativity.

Keywords: Communication; Creative Community; Creative Industry; Gaúcho Regional Music; Chest of the Regional Composition.

**LISTA DE FIGURAS**

Imagem 1 - Participantes do 1º Peitão da Composição Regional (2019)	59
Imagem 2 - Participantes do 2º Peitão da Composição Regional (2022)	60
Gráfico 1 - Cidade de Nascimento	72
Gráfico 2 - Ocupação no meio artístico	72
Gráfico 3 - Faixa etária da participação	73
Gráfico 4 - Participação em eventos dedicados à composição	73
Gráfico 5 - Diferença em compor em um espaço criativo	74
Gráfico 6 - Importância de participar de movimentos para criação	75
Gráfico 7 - Início na composição	76
Gráfico 8 - Número de composições	77
Gráfico 9 - Participação na composição	77
Gráfico 10 - Apresentação das composições	78

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2.1 Intersecções entre Economia e Indústria Criativa	18
2.2 Comunicação como Indústria Criativa	23
3. COMUNIDADE CRIATIVA: PRÁTICAS COMUNICACIONAIS COMO FATOR DE UNIÃO	28
3.1 Comunidade: do território ao digital	28
3.2 Criatividade: comunidade e classe criativa	33
4. MÚSICA REGIONAL GAÚCHA: ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CRIATIVIDADE	39
4.1. Movimento: a música gaúcha como comunicação e indústria criativa	39
4.2. Inserção: a participação e representação da mulher na música gaúcha	47
5. PERCURSO METODOLÓGICO	56
5.1. O Peitão da Composição Regional	56
5.2. Técnicas metodológicas aplicadas	61
5.2.1 Pesquisa Bibliográfica e Documental	63
5.2.2. Questionários	64
5.2.3. Entrevistas	65
5.3 Análises dos questionários	70
5.4 Análises das entrevistas	78
5.4.1 Comunidade	78
5.4.2 Criatividade	84
5.4.3 Representação	89
5.4.4 Comunicação	94
5.5 Resultados	98
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	110
APÊNDICES	120
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	120
APÊNDICE B - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA	126
APÊNDICE C - ENTREVISTA SU PAZ	128
APÊNDICE D - ENTREVISTA CHARLISE BANDEIRA	139
APÊNDICE E - ENTREVISTA ORISTELA ALVES	147
APÊNDICE F - ENTREVISTA FÁTIMA GIMENEZ	154
APÊNDICE G - ENTREVISTA NAIR TERESINHA	163
APÊNDICE H - ENTREVISTA LUIZA GOMES VELOSO	171
APÊNDICE I - ENTREVISTA BIANCA BERGMAM	179
APÊNDICE J - ENTREVISTA ADRIANA SPERANDIR	186
APÊNDICE K - ENTREVISTA ADRIELI SPERANDIR	193
APÊNDICE L - ENTREVISTA SHANA MÜLLER	201

## 1. INTRODUÇÃO

“Embora não raro a criatividade seja considerada um fenômeno individual, ela é necessariamente um processo social, cujo exercício costuma se dar em grupos” (FLORIDA, 2011, p. 35). A citação elucida o poder da criatividade exercida em coletivo e a criatividade como fruto da atividade humana, caracterizada como um fenômeno multidimensional que se apresenta de diversas formas, que se potencializam e motivam diversos atos e resultados nas mais diferentes formas e campos.

Empregada na coletividade, a criatividade pode ser considerada sob o conceito de Comunidade Criativa, caracterizada pela reunião de indivíduos que possuem objetivos afins. Visa promover novas formas de intercâmbio social, alinhando interesses sociais e coletivos na busca por soluções com a intenção de promover criativamente a geração de novos recursos e a quebra modelos dominantes (MERONI, 2007; MANZINI, 2008).

Tanto a comunicação quanto a criatividade são fatores fundamentais da Indústria Criativa, sendo a criatividade seu elemento central, do qual provém toda a atividade, serviço ou produto que agrega valor econômico sobre a propriedade intelectual, gera empregos e riqueza. Conforme o Relatório de Economia Criativa da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento - UNCTAD (RELATÓRIO, 2010) a união desses elementos forma um conjunto de atividades baseadas em artes e conhecimento que constituem produtos tangíveis e serviços intelectuais ou artísticos intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado. Inserindo-se entre os setores artísticos, de serviços e industriais, na construção de um novo setor dinâmico no comércio mundial, estão presentes a comunicação e a música (RELATÓRIO, 2010).

A Comunicação enquanto Indústria Criativa caracteriza-se pela capacidade de fomentar diversos setores em âmbito social e econômico por meio da criatividade. De forma tangível, a comunicação está presente em áreas como a publicidade, filme e vídeo, televisão e rádio, jornal e internet, artes gráficas e visuais; e de maneira intangível em todo o processo criativo desde o modo com que influencia nos formatos comunicacionais já existentes até a maneira em que promove a inovação.

No âmbito da Indústria Criativa, a música, por sua vez, é considerada uma das principais indústrias, pois compreende valor cultural e econômico para todas as sociedades, como indústria, negócio e fonte de emprego e renda ao redor do mundo, acumulando, para além da influência na economia global, um papel na cultura e no entretenimento (RELATÓRIO, 2010). Sua relevância na área pode ser mensurada pelo

Mapeamento da indústria criativa no Brasil (FIRJAN, 2022), de 2017 a 2020, que segundo dados da Federação Internacional da Indústria Fonográfica mostra ter havido aumento de 24,5% nas receitas em 2020 no Brasil, contra 7,4% de crescimento global apontando um crescimento na indústria fonográfica na era digital.

No presente trabalho, a comunicação é o fio condutor entre a criatividade, a indústria, a comunidade e a música. Ele perpassa toda a pesquisa e alinha diferentes conceitos na busca por contribuir para a incorporação do estudo da Comunidade Criativa como Indústria Criativa e ampliar o entendimento da participação e representação da mulher na música regional gaúcha.

Assim, essa dissertação parte do pressuposto de que o Movimento Peitaco da Composição Regional configura-se como uma Comunidade Criativa. Pretende-se abordar, a partir da observação de um objeto, a Comunicação como promotora da união de um grupo criativo e suas contribuições conceituais e inovadoras com Indústria Criativa. Tal pressuposição foi alicerçada pelas relações estabelecidas entre conceito e objeto, formuladas a partir do conhecimento do que forma uma comunidade criativa e o acesso às notícias e entrevistas acerca do evento, nas quais foram divulgadas questões motivadoras e objetivos empreendidos em sua realização.

Para fins de compreensão, o termo ‘Peitaco’, que dá nome ao objeto de estudo, é uma expressão regional gaúcha que se refere ao ato de oferecer o peito, afrontando corajosamente alguma coisa (SANTI, 1999). Entende-se ‘Peitaco’ como um enfrentamento, definido, também, nas entrevistas realizadas no estudo como ‘ir com tudo, fazer com vontade algo que nunca foi tentado antes’ (GIMENEZ, 2023). Pode ser lido como o ato de rompimento com o que está posto, de resistência e confrontação, neste caso, buscando por meio da composição e da criatividade contribuir para a maior representatividade feminina na música do Rio Grande do Sul.

O objeto de estudo é o Peitaco da Composição Regional, evento concebido em 2019 por e para mulheres atuantes no cenário artístico-musical gaúcho, reunindo musicistas, intérpretes, compositoras, melodistas, letristas, poetisas e convidadas em um final de semana de imersão criativa. O objetivo é criar um ambiente (que compreendemos como uma comunidade de troca de experiência entre as participantes) para promover e motivar o exercício da composição feminina focado na temática regional do Rio Grande do Sul. A composição é considerada na Indústria Criativa uma das principais indústrias baseadas em direitos autorais (RELATÓRIO, 2010), como

música, a composição é o processo de criação de uma canção que se dá a partir de uma letra e melodia entendidas como fruto de um processo criativo.

As razões que levaram à escolha do tema para o desenvolvimento desta dissertação estão relacionadas às pesquisas e trabalhos do autor sobre a música gaúcha, iniciadas ainda na graduação em Jornalismo, realizada na Unipampa, com o livro-reportagem ‘Mário Barbará – trajetória de um artista’ (2019). Na primeira etapa do mestrado – em que se fazia necessário desenvolver um produto – foi desenvolvido o webdocumentário ‘Desgarrados – quatro décadas da canção’<sup>1</sup>, uma produção audiovisual sobre os 40 anos da canção ‘Desgarrados’ – de Sergio Napp e Mário Barbará, visando demonstrar como a composição movimentou a Indústria Criativa desde sua criação.

Nesta segunda etapa, seguindo a perspectiva de verificar como uma composição possui o potencial de movimentar a Indústria Criativa, a dissertação pretende abordar um movimento voltado à composição de música regional, o papel criativo desempenhado pela reunião de indivíduos em torno do objetivo de promover um ambiente favorável à criatividade e à produção e suas contribuições como Indústria Criativa.

O Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, atua na inter-relação entre Comunicação e Indústria Criativa, e se divide em duas linhas. Esta dissertação alinha-se à linha de pesquisa que trata a Comunicação como Indústria Criativa – que entende a atividade comunicacional como sendo em si mesma indústria criativa, comunicação e/ou produção.

Considerando a contribuição aos estudos acerca da Indústria Criativa, a presente pesquisa justifica-se ao aliar conceitos distintos, mas potencial e concretamente relacionáveis, ampliando o escopo criativo sobre a música, e em específico a música regional gaúcha. Acredita-se que a proposta pode apresentar certo grau de ineditismo em dois aspectos: (a) ao abordar o conceito de Comunidade Criativa em sua relação com o de Indústria Criativa; (b) ao ter como objeto um movimento ainda não estudado na área, e que traz o protagonismo das mulheres em uma indústria historicamente masculina.

---

<sup>1</sup> Link do documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=MU5smHuzBhQ>

Essa observação se dá pelo autor, no lugar de fala<sup>2</sup> que ocupa, enquanto homem, branco, cisgênero, natural do Rio Grande do Sul, consumidor e estudioso da música regional gaúcha. Foi esse, também, um dos motivos de escolha do objeto de pesquisa: por não enxergar uma representação fidedigna e igualitária da mulher que habita o sul do país em comparação ao homem - salvo Anita Garibaldi<sup>3</sup> - seja ela histórica, social, no âmbito artístico tanto nas canções quanto na fonografia. Este mesmo fato foi o que atentou para a escolha do objeto de estudo que visa uma ação em oposição a essa situação de forma inédita a reunir apenas mulheres com o fim criativo de dar visibilidade e voz às suas causas. No contexto em que este trabalho foi produzido, tal consideração fez-se necessária por se tratar de uma temática em constante evolução e que poderá ser ressignificada com o tempo, e as constantes atualizações na discussão podem relegar essa fala a algo ultrapassado.

Por essas razões, embora sua criação seja recente, o Peitão da Composição Regional é estudado aqui a despeito de eventos consolidados no mesmo âmbito, como o Festival da Barranca<sup>4</sup>. Nesta perspectiva, a inovação pode ser entendida como o efeito ou o ato de inovar, ou seja, refere-se tanto a um processo ou produto como também ao sujeito que o produz. Rossetti (2013, p.64) aponta que [...] “a inovação é um fenômeno social, simbólico e tecnológico, presente em toda sociedade contemporânea midiaticizada e pode perpassar todo o campo da Comunicação”, fazendo-se presente desde o impacto social ocasionado pelas novas tecnologias de comunicação e informação, nos processos cognitivos e linguagens, na estética e até as novas abordagens metodológicas e teóricas de comunicação.

Assim, a inovação aparece de modo transversal nesta dissertação, buscando-se aplicar um conceito pouco relacionado à Indústria Criativa, perante o objeto de estudo –

---

<sup>2</sup> O conceito de lugar de fala está relacionado aos pontos de partida, que podem ser caracterizados como as condições sociais e históricas que concedem a determinado grupo social a perspectiva de acesso aos direitos inerentes à cidadania, ultrapassando os limites impostos somente pela experiência. É uma questão estrutural, analisada sob a ótica do acesso às oportunidades e aos mais amplos espaços de poder. Trata-se da manifestação a partir da perspectiva de existência digna de sujeitos que vivenciaram aquela realidade, cujos pensamentos foram desconsiderados, de onde aqueles que foram e são colocados tradicionalmente em determinadas localizações e estruturas sociais possam ter a visibilidade e a possibilidade de ultrapassar tais lugares (RIBEIRO, 2017).

<sup>3</sup> Mulher reconhecida por sua participação na Revolução Farroupilha e no processo de unificação da Itália junto com o marido e revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi, no século XVIII, retratada na canção homônima de Marlene Pastro com letra de Alcy Cheuiche apresentada pela primeira vez na 6ª edição do festival Tertúlia Musical Nativista, em 1985, e regravaada por diversas artistas. No bicentenário de Anita Garibaldi a canção foi escolhida como tema dos Festejos Farroupilha 2021 e eleita para a gravação de um clipe oficial com diversas cantoras gaúchas. Link da apresentação: [https://www.youtube.com/watch?v=3BI3wBj\\_5jA](https://www.youtube.com/watch?v=3BI3wBj_5jA).

<sup>4</sup> Tradicional festival de música que acontece na cidade de São Borja-RS desde 1972, e é restrito exclusivamente à participação masculina.

a criação de um movimento de mulheres que permite a interação enquanto comunidade, visando ampliar o papel e a participação feminina na indústria regional. Considera-se, ainda, que o papel que uma Comunidade Criativa pode desempenhar na Indústria Criativa está diretamente relacionado à quebra de modelos dominantes e à geração de produtos, receitas e direitos sobre a propriedade intelectual. Além disso, a música como forma de comunicação é a maior expressão de massa do movimento cultural gaúcho, transmitindo padrões de valores que são multiplicados a milhões de pessoas nos meios de comunicação, fazendo-se presentes em todas as classes sociais (GOLIN, 2004).

Esta dissertação pretende abordar a composição musical gaúcha no âmbito da comunidade criativa do Movimento Peitão e suas repercussões para a Indústria Criativa, enquanto meio de propiciar um ambiente dedicado à criação e à aplicabilidade da criatividade para a concepção de produtos artísticos e intelectuais. Assim, pretende-se responder à questão-problema: como a comunicação pode contribuir na constituição em uma comunidade criativa como o movimento Peitão da Composição Regional?

Para responder ao problema, o objetivo geral da pesquisa volta-se a compreender de que forma a comunicação pode contribuir na constituição de uma comunidade criativa no Movimento Peitão da Composição Regional. Derivados dele, os objetivos específicos voltam-se para:

1. relacionar o conceito de Comunidade Criativa com a área da Indústria Criativa;
2. mapear as fases da música regional gaúcha e a inserção das mulheres nesse movimento;
3. identificar de que modo o ambiente criado no 1º Peitão promove a criatividade;
4. analisar as percepções das integrantes do Movimento Peitão acerca do seu papel enquanto comunidade criativa.

Para o desenvolvimento da ideia central, a presente dissertação apresenta em sua construção teórica a criatividade em suas diversas perspectivas, sobretudo por meio de Florida (2011) na obra “A ascensão da classe criativa”, aliando-a ao conceito de Comunidade Criativa. No tocante ao entendimento e dimensão da área do objeto de pesquisa, a música, em sua perspectiva geral, será compreendida como indústria criativa, e ainda, será abordada a música regional gaúcha, sob uma perspectiva histórica, sua origem e os movimentos pelos quais foi formada, em que o objeto da pesquisa está inserido.



A metodologia adotada segue uma abordagem pragmatista (FRANÇA, 2016) estimulada pelo problema de pesquisa e a busca por seu entendimento e possibilidades enquanto ação comunicativa e criativa. Esta pesquisa baseia-se em uma análise e pesquisa qualitativa (GIL, 2008; FLICK, 2009) por meio de triangulação das seguintes técnicas metodológicas: (1) pesquisa bibliográfica e documental; (2) aplicação de questionários; e (3) entrevistas.

Como técnicas, as pesquisas bibliográfica e documental possibilitam a compreensão do caminho teórico seguido, seus conceitos e a possível interseção entre as áreas estudadas; além da extração de dados de matérias e mídias, dados e informações acerca do objeto. A aplicação de questionários permite o levantamento de dados sobre o objeto da pesquisa, sendo eles desenvolvidos pelo aplicativo *Google Forms* de modo on-line, com o posterior encaminhamento do link ao grupo das participantes do 1º Peitão da Composição Regional, no aplicativo WhatsApp. A partir da coleta de dados com as respostas obtidas pelos questionários, pretendeu-se passar à análise de como uma comunidade criativa movimenta a Indústria Criativa. A entrevista, aplicada igualmente a participantes selecionados do Peitão, proporcionou um relato detalhado que posteriormente também se prestará como fonte de pesquisa trabalhos futuros. A partir dos resultados das técnicas aplicadas foram cotejados os dados levantados e feitas as análises e observações.

A dissertação está organizada em seis capítulos, nos quais busca-se contemplar toda a base teórica necessária para o entendimento e sustentação da problemática apresentada. Na introdução, estão apresentados a problematização da pesquisa, sua justificativa e interligações entre as áreas abordadas – comunicação e indústria criativa – seus objetivos e delimitação do objeto empírico. O segundo capítulo “Comunicação Como Indústria Criativa: conceito e potencialidades” divide-se em dois subcapítulos que trazem os conceitos de (1) Economia e Indústria Criativa; e (2) Comunicação como Indústria Criativa. O capítulo seguinte “Comunidade Criativa: práticas comunicacionais como fator de união” divide-se igualmente em dois subcapítulos, que abordam (1) O conceito de comunidade; e (2) Comunidade e a Classe Criativa. O quarto capítulo “Música Regional Gaúcha: espaço de identificação, comunicação e criatividade” é formado por dois subcapítulos: (1) a música como Indústria Criativa, em abordagem cronológica dos movimentos da música regional gaúcha; e (2) a inserção da mulher na música gaúcha. No capítulo subsequente é apresentada a fundamentação metodológica,

as técnicas e resultados da pesquisa. O capítulo consecutivo traz as análises do estudo e, por fim, o último capítulo compreende as considerações.

## **2. COMUNICAÇÃO COMO INDÚSTRIA CRIATIVA: CONCEITO E POTENCIALIDADES**

O presente trabalho atenta para a Comunicação como Indústria Criativa e propõe a relação e interação de conceitos com o objetivo de tratar a problemática levantada. Para tanto, faz-se necessário a abordagem de áreas interligadas a Comunicação e a Indústria Criativa que de certa maneira podem estar diretamente relacionadas com o que aqui é tratado. O caminho percorrido neste capítulo será da discussão teórica, do geral para o específico: da economia como indústria; da indústria como comunicação.

Isto posto, o presente capítulo está dividido em dois subcapítulos. O primeiro, 2.1, trata do entendimento da Economia Criativa e da Indústria Criativa culminando nas suas intersecções, semelhanças e diferenças que podem ser entendidas em comum ou sob diferentes perspectivas. O segundo, 2.2, traz o entendimento de Comunicação como Indústria Criativa e o sentido epistemológico da Comunicação enquanto fenômeno sociocultural na instituição de novos formatos comunicacionais e formador de comunidades.

Espera-se que o capítulo funcione como um guia para o entendimento e estudos das áreas e conceitos aqui trazidos, em especial à área da Indústria Criativa, servindo de base para as conclusões deste trabalho.

### **2.1 Intersecções entre Economia e Indústria Criativa**

Antes de adentrar nas perspectivas que tangem o objetivo da pesquisa, faz-se necessário estabelecer as premissas para a compreensão de aspectos estruturantes desta dissertação. Desse modo, discute-se neste primeiro subcapítulo a Economia Criativa e a Indústria Criativa como áreas com origens análogas e relacionadas que partilham muito em comum, embora possam diferir entre si.

A Economia Criativa surgiu a partir do documento *Creative Nation*, lançado na Austrália em 1994, que expandiu o conceito de cultura incluindo a ele: televisão, rádio, mídias, patrimônio, indústrias culturais, cultura tradicional, e turismo cultural. Sua contribuição para a criação da área foi destacar a importância do trabalho criativo, enquanto sua contribuição para a economia do país incluiu temas como direitos autorais, incentivos à exportação, e benefícios fiscais ao projeto, culminando no reposicionamento dos setores culturais no centro da economia, sempre por intermédio

do conceito de criatividade (JÚNIOR, 2018; MORANDI, 2017), de modo que “o surgimento da economia criativa teve consequências profundas na distribuição das pessoas em grupos ou classes sociais” (FLORIDA, 2011, p.67).

Ao reconhecer a criatividade como ativo principal, a economia criativa admite que o imaterial está reiteradamente presente ao longo da produção, como também aceita as perspectivas e resultados do viés econômico, com efeitos tangíveis, com a geração de renda, empregos e riqueza. A interação resultante da relação entre as duas perspectivas acarreta consequências – e aqui não se faz distinção sobre aspectos positivos ou negativos destas consequências – aos processos criativos dos setores que utilizam a criatividade como matéria (MARTINS e OLIVEIRA, 2018).

Martins e Oliveira (2018) atestam que é preciso considerar que a economia se relaciona a poucos recursos, ao passo que a criatividade, enquanto traço inerente à espécie humana, dispõe deles em incomparável quantidade. Entretanto, o que se revela primordial para o entendimento acerca de tais interações é justamente o espaço e as repercussões que a economia propicia à criatividade.

Para Morandi (2017)

A economia criativa representa a criação, produção e distribuição de produtos e serviços que usam a criatividade, o ativo intelectual e o conhecimento como principais recursos produtivos. Caracteriza-se por atividades econômicas derivadas da combinação de criatividade com técnicas e/ou tecnologias, agregando valor ao ativo intelectual. Dessa forma, associa o talento a objetivos econômicos, pois é, ao mesmo tempo, ativo cultural e produto ou serviço comercializável e incorpora elementos tangíveis e intangíveis dotados de valor simbólico. (MORANDI, 2017, p. 81)

Conforme o Relatório de Economia Criativa UNCTAD (RELATÓRIO, 2010), a Economia Criativa corresponde a um conjunto de atividades econômicas baseado em ativos potencialmente geradores de crescimento econômico e desenvolvimento, sendo caracterizada pela geração de renda, o fomento a empregos e ganhos de exportação, enquanto promove a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano; a compreensão de aspectos econômicos, culturais e sociais interagindo com a tecnologia, a propriedade intelectual e o turismo.

A definição de economia criativa leva em consideração atividades ligadas aos direitos autorais, à inovação e ao conhecimento. Porém, sua abrangência e limites não são um consenso uma vez que, a própria definição do conceito vem acompanhada da

delimitação dos setores que a compõem que por sua vez refletem as especificidades locais (MORANDI, 2017; VALIATI, 2018).

A área está, também, delimitada pelo campo criativo, ou seja, a indústria criativa. Martins e Oliveira (2018) definem a economia criativa como um processo com fases de produção que vão da “produção de bens e serviços criativos; a distribuição destes aos consumidores – circulação; a troca do bem ou serviço por um valor moeda; por fim, o uso/consumo/participação desse produto (apropriação)” (MARTINS e OLIVEIRA, 2018, p. 28).

Morandi (2017) identifica possibilidades de analisar a economia criativa sob diferentes perspectivas, seja quanto à presença ou não da criatividade em determinado setor, classificada como setorial, ou quanto às atividades desempenhadas pelo trabalhador, se singularmente pertencente à economia criativa ou não, o que classifica como ocupacional. Tal identificação – setorial e ocupacional – permite delinear quatro cenários distintos: (1) onde trabalhadores criativos desempenham suas funções em espaços eminentemente criativos – os criativos especializados; (2) trabalhadores criativos atuam em áreas que não possuem como objeto final a criatividade – os criativos embutidos; (3) trabalhadores que desempenham atividades não criativas em setores considerados criativos – tidos como ocupações de apoio; e (4) aquelas situações em que nem o empreendimento tampouco as ocupações se enquadram no conceito de economia criativa – em que se enquadram todas as demais ocupações.

É nessa intersecção e suas possibilidades que o problema desta dissertação se apresenta. Enquanto a Economia Criativa incentiva o trabalho criativo, valoriza as pessoas e atribui relevância às tecnologias, a Indústria Criativa, conceituada na década 1990, por sua vez, evidencia os setores da economia que possuem a criatividade como elemento central e por ela pretende criar soluções possíveis às questões já existentes. Sobre tais semelhanças e paridades, Valiati e Heritage (2018) explicam que

A Economia Criativa causa impactos tanto na dimensão econômica quanto na cultural e social, desempenhando um papel fundamental na promoção do crescimento e do desenvolvimento econômico. Por requererem conhecimento intensivo e alto nível de qualificação de sua mão de obra, as Indústrias Criativas, cuja criatividade humana e inovação, tanto a níveis individuais quanto coletivos, são seus principais impulsionadores, contribuem significativamente para a geração de emprego, sobretudo naquelas indústrias que possuem uma alta concentração de insumos criativos, como a do cinema e a do teatro. Ainda, ao promover benefícios econômicos e gerar emprego também nas indústrias relacionadas, a Economia Criativa alavanca a diversificação econômica, o comércio, a inovação, o desenvolvimento

regional e os investimentos interno e externo. (VALIATI; HERITAGE, 2018, p. 110).

O contexto pós-industrial, permeado por mudanças sociais e econômicas, estimulou o desenvolvimento da Indústria Criativa, construindo o cenário propício para a ascensão dos setores relacionados aos serviços em detrimento daqueles estritamente relacionados à indústria e à produção. As repercussões do período trouxeram maior protagonismo aos setores vinculados à criatividade, conduzindo a modificação nos alicerces dessa indústria, que passou por uma modificação de suas bases e valores. As transformações permitiram a preponderância de um novo modo de cultura, que acumula em sua base o capital intelectual como base da economia, o crédito aos recursos intelectuais e a interação da tecnologia como fomento à troca de conhecimento. A partir de então, o termo e a área estão em constante desenvolvimento ampliando seu escopo, áreas de abrangência e abordagens (BENDASSOLLI, 2009; RELATÓRIO, 2010).

De forma concisa, as indústrias criativas promovem o capital humano, a inovação e a criatividade. Dentre suas particularidades estão a relação com a produção, pois os criativos – trabalhadores dessa indústria – não são motivados apenas por uma restituição material, mas também, para satisfazer uma necessidade ou obter reconhecimento intelectual, o que acarreta uma ligação emocional com a obra ou produto desenvolvido. Outra característica associada é a junção de diversas pessoas com aptidões distintas para o desenvolvimento da maioria dessas produções ou criações associadas às indústrias criativas (FAUSTINO, 2018).

Para a UNCTAD (RELATÓRIO, 2010) as Indústrias Criativas estão no centro da Economia Criativa, sendo elas ciclos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual como insumos primários, constituem produtos tangíveis e serviços intelectuais ou artísticos intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado. A conferência, classifica as Indústrias Criativas como “qualquer atividade econômica que produza produtos simbólicos intensamente dependentes da propriedade intelectual, visando o maior mercado possível” (RELATÓRIO, 2004, s/p), diferenciando-a ainda em “atividades *upstream*”: práticas culturais tradicionais, como artes cênicas ou visuais; e “atividades *downstream*”: práticas que têm maior proximidade com o mercado, como publicidade, editoras ou atividades relacionadas à mídia.

Assim, entre as atividades da Indústria Criativa estão aquelas resultantes da criatividade, habilidade e talento individuais, que fomentam a valorização econômica da

propriedade intelectual e a geração de empregos e riqueza como resultado de serviços ou produtos provenientes da criatividade, sendo esse o seu elemento central (FAUSTINO, 2018). O Relatório da UNCTAD (RELATÓRIO, 2010) estrutura as Indústrias Criativas em quatro grupos, sendo: patrimônio, artes, mídia e criações funcionais, que, por sua vez, são divididos em nove subgrupos. Essa separação é importante para delimitar e subsidiar análises quantitativas e qualitativas, e se dá pelo fato de alguns países e instituições incluírem várias indústrias na categoria de Indústrias Criativas.

Conforme Faustino (2018), uma das principais contribuições das indústrias criativas tem sido a viabilização de conexões entre os conhecimentos das Ciências Humanas e das Ciências Sociais. Essas conexões

[...] originaram uma alteração cultural, na medida em que promoveram uma transformação de valores sociais, devido principalmente a dois fatores: a emergência da sociedade do conhecimento e a transição dos valores materialistas para os valores pós-materialistas. Com a emergência da sociedade do conhecimento, também designada de sociedade da informação, desenvolvem-se novas áreas de interesse para os cidadãos. Este facto deriva da mudança de paradigma que se vive, ao passar-se de uma economia baseada no capital e no trabalho para uma economia baseada no capital intelectual, onde o indivíduo e as relações que estabelece passam a ter uma maior importância (FAUSTINO, 2018, p. 38).

A Economia Criativa e a Indústria Criativa são campos bastantes vastos que lidam com a interação de diversos setores que têm a criatividade como insumo principal. A partir dessa perspectiva, ambos os campos ampliam o conceito de criatividade, passando-o de atividades que possuem um sólido componente artístico para qualquer atividade econômica que produza produtos simbólicos intensamente dependentes da propriedade intelectual, de modo que, tanto a Economia Criativa quanto a Indústria Criativa causam impactos na dimensão econômica, cultural e social, desempenhando um papel fundamental na promoção do crescimento e do desenvolvimento econômico (UNCTAD, 2010; VALIATI; HERITAGE, 2018).

Embora semelhantes e interligadas, ambas as áreas precisam ser consideradas a partir de conceitos independentes, entendendo que as duas possuem ligações interdisciplinares, tendo a criatividade como fator comum. Na Economia Criativa, os produtos e serviços são consequência do capital intelectual empregado na criação, produção e distribuição, e a Indústria Criativa traz consigo a criatividade que agrega valor ao produto.

Por fim, podemos evidenciar essa intersecção entre as áreas observando a Economia Criativa por uma abordagem objetiva, ao mensurar os produtos da Indústria Criativa que produzem conhecimento por meio da criatividade.

## **2.2 Comunicação como Indústria Criativa**

Como visto, a Indústria Criativa abrange diversas áreas do conhecimento, o que a torna uma área interdisciplinar e, como consequência, possibilita a ligação de diversos campos de estudo e objetos em seu escopo. Entender a Comunicação como Indústria Criativa é uma tarefa ambígua, a depender de como ela é percebida; se partirmos de um viés simplista em que a comunicação está presente em tudo, sua compreensão é mais descomplicada; se buscarmos o entendimento das teorias, objetos e processos comunicacionais, torna-se uma tarefa árdua.

Este trabalho é integrante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa, que propõe a investigação sobre concepção, articulação, constituição, organização e operacionalização entre as duas áreas. Conforme o site do PPGCIC, o programa reconhece a comunicação como um processo sociocultural, tecnológico e de inovação com potenciais estratégicos econômicos, políticos e sociais na Indústria Criativa. Assim, faz-se premente a delimitação de um objeto e um objetivo de estudo dentro do campo teórico pesquisado a fim de evidenciar a comunicação como auxiliar de outras áreas, aliando-as à Indústria Criativa (PPGCIC, on-line).

A Comunicação e a Indústria Criativa são campos bastante próximos e, por isso, possibilitam a observação da comunicação nos diversos produtos e processos das Indústrias Criativas. Tais ligações podem propiciar o desenvolvimento de pesquisas nos dois campos a partir do entendimento da comunicação como uma atividade criativa que implica um processo inovador, que cria e propõe soluções na forma de produtos e processos comunicacionais (FEITOSA; BELOCHIO, 2018; SILVA, 2018).

Feitosa e Belochio (2018) identificam a comunicação como parte importante das Indústrias Criativas, que está presente em diversas sistematizações e classificações da área em expressões da comunicação cotidiana em campos como: publicidade, filme e vídeo, televisão e rádio, jornal (incluído no campo editoras), internet, artes gráficas e visuais. Em paralelo, Feil e Guindani (2018) afirmam que o fato de algumas áreas serem integrantes dos setores da Indústria Criativa possibilita, pela via das classificações, o entendimento da comunicação como Indústria Criativa.



A comunicação, quando considerada a partir do viés da Indústria Criativa, reflete o caráter de atividade criativa, que influencia desde a concepção, refinamento e aperfeiçoamento das formas de comunicação existentes, seus formatos e técnicas, até mesmo o desenvolvimento e reflexão quanto à construção de novos produtos, suas estratégias e produções, adaptadas ao meio em que se inserem. A interseção entre os campos permite considerar a comunicação como parte integrante da Indústria Criativa pelas inovações proporcionadas e pela capacidade de fomentar um setor socioeconomicamente autônomo através da criatividade (SILVA, 2018).

Embora se possa identificar mais de um objeto de comunicação neste trabalho o foco se dá sobre a comunidade e em como a Comunicação pode ser promotora de uma comunidade criativa, conforme abordado no capítulo seguinte. A música ou, mais especificamente, a música regional gaúcha, é um fator importante para a pesquisa, por estar relacionada ao seu objeto empírico, mas é o papel da comunicação na constituição de uma comunidade criativa que é o foco da dissertação.

E aqui, entra, também, a inovação enquanto aspecto importante das indústrias criativas. O que assegura essa possibilidade ainda, é a compreensão de Silva (2018)<sup>5</sup> de ampliar, a partir da comunicação, a compreensão do conceito de inovação, que não fica restrito ao ineditismo, baseado no estudo de elementos já existentes que apresentem algo inovador em sua dimensão social, e a partir do seu uso estabelecem novos processos e soluções aos sujeitos, agentes e organizações dos setores criativos.

Ao se pensar a comunicação como Indústria Criativa, é crucial enfatizar a natureza interdisciplinar da comunicação provocada pelo seu estudo quando a questão ou o problema buscam subsídio em diferentes disciplinas que nesse processo são deslocadas de seu campo de origem e se entrecruzam em um novo lugar. “São esses deslocamentos e entrecruzamentos, é esse transporte teórico que provoca uma iluminação e uma outra configuração da questão tratada. É esse tratamento híbrido, distinto, que constitui o novo objeto” (FRANÇA, 2001, s/p).

França (2001) defende a definição do objeto de estudo como promotora do conhecimento, uma vez que é a partir do objeto - seu entorno e recorte - que a comunicação avança em seus estudos.

---

<sup>5</sup> Asserção desenvolvida sobre o processo de PD&I realizado na primeira etapa do PPGCIC que busca uma nova compreensão da Comunicação como ou para a Indústria Criativa por meio da Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação materializado em um produto dentro do campo cursado.

Os estudos da comunicação claramente se originaram do aporte de diversas disciplinas; as práticas comunicativas suscitaram o olhar – e se transformaram em objeto de estudo das várias ciências. Sua natureza interdisciplinar, fundada no cruzamento de diferentes contribuições, é indiscutível. (FRANÇA, 2001, s/p).

É notório o entendimento da comunicação como característica fundamental do ser humano, que por ela estabelece relações e constrói a sua realidade. Casaroli e Peruzzolo (2008) afirmam que os processos comunicacionais são naturais e sempre estiveram presentes na vida do ser humano. À medida em que se fez necessário, esses processos foram se complexificando e novas formas tecnológicas foram desenvolvidas para sanar quaisquer necessidades sociais, sua rápida adesão criou novas formas de conduta e pensamento ao longo dos tempos.

Nesse sentido, Peruzzolo (2012) pensa epistemologicamente a comunicação em dois tópicos: o do caráter humano da comunicação enquanto cultura e o da cultura enquanto resposta às relações comunicacionais; ou seja, o inter-relacionamento entre comunicação e cultura. Para o autor (2012), a comunicação como fenômeno de caráter humano se dá na busca pela relação interpessoal. Sua origem é o resultado da evolução genética do homem e histórica da humanidade que permitiu a constituição de uma reserva de conhecimentos e experiências denominada de cultura. Por sua vez, a cultura enquanto resposta às relações comunicacionais surge da necessidade de entendimento do ser humano com seu meio a partir da escolha por se relacionar.

Essa realidade, justamente, motivou o desenvolvimento da fala, da escrita, dos meios audiovisuais, da arte e da ciência na busca pela representação de meios que possibilitam a comunicação e levam ao relacionamento. Os usos, hábitos e costumes empregados para manter as relações são institucionalizados e integrados ao conjunto de modelos culturais existentes, nesse ínterim a comunicação é a força que a gerencia as relações. “Nossa ideia é que a comunicação, pensada na sua interrelação com a cultura, é o movimento da vida social, o que significa dizer que as práticas comunicativas são as constituidoras de vida social”. (PERUZZOLO, 2012, p. 53).

Para França (2001), a comunicação alcança a interseção de três dinâmicas básicas: (1) o quadro relacional (relação dos interlocutores); (2) a produção de sentidos (as práticas discursivas); (3) a situação sociocultural (o contexto). Tais dinâmicas fazem do processo comunicativo algo vivo, dinâmico, instituidor de sentidos e relações em que os sujeitos assumem papéis e constroem socialmente um espaço de realização e renovação da cultura. “É promovendo essa interseção que o viés comunicacional se coloca e se

legítima, como de fato, um outro ‘ponto de vista’ (ponto de onde se vê); um lugar frutífero para analisar e compreender a realidade em que vivemos”. (FRANÇA, 2001, s/p).

Com a internet, a comunicação ganhou novas formas de relacionamento pelo estabelecimento das redes sociais on-line e de diversas outras plataformas digitais. Rodrigues (2015) aponta que essas plataformas, com a finalidade de possibilitar a comunicação e estabelecer relacionamentos, aproximam as pessoas em diferentes níveis, e dentro desses ambientes, as pessoas trocam e compartilham mensagens e se mantêm conectadas.

A evolução dos processos comunicacionais e suas tecnologias condicionaram profundas mudanças nos modos de estabelecer relações sociais. Da comunicação impressa aos meios audiovisuais e avançando em direção à hipermídia, virtual e interativa como a internet, a comunicação vem modificando as formas de relação e compreensão do mundo. (CASAROLI; PERUZZULO, 2008, p.64)

Dentre as evoluções e possibilidades comunicacionais que a comunicação on-line promove, algo fundamental ao nosso estudo é a formação ou a preservação de uma comunidade. Recuero (2009) indica a interação como a matéria prima das relações e dos laços sociais, nela está representado o processo comunicacional, que se configura como a ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares. Rodrigues (2015), por sua vez, conclui que a tecnologia é capaz de impulsionar e incluir no âmbito das relações outras formas de interação que independem de tempo e espaço, que nesse caso é o social, compartilhado em sites de redes sociais.

Ao pensar no processo comunicativo em uma comunidade podemos considerar a comunicação parte dessa ampliação do conceito comunicação e propulsora da Indústria Criativa. Seria impossível ter a constituição de uma comunidade criativa, como a do Movimento Peitão, sem os laços e vínculos que a comunicação proporciona.

Como ter novos produtos na Indústria Criativa sem a comunicação e sem as comunidades criativas que por ela se formam? Ao mesmo tempo, é pelo fato de a comunidade do Peitão se manter por meio da mediação de plataformas digitais que se trata de um objeto da Comunicação, e não somente da música ou da arte enquanto Indústria Criativa. Essas comunidades, aqui antecipadamente delimitadas enquanto comunidades criativas, abordadas no capítulo 2, item 2.2, que se constituem e se mantêm no digital, remontam às comunidades virtuais ou on-line (REINGHOLD,

1993). Para o autor, que foi precursor do estudo das comunidades no ciberespaço, as comunidades online seriam “agregados culturais que emergem quando as pessoas interagem no ciberespaço” (REINGHOLD, 1993; Apud AMADO e VELOSO, 2011, p. 5).

Sendo, tanto a comunicação quanto a criatividade, elementos primordiais ao ser humano, o incentivo de uma sobre a outra torna-se evidente. O estudo aqui apresentado parte do pressuposto de que o Movimento Peitão da Composição Regional constitui-se como uma Comunidade Criativa que, pela articulação entre comunicação e a criatividade, alcança novos parâmetros de comunicação e relacionamentos viabilizados pela interação digital. Estes, quando utilizados de maneira criativa, podem facilitar processos socioculturais inovadores com potenciais estratégicos econômicos, políticos e sociais como Indústria Criativa. A partir disso, vamos buscar entender os aspectos sociais e formadores de uma comunidade, bem como seu âmbito criativo e digital conforme abordado no capítulo seguinte.

### **3. COMUNIDADE CRIATIVA: PRÁTICAS COMUNICACIONAIS COMO FATOR DE UNIÃO**

Dada a problemática desta dissertação - que pretende entender como a Comunicação pode ser promotora de uma comunidade criativa na organização do movimento voltado ao desenvolvimento da criatividade - é preciso assimilar o que forma uma comunidade. Com esse propósito, aqui estão relacionados os diferentes entendimentos do conceito de comunidade aplicados à comunicação enquanto um fenômeno sociocultural que, dado o recorte da pesquisa, pelo viés criativo liga-se à Indústria Criativa como comunidade, como comunidade criativa e como classe criativa.

Assim, o presente capítulo está segmentado em dois subcapítulos. O primeiro, 2.1, traz o conceito de comunidade em diferentes âmbitos tratando do social, comunicacional até o digital com o intuito de relacionar o conceito ao objeto de estudo proposto. O segundo, 2.2, aborda a Comunidade Criativa e a Classe Criativa, dois conceitos-chave para o desenvolvimento desta dissertação.

Pretende-se que esse capítulo funcione como um guia para o entendimento e estudos das áreas e conceitos aqui trazidos, em especial a compreensão da Comunidade Criativa como Indústria Criativa.

#### **3.1 Comunidade: do território ao digital**

Neste subcapítulo, apresentamos o conceito de comunidade, para assim, buscar entender como ele se relaciona com o objeto de estudo aqui proposto e a área em que esta dissertação se insere. Tal tarefa torna-se necessária para que possamos justificar a hipótese de como um movimento, mesmo tendo como principal objetivo a realização de um festival anual, pode constituir-se como uma comunidade.

Quando se pensa na palavra comunidade, e em seu conceito, facilmente nos vem à mente ideias como a da convivência física, do compartilhamento de laços sanguíneos, familiares ou culturais, bem como limites geográficos associados ao território. Não raro as discussões teóricas sobre o assunto partem desse ponto. Lazzari *et al.* (2016) agrupamento humano em que cada um desempenha sua função, como parte de um organismo uno que visa o bem do todo. Já Polsby (1974) sustenta que, de modo convencional, a comunidade é considerada enquanto uma população que vive limitada geograficamente por um território físico e politicamente pelas suas normas.

O sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, em sua obra *Gemeinschaft und Gesellschaft*<sup>6</sup>, considera a condição volitiva como elemento intrínseco à caracterização das comunidades e das sociedades. A comunidade, eminentemente formada a partir da vontade natural, emerge de particularidades intimamente relacionadas ao sujeito, suas características próprias e práticas habituais, construídas a partir do vínculo sanguíneo, da afinidade, do parentesco, da coabitação ou mesmo da tradição, reunindo indivíduos que compartilham semelhanças, sentimentos e experiências.

Tönnies (1973) considera a existência de três gêneros de comunidade categorizadas por tipos diferentes de ligação, sejam elas sanguíneas, locais ou ideológicas. Sobre isso Peruzzo e Volpato (2009) explicam:

O parentesco relaciona-se aos laços de sangue e à vida comum em uma mesma casa, mas podem não se limitar à proximidade física. Esse sentimento pode existir por si mesmo com o afastamento físico, entretanto, as pessoas sempre estarão à procura da presença física e real da família, do parentesco. A vizinhança caracteriza-se pela vida em comum entre pessoas próximas da qual nasce um sentimento mútuo de confiança, de favores etc. Dificilmente isso se mantém sem a proximidade física. A amizade está ligada aos laços criados nas condições de trabalho ou no modo de pensar. Nasce das preferências entre profissionais de uma mesma área ou daqueles que partilham da mesma fé, trabalham pela mesma causa e reconhecem-se entre si. (PERUZZO e VOLPATO, 2009, p. 142).

Essa construção de comunidade foi historicamente substituída pelo que se pode entender por sociedade. Se para Tönnies (1973), a formação de comunidades estava intimamente relacionada a partir da vontade natural, para Bubber (1987) as comunidades podem se dar por laços de escolha e não mais apenas pela ligação de sangue, tradição, parentesco ou território, superando a ideia anteriormente concebida por Tönnies (1973), até então únicas condições caracterizadoras do conceito.

A partir disso, Bubber (1987) compreende e divide o *status* (condição) comunidade em dois momentos: um primordial em que existiam duas formas antigas de comunidade sujeita ao utilitário - a econômica e a religiosa, movidas pela busca constante de vantagens, sejam elas corporativas, associativas, desenvolvimentistas ou sobrenaturais; para então propor a “nova comunidade” pós-social fundamentada pelo princípio criativo e unida pela relação e a livre escolha das pessoas. Para o autor, o conceito de comunidade deixa de ser um estereótipo definitivo da agregação humana e passa a ser um conceito amplo e abstrato aplicável a qualquer tempo e período.

---

<sup>6</sup> Livro publicado em 1887, com o título *Gemeinschaft und Gesellschaft*, que em tradução livre significa “Comunidade e Sociedade”.

A nova comunidade tem como finalidade a própria comunidade. [...] Que homens maduros, já possuídos por uma serena plenitude, sintam que não podem crescer e viver de outro modo, exceto entrando como membros em tal fluxo de doação e entrega criativa, que eles se reúnam, então, e se deixem cingir as mãos por um e mesmo laço, por causa da liberdade maior, eis o que é comunidade, eis o que desejamos. [...] E a nova comunidade tem como finalidade a Vida. Não esta vida ou aquela, vidas dominadas, em última análise, por delimitações injustificáveis, mas a vida que liberta de limites e conceitos [...] entretanto, aquele que conseguiu situar-se na própria vida, aquele que aprendeu a falar a linguagem da ação, festejará sorridente sua libertação da rigidez escravizante do pensamento [...] Na verdade, há também em homens individuais comunidade e harmonia de contradições que existem lado a lado. (BUBBER, 1987, p. 33-34)

Se para as Ciências Sociais do século XIX o conceito dava-se, exclusivamente, enquanto substância comum compartilhada, seja ela terra ou sangue, e depois pela escolha baseada na convivência, hoje, diante da presença da comunicação midiática e seus diferentes meios e formas, é possível estender essas ligações. Muniz Sodré (2002) entende o conceito de comunidade pela Comunicação, em que ultrapassa a questão da agregação ou junção de pessoas, como defendem as Ciências Sociais, estando ligado à criação de vínculos.

A sociologia pode tentar abordar, mas a comunidade não é simplesmente agregação, a junção de pessoas. É o laço atrativo. E esse laço é atrativo, é a obrigação simbólica originária, que faz nascer uma dívida simbólica com o grupo social [...] São compromissos sociais de vida e morte. Isso eu chamo de vínculo social. (SODRÉ, 2001, p.2).

Yamamoto (2014) compreende que, com Sodré, o conceito de comunidade, no campo da Comunicação, não deixa de lado o papel da mídia nas vinculações humanas, na promoção de encontros interpessoais, facilitando e multiplicando os contatos para além das limitações espaciais. Ainda assim, dá ênfase às relações, que são anteriores às tecnologias de comunicação. Para Yamamoto, a comunidade, nesse sentido, pode ser o próprio objeto comunicacional, em sua potencialidade para aglutinar e mobilizar as pessoas.

O autor propõe dois caminhos comunicacionais alinhados ao estudo das comunidades: um de investigação dos fenômenos comunitários contemporâneos e suas experiências estéticas mediadas pelas tecnologias, como análise dos processos e produtos da literatura, música, séries e filmes; e outro voltado à produção, em comunidade dessas obras. Acreditamos que, nessa perspectiva, tanto o processo de produção musical do Peitão quanto sua investigação, aqui proposta, seriam objetos

comunicacionais. Isso porque a organização das integrantes do movimento se dá mediada pelas mídias digitais – elas se mantêm em comunidade em torno de objetivos em comum. E o próprio festival utiliza a mídia para obter visibilidade, manter a comunidade de mulheres artistas agregadas, e mobilizar o público.

Torna-se necessário agora abordar a noção de comunidade na sua relação com as mídias digitais, que possuem características, funcionalidades e gramáticas que potencializam a criação e manutenção de vínculos interpessoais para além da presencialidade. No caso do Peitaco, os vínculos entre as integrantes do movimento se dão por laços de pertencimento (ao território, à cultura gaúcha, à música) e amizade, que as tecnologias digitais de comunicação ajudam a promover e manter.

Com a globalização, o conceito de comunidade tomou novas formas, direcionando-se para uma dinâmica de recriação de identidades globais e locais, pela articulação entre ambos, transpondo a globalização e possibilitando a ‘glocalização’, que justapõe a interação entre esfera global e a esfera local (PERUZZO; VOLPATO, 2009).

Palácios (2001) defende que o sentimento de pertencimento é fundamental para a definição de uma comunidade na atualidade, superando os limites da localização física. Para o autor, são cinco aspectos importantes: (1)sentimento de pertencimento; (2)sentimento de comunidade; (3)permanência - em contraposição à efemeridade; (4)territorialidade - real ou simbólica; (5)forma própria de comunicação entre seus membros por meio de veículos específicos.

O sentimento de pertencimento, elemento fundamental para a definição de uma Comunidade, desencaixa-se da localização: é possível pertencer à distância. Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face-a-face) por outro (a distância), mas possibilita a co-existência de ambas as formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas (PALÁCIOS, 2001, p.7).

Nesse sentido, Peruzzo e Volpato (2009) entendem que a territorialidade pode assumir caráter físico ou simbólico, ao passo que a

A localidade geográfica passa a não ser considerada característica intrínseca de uma comunidade porque, mesmo à distância, pode-se se sentir parte. Não é que o território não possua mais valor para a comunidade. Ocorre que agora esse território pode ser físico-geográfico ou simbólico. Assim, adquire relevância o sentimento de pertença, já que se pode pertencer à distância. O que está em jogo é a vontade e os interesses dos membros. (PERUZZO e VOLPATO, 2009, p. 143).



Raquel Recuero (2005) explica que a internet modificou as relações sociais ao tornar possível a formação de redes sociais (ou comunidades) de forma mais “individual” e por interesse, não limitadas pela localização geográfica. Primo (1997), ao falar sobre o surgimento das comunidades virtuais, apresenta que são construídas com aparatos simbólicos que baseiam-se na proximidade intelectual e emocional, ao invés da física, e que se apresentam como um acréscimo às possibilidades interativas, sendo o *chat*<sup>7</sup> o elemento de comunicação responsável por manter o senso de comunidade, linguagem compartilhada e respeito pelas convenções do grupo.

Atualmente, as relações na internet, sobretudo com o avanço das tecnologias móveis como os smartphones, se dão, em grande medida, por meio das mídias sociais digitais. O ciberespaço, conforme Pierre Lévy (1999) oportunizou simultaneamente “a reciprocidade na comunicação e a partilha de um contexto. Trata-se de comunicação conforme um dispositivo “todos para todos” (LÉVY, 1999, p. 44). Essa constante troca de mensagens mediada pela internet potencializou o alcance e a adesão de ideias.

Nos meios de comunicação de massa, geralmente as interações ocorrem a partir das mensagens da mídia, no cotidiano das pessoas, não entre os emissores e os receptores das mensagens, na arena midiática. Este cenário se transforma, com a internet e as possibilidades de comunicação todos/todos, não linear, em rede. (BARICHELLO e CARVALHO, 2013, p. 239).

Tendo em conta as ligações estabelecidas e o como a comunicação propicia a interação entre os grupos, podemos considerar a hipótese apresentada por Castells (2001) em que propõe que os indivíduos apresentam resistência ao processo de fragmentação e individualização, inclinando-se para buscar uma identificação e a perspectiva de pertencimento, possivelmente motivados pela busca por um ou mais ideais compartilhados. A necessidade de auto identificação e de integração a uma comunidade, marcada pela existência de uma significação comum, contribuem para a formação de organizações comunitárias. Essa tendência ao agrupamento social, que fomenta a construção de novos modelos na sociedade atual, também favorece a construção de resistência aos padrões socialmente predominantes.

Apresento a hipótese de que para que isso aconteça, faz-se necessário um processo de mobilização social, as pessoas precisam participar de

---

<sup>7</sup> Uma comunicação mediada por computador (CMC) que transmite diretamente as mensagens escritas a todos os participantes do grupo conectados naquele momento (PRIMO, 1997).

movimentos urbanos (não exatamente revolucionários), pelos quais são revelados e defendidos interesses em comum, e a vida é, de algum modo compartilhada, e um novo significado pode ser produzido (CASTELLS, 2001, p. 79).

Em consonância, Lazzari *et al.* (2016) consideram que o conceito de comunidade foi ampliado, superando a convicção tradicional sobre a necessidade de existência de um local comum, como outrora considerava-se. A própria perspectiva de território foi ultrapassada, não sendo limitada tão somente a questões geográficas e ou propriamente territoriais, passando a considerar elementos relacionados à escolha e à identidade de ideais, direcionadas por aspectos como a manifestação, pensamento, construção e lazer partilhados no âmbito do convívio comunitário.

Para Yamamoto (2014), a comunidade é *per se* objeto comunicacional, na medida em que envolve a formação de vínculos. O autor propõe uma ampliação do conceito para adequá-lo a outros objetos e ao contexto da comunicação digital.

A proposição de um outro conceito de comunidade na Comunicação – na verdade uma ampliação semântica conforme seu significado originário –, viria a dar visibilidade a essa demanda política, considerando o potencial aglutinador, mobilizador, logo, transformador, que esta palavra, ainda, preserva. (YAMAMOTO, 2014, p. 453).

A partir disso, podemos considerar as comunidades criativas que se formam pela associação de indivíduos com objetivos afins, que utilizam a criatividade em coletivo para promover o intercâmbio social e a solução de questões preexistentes – como detalhado no subcapítulo seguinte –, seja ela reunida em um lugar físico ou pela comunicação digital.

### **3.2 Criatividade: comunidade e classe criativa**

Neste subcapítulo são abordados dois conceitos-chave para o desenvolvimento desta dissertação: o de Classe Criativa (FLORIDA, 2011) e Comunidade Criativa (MERONI, 2007; MANZINI, 2008). Considerando o objeto de estudo deste trabalho e seu objetivo geral, é necessária a análise do Peitaco da Composição Regional, neste momento definido sucintamente como a reunião de mulheres em sua maioria musicistas com a finalidade de compor - aprofundado no capítulo 4, subcapítulo 4.1, - sob a ótica da comunidade e da classe criativa. traçando relações entre a Comunicação e a Indústria Criativa.

As Indústrias Criativas são apontadas como um motivador do interesse na criatividade e no desenvolvimento das cidades em suas perspectivas geográficas, sendo elas, fontes de compreensão de suas dinâmicas econômicas e culturais (FAUSTINO, 2018). Com base nisso, é possível definir o lugar, aqui físico e espacial, como um fator de desenvolvimento da criatividade.

Florida (2011) observa o poder do lugar como motivador da criatividade que pode ser estimulada por elevados graus de tolerância social e densas redes de confiança e apoio mútuo. Para o autor, o agrupamento beneficia e evidencia a geração de um vínculo estreito e o que ele pode gerar. A força por trás desses agrupamentos são as pessoas, circunstância que foi observada e utilizada por empresas que agrupam as pessoas e a partir de sua concentração, fomentam a inovação e o crescimento econômico, crescimento esse associado a comunidades coesas em que pessoas e organizações criam e compartilham fortes vínculos (FLORIDA, 2011).

Assim pode se dar o surgimento de uma Comunidade Criativa em que os membros dessas comunidades participam ativamente do processo criativo em um local que reúne pessoas com as mesmas concepções, o que estimula a criatividade (MERONI, 2007). Essa criatividade, em suma, é aplicada em contraposição aos modelos existentes de pensamento e execução, acarretando, de forma intencional ou não, rupturas promissoras dos modelos existentes, contribuindo para efetivas mudanças sistêmicas (MANZINI, 2008).

A própria formação de uma Comunidade Criativa advém dessa necessidade de mudança com a perspectiva de solucionar dificuldades pretéritas e gerar oportunidades a partir delas. Com essa finalidade, a comunidade atua participativamente, mediante a colaboração de seus elementos integradores, promovendo a criação, aprimoramento e gerenciamento de soluções voltadas a ultrapassar tais situações. Seu enfoque principal lança-se sobre as possibilidades de transpor as questões cotidianas ou desenvolver maneiras de superá-las a partir da atuação colaborativa das pessoas reunidas em torno da comunidade, gerando resultados mediante o rearranjo da realidade ou o desenvolvimento de novas soluções (MERONI, 2007; MANZINI, 2008).

O conceito de Comunidade Criativa é aplicado em diversas áreas do conhecimento, como a sustentabilidade, o design e a comunicação. No decorrer desta pesquisa não foi encontrado qualquer documento que ligue diretamente o conceito de Comunidade Criativa à Indústria Criativa, na pesquisa teórica realizada foram identificados como principais pesquisadores da área - com estudos aplicados nos

campos acima referidos - Manzini (2008) e Meroni (2007), além de outros autores que apresentaram trabalhos sobre o tema que neste trabalho serão relacionados à Comunicação e à Indústria Criativa.

Independentemente da área pela qual é analisada, a noção de comunidades criativas aparece associada ao conceito de inovação social (MANZINI, 2008) por promover novos modos de agir de indivíduos ou comunidades para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades, impulsionando processos de inovação social a partir da geração de capital humano, social e econômico (MERONI, 2007).

Em comum, as comunidades criativas seriam o resultado de uma combinação original de demandas e oportunidades.

As demandas, como vimos, são sempre criadas por problemas da vida cotidiana contemporânea. As oportunidades se manifestam a partir de diferentes combinações de três elementos básicos: a existência (ou ao menos a memória) das tradições; a possibilidade de utilizar (de uma forma apropriada) uma série de produtos, serviços e infraestruturas; a existência de condições sociais e políticas favoráveis (ou pelo menos capazes de aceitar) o desenvolvimento de uma criatividade difusa (MANZINI, 2008, p. 65).

Em linhas gerais, é possível identificar elementos usuais (MANZINI, 2008) nas Comunidades Criativas, como a pretensão de ruptura dos modelos contemporâneos e a utilização da criatividade como instrumento para tal, além disso, a forma de organização que reúne indivíduos de semelhantes grupos sociais, que atuam em torno dos seus interesses e demandas.

Entre essas características existentes, estão a interação entre os diversos integrantes da comunidade e a sua atuação colaborativa para a resolução dos problemas e a obtenção de soluções e oportunidades; a relevância da criatividade como elemento inerente às interações e a comunicação entre os integrantes; e a conjunção e troca de conhecimento visando solucionar as questões existentes (FREIRE; OLIVEIRA, 2017).

A criatividade, inclusive, é apontada por Florida (2011) como a responsável pelo desenvolvimento econômico, sendo ela multidimensional e potencializável, ao passo que revê e aprimora produtos, processos e atividades integrando-os de novas maneiras ficando evidente no surgimento de novas áreas como a música.

A criatividade como imperativo econômico fica evidente com a ascensão de uma nova classe que chamo de classe criativa. Cerca de 38 milhões de americanos, 30% dos indivíduos economicamente ativos nos Estados Unidos, pertencem a essa nova classe. Segundo minha definição, o centro da classe criativa é formado por indivíduos das ciências, das engenharias, da

arquitetura e do design, da educação, das artes plásticas, da música e do entretenimento, cuja função econômica é criar novas ideias, novas tecnologias e/ou novos conteúdos criativos. [...] O trabalho dessas pessoas envolve a solução de problemas complexos, que requer uma boa capacidade de julgamento, bem como alto nível de instrução e muita experiência. Todos os membros da classe criativa - sejam eles artistas ou engenheiros, músicos ou cientistas da computação - compartilham o mesmo ethos criativo, que valoriza a criatividade, a individualidade, as diferenças e o mérito. Para esses indivíduos, todos os aspectos e todas as manifestações da criatividade - tecnológicas, culturais e econômicas - estão interligados e são inseparáveis. (FLORIDA, 2011, p.8).

Em pesquisa realizada sobre cidades e regiões de todo o país nos EUA, Florida (2011) tabela e aponta as causas para algumas áreas se tornarem centros da classe criativa, ao passo que outras têm maior concentração de indivíduos da classe trabalhadora ou de serviços. Para esta dissertação os números referentes à pesquisa não têm importância, mas sim as causas e fatores que apontam que a população economicamente ativa dos Estados Unidos está sendo redistribuída de acordo com critérios de classe, separando-se entre regiões, com predominância da classe criativa e regiões com predominância das classes trabalhadora e de serviços e se fixando em áreas distintas.

Assim, os centros da classe criativa são mais propensos a prosperar economicamente. A formação desses centros criativos está ligada a busca pela por um estilo de vida diferente dos que possuíam agregando a aceitação e compreensão para legitimar sua identidade como pessoas criativas. Para o autor “o padrão migratório da classe criativa transcende aspectos de raça, nacionalidade e orientação sexual” (FLORIDA, 2011, p. 242), com essa afirmação fica evidente que o ser criativo necessita estar entre seus iguais, em um ambiente que permita a sua livre expressão e compreensão para aflorar a sua criatividade.

O intrigante e propício para essa dissertação é que o autor, ao discorrer sobre os centros criativos e as diversas condições que os tornam atrativos para classe criativa, em todos os seus aspectos, elenca a música como um fator formador da criatividade e do local fazendo-se presente no estilo de vida, promovendo a interação social, a diversidade, a autenticidade e a identidade. Conforme Florida (2011) “a música é um elemento essencial da autenticidade de um lugar ao lhe proporcionar um som ou “identidade sonora”” (FLORIDA, 2011, p. 228).

A música exerce um papel central na criação de identidade e na formação de comunidades reais. As memórias sonora e musical são algumas das memórias mais fortes, além de serem facilmente evocadas. Não raro lembramos de

eventos passados quando ouvimos a música que tocava na ocasião. Segundo Simon Frith, a música “proporciona uma sensação intensamente subjetiva de sociabilidade. Ela tanto articula quanto oferece uma experiência imediata de identidade coletiva. A música costuma participar como trilha sonora da nossa busca por nós mesmos e por espaços em que possamos nos sentir em casa” (FLORIDA, 2011, p. 228-229).

É a partir da observação das mudanças sociais provocadas pela criatividade humana que Richard Florida em seu livro “A ascensão da classe criativa” desenvolve o conceito de classe criativa. O autor destaca a efervescência do ímpeto criativo na atualidade, característica inerentemente relacionada à espécie humana, guiado pelo cultivo e valorização da criatividade como nunca visto noutros tempos.

A classe criativa, definida por Florida (2011) tem bases econômicas, sendo composta predominantemente por profissionais do conhecimento e trabalhadores especializados e técnicos. A definição ilustra o favorecimento aos processos de identificação e agrupamento entre os indivíduos, com base no papel econômico por eles exercidos. Ao elucidar a significação da classe criativa como uma classe econômica, é imperiosa a conexão do seu papel como ator do cenário econômico, repercutindo sobre hábitos de consumo, identidade e preferências no campo social (FLORIDA, 2011).

Configurando-se como um importante produtor de conteúdo intelectual em ambos os campos, a classe criativa é formada por indivíduos diretamente responsáveis pela geração de novos conteúdos, ideias, negócios, projetos e produtos que agregam valor econômico por meio de sua criatividade. Esta categoria divide-se em duas subcategorias: profissionais criativos e núcleo hipercriativo. Desses, no interior do núcleo hipercriativo, Florida (2011) traz a presença dos boêmios – autores, designers, músicos, compositores, atores, artesãos, pintores, fotógrafos, dançarinos – trabalhadores do meio artístico e cultural ligados ao surgimento de novas empresas e negócios, conectando diretamente a economia aos ativos culturais (DEPINÉ, 2019; FLORIDA, 2011).

Florida (2011) aponta a presença de três T’s que por suas ligações causais e harmônicas impactam no desenvolvimento econômico, sendo eles: (1) Tecnologia, (2) Talento e (3) Tolerância. Depiné (2019) destaca que a sinergia entre os três T’s, é essencial para o desenvolvimento econômico que, quando trabalhados juntos, podem impulsionar a inovação e o crescimento econômico de uma região, de forma que “cada uma dessas condições é necessária, mas sozinha é insuficiente: para atrair indivíduos

criativos, gerar inovação e estimular o crescimento econômico, um lugar precisa reunir as três” (FLORIDA, 2011, p. 249).

O autor enfoca, também, em três pontos que devem ser trabalhados para o desenvolvimento criativo: (1) investimento na criatividade para assegurar crescimento econômico; (2) superação das segmentações de classe; e (3) construção de novos meios de coesão social em um mundo marcado pela diversidade e atormentado pela crescente fragmentação (FLORIDA, 2011).

Voltamos aqui para a criatividade que para a Unctad (RELATÓRIO 2010) pode ser articulada e inter-relacionada, igualmente, em três dimensões: (1) a criatividade artística, que compreende a geração de ideias originais e novas maneiras de interpretar o mundo, reveladas em texto, som e imagem; (2) a criatividade científica, que leva a experimentações e novas conexões ao solucionar problemas; e (3) a criatividade econômica, que abrange à inovação tecnológica, práticas de negócio e marketing, por exemplo.

Tendo em conta o que foi apresentado, é a partir da classe criativa e a sua reunião proposital em um determinado local trabalhando por um fim comum podemos alicerçar o conceito de Comunidade Criativa que por indivíduos com objetivos afins, utilizam a criatividade na promoção de novas formas de intercâmbio social e novas soluções. Tais comunidades assumem a tarefa de forma colaborativa, alinhando interesses sociais e coletivos, com a intenção de promover criativamente a geração de novos recursos para o meio. A partir disso, podemos iniciar as considerações sobre o Peitão da Composição Regional e sua contribuição para a música, em especial a regional gaúcha como Indústria Criativa.

#### **4. MÚSICA REGIONAL GAÚCHA: ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CRIATIVIDADE**

A pesquisa aqui estruturada visa o estudo do objeto sob a égide da Comunicação como Indústria Criativa, baseada nos conceitos e áreas percorridas no capítulo anterior. Daqui em diante, adentramos na música, em que o caminho utilizado foi tratar a área como Indústria Criativa, em sua perspectiva histórica e regional gaúcha, culminando na representação feminina nesse segmento.

Eis, então, que o presente capítulo está dividido em dois subcapítulos. O primeiro, 4.1, relaciona a interpretação da música como Indústria Criativa e faz uma abordagem cronológica, dividida em cinco momentos que alicerçam o cenário histórico e situacional, em que a pesquisa e o objeto pesquisado estão inseridos. O segundo, 4.2, identifica a inserção da mulher na música gaúcha e a forma como, por vezes, ela é retratada.

Intenta-se que esse capítulo seja um apoio aos estudos sobre música, em especial a música regional gaúcha, particularmente como um guia elucidativo sobre esse movimento e seus diferentes momentos e manifestações, tornando evidente a participação feminina no segmento.

##### **4.1. Movimento: a música gaúcha como comunicação e indústria criativa**

A música acompanha o desenvolvimento da humanidade desde seus mais remotos tempos. Ela marca sua presença na sociedade pela expressão de sentimentos e opiniões, gravando estilos e influências, de modo que, sua essência, exprime uma manifestação cultural e artística do tempo e do lugar em que é criada. Neste trabalho, a música é tida como forma de comunicação, identificação, pertencimento, e um tipo de Indústria Criativa. Aqui, pretende-se entender a música como manifestação social, especificamente no âmbito da comunicação aliada à criatividade e à música regional gaúcha.

Menuhin e Davis (1990) consideram que a música possui anterioridade a muitas outras formas de expressão, precedendo até mesmo a fala, a linguagem e a arte, partindo da necessidade de entregar algo ao outro a partir da voz. Seu surgimento pode estar relacionado ao desejo de comunicação entre os indivíduos, originada a partir da



necessidade do ser humano primitivo em compartilhar informações e acontecimentos com os membros da comunidade em que coabitava (SOUZA, 2016).

Souza (2016) ressalta que a produção musical deve ser considerada um processo social que varia de acordo com o momento histórico, pois, em cada período do desenvolvimento da humanidade, ela assume características próprias relacionadas ao local, às condições materiais, aos significados e necessidades do grupo em que é produzida. Seu significado varia de acordo com o local e o tempo, bem como a forma como se relaciona com os indivíduos.

De ambas as formas, ela perpassa por símbolos e pelos sentidos que lhe são atribuídos. No âmbito da Indústria Criativa, a música é considerada uma das principais, pois compreende valor cultural e econômico enquanto indústria, negócio e fonte de emprego e renda ao redor do mundo, desenvolvendo um papel na cultura e no entretenimento (RELATÓRIO, 2010). Ao pensar em outra indústria, a cultural, Clarissa Ferreira (2021) pondera que a música regional do Rio Grande do Sul é um dos nichos de mercado no Estado, criado a partir da afirmação da identidade gaúcha, que originou uma rede de oferta e consumo a partir do mercado de bens simbólico-culturais existentes, desenvolvida nas últimas quatro décadas pelo rádio, gravadoras de discos, meios digitais e a internet.

Nesse processo, gravadoras surgiram no Rio Grande do Sul para atender à demanda que surgia, principalmente dos festivais nativistas que começaram a acontecer na década de 1970. Também os festivais tornaram-se decisivos na profissionalização dos músicos sul rio-grandenses, graças às atrativas "ajudas de custo", estimulando uma verdadeira invasão de artistas que antes transitavam por estilos diversos e que, naquele momento, passaram a adequar sua arte ao movimento cultural. [...] Nos últimos anos, formou-se outro nicho de mercado e difusão das músicas gaúchas por meio das rádios web, que criaram um público diferenciado daquele dos espaços onde até então se consumia essa música. Do mesmo modo, além das vendas de discos pela internet, engendraram-se espaços especializados em produtos do segmento, como roupas e acessórios, criando toda uma rede de bens de consumo ligados ao gauchismo (FERREIRA, 2021, p. 142).

A ligação desse pensamento com a Indústria Criativa é pertinente e eficaz, já que a indústria cultural é um subproduto das Indústrias Criativas (RELATÓRIO, 2010). Como forma de comunicação, a música é a maior expressão de massa do movimento cultural gaúcho, transmitindo padrões de valores que são multiplicados a milhões de pessoas nos meios de comunicação, fazendo-se presentes em todas as classes sociais (GOLIN, 2004).

A cultura regional gaúcha está entre as fortes representantes que compõem a identidade nacional, sendo constituída de uma diversidade cultural vinda das muitas identidades regionais (JACKS, 1998). A base temática para a realidade retratada nas composições regionais gaúchas originou-se em meados do século XIX, a partir da literatura e da historiografia sul-rio-grandense. O regionalismo gaúcho começa a ter destaque com a criação do Partenon Literário, que se constitui pela preservação das tradições e dos símbolos do povo gaúcho, por meio de uma figura mítica, em um movimento ideológico semelhante ao da literatura romântica (AGOSTINI, 2005; JACKS, 1998).

Enquanto se construía os princípios do gaúcho com as guerras e a lida do campo, mais do que o registro dos fatos foi edificado um rico imaginário social composto por revoluções, feitos históricos, heróis de guerra, contos e causos populares, que serviram para a construção do mito e de alicerce para a composição. O mito do gaúcho-herói, “construção simbólica e ideológica que não só confere identidade e estabelece uma unicidade para o povo, mas também contribui para encobrir problemas sociais e legitimar o *status quo* da classe dominante” (AGOSTINI, 2005, p.32), foi a imagem certificada pela crítica literária e pela pesquisa historiográfica que determinou o imaginário social e amparou a organização naquele período de formação da sociedade sul-rio-grandense (AGOSTINI, 2005).

Em uma abordagem cronológica apresentada nesta dissertação, a música regional gaúcha é composta de cinco movimentos, podendo ser dividida em cinco fases: (1) música regional; (2)música tradicionalista; (3)música nativista; (4)música popular gaúcha (MPG); e, (5)*tchê music*. A divisão aqui exposta é realizada pelo pensamento de autores como Agostini (2005), Cougo (2010), Jacks (1998), Lessa (1985) Mea (2016), entre outros, citados no decorrer da dissertação por sua subdivisão já proposta interligada à observação empírica do autor desta pesquisa pelo acréscimo de mais um movimento. É importante ressaltar que esses movimentos não se sobrepõem ou extinguem, convivendo na atualidade em seus registros fonográficos e novas composições que seguem linhas estéticas e ideológicas que orientam o desenvolvimento de estilo.

A primeira fase é a música regional, sua instituição pode ser considerada a partir da obra de artistas pioneiros como Pedro Raymundo, Irmãos Bertussi (Honeyde e Adelar), e Paulo Ruschel, todos anteriores à fundação do 35 CTG, em 1948 (MEA, 2016), além de Luiz Menezes e o Conjunto Farroupilha, todos esses artistas alcançaram

a projeção nacional pelas ondas do rádio. De acordo com Dias (2009), desde 1960, com a propagação dos Centros de Tradições Gaúchas (CTG) pelo Rio Grande do Sul e a necessidade crescente de músicos, cantores e grupos que integram esses centros, o estilo de música regional, formado por ritmos como bugio, xote, valsa, vaneira e rancheira, foi consolidado. A partir de então, houve uma maior produção e consumo dessas composições, motivando não apenas a criação, mas, também, o pensamento teórico e crítico sobre a música do Rio Grande do Sul.

Cougo (2010) aponta que os folcloristas João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes e Luiz Carlos Barbosa Lessa, na década de 1970, propuseram dividir o gênero musical gaúcho em três subgêneros: tradicionalismo, nativismo e regionalismo. Barbosa Lessa (1985), por sua vez, considera que a cada trinta anos surge um novo movimento artístico-cultural no cenário gaúcho, e exemplifica: o Regionalismo por volta de 1920, o Tradicionalismo em 1948, e o Nativismo a partir da década de 1970. Com base nessa cronologia, a trajetória da música regional do Rio Grande do Sul é marcada, em sua primeira fase, de 1948 a 1970, por uma produção artística realizada por pesquisadores como Paixão Cortes e o próprio Barbosa Lessa, “uma geração semiamadora e voltada mais ao empirismo que à reflexão – composta por ‘folcloristas’, entusiastas que reuniram uma considerável quantidade de registros – orais, escritos, foto-cinematográficos e museológicos” (COUGO, 2012, p.4).

A segunda fase é a música tradicionalista, que pode, também, ser vista como movimento cultural e musical. Enquanto movimento cultural, o tradicionalismo tem como marco fundamental a fundação do 35 CTG, em 1948, por oito estudantes interioranos do colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre (MEA, 2016). A partir de então, os CTGs se popularizaram pelo Estado e se tornaram os difusores dos valores ligados à tradição gaúcha. Em 1966, é fundado Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), instituição que dá suporte ao movimento, ao passo que resgata, difunde e regula as tradições gaúchas.

O tradicionalismo gaúcho compreende um movimento organizado de personificação do gaúcho que pode ser entendido como um conjunto de atividades organizadas e regulamentadas que objetivam celebrar a figura do gaúcho e seu modo de vida em um passado distante. Tal como participantes e pesquisadores o percebem e o definem em seus escritos, instituindo práticas de culto em torno das quais se glorifica um passado continuamente atualizado e interpretado no presente (BRUM, 2006). O Movimento Tradicionalista, iniciado no final da década de 1940, atua até hoje “sendo o

que mais influenciou na caracterização da cultura regional gaúcha, pelo esforço na preservação das raízes e no combate às manifestações alienígenas” (JACKS, 1998, p. 10).

Como movimento musical, a música tradicionalista tem como nomes de destaque os artistas Gildo de Freitas, José Mendes e Teixeira, cujas canções suscitam a identidade, os valores, as crenças, os usos e costumes do gaúcho de então; é importante destacar que esses mesmos artistas são identificados como pertencentes ao movimento regional e estão aqui referidos por suas canções terem elementos que podem tanto ser caracterizados como regionalistas ou tradicionalistas. Além do sucesso no âmbito fonográfico, José Mendes e Teixeira foram destaque no cinema, com uma produção cinematográfica gaúcha aliada a suas carreiras de cantores. Agostini (2005) assegura que a música tradicionalista intenta ordenar a sociedade sul-rio-grandense, pela apropriação de imagens simbólicas já cristalizadas no imaginário social, imprimindo regras e valores essenciais à identidade que o gaúcho ostenta e da qual não quer se desfazer.

A partir da década de 1950, com o desenvolvimento de programas de rádio ao vivo na capital, Porto Alegre, e nas principais cidades do interior, deu-se o processo de urbanização da música regional gaúcha e, com a proliferação de CTGs, a multiplicação de conjuntos de bailes. No começo da década de 1970, com os CTGs popularizados e a grande aceitação da música gaúcha, surgem os festivais no Estado (DIAS, 2009). Com esse incentivo à produção de músicas sobre o Rio Grande e os que nele vivem, surge – dentro do tradicionalismo – um novo movimento artístico.

A terceira fase é a música nativista, que surge como nova corrente da música gaúcha e que pretende a renovação da cultura regional, ao abordar questões emergentes da população rural. Sua linguagem rompeu a herança do Partenon e do regionalismo literário, padrão mantido pelos tradicionalistas, e a cultura interiorana conquistou a cultura urbana feita de vanguardismos e rupturas, invadindo as telas, vitrines, microfones, os palcos, as praças, chegando ao cotidiano da população (JACKS, 1998).

As composições nativistas propõem o questionamento sobre as realidades não contempladas pelo Tradicionalismo, como o caráter injusto das relações patrão-peão e a exploração desmedida dos recursos naturais pelo interesse econômico, embora nativistas e tradicionalistas tenham o mesmo passado em comum, as abordagens no presente é que se modificam (AGOSTINI, 2005).

O marco fundador do movimento nativista foi a Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul – primeiro festival de música regional do Estado – criado em 1971, na cidade de Uruguaiana-RS. O evento, que surgiu com o intuito de valorizar a música local, foi o estímulo para o surgimento de diversos outros festivais, fomentando o aparecimento e a consolidação do nativismo, sobretudo a partir dos anos 1980 (JACKS, 1998). Desde sua primeira edição, a Califórnia da Canção Nativa pretendeu reciclar o cancionário gaúcho, estabelecendo poética, rítmica e afliência de gêneros compromissados com uma estética mais refinada (COUGO, 2012).

Os Festivais Nativistas que deram origem ao nativismo têm um grande papel na disseminação do movimento aliado à comunicação e à inserção da mulher nesse meio (como será abordado no subcapítulo 4.2). Desse modo, faz-se necessária uma breve consideração sobre a atuação desses festivais como forma de comunicação motivadora da indústria fonográfica gaúcha. Ainda, essa elucidação serve de base para toda a citação ou referência, seja ela textual ou expressada nas entrevistas e questionários sobre o termo.

Os festivais nativistas são eventos que oferecem estrutura física e de captação e gravação fonográfica, bem como ajudas de custos e premiações para viabilizar a apresentação de canções ligadas à temática regional gaúcha, originados em 1971 e recorrentes até o presente. Ainda hoje esses festivais movimentam a comunicação regional e são reconhecidos como o local de destaque para os artistas gaúchos devido à estrutura e visibilidade garantida.

Enquanto fenômenos comunicacionais, Jacks (1998) expõe que com a proliferação dos festivais de música motivados pela Califórnia, os meios de comunicação criaram espaços para a programação de cunho regional, parte desse fenômeno deve-se ao forte aparato midiático, que veiculou os festivais com transmissões ao vivo para todo o território nacional e algumas regiões fora do país – em meios como as rádios, jornais entre outras publicações criadas para esse fim.

O movimento nativista, ainda, teve relação direta com o desenvolvimento do mercado artístico gaúcho, ampliando o espaço para seus poetas, compositores e músicos, gerando a profissionalização deles, o crescimento do mercado editorial, o aumento dos espaços para a cultura regional na mídia, e gerou uma grande polêmica sobre a cultura regional gaúcha. Com o Nativismo, o cultivo da tradição deixou de ser exclusividade dos CTGs, e os costumes campeiros passaram a integrar o dia a dia das cidades: “muitos bares foram abertos para abrigar cantores e público de música

nativista, milhares de discos foram injetados no mercado; enfim, a cultura regional virou moda e se estendeu a toda população [...]”. (JACKS, 1998, p. 10).

Junto ao desenvolvimento do Nativismo, em 1980, nasce um novo estilo musical: a Música Popular Gaúcha (MPG) – influenciada pela música urbana – cujo epicentro era Porto Alegre (COUGO, 2012). Em contrapartida aos movimentos artísticos já existentes, na quarta fase surgiu um novo movimento musical caracterizado pelo rompimento dos padrões temáticos consolidados pelo Tradicionalismo e pelo Nativismo. A MPG trouxe uma estética inovadora, suas composições indicaram preceitos comuns ao imaginário gaúcho, porém o foco da produção deixou de ser o meio rural e passou a ser o urbano.

A MPG, via de regra, volta-se para a contemplação do meio urbano, o que a distingue dos outros dois movimentos na medida em que esses, embora concebidos na cidade, buscam sua matriz inspiradora no campo. É lícito pensar, portanto, que um estudo voltado para o tipo humano citadino, pelo viés da música produzida em meio urbano, pode corroborar as conclusões de abordagens já feitas por outros estudiosos ou revelar nuances que ainda não haviam sido percebidas. (AGOSTINI, 2005, p. 13).

Agostini (2005) assegura que MPG não surgiu com o intuito de suceder ou suplantar a música tradicionalista, mas sim como um veio de criação mais próximo dos padrões de composição da música popular já existente no centro do País – a Música Popular Brasileira (MPB). Ela revelou outra nuance do Rio Grande do Sul, suas letras deixaram de representar as virtudes do campo, que deram lugar às mazelas da cidade. Os temas passaram das grandes façanhas farroupilhas às trivialidades cotidianas, o gaúcho passou a ser representado tanto em um contexto de carências afetivas quanto alguém interessado nos rumos políticos, sociais e econômicos da nação brasileira e o ideal do pampa independente foi, aparentemente, deixado de lado.

Através daquilo que pode ser considerado uma estética original, os músicos simpáticos a essa proposta defendiam caminhos diferentes para a composição, que fugissem ao molde tradicionalista já bastante explorado pelos festivais. Esse grupo de artistas, que não era nativista nem apegado ao tradicionalismo, ganhou bastante força a partir daqueles anos, deixando nomes até hoje consagrados no cenário musical do Sul. O movimento foi denominado, na época, Música Popular Gaúcha, ou simplesmente MPG. (AGOSTINI, 2005, p. 20-21).

Os festivais nativistas determinaram os rumos da música do Rio Grande do Sul ao inserir o culto ao gaúcho nas mídias, ao representarem um gaúcho ligado ao campo;

porém, para essa nova geração da música tal representação gerou um problema de identificação por aqueles que não possuem essa realidade. Ao longo dos anos, iniciativas para modernizar a música gaúcha foram realizadas, iniciando uma quinta fase, a *tchê music*, que se consolidou como movimento no final da década de 1990, a partir da combinação de ritmos regionais, como vanerão e chamamé, com ritmos nacionais, como axé, pagode e funk (DIAS, 2008; FERREIRA, 2021).

Esse movimento surgiu como gênero regional em 1999, quando, inspirada nessa mescla de ritmos, a gravadora Acit reuniu os grupos Tchê Barbaridade, Tchê Guri e Tchê Garotos para a gravação de um CD intitulado Tchê Music. O projeto desempenhou uma venda de 120.000 CDs e um disco de ouro, garantindo projeção nacional (DIAS, 2009) e configurando um novo gênero dentro da música regional gaúcha.

Na *tchê music*, os temas privilegiados são a vida urbana, a diversão nas festas, os romances e as decepções amorosas. Assemelham-se, assim, aos temas dos grupos de pagode, axé e forró. Dos três grupos originários, o Tchê Garotos foi o que obteve maior promoção, tendo assinado contrato com a gravadora Som Livre para a gravação dos álbuns *Atitude* e *Tchê Garotos do Brasil*, este último numa tentativa mercadológica de desvincular a imagem de banda regional para atender o mercado nacional (DIAS, 2009, p. 64).

No decorrer do tempo, os processos de criação e composição na música regional foram submetidos a estudos e problematizações por parte de teóricos e artistas da música gaúcha. Ferreira (2021) alude ao debate acerca da renovação do cancionário gaúcho, pautado pela inclusão ou não inclusão de novas propriedades sonoras, na temática, arranjos, instrumentações, performances e modos de execução das canções. Para a autora, “atualmente, temos um mercado musical local alicerçado na busca por uma identidade ‘autêntica’ e, a partir dela, vemos uma mídia focada em evidenciar a valorização do Rio Grande do Sul”. (FERREIRA, 2021, p. 143-144).

Em decorrência disso, pelo viés criativo, os lugares e formas de compor foram atualizados, o questionamento a certas linhas estéticas e ideológicas deram espaço para o surgimento de novos movimentos e espaços criativos. Essa consideração sobre a música regional gaúcha, seus movimentos e fases, influências e vertentes, repercussão e público, servem como base para o entendimento do assunto no qual o objeto da pesquisa está inserido. Sua justificativa, importância e inovação, questões referentes à inserção da mulher na música gaúcha e a forma como, por vezes, é retratada, são abordadas no subcapítulo seguinte.

## 4.2. Inserção: a participação e representação da mulher na música gaúcha

A inserção da mulher na música regional gaúcha é um tema notório, sobretudo pela forma como são representadas nesse segmento. Como visto no subcapítulo anterior, a música gaúcha é marcada por diversos movimentos e estilos que partem da valorização de um passado mítico à retratação do trabalhador rural, sofrendo influência de estilos musicais e assuntos vigentes. Nesse ínterim, há uma lacuna quando se trata da inserção da mulher na música regional gaúcha.

Como comunicador, esta pesquisa procurou dar voz a essas mulheres, não só como um objeto de estudo, no sentido de observar o que fazem. Mas, retratar sua inserção a partir da fala de mulheres autoras que produzem trabalhos teóricos sobre o tema estudado e o machismo sofrido e retratado sobre a mulher na música gaúcha nas letras. Esse recorte é retratado aqui por meio da voz de mulheres, em textos e estudos sobre a temática. Além disso, as mulheres estão incluídas no trabalho ao serem ouvidas nos questionários e entrevistas realizadas no estudo.

Refletindo sobre o registro da trajetória de artistas da música regional gaúcha em livros, podemos perceber que a publicação de livros sobre artistas homens é superior ao número de obras sobre mulheres. A exemplo de Gildo De Freitas<sup>8</sup> e Teixeirinha<sup>9</sup>, com dois livros sobre suas carreiras; Pedro Raymundo<sup>10</sup> e Mário Barbará<sup>11</sup>, com um livro cada; além de Luiz Carlos Borges<sup>12</sup> e Vitor Ramil<sup>13</sup>, que possuem um *songbook*<sup>14</sup> cada um, com o registro de suas histórias e composições, enquanto a única mulher que tem sua vida retratada em obra é Mary Terezinha<sup>15</sup>, com uma autobiografia. Tal pesquisa realizada pelo autor desta dissertação foi de caráter exploratório, mas serve de exemplo da pouca visibilidade dada às mulheres artistas da indústria musical.

Contudo, dada a atual reflexão sobre a mulher na música gaúcha, algumas produções audiovisuais evidenciando sua inserção no meio foram realizadas. São exemplos disso documentários como: ‘Peitaco - o documentário’<sup>16</sup> (2019), sobre o

<sup>8</sup> ‘Gildo De Freitas: O Rei Dos Trovadores’, de Juarez Fonseca (2019); e ‘Gildo de Freitas: O Trovador dos Pampas - Suas trovas - Suas canções - Sua vida’, de Carminha de Freitas.

<sup>9</sup> ‘Teixeirinha - o Gaúcho Coração do Rio Grande’, de Israel Lopes (2007); ‘Teixeirinha - Coração Do Brasil’, de Daniel Feix (2019).

<sup>10</sup> ‘Pedro Raymundo’, de Vitor Minas e Israel Lopes (1986).

<sup>11</sup> ‘Mário Barbará - Trajetória de um artista’, de Matheus Bernardes (2019), autor desta dissertação.

<sup>12</sup> ‘A alma atada na gaita’, de Vinícius Brum (2016).

<sup>13</sup> ‘Vitor Ramil: Songbook’ (2013).

<sup>14</sup> Livro que contém uma coletânea de canções ou a obra de um artista acompanhada de tablaturas / partituras instrumentais de suas composições.

<sup>15</sup> ‘A Gaita Nua – Autobiografia’ (1992).

<sup>16</sup> Link do documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=MCZhygF3ZYU>



objeto de estudo deste trabalho; ‘Elas Nos Festivais Nativistas / Só Podia Ser Mulher!’<sup>17</sup> (2021), realizado pela cantora Análise Severo sobre as mulheres nos festivais nativistas; ‘A Música de Oristela Alves’<sup>18</sup> (2022), que conta por depoimentos momentos importantes da carreira dessa artista; e, o 6º episódio da série ‘50 anos de Nativismo’ (2022), que apresenta um panorama da participação feminina no nativismo.

Embora com essa disparidade de registros, considerando o mapeamento da música regional gaúcha apresentado no subcapítulo anterior, identificamos a inserção da mulher no meio a partir da menção em livros, entrevistas, discos e observação exploratória. Seguindo a proposta, anteriormente, na música regional, a presença feminina pode ser identificada por Inah Vital e Estrela d’Alva Lopes de Castro, integrantes do Conjunto Farroupilha<sup>19</sup>, junto a Tasso José Bangel, Danilo Vidal de Castro e Alfeu de Azevedo – depois substituído por Sidney Moraes, figurando como representantes da música regional gaúcha. Integrando a música Tradicionalista, é possível identificar a participação de Berenice Azambuja, Marinês Siqueira e Mary Terezinha - que por 24 anos se apresentou ao lado de Teixeirinha e seguiu carreira solo após a separação da dupla em 1984 - todas elas com o uso da gaita como instrumento.

Em continuidade, tendo a Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul como o marco fundador do movimento Nativista, podemos considerar a partir daí uma maior presença feminina nos palcos. Junto aos festivais, durante as décadas de 1970 e 1980, surgiram artistas como Fátima Gimenez, Loma, Maria Luiza Benitez, Marlene Pastro<sup>20</sup>, Nair Terezinha, Oristela Alves, Roshamaria. A participação dessas mulheres nos festivais serviu de inspiração a diversas outras mulheres para sua identificação e inserção na música regional gaúcha. É o que aconteceu na década de 1990, com Análise Severo, Juliana Spanevello, Shana Müller; nos anos 2000, com Adriana Sperandir, Lú Schiavo, e diversos outros nomes que compõem esses espaços de tempo. Nota-se, aqui, que os nomes referidos e que têm grande destaque estão aliados ao trabalho desempenhado como intérprete. Essas artistas, ainda hoje, em maioria, estão atuantes e servem de exemplo e inspiração para o surgimento de novas artistas, sejam elas

---

<sup>17</sup> Link do documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=eA7vxKQaN6A&t=52s>

<sup>18</sup> Link do documentário: [https://www.youtube.com/watch?v=U2yRR\\_BZ-JU&t=99s](https://www.youtube.com/watch?v=U2yRR_BZ-JU&t=99s)

<sup>19</sup> Primeiro conjunto vocal a mesclar vozes femininas e masculinas formado por 2 mulheres e três homens, em 1948, em Porto Alegre, como cast da Rádio Farroupilha. Em 1952, gravaram seu primeiro disco, “Gaúcho” com um repertório que continha em sua totalidade música do Rio Grande do Sul, em sua maioria com autoria de Barbosa Lessa e Paixão Cortes, com exceção de “Amargo”, de A. Amábile e Lupicínio Rodrigues. A partir disso o grupo ganhou projeção mundial apresentando-se em diversas partes do mundo com músicas gaúchas e posteriormente música popular brasileira (PRASS, 2017).

<sup>20</sup> Está, a única com composições de sua autoria registradas no período.

cantoras, compositoras, instrumentistas, letristas. Em maioria, essa parcela representativa da mulher na música gaúcha integra o nosso objeto de estudo, pois são participantes do Peitão.

No que diz respeito à MPG, dada a sua origem relacionada ao Nativismo, as mesmas artistas transitam entre os movimentos, além delas são destaques desse segmento cantoras como Berê, Elaine Geissler e Gloria Oliveira. Quanto a *Tché Music*, foi identificada a presença do grupo ‘As Gurias’ (2005) - primeira banda formada apenas por mulheres tocando de bota e bombacha - integrada por Adriana de Los Santos, Ariane Motta, Mel Machado, Naira Motta e Rika Barcelos que, posteriormente, formaram o grupo ‘Só Gurias’ (de 2006 a 2012). Na atualidade, o grupo feminino ‘Gurias Gaúchas’ (2013), formado por Adriana de Los Santos e Ariane Motta, utiliza da estética de banda com músicas voltadas para temas regionais ligados à mulher.

Nos últimos anos, artistas femininas vêm se manifestando sobre a forma como a mulher é representada na música gaúcha, tanto por seu aspecto social, quanto pela visão de compositores homens, ambos aspectos oriundos da formação do Estado do Rio Grande do Sul. Em sua obra ‘Os Gaúchos: cultura e identidade masculinas no pampa’, Ondina Fachel Leal afirma que ser gaúcho significa ser homem. Para a autora (2021), o sistema simbólico do Estado foi construído tendo o homem como referência central, seu cotidiano, modo de vida, virilidade, lida com os bichos e a natureza, tudo com forte ligação ao seu corpo.

[...] tudo isso faz parte de uma linguagem masculina para manifestar-se entre iguais que imediatamente identificam e ratificam este código. É nesses corpos que se constrói e se exhibe uma identidade de gênero. É nesses corpos que se inscrevem elementos culturais e são estes corpos que se tornam emblemáticos da virilidade. Desta forma, diferenças biológicas permanecem como marcadores culturais e enunciadores de desigualdades e hierarquias sociais e de gênero. (LEAL, 2021, p. 191).

A partir daí, representações da vida no pampa, como trabalho, vestimenta, gestos, falas e sentimentos se constroem sobre a observação do masculino, relegando a mulher a uma ausência representativa ou representação projetada pelo homem. Além disso, a representação da mulher no Movimento Tradicionalista Gaúcho também carece de características necessárias para serem trazidas à tona. A menção à figura feminina é praticamente protocolar, movimento destacado ao analisarmos a ênfase dada à figura masculina, ao homem rural.

Coadunando as afirmações tecidas por Leal (2021), a Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho, aprovada durante do VIII Congresso Tradicionalista (1961), em seu objetivo VII, destaca, entre suas intenções, a valorização e o ajuste do homem ao meio. A referida Carta é encerrada pelo objetivo XXIX, o qual destaca que a pretensão do Movimento é a de alcançar a força social que permita sua representação perante os Poderes Públicos e classes, direcionando tais esforços em favor do campo e do homem rural.

Embora a Carta de Princípios destaque a luta pelos direitos humanos por igualdade, humanidade e liberdade, com absoluta independência de sectarismos político, religioso e racial, nada diz acerca da mulher ou enfatiza a sua representação no movimento. A relevância da questão não permite que a representação feminina seja relegada às entrelinhas, às defesas implícitas ao amplo sentido dos direitos humanos.

As diretrizes do MTG são seletivas em relação ao que considera igualdade, ao tratar especificamente sobre certos aspectos que o movimento destaca ser independente – religioso, racial e político – pondo a equidade e a coibição a separação de gênero de forma subentendida. Ao ocultar a igualdade de gênero do rol elencado no regulamento, impõe uma questão a ser discutida e avaliada, principalmente se considerar a necessidade da presença feminina e de sua representatividade na música gaúcha.

Em oportunidade mais recente, por ocasião do Regulamento Geral do Movimento Tradicionalista Gaúcho (2022), a menção à igualdade novamente ressoa carente de representatividade. O art. 13, que trata sobre as vedações do MTG, estabelece a proibição de distinção por razões de raça, credo e posição social, outra vez, deixando de estabelecer qualquer proteção ao papel da mulher, sua inserção no meio e a sua representatividade, como assegurou a outras formas de intolerância.

Nesse sentido, questionamentos foram levados ao âmbito comunicacional por meio de textos publicados em blogs digitais, livros e projetos de pesquisa. Dentre esses textos, está um dos motivadores para a criação do Peitão da Composição Regional, objeto dessa pesquisa, e entre as reflexões, a questão do machismo presente nas letras das músicas quando retrata a mulher é evidente. Em 2017, a cantora e jornalista Shana Müller publicou o texto “Não sou china, nem égua e nem quero que o velho goste!” (MÜLLER, 2017), em que escreveu sobre o machismo presente em canções do regionalismo gaúcho e discorreu sobre como as letras e músicas que ofendem e objetificam as mulheres alimentam o subconsciente e incentivam a violência e o preconceito.

O texto repercutiu na mídia nacional, sendo noticiado por importantes veículos, como BBC News Brasil<sup>21</sup>, Folha da São Paulo<sup>22</sup> e GauchaZH<sup>23</sup>. A autora ainda expôs que composições desse cunho “massifica[m] o pensamento comum de que a mulher é menos, é coisa, é bicho!”, sendo que a música exerce um importante papel no imaginário social e tais reproduções podem incentivar e até legitimar tais comportamentos. Em consonância, Ferreira (2021) ressalta que a prática musical como elemento de (re)produção de realidades sociais conserva e solidifica a ideologia representada, de modo que a música e demais artes não apenas representam, mas instituem realidades.

O questionamento à representação feminina nas composições com temáticas regionalistas que narram e interpretam a mulher gaúcha há muito vem sendo levantado pelas mulheres da cena regional. A violinista, etnomusicóloga, pesquisadora e compositora do Rio Grande do Sul, Clarissa Ferreira, aborda amplamente a questão em sua obra ‘Gauchismo Líquido: reflexões contemporâneas sobre a cultura do Rio Grande do Sul’ (2021) – anteriormente trazida nesta dissertação. Ferreira observa que falar sobre ser mulher em uma cultura machista é um tabu e, ainda, identifica uma resistência ao assunto entre as mulheres que se identificam com o regionalismo. Segundo a autora

[...] Pensar na categoria “mulher gaúcha” por si só já é ficar presa numa cerca! Primeiro porque, para começar, “mulher” é uma categorização limitante e universalizante que impõe determinados tipos de comportamento e que padroniza vivências que são múltiplas e diversas. É muito fácil cair em estereótipos dentro do conceito de “mulher gaúcha”, muito pelo fato de essa identidade ter seu alicerce no universo agro-pastoril e ter sido trabalhada ao longo do tempo na música, no cinema e na literatura a partir de uma visão colonizadora (FERREIRA, 2021, p. 104).

Logo, no que tange à identidade cultural sul-rio-grandense, fatores que corroboram a preservação de um passado mítico se fazem presentes na música gaúcha definindo assim os entendimentos sobre a renovação de práticas e padrões musicais. Se na poesia e na canção o imaginário do homem gaúcho foi construído sobre o mito do “gaúcho herói” (conforme abordado no capítulo 3, 3.1), a imagem da mulher, por sua vez, é originada a partir de um modelo positivista “que entendia que as mulheres

<sup>21</sup> Link da matéria: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39649460>

<sup>22</sup> Link da matéria:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/04/1877008-cantora-gaucha-shana-muller-desafia-o-machismo-do-cancioneiro-regionalista.shtml>

<sup>23</sup> Link da matéria:

[017/04/shana-muller-o-machismo-nao-pode-ser-perpetuado-no-tradicionalismo-cjpk5419h003nxpcn1ip4dt89.html](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/04/1877008-cantora-gaucha-shana-muller-desafia-o-machismo-do-cancioneiro-regionalista.shtml)

deveriam ser a base da casa, da educação dos filhos, reduto dos bons costumes, regeneradoras da sociedade e mantenedoras dos valores sociais” (FERREIRA, 2021, p. 105).

Assim, a visão masculina sobre a mulher prevaleceu na produção cultural. Ferreira (2021) manifesta que

A falta de credibilidade gerada pela diferença de gêneros chega a um ponto tão limitador para a mulher que ela nem pensa sobre o quanto está sendo lesada. Um exemplo disso é a quase inexistência de compositoras na música gaúcha, acentuada pela falta de referências femininas, desfavorecendo o ingresso e a permanência nesse fazer musical. (FERREIRA, 2021, p.129).

Meyer (1952, Apud Ferreira, 2021, p. 119) expõe que a animalização da mulher sempre esteve presente no cancionário gaúcho, uma vez que o feminino não é seu tema preferido, predominando um realismo ou uma forma concisa em relação às questões amorosas. As comparações entre a figura feminina e o animal, relegá-las a uma posição de coadjuvação, aceitando as imposições do destino e sendo a parceira do gaúcho, estando este corriqueiramente em posição de preponderância, como provedor e elemento central do mote do cancionário regional (MEYER apud FERREIRA, 2021, p. 119).

O panorama identificado pode ser aprofundado através do estudo realizado por Dânae Rasia da Silva (2017), que em uma pesquisa sobre a representação feminina sobre as músicas apresentadas no Festival Coxilha Nativista<sup>24</sup> entre 2006 e 2015, identificou que

o eu lírico é predominantemente masculino, cuja voz enunciativa transpassa ideias, comportamentos e exalta os feitos dos homens. (...) Assim, é possível afirmar que a disseminação de uma cultura de forma repetida e não reavaliada mantém uma sociedade que perpetua suas falhas e que, não consciente do debate sobre igualdade, perdura a marginalização de arquétipos estigmatizados. Por outro lado, a autonomia das práticas socioculturais, por meio de inéditas temáticas musicais, não encontra boa recepção e, assim, novos produtos culturais são dispensados por não apresentarem o mote merecedor de ser cultuado. (SILVA, 2017, p. 45).

Nesse ponto, a análise da trajetória e representação feminina nas músicas vencedoras no contexto da Coxilha Nativista e aquelas eleitas como mais populares no concurso demonstram a frágil representação da mulher. Nas canções, elas são

---

<sup>24</sup> Festival de música Nativista criado em 1981 na cidade de Cruz Alta/RS, considerado o mais antigo do Estado com edições ininterruptas.

destituídas de seu papel social, sendo apresentadas em menções pequenas e eventuais, e mesmo quando consideradas em canções que as apresentam como temática integral, são representadas pela linguagem afastada da realidade, sem que seus efetivos papéis sejam considerados em posição equitativa à figura masculina do homem gaúcho (SILVA, 2017).

Em estudo comparativo realizado por Silva e Oltramari (2010) acerca da *tchê music* e da música campeira, cotejando 80 exemplares de ambas as variações da música gaúcha, categorizando-as e enquadrando-as conforme o espaço e a forma como as mulheres foram caracterizadas e representadas, da maior para a menor aparição resultou em uma classificação das músicas em categorias e subcategorias, oportunizando a verificação de semelhanças e diferenças dos movimentos.

Entre as diferenças elucidadas pelo estudo na representação, a *tchê music* apresenta a figura feminina atrelada à passividade e à submissão, seu sofrimento ao dominarem ou serem sujeito da relação, ao passo que a música campeira destaca o protagonismo e atividade, enquanto consideradas no contexto acerca das mulheres que abandonam. No tocante às semelhanças compiladas pelo estudo, encontram-se as subdivisões sobre a desqualificação das mulheres e aquelas que impõe o sofrimento.

Segundo Ferreira (2021)

A atitude passiva e submissa imposta às mulheres pode ser percebida como uma reação a partir das relações de poder implícitas, evidentes na frequente renúncia delas à própria vida em função do outro ou para agradá-lo. A coisificação, simbólica ou representativa, é o caso do termo "prenda", que significa um presente, algo que pertence a alguém, mais uma vez distante da posição de sujeito (FERREIRA, 2021, p. 116).

Em estudo realizado por Luiza Gomes Veloso (2023) com sete musicistas gaúchas acerca das percepções sociais acerca da imagem da mulher na música, a autora constatou - a partir de análise de entrevistas realizadas - que embora bem recebidas no meio, as entrevistadas relataram diversas situações de machismo sofridas de maneira velada. Essas situações se manifestam em episódios como a resistência em relação à mulher, a desclassificação por não usar uma roupa de prenda tradicional, dúvida quanto a autoria e a qualidade de suas composições, e pouca participação de mulheres nos eventos enquanto instrumentistas e compositoras. Outra situação identificada foi a de uma mulher que, na falta de referências nos festivais nativistas, compunha seus versos direcionados à masculinidade.

Essa reprodução é identificada desde a concepção de Barbosa Lessa (1985) no livro “Nativismo: um fenômeno social gaúcho” que expõe como a representação feminina foi construída e se perpetua na atualidade mostrando-se na música regional gaúcha. Nesse ínterim, Silva (2017) entende que os papéis da figura feminina e masculina são de sobremaneira oriundos de construções sociais, culturais e históricas, ultrapassando os aspectos biológicos.

A mulher, em seu processo histórico-cultural, mesmo que reagindo a determinadas normas impostas socialmente, tem a figura masculina como contraste limitando-a, restringindo, proibindo e delimitando ações apreendidas e transmitidas ao longo das gerações. (SILVA, 2017, p. 22-23).

Veloso (2023) evidencia que a música é um elemento de reprodução de realidades sociais, conservam e solidificam essas estruturas, de modo que, em uma cultura em que seu cancionário valoriza a bravura da figura do gaúcho e relega a mulher a “espera da guerra, a comparação com flores e com a lua, ser china ou chinoca, ou Anita”. é essencial refletir sobre onde a mulher gaúcha se encaixa nesse contexto cultural no século XIX. Ferreira (2021) percebe

[...] que a conscientização sobre a cultura do machismo é um processo iniciado recentemente e que deve ser levado adiante pela sociedade como um todo. A objetificação das mulheres não é coisa exclusiva da música gaúcha: a problematização serve para todos os gêneros musicais. Para além das canções, a misoginia e o feminicídio alcançam números tristemente elevados, o que nos faz pensar como as letras das músicas normatizam crimes contra as mulheres. (FERREIRA, 2021, p. 122-123).

Veloso (2023) considera que, além do conteúdo das músicas, aspectos da sociedade patriarcal se estendem sobre a participação das mulheres nos eventos de música regional gaúcha, onde, em sua maioria, desempenham papel de cantoras, com poucas instrumentistas e raras compositoras. No âmbito nativista, a autora percebe que de forma geral a mulher é identificada pelo papel de prenda, como uma figura passiva, relacionada ao romance, espera e cuidado, enquanto para a mulher negra, as representações envolvem ainda funções históricas como as das amas de leite.

Entretanto, é apresentado pelas entrevistadas composições que fogem desse padrão, interpretadas e/ou compostas por elas, que retratam a mulher contemporânea, autônoma e o feminino em sua totalidade. Ademais, foram comentadas obras que problematizam o estigma da mulher e abordam temas polêmicos em um universo conservador, como a sexualidade da mulher, aborto e o próprio questionamento de papéis sociais. Nesse sentido, foi

relatado por elas a insegurança de romper com esses padrões do ideal de feminilidade. (VELOSO, 2023, p. 51).

Ferreira (2021) atenta para o fato de que gerações mais novas - que lidam com gênero e sexualidade de forma mais diversa e natural - podem ter dificuldade ao se identificar com as representações presentes na música gaúcha. Mas, também, não ignora a existência do grande público consumidor dessa música, que por vezes, reproduz esses simbolismos. Dessa forma, a autora alerta que “atentar para a mensagem dita e cantada é uma investigação que deve ser feita por todos nós” (FERREIRA, 2021, p. 122-123).

Com a ciência do que foi apresentado, estabelecendo o campo de estudo, problema, objetivo, base teórica, questões e situações que corroboram para o que aqui é estudado, partimos agora para a apresentação da metodologia empregada e detalhamento do objeto de pesquisa.



## 5. PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico que conduziu a presente dissertação foi adotado a partir de uma abordagem pragmatista (FRANÇA, 2016) – que enfatiza a comunicação enquanto ação marcada pela reflexividade e pela força constitutiva da linguagem – estimulada pelo problema de pesquisa e a busca por seu entendimento e possibilidades enquanto ação comunicativa e criativa.

Baseada em uma análise e pesquisa qualitativa (GIL, 2008; FLICK, 2009), que consiste na observação da realidade contínua como objetivo final e não se baseia em um único conceito teórico e metodológico, mas se utiliza de diversas abordagens teóricas e métodos para a discussão e a prática da pesquisa, a presente dissertação desenvolve-se sobre uma triangulação de técnicas de pesquisa, apresentadas nos subcapítulos seguintes.

O presente capítulo divide-se em cinco subcapítulos em que se apresentam (1) o objeto de pesquisa; (2) as técnicas metodológicas aplicadas; (3) os dados levantados; (4) análise e interpretação; e (5) resultados.

### 5.1. O Peitão da Composição Regional

O Peitão da Composição Regional é um evento que pretende promover e motivar a composição feminina na música regional gaúcha, permitindo um ambiente de criação e de protagonismo feminino na construção de suas narrativas. Direcionado para mulheres, cujas atuações estejam relacionadas ao cenário artístico musical, ele reúne musicistas, intérpretes, compositoras, melodistas, letristas, poetisas e convidadas para a participação em um final de semana de imersão criativa.

Proposto com o objetivo de criar um ambiente criativo que permita o exercício da composição focado na temática regional do Rio Grande do Sul, o evento propicia a troca de experiência entre as participantes e oportuniza uma vivência relacionada à área rural, aproximando as participantes da lida e da vida no campo, material de inspiração para muitas canções gaúchas.

Veloso (2023, p. 47) explica que “o evento é realizado aos moldes dos ‘festivais de acampamento’”, restrito à convidadas, e que se tornou um movimento organizado

com o objetivo de incentivar a criação musical feminina sem competição, com uma mostra das composições criadas ao longo do evento.

O Peitão, em relação à representação e identificação, é um marco para a história da mulher na música gaúcha, que permite um espaço de trocas, vivências e de explorar a composição, campo de atuação que ainda possui poucas representantes nos festivais. (VELOSO. 2023, p.52).

Ao estimular as perspectivas femininas acerca da composição gaúcha – historicamente e até então expressadas majoritariamente através da visão e dos valores masculinos - o Peitão objetiva fomentar e desenvolver um ambiente propício para a expansão de criações por artistas sobre a cultura, o cotidiano e as mais diversas circunstâncias da vida regional.

A dinâmica do evento, além do foco criativo, oferece oficinas e palestras sobre o papel da mulher no âmbito artístico regional gaúcho. Assim, a composição se dá a partir de uma temática – escolhida a cada edição – e, por conseguinte, são formados grupos entre as participantes para compor canções que são apresentadas ao fim do encontro em uma mostra de trabalho não competitiva. A cada edição, também é eleita pelas participantes uma mulher homenageada. Veloso (2023) evidencia que o Peitão é lugar de escrever de mulheres para mulheres e, para além da composição, é um local que permite a exposição do pensamento feminino nas músicas e a reflexão das estruturas sociais naturalizadas.

O evento foi concebido como iniciativa da cantora e jornalista Shana Müller - a partir de uma inquietação manifestada em texto<sup>25</sup> sobre a representação da mulher na música gaúcha - organizado junto a outras participantes do movimento, sediado na Fazenda São Francisco do Pinhal, em Val de Serra, Júlio de Castilhos, cidade que fica a 253 km de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Vamos, agora, partir para uma observação das edições realizadas e demais ações do grupo registradas em notícias e nas mídias sociais.

A primeira edição do evento (vide Figura 1) ocorreu entre os dias 19 e 21 de julho de 2019, e reuniu 46 mulheres um final de semana de imersão. A programação do 1º Peitão da Composição Regional contou com a “Procissão da Patrona”, uma caminhada com velas até o açude para o batismo do evento, em que as participantes cantavam em homenagem à cantora Rhosammaria, uma das pioneiras nos festivais nativistas, falecida

---

<sup>25</sup> ‘Não sou china, nem égua e nem quero que o velho goste!’ (MÜLLER, 2016), comentado no capítulo 3, subcapítulo 3.2.

em 2017, intérprete original de ‘Leontina das Dores’ (Luiz Coronel/Marco Aurélio Vasconcelos) na 4ª Califórnia da Canção Nativa em 1974 (DUARTE, 2001). Essa canção foi escolhida como tema pelas integrantes do Peitaço, e pertence a uma série de 10 cantos que formam um perfil humano da mulher do Rio Grande do Sul, trazendo à tona sua condição e a fortaleza da alma feminina, como descrito por seu autor, o poeta e escritor Luiz Coronel (CORONEL, 2017).

Figura 1 - Participantes do 1º Peitaço da Composição Regional (2019)



Fonte: Instagram @peitaçooficial

O evento também oportunizou a “Oficina de Musas Xucras” realizada por Clarissa Ferreira e a palestra “A representação das mulheres na literatura rio-grandense”, ministrada pela autora Leticia Wierzchowski, responsável também pela escolha da temática desenvolvida na edição: “Mulher, a divina” (FERREIRA, 2019; LERINA, 2019; REIS, 2019; SPERB, 2020).

Em matéria à Folha de São Paulo a jornalista Paula Sperb descreveu o evento

Como em um ritual ancestral, mulheres caminham juntas segurando velas e cantando. Sentam-se ao redor do fogo de chão em um galpão de pedra e compartilham vivências como intérpretes, instrumentistas e, agora, compositoras de música regional do Rio Grande do Sul. (SPERB, 2020).

Seguindo o tema “Mulher, a divina”, as integrantes formaram grupos para compor. No dia seguinte, apresentaram umas às outras 15 canções compostas. Após o término do evento, diversas ações foram realizadas pelo grupo, como o lançamento de um documentário sobre a primeira edição. Ainda, em outubro de 2019, o grupo do Peitaco fez uma apresentação que reuniu 30 mulheres na 7ª edição do “O Grande Encontro: a música dos gaúchos” em que cantaram “Leontina das Dores” (CORREIO DO POVO, 2019).

No canal do YouTube “Peitaco Oficial”, além do documentário, estão postados vídeos de canções interpretados pelas integrantes, totalizando 11 vídeos; e, durante 2021, o grupo transmitiu pelo canal 14 lives que trataram dos mais diferentes temas sob a ótica de suas integrantes e convidadas sobre a mulher no ambiente artístico gaúcho intituladas “Leontinas no Galpão”. A comunicação do grupo também se dá pelo Instagram @peitaco\_oficial, em que são divulgadas as ações como depoimentos e convites para as lives e compartilhadas informações e fotos sobre a primeira e a segunda edição do evento, essa última – adiada devido à pandemia da Covid 19 – ocorrida entre os dias 21 e 24 de julho de 2022, tendo três dias de duração (vide Figura 1).

Figura 2 - Participantes do 2º Peitaco da Composição Regional (2022)



Fonte: Instagram @peitacooficial

Após dois anos de distanciamento - impostos pela pandemia - o grupo de mulheres regressou ao local de fundação e reuniu sua comunidade e garantiu ao Peitaco sua segunda edição. A reunião teve quatro dias de duração, seu início foi na noite de sexta-feira, 22, a partir da caminhada até o açude da fazenda. Durante o evento, também, foi oferecida a oficina ministrada pela professora Isabel Nogueira, do curso de Música Popular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre criação de canções (REIS, 2022; VALLE, 2022).

Nessa segunda edição, na vez de uma temática única cada grupo guiou suas composições por temas que foram divulgados a cada grupo um dia antes da apresentação final - onde as canções compostas são apresentadas -, sendo estes, “palavras que remetem ao passado do Rio Grande do Sul e à vida no campo, como “guerra”, “raízes” e “bandeira”, e outras que convidam a expressarem emoções, como “lua”, “tristeza”, “ternura”” (VALLE, 2022).

Para apresentação das canções as participantes reúnem-se no galpão de pedra da fazenda, sobre esse momento, a jornalista Karine Dalla Valle, em observação participante executada durante a segunda edição do Peitaco, descreveu:

É noite de espetáculo na Fazenda São Francisco do Pinhal, em Júlio de Castilhos, região central do Estado. Em um galpão de pedra aquecido por fogo de chão, 46 mulheres dividem-se em grupos para apresentar músicas criadas de um dia para o outro. São cantoras, instrumentistas, melodistas e declamadoras, muitas frequentando festivais nativistas desde a infância. Nesse evento, no entanto, há uma regra principal: da porteira para dentro, homem não passa. (VALLE, 2022).

O Segundo Peitaco da Composição Regional reuniu 46 mulheres e resultou em 7 composições e teve como homenageada a cantora Oristela Alves, lenda viva dos Festivais Nativistas que fez história ao participar da 5ª Califórnia da Canção Nativa, em 1975, e sagrar-se a melhor intérprete da edição com a canção “Décima do Candinho Bicharedo” de Kenelmo Alves e Francisco G. Alves, sendo essa a primeira participação nos festivais do gênero. Oristela, durante sua carreira participou da grande maioria dos festivais do Rio Grande do Sul, e atua como cantora, gestora cultural e na organização e juri de festivais nativistas pelo Estado.

Ao final do evento foram apresentadas duas chapas de metal, em uma delas estão gravados os nomes das participantes da primeira edição do evento e, na outra um tributo

à pioneira Berenice Azambuja, musicista gaúcha que alcançou a projeção nacional na década de 1980, falecida em 2021, e à homenageada da edição, Oristela Alves, junto à manifestação sobre a perspectiva de futuras edições. Após, em setembro de 2022, o grupo realizou na Casa de Cultura Mário Quintana - Porto Alegre/RS - uma apresentação intitulada 'A mulher na música gaúcha' com apresentação das canções compostas no Peitão, além de exposição de fotos tiradas no evento.

Outro acréscimo na dinâmica de convivência do Peitão é a presença de oficinas para as crianças na programação do evento. Dada a participação das mulheres e seus filhos, durante as duas edições foram oferecidas atividades lúdicas para as crianças como contação de histórias, desenhos para colorir, jogos e brincadeiras relacionadas à linguagem e cultura gaúchas realizadas enquanto as integrantes participavam das palestras e oficinas no acampamento. A iniciativa, realizada por profissionais da área pedagógica, visou proporcionar segurança, tranquilidade e liberdade às mães durante sua participação no evento.

Na presente dissertação, o Peitão da Composição Regional apresenta-se como objeto empírico de estudo. A partir de sua primeira edição serão balizados os dados e análises da pesquisa.

## **5.2. Técnicas metodológicas aplicadas**

As técnicas metodológicas aplicadas na dissertação foram formuladas a partir da abordagem pragmatista do problema de pesquisa aliada à pesquisa qualitativa que delimitou a triangulação de técnicas metodológicas. França (2016) entende que a metodologia é construída em função de diversos elementos, orientada pela área de conhecimento estudada (nesse caso, a Comunicação), pela compreensão do objeto de estudo e pela formação da questão-problema. A abordagem pragmatista, que pretende averiguar uma questão sob análise, agregando, em paralelo, o que a provoca e quais suas possibilidades atualmente e em momentos anteriores, percebe as possibilidades que a ação presente inscreve no horizonte, sem limitar-se a descrever ou observar as causas dessa questão. Essa abordagem – assim como a metodologia – parte do problema de pesquisa que se construiu a partir da observação do autor sobre um objeto empírico presente e cotidiano, por uma ótica pragmatista (FRANÇA, 2016).

O viés comunicacional da presente dissertação parte da questão problema, sendo ela desenvolvida sobre um objeto empírico – que não pertence a nenhuma ciência, mas que apresenta um recorte da realidade, das vivências cotidianas e comuns à maioria,

quando considerado em amplo sentido – permite a construção de um problema de pesquisa de dimensões díspares, mas estreitamente relacionadas, considerando o objeto de estudo e o modo de estudá-lo. Assim, em concreto, tem-se uma questão-problema concebida a partir do objeto empírico específico da comunicação em uma dimensão comunicativa.

Da abordagem empirista, surgem problemas de pesquisa advindos da observação do mundo e do mundo em que o sujeito/pesquisador está inserido de modo a trazer a situação a sua realidade ou ligá-la a ele de uma maneira intuitiva. A partir do problema surge uma metodologia por vezes encadeada por diversos meios para tratar esse problema e a sua futura compreensão (FRANÇA, 2016).

A própria condução/conversão de questões experienciadas para formular um problema de pesquisa deve considerar elementos essenciais para sua construção, pretendendo, sobretudo, a adoção de uma metodologia adequada. O processo se inaugura com a necessidade de posicionar-se diante da área de estudo – nesse caso, a Comunicação – e a formação do objeto com lastro no direcionamento concedido pelas atribuições dela, resultando na formulação da questão pontual a ser respondida, para somente então estabelecer o método apropriado para conduzir à triangulação de pesquisa.

A escolha pelo uso da triangulação possibilita que a pesquisa não se restrinja à aplicação de um método único, mas sim de uma ampla seleção de técnicas, tornando-as igualmente relevantes. A partir disso, a própria combinação ou análise de abordagens distintas, para além de uma metodologia única, permite que a triangulação alcance resultados mais profundos e extensos.

A triangulação pode ser aplicada como uma abordagem para fundamentar ainda mais o conhecimento obtido por meio dos métodos qualitativos. Fundamentação, aqui, não significa avaliar os resultados, mas ampliar e complementar sistematicamente as possibilidades de produção do conhecimento. A triangulação consiste mais em uma alternativa para a validação (conforme Denzin e Lincoln 2000b; Elick 1992; 2004a,0), a qual amplia o espaço, a profundidade e a coerência nas condutas metodológicas, do que em uma estratégia para validar resultados e procedimentos (FLICK, 2009, p 362).

A pesquisa qualitativa torna o pesquisador isento de intervenção direta, uma vez que usa registros, anotações e dados para descrever e compreender a situação observada (GIL, 2008). Tal perspectiva é certificada no estudo dos “fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”

(GODOY, 1995, p. 21) e permite ao pesquisador propor trabalhos que explorem novos enfoques (GODOY, 1995). Pela abordagem qualitativa

um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 21).

Flick (2009) considera que a pesquisa está cada vez mais obrigada a utilizar-se das estratégias indutivas, ainda mais quando pensada a partir do método qualitativo. Tal abordagem possui requisitos intrínsecos, como a seleção da metodologia adequada ao objetivo e a diversidade de abordagens; a identificação e avaliação de perspectivas distintas; e a análise acerca do objeto de estudo, sob o enfoque da construção do conhecimento. Assim, para o desenvolvimento da pesquisa e levantamento de dados sobre o objeto, foram determinadas as seguintes técnicas apresentadas.

### **5.2.1 Pesquisa Bibliográfica e Documental**

As técnicas de pesquisa bibliográfica e documental concatenam diversos pontos de convergência, perpassando uma à outra ao ponto de mostrarem-se abordagens complementares. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material anteriormente produzido, como livros e artigos científicos, embasando, também, pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Ao seu turno, a pesquisa documental volta-se para a utilização de materiais que não foram submetidos a um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL, 2008). Considerando os elementos acerca das pesquisas – bibliográfica e documental – nesse estudo, a primeira vertente relaciona-se diretamente à problemática, fornecendo a teoria necessária para seu desenvolvimento, ao passo que a segunda erige os pilares necessários para a construção do objeto da pesquisa, mediante a reunião de notícias e artigos publicados na mídia (GIL, 2008).

A aplicação da pesquisa bibliográfica, nesta dissertação, possibilitou a ampla compreensão do caminho teórico seguido, seus conceitos e a possível intersecção entre a comunicação, a indústria e a comunidade criativa, na delimitação entre a problemática de pesquisa e o seu objeto, com o suporte de autores que tratam das temáticas abordadas. A pesquisa documental reuniu textos, documentários, falas, fotos e vídeos



sobre o Peitaco da Composição Regional, embasado informações sobre a edição, datas, número de participantes e suas identidades para aplicação dos questionários expostos na seção 5.2.2.

### **5.2.2. Questionários**

A aplicação de questionários é uma técnica de pesquisa aplicada por meio de um conjunto de questões que são submetidas a um grupo de pessoas com o propósito de obter informações. O questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas irão proporcionar os dados para descrever as características da pesquisa ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa. Em sua maioria, os questionários são propostos por escrito aos respondentes; nesse caso, são designados como questionários auto aplicados. Entre suas vantagens, a aplicação de tal técnica possibilita alcançar um grande número de pessoas – mesmo que estejam dispersas numa área geográfica extensa – e permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente (GIL, 2008).

Para que todas as dúvidas sejam sanadas e todos os dados necessários para a pesquisa sejam captados, a construção do questionário precisa ser reconhecida como um procedimento técnico, cuja elaboração requer uma série de cuidados, como a constatação de sua eficácia para verificação dos objetivos; determinação da forma e do conteúdo das questões; quantidade e ordenação das questões; construção das alternativas (GIL, 2008; HILL, 2002).

Nesta pesquisa, as perguntas foram divididas entre questões abertas, em que se solicita aos respondentes que ofereçam suas próprias respostas, e questões fechadas, em que se pede que escolham uma alternativa dentre as que são apresentadas (GIL, 2008). O questionário foi dividido em três blocos temáticos: (1) informações pessoais; (2) relato sobre a participação no evento; e (3) resultados da participação. O questionário pretendeu coletar dados sobre o evento, buscando informações sobre como se organiza, como funciona, e como um ambiente criado com a finalidade de compor influencia na criatividade e na quebra de padrões dominantes e pode ser potencializador da criatividade.

A formulação do questionário teve como norte a resposta a questões como: Como um ambiente criado à composição estimula a criatividade? Será possível mensurar a criatividade? Quantas músicas surgiram do encontro? No que o ambiente influenciou na

produção dessas obras e na trajetória artística das participantes? Quantas novas compositoras revelaram-se após o encontro? E como o evento gerou parcerias?

Quando da elaboração do questionário, o problema desta pesquisa estava voltado a compreender de que modo o Peitaco da Composição Regional movimenta a Indústria Criativa da música gaúcha. Após a qualificação do projeto de dissertação, houve um redirecionamento da problemática para a busca da compreensão de como o Movimento pode ser considerado uma Comunidade Criativa. Assim, os questionários responderam a um dos objetivos específicos e as entrevistas realizadas ajudaram a resolver o atual problema de pesquisa.

O questionário (vide Apêndice A) foi executado pelo aplicativo *Google Forms*, de modo on-line, e o link foi enviado por WhatsApp para as participantes do 1º Peitaco. Formado por 21 perguntas, 15 são dissertativas e 6 são optativas, que seguem uma linguagem simplificada (não acadêmica) visando uma ampla acessibilidade e compreensão.

Ao total, o questionário foi enviado para 35 das participantes da primeira edição do evento. O nome e o contato dessas integrantes foram conseguidos por intermédio de uma delas, que participa da organização do evento, com a qual o autor já tinha contato. As destinatárias conheceram os objetivos da pesquisa por meio de texto que acompanhava o questionário e também por mensagem de apresentação enviada via WhatsApp junto ao link para o questionário on-line. O questionário foi, também, enviado no grupo de WhatsApp do evento pela já referida integrante.

Esse instrumento de pesquisa, que foi enviado no dia 01 de julho de 2022 por esse ter sido o mês de realização da primeira edição do evento, visou obter respostas referentes à edição daquele ano. Inicialmente foi recebido o retorno de oito respostas, posteriormente, perto da finalização da pesquisa o questionário foi novamente enviado e captou mais sete respostas. Ao todo, 15 participantes responderam a pesquisa. Os dados levantados e as suas respectivas interpretações encontram-se explicitados no subcapítulo 5.3.

### **5.2.3. Entrevistas**

A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas em trabalhos científicos para investigação e obtenção de dados em profundidade, figurando como parte importante do desenvolvimento das Ciências Sociais nas últimas décadas (GIL, 2008; BRITTO JÚNIOR; FERES JÚNIOR, 2011). “Em suas diferentes aplicações, é uma técnica de

interação social, de interpenetração informativa, quebrando isolamentos grupais, individuais e sociais” (MEDINA, 2008, p.8).

O estudo morfológico da palavra entrevista permite a compreensão acerca de sua formação e estrutura, originando-se a partir da junção dos termos entre e vista. O primeiro diz respeito à visualização, à percepção sobre algo, alguém ou alguma coisa, enquanto o segundo explicita a relação de espaço entre aquilo que se observa ou se percebe. O vocábulo traduz justamente a postura de observação existente naquele espaço-lugar, mediante a existência do ato de examinar e a relação factual com o objeto do exame. (BRITTO JÚNIOR; FERES JÚNIOR, 2011, apud RICHARDSON, 1999, p. 207).

Sua aplicação permite ao investigador ficar frente ao investigado e, por meio de um diálogo assimétrico, formular perguntas para obter os dados que interessam à investigação. Entre suas vantagens estão a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos, e a suscetibilidade à classificação e quantificação dos dados obtidos (GIL, 2008).

Na pesquisa qualitativa, a entrevista por si só não garante a fidelidade dos dados e informações coletadas, mas, quando analisada junto a com outros métodos de coleta de dados, as intuições e percepções provenientes dela podem creditar maior verossimilhança ao levantamento, melhorando sua qualidade, permitindo uma interpretação mais precisa e garantindo a fidedignidade do universo no qual está inserido o objeto de pesquisa (BRITTO JÚNIOR; FERES JÚNIOR, 2011). Medina (2008 p.18) define que “a entrevista jornalística, em primeira instância, é uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular; por isso se vale, na maioria das circunstâncias, da fonte individualizada e lhe dá crédito, sem preocupações científicas”.

Nesta dissertação foram desenvolvidas entrevistas focalizadas/semi-estruturadas, que conceitualmente têm sua pauta orientada por um tema específico e suas questões formuladas sobre as teorias e hipóteses da pesquisa, além da informação recolhida pelo pesquisador sobre o fenômeno social. A técnica é empregada com o objetivo de explorar em profundidade alguma experiência vivida em condições precisas individuais ou em grupos, em ambos os casos o entrevistado tem ampla liberdade para expressar-se sobre o assunto, porém necessita que o pesquisador respeite o foco de interesse temático durante o relato. (GIL, 2008; TRIVIÑOS, 1987).

Desse modo, a presente dissertação utilizou a técnica de entrevista como forma de apurar, a partir do objeto de pesquisa, como a comunicação pode ser promotora de uma

comunidade criativa, e analisar as percepções das integrantes do Movimento Peitão acerca do seu papel enquanto comunidade criativa. Como forma de comprovação da hipótese, o estudo segue os cinco aspectos que Palácios (2001) elenca para a constituição de uma comunidade (apresentados na seção 2.2.2) sendo eles: (1)sentimento de pertencimento; (2)sentimento de comunidade; (3)permanência - em contraposição à efemeridade; (4)territorialidade - real ou simbólica; (5)forma própria de comunicação entre seus membros por meio de veículos específicos.

Assim, as perguntas foram previamente formuladas tendo quatro categorias de análise, baseadas em Palácios (2001):

- Comunidade;
- Criatividade;
- Representação;
- Comunicação.

Na 1ª categoria, buscou-se o entendimento sobre a formação da comunidade e como as integrantes vêem o movimento. Na 2ª categoria, as perguntas visam perceber o entendimento sobre criatividade e comunidade criativa no grupo. Na 3ª categoria as questões foram direcionadas para a compreensão de cada uma, na(s) área(s) em que atua(m), sobre a inserção da mulher na música regional gaúcha e de que modo o Peitão impacta nessa realidade. Por fim, 4ª categoria buscou a percepção das integrantes sobre a comunicação e as ações comunicacionais do grupo. Como um todo, as entrevistas têm o objetivo de investigar a ação da comunicação nas diversas ações que formam e unem o grupo. Ao todo, foram formuladas 30 questões para atender aos objetivos do trabalho, sendo 26 feitas a todas as entrevistadas e quatro direcionadas especificamente às componentes da organização do evento, podendo ou não ser realizada alguma pergunta adicional relacionada ao que foi respondido.

A seleção das entrevistadas se deu a partir das respostas dos questionários enviados pelas integrantes do movimento com ênfase na faixa etária identificada, buscando ter representantes que vão dos 20 aos mais de 60 anos; e, na percepção do autor, selecionadas entrevistadas que fossem atuantes na área cultural por seu ofício ou desenvolvimento de pesquisas, ou tivessem formação acadêmica musical e, ainda, destaque no meio regional gaúcho. Essa seleção visou ainda, contemplar todos os ofícios desempenhados na composição, sendo uma melodista, uma letrista, uma instrumentista, uma intérprete, idealizadoras, e componentes da organização, podendo uma entrevistada atender a mais de uma dessas categorias.

Essa distinção na escolha das entrevistadas serviu para entender a dinâmica comunicacional entre as integrantes, contemplar a diversidade do grupo e alcançar uma aproximação de diferentes vivências com a música e com o movimento em si. Ao todo, foram escolhidas dez participantes para realizar a entrevista. O convite foi feito individualmente a cada integrante via WhatsApp, após o aceite foi marcada uma data e hora conforme a disponibilidade das entrevistadas. Desse modo, as entrevistadas foram:

**Adriana Sperandir** - intérprete e produtora cultural com trajetória ligada a grupos musicais e festivais nativistas e, desde 2022, diretora do Instituto Estadual de Música (IEM) e da Discoteca Pública Natho Henn. Adriana é natural de Torres (RS), tem 46 anos, e um álbum gravado intitulado 'Outono dos Sentidos' (2012) junto ao grupo Sperandires, do qual é integrante. No Peitão, participa como integrante.

**Adrielle Sperandir** - compositora e intérprete ligada a manifestações culturais gaúchas desde a infância, formada em Psicologia, atualmente desenvolve como trabalho de mestrado na Psicologia Social Institucional (PPGPSI/ UFRGS) uma pesquisa sobre as mulheres compositoras do Rio Grande do Sul. Adrielle é natural de Torres (RS), e tem 24 anos. No Peitão, participa como integrante.

**Bianca Bergmam** - poetisa e compositora de letras e melodias, atuante nos festivais de música nativista e poesia gaúcha, onde completa 15 anos de carreira em 2023. Bianca é natural de Cachoeira do Sul (RS), e tem 38 anos. No Peitão, participa como integrante.

**Charlise Bandeira** - flautista, compositora e arranjadora atuante nos festivais de música nativista. Cursa Bacharelado em Música – Flauta Transversal, na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Charlise é natural de Rio Grande (RS), e tem 35 anos. No Peitão, é integrante e organizadora do evento.

**Fátima Gimenez** - intérprete e compositora, com mais de 80 troféus de melhor intérprete por sua atuação nos festivais nativistas. É, também, conhecida como a voz oficial do Hino Rio-grandense por, em 1989, ter sido a primeira artista a gravar a música quando somente bandas marciais, corais e orquestras o executavam em solenidades. Fátima é natural de Porto Alegre (RS), tem 68 anos e três álbuns gravados em sua carreira, intitulados 'Fátima Gimenez' (1990, relançado em 1991), 'Fátima Gimenez' (1996), e 'Cristal - 15 Anos de Sucessos' (2012). No Peitão, participa como integrante.

**Luisa Gomes Veloso** - contrabaixista e intérprete atuante nos festivais nativistas, licenciada em música pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde

desenvolveu como trabalho de conclusão uma pesquisa sobre as percepções sociais acerca da imagem da mulher na música nativista. Luiza é natural de Santana do Livramento (RS), tem 24 anos. No Peitão, participa como integrante.

**Nair Teresinha** – intérprete, primeira mulher a participar como cantora solo na Califórnia da Canção Nativa, em 1971. Nair é natural de Uruguaiana (RS), tem 66 anos e três álbuns gravados em sua carreira, intitulados ‘Canções do Coração’ (2001), ‘De Luz e Sombra’ (2005) e ‘Interiorana’ (2012). No Peitão, participa como integrante.

**Oristela Alves** - intérprete conhecida como uma das precursoras do nativismo por seu trabalho como intérprete a partir da 5ª Califórnia da Canção Nativa, em 1975. Por anos trabalhou junto à Secretaria da Cultura de Santa Maria(RS), onde participava da organização de festivais como a Tertúlia Musical Nativista entre outros eventos ligados à cultura e à música. Oristela é natural de Uruguaiana (RS), tem 68 anos e um álbum gravado em sua carreira, intitulado ‘Oristela Alves’ (2006). No Peitão é integrante e organizadora do evento.

**Shana Müller** - intérprete e jornalista, tem grande destaque no meio musical por seu trabalho como cantora e promotora da música latino-americana. Foi de 2012 a 2022 apresentadora do programa de TV "Galpão Crioulo", um dos mais antigos programas de TV sobre a temática tradicionalista, com 40 anos de duração, transmitido pela RBS TV, afiliada da TV Globo. A jornalista também atuou como apresentadora do Galpão Crioulo na Rádio Gaúcha e assinava a coluna Posteira no site do programa. Shana é natural de Montenegro (RS), tem 43 anos e quatro álbuns, um DVD e um EP gravados em sua carreira, intitulados ‘Gaúcha’ (2004), ‘Firmando o Passo’ (2006), ‘Brinco de Princesa’ (2010), ‘Shana Müller Ao Vivo’ (2012), o DVD ‘Canto de Interior’ (2016) e o EP ‘Canções Guardadas’ (2020). No Peitão, foi a idealizadora do movimento, é integrante e organizadora do evento.

**Su Paz** - intérprete e compositora. Em sua carreira, cantou em grupos, musicais de internadas artísticas e festivais nativistas. Su é natural de Sapucaia do Sul (RS), tem 32 anos e um álbum gravado com letras e melodias suas e em parceria com diversos artistas, intitulado ‘Florescida Raiz’ (2022). No Peitão, é integrante, organizadora e responsável pelas mídias digitais do evento.

Ao todo, foram realizadas dez entrevistas, feitas de forma on-line por videoconferência pela plataforma Google Meet, dada a distância territorial entre as entrevistadas e o entrevistador, devido ao fato de cada uma delas residir em diferentes regiões do Rio Grande do Sul.

As entrevistas foram gravadas usando a ferramenta da gravação da plataforma e somam 310 minutos e 87 segundos, equivalente a aproximadamente seis horas de gravação. Durante o processo de degravação, optou-se pela adequação das falas à norma culta, com sutis adaptações quanto à linguagem coloquial (informal), sem qualquer alteração semântica ou de sentido, preservando o inteiro teor das falas colhidas durante as entrevistas.

A transcrição das entrevistas está organizada pela ordem cronológica, conforme a data de realização, da mais antiga para a mais recente, identificando as entrevistadas pelo nome artístico, acompanhado da respectiva referência técnica no quadro em cada entrevista.

As entrevistas foram desenvolvidas para a apurar a ação da comunicação nas diversas ações que formam e unem o Peitão da Composição Regional. Elas constam na íntegra nos apêndices do trabalho, sua disponibilização serve para que as informações possam ser utilizadas de base e referência para estudos futuros. O detalhamento da metodologia usada e a análise dos dados encontram-se nos subcapítulos 5.3, 5.4 e 5.5, a seguir.

### **5.3 Análises dos questionários**

Neste subcapítulo, é elaborada a análise do questionário aplicado às participantes do 1º Peitão da Composição Regional com o intuito de identificar de que modo o ambiente criado na primeira edição do evento promove a criatividade. Os dados aqui apresentados são o resultado das respostas de 15 das participantes, sendo elas: Adrieli Sperandir; Angela Patias; Bianca Bergmam; Charlise Bandeira; Fátima Gimenez; Laura Guarany; Lizzi Barbosa; Luiza Gomes Veloso; Márcia Freitas; Maria Rita Dias; Nair Teresinha; Nicole Carrion; Pyetra Hermes; Patrícia Pedrozo; e Su Paz.

A redação a seguir reúne em forma de texto analítico do autor combinado a gráficos e falas das respondentes as informações cedidas no questionário. Pretende-se que essa observação e a pesquisa empregada respondam a um dos objetivos específicos da dissertação - ao identificar de que modo o ambiente criado no 1º Peitão promove a criatividade - e sirva de base para as conclusões.

Para analisar os fatores formadores desse ambiente, alguns dados foram solicitados, e por meio deles foi possível identificar a presença de mulheres de diferentes regiões do Estado do Rio Grande do Sul (gráfico 1), ocupação no meio artístico (gráfico 2) e faixa etária (gráfico 3).

Gráfico 1 - Cidade de Nascimento

Cidade de Nascimento:

15 respostas

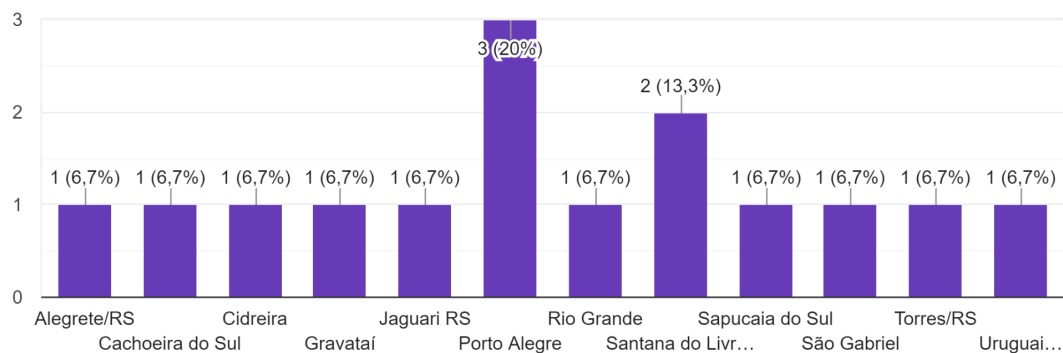
Fonte: *Google Forms*

Gráfico 2 - Ocupação no meio artístico

Qual sua ocupação no âmbito musical e/ou cultural?

15 respostas

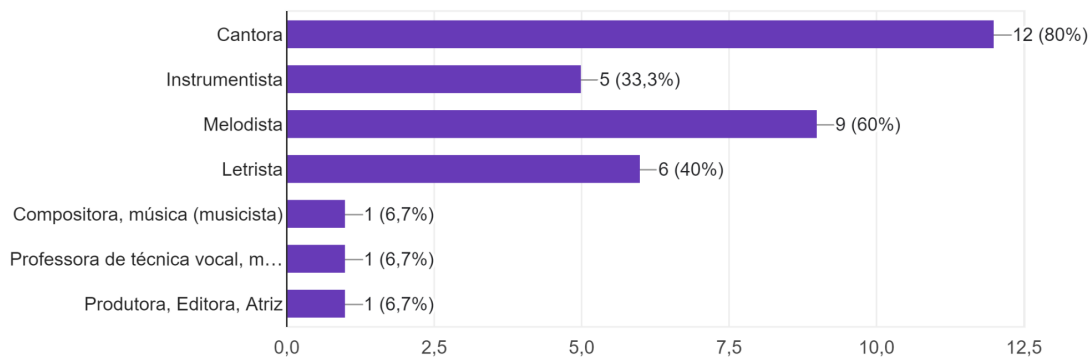
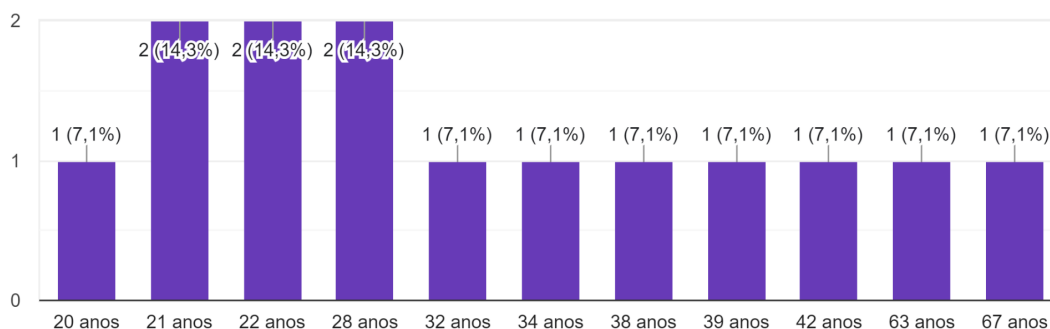
Fonte: *Google Forms*



Gráfico 3 - Faixa etária da participação

Idade quando participou do 1º Peitaco?

14 respostas

Fonte: *Google Forms*

Pensando em como um ambiente criado para a composição estimula a criatividade, foi questionado primeiro se as integrantes (1) já haviam participado de algum evento como esse dedicado à criação e composição, e (2) se há diferença entre compor em um ambiente dedicado a essa finalidade, como o 1º Peitaco, em relação a outros ambientes. Em relação à primeira questão, 80% responderam que não, e 20% que sim; enquanto na outra questão 100% responderam que sim, há diferença entre compor em um ambiente dedicado a essa finalidade.

Gráfico 4 - Participação em eventos dedicados à composição

Já havia participado de algum evento como esse, dedicado à criação e composição?

15 respostas

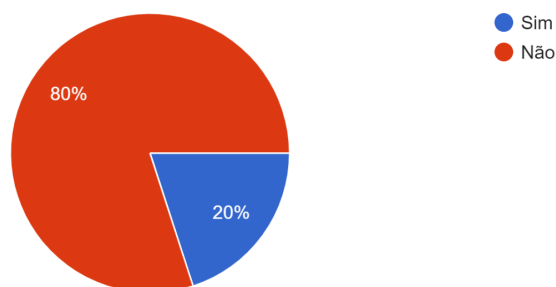
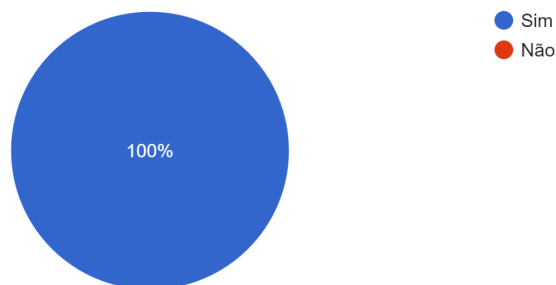
Fonte: *Google Forms*

Gráfico 5 - Diferença em compor em um espaço criativo

Há diferença entre compor em um ambiente dedicado a essa finalidade, como o 1º Peitão, em relação a outros ambientes?

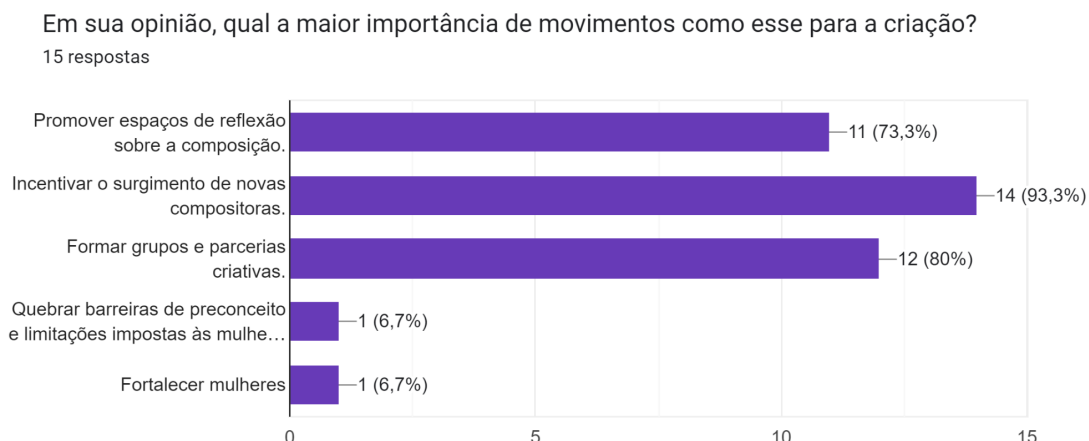
15 respostas



Fonte: *Google Forms*

Em relação à indagação de ‘se é possível mensurar a criatividade?’, foi solicitado às respondentes que comentassem de forma dissertativa, considerando a resposta anterior, sobre que instintos criativos o 1º Peitão havia despertado. Pontos como a confiança na capacidade criativa; a percepção sensorial dos ambientes e pessoas; a ligação com o feminino; a concentração e liberdade foram destaque. Questionadas sobre qual a maior importância de movimentos como esse para a criação, 93,3% responderam que é incentivar o surgimento de novas compositoras; 80% responderam que é formar grupos e parcerias criativas; 73,3% responderam que é promover espaços de reflexão sobre a composição; enquanto 6,7% responderam que é quebrar barreiras de preconceito e limitações impostas às mulheres, além de fortalecê-las.

Gráfico 6 - Importância de participar de movimentos para criação



Fonte: *Google Forms*

Buscando perceber no que o ambiente influenciou na produção dessas obras e na trajetória artística das participantes, o questionário fez perguntas sobre ‘como compor no 1º Peitão influenciou em sua carreira?’. Nas respostas, pontos como o despertar da confiança e coragem foram novamente destacados, além da integração proporcionada pelo local a partir da formação de novas amizades, contatos profissionais e parcerias artísticas, o trabalho em grupo, a aproximação de várias artistas que não tinham contato, além de ser ‘um agente de *network* fantástico’, nas palavras de uma das respondentes, e ponto partida para diversos projetos em vários âmbitos culturais. Nesse sentido, Maria Rita Dias (2023) compreende que

O Peitão foi um espaço de grande incentivo para que as participantes se sintam mais capazes e à vontade para se expressar. Ele foi o ponto de partida para diversos projetos em vários âmbitos culturais, portanto deixou de ser apenas um evento voltado à composição, mas, principalmente, à experimentação. (DIAS, 2023)

Depoimentos como o de Charlise Bandeira (2023): “me deu o pontapé inicial de que eu era capaz de fazer uma música com uma boa melodia”; Lizzi Barbosa (2023): “Garantiu a segurança para compor e lançar minha primeira música autoral”; e Patrícia Pedrozo (2022): “Me levou para lugares que nunca imaginei que teria coragem de mostrar o meu trabalho! Tipo Galpão Crioulo, falar sobre a nossa presença nos palcos!” confirmam esse contexto. Nicole Carrion (2022) certifica:

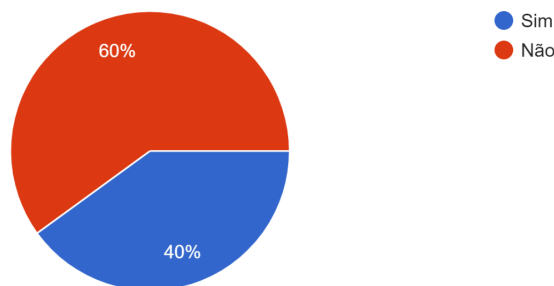
Foi um momento em que tive coragem de me ‘assumir como compositora’, sempre escrevi, mas não me achava qualificada para me intitular compositora. A partir do Peitão eu vi que era capaz, me libertei dos julgamentos ou do que os outros iriam dizer, tinha um pouco de síndrome da impostora, também vejo que como mulher precisamos sempre estar provando nosso valor, mostrando que somos capazes, se fosse um homem na primeira letra que escrevesse já seria um compositor. Comecei a me intitular compositora e acreditar que sim, sou mesmo! Meu primeiro EP tem 3 composições autorais, e muito disso se deve ao Peitão. (CARRION, 2022)

Esses relatos corroboram para o entendimento do Peitão da Composição Regional como um ambiente que estimula o desenvolvimento da criatividade e, conseqüentemente, a Indústria Criativa. Nesse intuito ainda foi questionado sobre quantas das participantes se tornaram compositoras após o evento. 40% responderam que fizeram sua primeira composição no Peitão, enquanto 60% responderam que não, configurando um total de seis novas compositoras. Algumas integrantes participaram da composição de mais de uma canção (gráfico 8), atuando em diferentes partes da composição (gráfico 9).

Gráfico 7 - Início na composição

Você fez sua primeira composição no 1º Peitão?

15 respostas



Fonte: *Google Forms*

Gráfico 8 - Número de composições

De quantas composições participou?

15 respostas

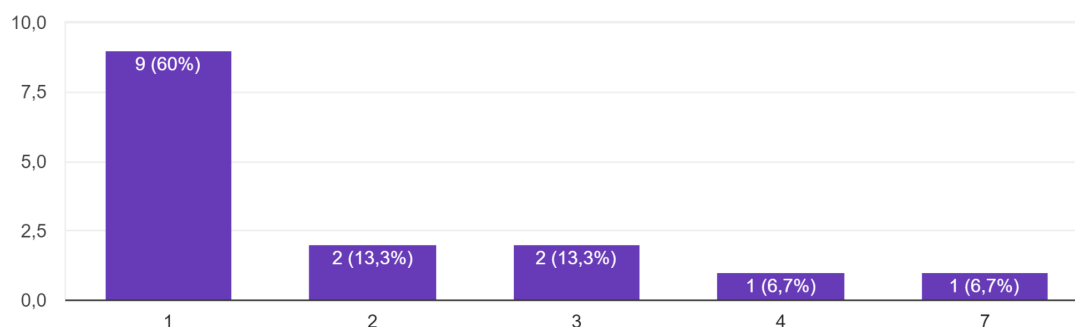
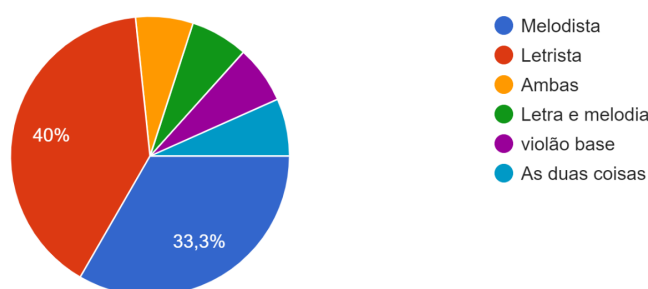
Fonte: *Google Forms*

Gráfico 9 - Participação na composição

Em que parte da criação participou?

15 respostas

Fonte: *Google Forms*

Com a ideia de mensurar a criatividade do grupo, questões acerca da produção do evento foram realizadas. Pelas respostas, surgiram 14 composições do encontro, sendo elas: A nossa voz; Caminho das águas; Divina; Divina luz; Espelho das águas; Filhas da terra; Floresceu; Luzeiro; Pátria Divina; Presença; Primeira Passa; Saudação, minha irmã!; Secular; Soneto de alma e lua.

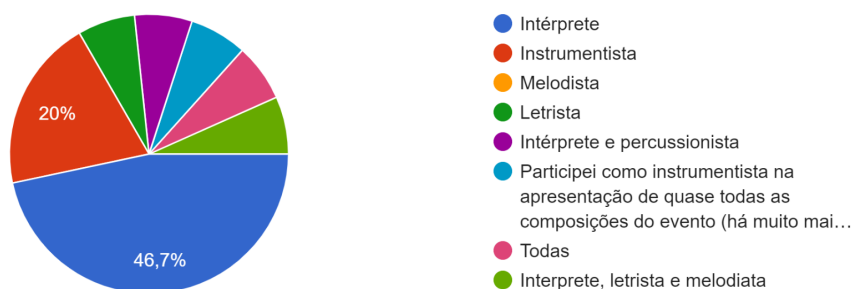
Após o exercício criativo na composição, as canções foram apresentadas pelas compositoras às demais participantes do evento. Referente a esse momento, as candidatas apontaram que, igualmente, desempenharam diferentes funções, atuando, por

exemplo, como intérpretes e instrumentistas, por vezes na apresentação de mais de uma canção.

Gráfico 10 - Apresentação das composições

Na apresentação da composição, que papel desempenhou?

15 respostas



Fonte: Google Forms

Após a edição, foi constatado pelas respostas que duas das composições do evento foram divulgadas nas plataformas digitais e uma foi enviada para festivais nativistas. O evento ainda possibilitou a parceria criativa entre muitas das participantes.

As respondentes evidenciaram a importância do evento para o empoderamento das produções artísticas, além de oportunizar o desenvolvimento do talento delas como compositoras, e representar um lugar de reconhecimento de artistas. Bianca Bergmam (2022) afirmou que:

O 1º Peitaco foi um marco na história das artistas gaúchas, pois muito além de oferecer um ambiente para compor, nos ofertou um motivo para parar e refletir sobre toda a atuação das mulheres e nossa contribuição cultural. De forma direta, ou indireta, muitas mulheres foram tocadas pelo espírito do evento em todas as reflexões que ele propõe. (BERGMAM, 2022).

Como manifesta Maria Rita Dias (2023), “espero que este movimento se perpetue e continue abrindo espaço, sendo um exemplo e um incentivo às novas gerações para que busquem sempre viver e expressar sua verdade”.

Com a interpretação dos questionários, fica evidente que o Peitaco, em sua primeira edição, promoveu a criatividade pela construção de um ambiente com características como a presença do feminino e do artístico, libertando as mulheres de

juízo externo e estimulando a criatividade, ao formar um ambiente diverso, pelas diferentes pessoas, personalidades e idades ali presentes. Com isso, essas mulheres que já integravam a Indústria Criativa puderam dar mais nuances ao seu trabalho e produções. Para continuar essa discussão e a problemática do estudo damos seguimento nas análises visando agora as entrevistas no subcapítulo a seguir.

#### **5.4 Análises das entrevistas**

Neste subcapítulo, é elaborada a análise das entrevistas realizadas com dez integrantes do Peitaco da Composição Regional, a fim de investigar como a comunicação pode ser promotora de uma comunidade criativa. Para tanto, foi realizada a leitura analítica da transcrição das entrevistas, buscando identificar cinco aspectos elencados por Palácios (2001) para a constituição de uma comunidade, que serão posteriormente explicitados neste texto. Tendo esses aspectos de análise como base, os dados foram dispostos em quatro categorias:

- Comunidade;
- Criatividade;
- Representação;
- Comunicação.

O texto a seguir foi redigido com inspiração em uma reportagem jornalística, tendo como fontes Adriana e Adrieli Sperandir, Bianca Bergmam, Charlise Bandeira, Fátima Gimenez, Luiza Gomes Veloso, Nair Teresinha, Oristela Alves, Shana Müller e Su Paz – todas integrantes do Peitaco. A fala das entrevistadas está interligada por pontos em comum e divergências, mesclando a observação do autor com os relatos. O escrito divide-se em quatro tópicos, culminando na consideração dos resultados das entrevistas com os aspectos pautados por Palácios. Espera-se que esta seção sirva para responder a questão problema da dissertação: ‘Como a Comunicação pode contribuir na constituição em uma comunidade criativa como o Movimento Peitaco da Composição Regional?’.

##### **5.4.1 Comunidade**

Para compreender o Peitaco da Composição Regional como comunidade é preciso primeiro saber como se deu a formação e união do grupo. A ideia inicial surgiu da

reflexão da cantora e jornalista Shana Müller sobre a forma como a mulher era representada na música regional gaúcha a partir de uma situação corriqueira:

Assistindo uma gravação do Galpão Crioulo com um grupo de jovens, todos novos, entre vinte e poucos anos, dessa geração. E entendendo que a mulher ainda seguia retratada, não eram composições antigas que eles estavam apresentando, eram composições deles, e ainda tinha aquela coisa ‘porque eu vou no baile, porque eu pego pinguancha, porque eu escolho a mais bonita, porque eu boto a mão na cintura e rodopio na sala’. Então, aquilo eu fiquei ouvindo, assim, e pensando ‘Nossa, que coisa meio sem nexo. Para quem que isso está comunicando? O que que isso está retratando?’ Fui para casa com aquela coisa na cabeça. (MÜLLER, 2023).

Como resultado dessa observação, considerando o quanto a música influencia o comportamento das pessoas, Müller redigiu e publicou um texto em que se expressou sobre o machismo presente em canções do regionalismo gaúcho, nas composições que retratavam a mulher como animal ou objeto. Citando canções de amplo conhecimento no Estado que apresentam esse tratamento, a cantora argumentou que esse tipo de representação não cabe mais no presente, e sua reprodução incentiva a violência e o preconceito. A matéria ‘Não sou china, nem égua e nem quero que o velho goste!’ (MÜLLER, 2017) teve grande repercussão na mídia e provocou outra reflexão na artista, o texto ‘Qual o próximo passo?’, como no trecho:

E aí, nessa reflexão de ‘bom, qual é o próximo passo?’. Eu identifiquei o problema, falei sobre ele para as pessoas pensarem, mas de que forma eu posso contribuir para que isso se modifique? Foi nesse momento que eu percebi a causa disso tudo, mais de uma das causas. Além do machismo da sociedade de um modo geral, das questões da tradição ser totalmente criada em cima da figura masculina. [...] eu identifiquei que a gente tinha pouquíssimas mulheres compositoras. Raríssimas. E por quê? O que faltava para essas mulheres? Eu mesma tinha composto uma música, que me desceu, eu compus e está, mas não era um exercício diário, não é um exercício diário da minha profissão. E aí a gente ficava submetida a cantar a visão do homem sobre o feminino, ou a visão do homem sobre o Rio Grande do Sul, ou a visão do homem sobre essa tradição. Sempre a visão masculina. Mas não bastava apontar isso, precisava-se entender porque as mulheres não compunham, e ajudar nesse processo. Fazer um movimento de transformação desse processo. E aí o Peitaco surgiu. (MÜLLER, 2023).

A partir desse relato podemos entender como se deu a constituição do objeto de estudo, que surgiu da identificação de uma circunstância: a carência de mulheres compositoras na música regional gaúcha. Shana Müller, com um grupo de mulheres, partiu daí para formar um movimento voltado a motivar a composição cultural feminina por meio da promoção de um ambiente dedicado a esse fim.



A constituição do grupo se deu por características comuns entre as participantes: o fato de serem mulheres artistas e atuantes no meio cultural regional gaúcho. O ingresso no Peitão aconteceu a partir de convite, emitido por sua idealizadora, Shana Müller, a algumas das participantes – como Charlise Bandeira e Oristela Alves, com conhecida expertise em festivais nativistas. Outros convites partiram delas para as demais participantes que aderiram ao grupo, ficando associado o ingresso à indicação de alguma das integrantes. Shana Müller recorda como isso ocorreu:

No início, eu chamei dez, essas dez chamaram mais, que chamaram mais dez, e assim a gente juntou quarenta. E aí, eu instituí que a cada ano a gente tem um número 'x' de convites, para, a partir da estrutura disponível para aquele ano, convidar mais pessoas. Mas sempre acabam ficando pessoas que não vão ou que não foram convidadas e, às vezes, até a gente não lembra, 'bah, a fulana, como é que ninguém lembrou?', enfim. É algo muito caseiro, é feito por pessoas. (MÜLLER, 2023).

Até março de 2023, haviam sido realizadas duas edições do evento – a primeira em 2019 e a segunda em 2022, ambas realizadas no mês de julho em uma fazenda na localidade de Val de Serra (RS). Uma vez reunidas, as participantes entendem que estão lá para oferecer seu conhecimento e aprender com as demais todos os aspectos que levam à composição.

Quando questionadas sobre o papel de sua participação no movimento, o entendimento varia de integrante para integrante, revelando traços comuns conforme a faixa etária das entrevistadas. As participantes entre 20 e 35 anos veem que estão lá para somarem-se ao objetivo; as de 36 a 59 anos consideram que exercem um papel colaborativo junto às demais, compartilhando sua técnica e conhecimentos – em destaque as que desempenham as funções de instrumentistas e poetisas. Isso ficou nítido no depoimento de Bianca Bergmam:

Não participo da direção do evento, nada do tipo, mas em tudo que a gente pode apoiar, trazer para as meninas que estão chegando e para as outras mulheres que já participam, mas não tem ainda um trabalho consolidado na parte de escrita, fazer todo esse processo colaborativo. (BERGMAM, 2023).

Por sua vez, as entrevistadas de 60 anos ou mais deixaram claro que percebem em si um papel de acolhimento, congregação e troca de experiências com as demais participantes. Isso se deve ao fato de, em sua maioria, serem reconhecidas como inspiração pelo que são enquanto artistas, por sua carreira longa na música, ou por terem tido evidência no movimento nativista, desde seus primórdios. Essas mulheres

atestam a ausência da visibilidade da mulher neste cenário, em especial no que tange ao aspecto da composição, como foi relatado por Oristela Alves:

Participo da organização, então o meu trabalho é pouquinho de tudo, mas é mais aquela coisa que vem de acolhimento, de fazer o melhor pelo projeto e para o projeto. Para que a gente traga cada vez mais mulheres, moças, meninas, enfim, que estejam no movimento para elas assistirem as oficinas e para iniciarem a compor, como já vem acontecendo. (ALVES, 2023).

Essa receptividade existente no evento pode ser percebida pela interação relatada pelas entrevistadas. Embora todas as integrantes do Peitão tivessem diversos elementos em comum e ocupassem o mesmo espaço artístico – o da música regional gaúcha –, poucas se conheciam ou mantinham contato. As integrantes da organização afirmaram que conheciam a maioria das participantes; já as demais entrevistadas alegaram que conheciam algumas das colegas, sendo, em maioria, suas contemporâneas.

A partir do Peitão essa realidade mudou. Conforme Fátima Gimenez, “esporadicamente nos encontrávamos em algum evento. Éramos amigas, mas não havia interesse em fazermos uma união, digamos assim, uma ideia de agregarmos mais mulheres ao movimento” (GIMENEZ, 2023).

Para as participantes, fazer parte do Peitão é importante, por ser algo pioneiro e único – até o momento – em sua proposta de evidenciar a ausência da mulher na música regional gaúcha. Luiza Gomes Veloso (2023) acredita que “esse movimento é pioneiro, no sentido da música regional em si, dele abranger e colocar em evidência a ausência da mulher, o que é um pouco contraditório na nossa música nativista”.

Considerando essa causa, integrar o Peitão possibilita que elas sejam agentes da mudança intencionada. Fátima Gimenez (2023) argumenta: “é importante que tenhamos mais composições vindas da própria mulher, da alma feminina, de nós mesmas. É importante que criemos cada vez mais para fortalecermos essa riqueza cultural que temos no Rio Grande do Sul”. Nair Teresinha (2023) destaca a importância de integrar o Peitão: “é um movimento que estimula a participação das mulheres como compositoras na música regional gaúcha”. Em corroboração, Bianca Bergmam (2023) afirma que o movimento é fantástico, por trazer a mulher para o centro de uma dinâmica cultural destinada à composição, em um meio predominantemente masculino.

As mulheres, elas vêm muito para o palco, mas ainda por trás, na pena, na caneta, nós temos poucas mulheres nos instrumentos, nós temos poucas mulheres melodistas, nós temos poucas mulheres. Então eu acho que esse é

um movimento que realmente tem uma importância fantástica. (BERGAMAM, 2023).

O enfrentamento e o desejo por mudança estão presentes desde a escolha do nome do movimento. Peitão tem o sentido ‘peitar algo’, afrontando uma situação-problema. As entrevistadas relataram que ainda sofreram uma certa resistência, pelo estereótipo construído a partir dessa escolha.

No início muitas pessoas, principalmente homens, comentavam rindo sobre a escolha do nome ‘Peitão’, fazendo alusão ao peito feminino, mas não tem nada a ver. Por favor! Peitão, existe no vocabulário gauchesco há séculos [...] E hoje reconhecem que foi um peitão que nós demos. Um grande passo para a união de mulheres artistas do Rio Grande do Sul. (GIMENEZ, 2023).

Ao sabermos sobre um grupo de mulheres que se reúnem presencialmente durante alguns dias do ano – e, no restante do tempo, ainda se mantêm conectadas –, e com o detalhamento advindo do que foi relatado, reconhecemos o grupo como uma comunidade. O conceito de comunidade sofreu diversas alterações, ao longo dos anos – passando da união por laços sanguíneos e terrenos para a relação formada por laços de escolha (BUBBER, 1987; TÖNNIES, 1973).

Pensando na comunicação como um fator de permanência dessa comunidade, Palácios (2001) apresenta o pertencimento como elemento de formação que supera os limites da localização física. Para o autor, o sentimento de pertencimento é o ingrediente fundamental para a definição de uma comunidade, por ele é possível pertencer mesmo à distância. A partir disso, o autor define cinco aspectos importantes para que exista uma comunidade: (1) Sentimento de pertencimento; (2) Sentimento de comunidade; (3) Permanência – em contraposição à efemeridade; (4) Territorialidade – real ou simbólica; e (5) Forma própria de comunicação entre seus membros, por meio de veículos específicos.

Em vista disso, buscou-se investigar, com base no relato das entrevistadas, o entendimento das integrantes do Peitão da Composição Regional sobre sua união. Quando questionadas, todas as entrevistadas afirmaram que se sentem parte de uma comunidade ao participarem do Peitão. Esse entendimento é resultado de um processo de reconhecimento com os elementos formadores do movimento, como a interação com as demais participantes, a causa trabalhada e o lugar que essa comunidade ocupa – seja ele como o ponto de encontro entre as participantes ou um elemento de reconhecimento externo dessas mulheres.

Bianca Bergmam (2023) considera que isso se dá “por meios de afinidade artística, afinidade com pessoas também, isso faz com que a gente se sinta um grupo, que a gente se sinta realmente parte deste movimento”. Como rememora Su Paz (2023), “As pessoas já olham para gente, quando chegamos num evento x, tal, festival não sei das quantas, ‘as gurias do Peitão’. Ficou. Marcou. Entendeu?! Então não tem como negar que a gente é daquela comunidade”. Luiza Gomes Veloso aponta para o sentimento criado pela união do grupo:

O Peitão em si já criou uma aura, um espaço onde as mulheres vão e convivem, e interagem, e as meninas já estavam muito encantadas e curiosas com essa ideia do Peitão. Sim, eu vejo o Peitão como uma comunidade por causa disso, eu vejo o reflexo do evento nas outras pessoas (VELOSO, 2023).

Dentre as respostas ainda foi possível perceber a existência de comunidades dentro da comunidade, formadas por afinidades estilísticas, locais ou laborais, como no caso das instrumentistas, conforme evidenciado por Charlise Bandeira (2023). Luiza Gomes Veloso (2023) observa que “por exemplo, acaba formando o grupo das gurias que gostam mais da música litorânea, e elas ficam ali e compõe a música ao estilo mais litorâneo [...] essa divisão acontece tanto por questões regionais quanto pela afinidade musical”.

Isso se deve aos diversos movimentos que formaram a música regional gaúcha. Desde suas primeiras manifestações, o cancioneiro gaúcho pode ser segmentado entre regional, tradicionalista, nativista; música popular gaúcha (MPG) e *tchê music*, e ainda com diferentes divisões dentro desses estilos – uma vez que tais movimentos não se sobrepõem ou se extinguem. No Peitão, os diversos estilos convivem harmonicamente, tendo representantes e composições com variadas definições, como analisa Nair Teresinha (2023):

É aberto a todos esses estilos, porque dentro do nosso grupo nós temos por exemplo a Marines Siqueira, que é uma gaiteira tradicionalista [...] também temos o pessoal que é mais nativista e temos também a MPG, Adriana Sperandir é uma representante muito boa, ela a filha dela. (TERESINHA, 2023).

As integrantes, em sua totalidade, afirmam que existe um sentimento de pertencimento a essa comunidade. Quanto a esse pertencimento, destacam o sentimento de igualdade e respeito na atividade no movimento, como destaca Fátima Gimenez (2023): “É um pertencimento do feminino. Pertencimento à igualdade”.

Nesse sentido, as integrantes foram questionadas sobre o que entendem por comunidade. Como resposta, apontaram para o que pode ser entendido como um ambiente de convívio entre pessoas unidas com propósitos comuns, deixando claro que consideram que, juntas, formam uma rede de pertencimento. Luiza Gomes Veloso (2023) compreende que “comunidade é um grupo de indivíduos que acabam compartilhando algumas características em comum, seja físico, regional, cultural”. Para Shana Müller (2023), isso se dá pelo “convívio de pessoas que têm interesses comuns e diversos, mas que trabalham todos por um caminho de equidade de oportunidades”.

É possível identificar que essa união se mantém pelo pertencimento ao grupo, aos objetivos, à união dessas mulheres e à visão de alguns resultados no âmbito em que atuam, comunicados entre essa comunidade. É o que relata Adrieli Sperandir:

Me sinto parte, sim, de uma comunidade, acho que pelo fato de estarmos ali, por um propósito que eu sinto que é bem importante, que é fomentar a presença feminina na música regional, que é fomentar também a produção e a criação de mulheres. Eu vejo muito que a produção das mulheres no Brasil e, no Rio Grande do Sul mais ainda, foi completamente apagada, assim, a produção musical das mulheres. [...] Então, acho que me sinto parte de uma comunidade que está buscando uma mudança nesse cenário. (SPERANDIR, 2023).

Tendo em conta o que foi apontado, podemos considerar o Peitão da Composição Regional como uma comunidade e, também, como uma comunidade criativa. Sustentamos essa consideração pelo fato de que a formação dessa comunidade se deu a partir de algo comum a todas as participantes – a busca pela quebra de um padrão dominante por meio da inovação, e da solução para essa questão pela criatividade. Com isso, é identificando o pertencimento de causa, gênero, identidade e a formação de uma rede de apoio entre as integrantes, que cria um ambiente voltado a solucionar as questões já relatadas e a desenvolver a criatividade, como descrito a seguir.

### **5.4.2 Criatividade**

A criatividade é um fenômeno que, por ter no humano seu fator formador, pode ser abordada, empregada e entendida de diferentes formas. No Peitão da Composição Regional, a criatividade está relacionada ao ato de criar e pode ser compreendida na composição e em todos os processos por ela empreendidos.

O movimento agrega a essa atividade a inovação, ao propor algo inédito, como a composição, a algumas participantes, e ao exercício dessa atividade – também

relacionada à autenticidade e à liberdade. Para as integrantes, a criatividade se expressa pela arte, como apontado por Shana Müller:

Criatividade para mim é sinônimo de liberdade, de expressão sem amarras. Se eu for pensar nos meus momentos de criatividade, de se eu estou cantando, ou se eu estou escrevendo um texto, ou se eu estou criando uma música quando eu estou cantando para um dos meus filhos dormir, é isso. A expressão de uma autoconsciência e ao mesmo tempo, assim, sem padrões. Criatividade é aquela que trabalha sem padrões impostos pela sociedade, pelo governo ou por qualquer outra coisa do gênero. Criatividade é liberdade. (MÜLLER, 2023).

Por esse aspecto, a inovação, conforme Rossetti (2013), pode ser percebida pelo impacto social produzido pelo uso de processos cognitivos e linguagens, nas novas abordagens metodológicas e técnicas presentes na estética proposta pelo movimento e manifestada nas composições. Diante desse entendimento, em absoluto as entrevistadas afirmam que o Peitão incentiva o exercício da criatividade, sendo esse o cerne de sua criação (MÜLLER, 2023).

Buscou-se entender como se propicia esse estímulo e como se dá seu exercício. Foi apontado que a criatividade no Peitão é motivada por oficinas que instruem e suscitam a criatividade das participantes de duas maneiras: individual e coletiva. Luiza Gomes Veloso (2023) compreende que a criatividade expressada na composição é um processo que abrange corpo, mente e autoconhecimento. Para isso, informa que, “desde o princípio, são feitas oficinas, não só de composição, mas que a gente se prepare para esse de sentar e compor juntas”.

Essas oficinas são realizadas durante o evento, por palestrantes e profissionais convidadas pela organização, com o intuito de oferecer subsídios históricos, literários, sociais e instruções teóricas e práticas sobre composição. Em relação a essa concepção e institucionalização da ideia, Shana Müller explica:

Não seria simplesmente um encontro para compor, entendendo que as mulheres tinham algum bloqueio com isso. Nós mulheres temos algum bloqueio com isso. Então, o que eu precisava? Precisava trazer atividades que ajudassem nesse despertar da composição do feminino. Então, o primeiro Peitão aconteceu com essa ideia de trazer oficinas criativas, para instrumentalizar as mulheres, para nesse exercício de imersão, um acampamento, onde só tinham mulheres, onde estavam ali só envolvidas nesse processo, fazer esse exercício criativo. Inclusive, com atividades para as crianças, porque a própria maternidade me trouxe essa visão, de que muitas vezes a gente se priva de algumas atividades em função do cuidado com os filhos. Então, tinha atividade para as crianças, para que as mães não deixassem de ir e pudessem levar os seus filhos, e também ter atividades ligadas a arte para eles. (MÜLLER, 2023)

Na observação de Adriana Sperandir (2023), “todas as atividades são voltadas para buscar a criatividade, para procurar formas de compor, formas de escrever”. Em concordância, Bianca Bergmam (2023) percebe que, ao terem um espaço pensado para instigar a inspiração, isso representa um facilitador do processo, sendo que a criatividade é estimulada por exercícios, ora individuais ora coletivos. Adrieli Sperandir exemplifica:

[...] Acho que, de alguma forma, é um trabalho muito coletivo. Mas claro que tem um pouco do individual, de cada um, porque a gente vai reunindo as mulheres conforme as suas habilidades. Então, tem aquela que toca violão e que pode ajudar a compor a harmonia da música, tem aquela que já tem mais habilidade da escrita, na poesia, então, ela vai auxiliar nesse sentido. Então, sinto que é um processo em grupo, mas também que tem aspectos do individual, que são bem importantes e bem ressaltados. (SPERANDIR, 2023)

O individual e coletivo também estão muito associados à composição, na contribuição que cada uma dá, fruto de sua individualidade e das vivências que alicerçam a composição em coletivo. Para Luiza Gomes Veloso,

As oficinas acabam trabalhando mais de maneira individual, no sentido de ‘eu vou te dizer uma palavra e tu vai escrever uma frase sobre isso, sem pensar muito’. E aí tu escreve uma frase sem pensar muito, esse é um exercício individual. Nas oficinas acontece uma coletividade quando se propõe uma música em conjunto, em que cada uma vai cantar uma frase. Aí, tu agrega a parte individual com a coletiva e cria, numa oficina, um contexto do grupo. (VELOSO, 2023)

A partir dessas dinâmicas, as participantes formam seus grupos e iniciam o processo de composição. O Peitaco ainda estimula a criatividade ao proporcionar um lugar, justamente, para esse fim. Conforme trazido por Charlise Bandeira (2023), “pelo fato de colocar um ambiente acolhedor para essas mulheres. A gente sempre leva oficinas, só mulher que entra no Peitaco, para que elas conheçam um pouco de como colocar essa arte pra fora”. Sobre esse momento de criação, Fatima Gimenez relata:

Formamos um grupo de 5 mulheres. Sentamos ao redor da mesa e as ideias foram se somando. Cada uma dizia uma palavra e então de repente compusemos um Soneto. Como a letra ficou bem forte, combinamos de fazer em ritmo de chamamé bem pulsante. Demos uma ensaiada depois de pronta a tal música e no outro dia apresentamos no palco do Peitaco, obviamente lendo a letra porque é impossível decorar de um dia para o outro. Foi muito bonito, muito edificante e as apresentações feitas num palco com iluminação, sonorização feita por mulheres, não tinha um homem lá, só mulheres, num

palco com tudo e nos apresentamos e quando um grupo subia as outras sentavam e aplaudiam o trabalho das colegas. (GIMENEZ, 2023)

Nesse sentido, cabe pensarmos o Peitão da Composição Regional como uma Comunidade Criativa. Retomando o que foi apresentado por Manzini (2008) e Meroni (2007), a formação de uma Comunidade Criativa surge da participação ativa dos membros dessas comunidades no processo criativo, em um local que reúne pessoas com as mesmas concepções, o que estimula a criatividade.

Como já descrito, o Peitão consiste em um grupo que se reúne em uma determinada data para o exercício da composição, em um local pensado para essa finalidade. Florida (2011) observa que o local exerce um poder de propulsor da criatividade, ainda mais quando esse ambiente compreende elevados graus de tolerância social e cria densas redes de confiança e apoio mútuo. A fim de compreender o entendimento das integrantes do Peitão sobre o que é uma Comunidade Criativa e se consideram o movimento como tal, a pesquisa indagou as entrevistadas acerca da temática.

Quando questionadas se conheciam a ideia de Comunidade Criativa, cinco afirmaram que sim e cinco afirmaram que não. Às que desconheciam a ideia foi-lhes explicado que “Comunidade Criativa é quando sujeitos com objetivos afins se unem para resolver uma questão ou problema com base na criatividade”. Diante disso, nove afirmaram que acreditam que o Peitão possa ser considerado uma Comunidade Criativa, enquanto uma relatou que não, dada a pouca frequência com que se reúnem presencialmente e o pouco tempo de existência do movimento. Como expõe Su Paz:

[...] eu acho que a gente deveria ter uma assiduidade maior. Na verdade, é a ideia do festival, não só aqueles quatro dias, mas continuar com o calendário anual. Dessa pergunta, dez por cento talvez eu responda de forma positiva e noventa ainda [por cento] com a negativa. Porque a gente tá ainda muito no começo e ainda tem que mudar muito a questão de consciência individual para priorizar esse projeto. (PAZ, 2023).

Para as participantes que consideram o Peitão como Comunidade Criativa, a justificativa estaria em verem nele o objetivo de resolver questões latentes da música regional gaúcha e em buscarem essa solução a partir da agregação de mulheres em um ambiente voltado ao desenvolvimento da criatividade. Nesse sentido, Nair Terezinha (2023) pondera: “estamos ali, reunidas com esse propósito e nós fazemos parte de uma comunidade artística. Todas ali são artistas, intérpretes, musicistas, poetisas, então eu



acho que é uma comunidade criativa com certeza”. Em acordo, Fátima Gimenez (2023) acredita que “essa ideia do coletivo de mãos dadas com o objetivo de resolver questões que são em prol de um bem comum, certamente vai motivar e impulsionar as mulheres compositoras que eram em pequeno número antes do Peitão”.

Adriana Sperandir (2023) ainda aponta para o fato de, como diretora do Instituto Estadual de Música (IEM) e da Discoteca Pública Natho Henn, trabalhar diretamente com a criatividade como Economia Criativa: “às vezes, a gente entende a arte apenas como um dom. ‘Eu sou artista e tenho um dom’. Mas, como encarar isso como a tua profissão? [...] Então eu acho que é isso é encarar a sua arte como uma forma de sobrevivência, como é qualquer outra profissão”.

A partir dessas considerações, podemos relacionar o Peitão com a Indústria Criativa, que se situa no centro da Economia Criativa, correspondendo a ciclos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual. Essa interação resulta na Economia Criativa, como toda a atividade gera crescimento econômico, como empregos e renda (RELATÓRIO, 2010). Neste caso, a movimentação econômica propiciada pode ser relacionada à composição, sendo ela entendida como uma atividade derivada da combinação de criatividade aliada a técnicas e/ou tecnologias, o que agrega valor ao ativo intelectual (MORANDI, 2017).

Essa ligação suscitou a necessidade de perceber a compreensão das integrantes sobre que reais mudanças o trabalho desenvolvido no Peitão promove para as mulheres na indústria fonográfica. Diante da questão, as integrantes afirmaram perceber que o movimento age pelo incentivo à composição e ao lançamento desses trabalhos, muito problema voltados para plataformas digitais, na forma de *singles* e EP's (*Extended Play*)<sup>26</sup>. Su Paz (2023) enxerga uma crescente produção de trabalhos fonográficos individuais: “várias meninas alavancaram outros trabalhos depois do Peitão, criaram coragem de expor as suas composições, de mandar para festival [...]”.

Ainda foi apontado o fato de o movimento estimular o trabalho de mulheres com mulheres, entre parcerias de poetas com melodistas, intérpretes e instrumentistas, tanto na composição quanto no palco. Luiza Gomes Veloso (2023) considera o Peitão “uma ferramenta contribuidora para essa igualdade que a gente busca, mas não é o que vai

---

<sup>26</sup> *Single* refere-se ao lançamento de uma música individual, ou de até três faixas que no total tenham menos de 10 minutos; o *Extended Play* (EP) é um lançamento com maior duração que o *single* contendo 4 a 7 faixas com duração total de até 30 minutos; enquanto um álbum - CD ou LP - compreende o lançamento um que tenha mais que mais de 7 faixas ou exceda 30 minutos de duração.

resolver. É uma ferramenta que a gente tem que se apoiar para chegar aonde quer”. Em resumo, Shana Müller julga que o evento:

ajuda a capacidade criativa, acho que incentiva as mulheres a investirem nas suas carreiras musicais, sejam elas intérpretes, compositoras, instrumentistas, poetisas, cria um movimento de mais mulheres atuantes dentro dessa área e, portanto, mais público, mais produção, e a consequente maior valorização desse espaço. (MÜLLER, 2023).

Quando questionadas se acreditam que o Peitão resolve o problema da representação e do protagonismo da mulher na música gaúcha, consideram que não; porém, julgam que o trabalho realizado garante mais visibilidade à mulher nesse meio.

São claros os objetivos e ações exercidos nessa comunidade. Ainda assim, é necessário entender que fatores - além do sentimento de comunidade e da criatividade empregada na forma do exercício da composição em oposição a uma situação problema - proporcionam o sentimento de pertencimento e unem o grupo. Na sequência, vamos adentrar no aspecto da representação e da identificação dessas mulheres quanto ao seu território, seja ele real ou simbólico.

### **5.4.3 Representação**

O sentimento de pertencimento dentro do Peitão está relacionado à representação proporcionada pelo movimento ao relacionar diversos fatores que despertam identificação e reconhecimento entre as participantes com o território e os símbolos do Rio Grande do Sul, como a música, por exemplo.

De acordo com as participantes, integrar o Peitão é despertar a representação como mulher, como artista, como integrante e como gaúcha. Para Luiza Gomes Veloso (2023), essa representação acontece pela identificação: “de eu perceber como outras mulheres percebem o ambiente em que eu convivo, e o quanto que a descrição de outras mulheres desse ambiente, bate com o que eu vejo também. Do quanto eu sinto que elas estão enxergando a mesma coisa que eu [...]”.

O pertencimento ao território e aos símbolos do Rio Grande do Sul se destaca pelo sentimento de representatividade histórica e pessoal que o movimento proporciona, seja ele na forma de auto entendimento ou como se expressam em suas composições. Segundo Su Paz (2023), esse sentimento se manifesta a partir do momento em que as mulheres que estão lá percebem seu lugar na historiografia do Estado.

[...] eu acho que tudo isso fortalece, porque no momento que tu entende aonde tu tá, porque que tu tá, tu valoriza quem tu é. O Rio Grande do Sul não foi feito só por homens, e muitas vezes nos livros está bem sublinhado isso, esqueceram de contar a parte da mulher. E no momento que a gente entende que a gente tinha lavadeiras, tinha costureiras, tinha curandeiras, enfim [...] que a gente faz parte, sim, da história, a gente tava lá, embora algumas pessoas não falem. E o amor cresce, até porque a gente consegue começar a explicar! (PAZ, 2023).

Paz (2023) percebe que isso se deve ao suporte emocional, físico e intelectual que o Peitão proporciona em suas oficinas, palestras e no contato com as demais participantes. Ao juntar mulheres de diferentes lugares do Rio Grande do Sul – com histórias e vivências únicas – em uma dinâmica de troca, o evento supera o contexto da composição.

Diante disso, a pesquisa sentiu a necessidade de compreender o ambiente artístico em que as participantes estão inseridas e como se veem nesse meio. Para construir o ambiente em que o movimento atua, as entrevistadas foram questionadas sobre sua observação acerca da participação feminina na música gaúcha. Como resposta, afirmaram que a pouca participação da mulher no segmento é uma constante.

Su Paz (2023) considera que isso se deve a diversos fatores, que vão da organização dos festivais nativistas até o papel historicamente destinado às mulheres nesses eventos.

Eu acho que tem várias coisas para observar. Tem muita coisa para ser falada, desde quem nos recebe no evento até a nossa participação cantando a música que passou lá em tal festival. Ainda vejo muito a questão da mulher adorno, que é a flor do Pampa, linda, a beleza da nossa terra, que sobe no palco cantando. [...] Acho que tem que derrubar isso ainda, de não ser só intérpretes porque nós temos instrumentistas, nós temos musicistas, nós temos compositoras, e ainda estão enxergando demais, como eu te falei, o adorno, a mulher só cantando. Não tô desqualificando, inclusive vou estar me auto desqualificando, porque eu sou cantora também, mas tem mais coisas para gente fazer. E eu acho que é isso que tem que ser revisto, tanto por nós quanto por todos. (PAZ, 2023).

Essa observação se apresenta de diversos modos – que vão desde a pouca participação de juradas mulheres, passando por poucas canções compostas por mulheres nos festivais nativistas, ao baixo número de compositoras e instrumentistas nos palcos. Shana Müller (2023) compreende que há

uma preponderância da visão masculina, que sempre colocou a mulher como a cantora das canções de amor ou melodias mais melodiosas, que

estereotipou a mulher como um único papel no palco. Eu acho que isso talvez resuma um pouco. E ao mesmo tempo, uma exclusão velada, como espaços pré-definidos para o feminino dentro de um movimento que é cultural, que é artístico e que deveria ter espaço para todos de forma voluntária sempre. Eu acredito que houve, no decorrer do processo, até pelo princípio de tudo, de como as coisas foram criadas, em cima do que as canções nascem dentro desse conceito, que isso se confunde às vezes, o nativismo, o tradicionalismo, porque o público acaba muitas vezes sendo o mesmo. Eu vejo que essa base construída em cima do masculino acabou excluindo as mulheres por muito tempo. (MÜLLER, 2023).

Ainda foi apontada a falta de mais artistas mulheres, que participaram ocasionalmente dos festivais, mas não persistiram na carreira devido às adversidades do meio. Luisa Gomes Veloso repara que

num festival com 30 participantes, tem duas mulheres instrumentistas, quando muito, tem três mulheres intérpretes, e uma música com compositoras mulheres. Então é algo que avança ainda a passos bem lentos. É um trabalho de formiguinha, a gente vem colhendo isso desde as participações da Oristela [Alves] e da Fátima [Gimenez] nos festivais. E eu vejo alguns avanços, principalmente pela adesão das gurias mais novas. As gurias são maioria nos festivais mirins e eu espero que essa geração consiga ter espaço para seguir quando passarem para a categoria profissional. (VELOSO, 2023).

Algumas das entrevistadas perceberam um crescimento quanto à participação feminina na música gaúcha, seja a partir do surgimento de novas intérpretes mirins, em eventos destinados a essas categorias, ou por uma maior incidência das mulheres como juradas e avaliadoras de festivais. Em geral, a observação é de que a mulher está ganhando mais visibilidade no meio, mas que ainda há muito a ser conquistado. Nair Teresinha (2023) considera que “ainda há uma caminhada a ser seguida para que a gente chegue em um patamar maior, pelo menos parelho com os nossos companheiros, mas acredito que já se conseguiu muita coisa”. Como conta Bianca Bergman

Gostaria que fossemos mais. Já temos um número bem expressivo de mulheres, ainda não exclusivamente na composição, e ainda não, em palco, como instrumentistas, mas nós já temos uma participação extremamente relevante de mulheres há muitos anos. Não é algo que a gente vem percebendo agora. A própria carreira da Oristela [Alves], a Fátima [Gimenez], são mulheres que estão aí desde sempre, foram escola para todas nós. Então nós já temos uma boa representatividade nesse sentido, mas ainda sinto muita falta de ter mais parceiras na parte, especialmente de composição, que é o meu segmento. (BERGMAM, 2023).

Após esses apontamentos, quando questionadas como se veem na música gaúcha, as percepções variam de integrante para integrante, mantendo traços comuns. Diante disso, é possível dividi-las em dois grupos: as que buscam a edificação de uma carreira;

e as que percebem que desempenham um papel de referência no meio musical gaúcho. É importante salientar que todas as integrantes continuam atuantes, desempenhando o ofício artístico.

O primeiro grupo entende seu trabalho como algo ainda em construção, que se dá de forma autêntica, não se guiando por regras – como a delimitação de um estilo musical – ou por padrões impostos – como modos de se portar e vestir. Para algumas delas, ainda, existe contribuição advinda da participação feminina de forma acadêmica, por intermédio de estudos e pesquisas sobre o assunto, como aponta Adrieli Sperandir (2023):

Eu acho que me vejo um pouco como uma dissidente, uma pessoa que bebe das referências da música regional – eu cresci ouvindo música regional –, que produz música também, com células rítmicas da música regional, mas que de certa forma tenta romper um pouco com isso, até por entender que o regional também pode ser universal e universal também pode ser, de alguma maneira, o regional. (SPERANDIR, 2023).

O segundo grupo se vê com uma representatividade identificada a partir de sua atuação na música gaúcha e desta na carreira, percebida, em sua maioria, pela atuação nos festivais nativistas. Shana Müller (2023) expõe:

Eu me vejo com muita responsabilidade de comunicação, com compromisso sempre assumido de usar meu canto, a minha arte, meus canais de comunicação e essas atividades que eu desenvolvo, como instrumento de transformação – minha também –, primeiramente minha, da minha visão de mundo – e que bom que ela muda, se transforma e evolui – e posteriormente, com esse compromisso, também, de sempre que eu tenho a possibilidade de me comunicar, de cantar, de compor, fazer isso com muita responsabilidade. (MÜLLER, 2023).

A partir disso, as entrevistadas observam que o Peitão evidencia a falta de mulheres compositoras na música regional gaúcha. Por essa iniciativa, o assunto foi levado à pauta em diversos âmbitos, provocando o diálogo e suscitando reflexões sobre a temática. Segundo Charlise Bandeira (2023), “o Peitão atua no sentido de cutucar a ferida dos homens, principalmente daqueles que acham que a mulher não tem que estar no palco, que ali não é o lugar delas”.

Quando questionadas sobre a influência do Peitão em suas carreiras, todas afirmaram que, em específico, o movimento foi um estimulador criativo. Charlise Bandeira (2023) complementa: “me impulsionou a compor mais. Depois do Peitão, eu fiz cinco músicas e estou finalizando a sexta”. Como relatado por Nair Teresinha

(2023): “me fez enxergar, obter os conhecimentos que eu preciso para ser uma compositora”. Bianca Bergmam (2023) aponta para consolidação de parcerias firmadas a partir do evento:

Parcerias com as meninas que eu já admirava de longe e que hoje posso dizer que são minhas amigas de verdade. Já são vários anos de convívio, então, com certeza, essa parceria vem amadurecendo o meu trabalho. Um dia depois do outro, a gente vai participando desse amadurecimento com novas expressões, com novas colegas e eu percebo aí o Peitão como um divisor de águas nesse sentido. (BERGMAM, 2023).

O movimento estimula as mulheres, em sentido geral, participantes ou não, a mostrarem o seu trabalho. Ele ainda, além da troca de experiências já referida, oferece o contato profissional entre as participantes, estimulando com que composições ali escritas e demais trabalhos se concretizem no mercado da música. Luiza Gomes Veloso (2023) reconhece que

O Peitão me ajuda muito na questão dos contatos. Em primeiro lugar, para mim, o que a gente mais precisava antes da composição, era se conhecer e ter essa possibilidade de estreitar laços e se fortalecer umas nas outras. [...] a gente precisa também dessa mola propulsora, de uma pessoa mais experiente, e isso o Peitão nos trouxe, de ouvir a experiência, de trocar ideias com quem já viveu e, de uma certa forma, a aproveitar que essas pessoas abrissem espaço do que elas já conquistaram para que gerações como a minha e as que vão vir ainda possam aproveitar. (VELOSO, 2023).

Embora o viés mercadológico não seja um dos objetivos do movimento, o Peitão, ao fomentar e incentivar a presença da mulher na cena musical gaúcha, também pode ser entendido como integrante da Economia Criativa. Nesse ponto, ao fazer uso da criatividade como insumo principal e propiciar a inserção dessas mulheres no mercado, o Peitão admite o viés econômico como uma consequência da atividade criativa – através da geração, em maior ou menor grau, de bens, serviços e renda. Os efeitos provenientes dessa perspectiva entre os setores que utilizam a criatividade como ativo essencial é representativo na intercessão entre as áreas da Economia e da Indústria Criativa.

Pelos laços formados a partir da primeira edição do Peitão da Composição Regional, em 2019, à realização de uma segunda edição, em 2022 – superando as limitações impostas pela Pandemia da Covid 19 e somadas as diversas ações realizadas pelo grupo e ainda a concretização de composições e formação de parcerias – podemos

apontar esses aspectos como fatores de permanência – em contraposição à efemeridade, como definido por Palácios (2001).

Cabe ainda salientar o sentimento das integrantes quanto à continuidade das atividades e edições do evento, além do papel social desempenhado pelo movimento. Como afirma Adriana Sperandir (2023), “o Peitão veio para ficar. É um movimento muito interessante, muito importante e que vai certamente deixar um legado muito grande. E eu penso o Peitão como uma ferramenta importantíssima para as próximas gerações”. Muito disso está relacionado às ações comunicativas praticadas dentro do movimento, como apresentado a seguir.

#### **5.4.4 Comunicação**

Ao pensarmos “como um movimento que acontece quatro dias por ano pode ser considerado uma comunidade?”, buscamos o entendimento sobre essa questão por meio da comunicação. A partir das respostas das entrevistadas, foi perceptível que a comunicação está presente desde a formação do movimento e que as integrantes preservam um relacionamento diário pelo compartilhamento de ideias, projetos e realizações.

A comunicação é apontada por Palácios (2001) como um aspecto importante para a consolidação de uma comunidade, pela constituição de uma forma própria de comunicação entre seus membros, por meio de veículos específicos. No Peitão da Composição Regional, o meio pelo qual as integrantes se mantêm em contato é um grupo de WhatsApp.

A comunicação, inicialmente estabelecida pela troca de mensagens mediada pela internet, potencializou o alcance e a adesão de ideias para a formação do grupo. Essa interação promovida pelo meio digital é indicada por Recuero (2009) como a matéria-prima das relações e dos laços sociais configurada como a ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares.

O grupo de WhatsApp do Peitão foi criado para reunir as integrantes antes da realização da 1ª edição do evento, e desde então, apresenta-se como um lugar de interação e organização entre as participantes. Como descrito por Adriana Sperandir (2023), “por ali a gente se organiza, por ali são feitas as notificações, enfim, tudo o que eles têm que nos informar é feito através do grupo e o grupo é bastante ativo”.

Foi percebido que o grupo serve também como forma de organização das participantes e do evento. No que tange à organização do grupo, ela é desempenhada principalmente pelas organizadoras, tanto no que é relacionado ao evento em si, quanto às atividades desenvolvidas entre uma edição e outra. Na realização das edições foi apontado que o grupo começa a organização a partir de março e vai até a edição, sempre no mês de julho. Foi igualmente mencionado que as organizadoras permitem às demais integrantes a participação nas decisões do grupo, como a escolha de datas para a realização do encontro presencial e a sugestão de temas de oficinas a serem realizadas, além da ideia, ou organização, de atividades afins.

Conforme Su Paz (2023), membro da organização do Peitão, “a gente faz como a gente tá fazendo aqui agora, marca reuniões da comissão, conversa, põe o que a gente precisa, o que não precisa, e geralmente a comunicação com as outras meninas é direto no grupo do WhatsApp”.

Foi constatado que todas as entrevistadas integram o grupo e se esforçam para fazerem parte efetiva dele, acompanhando e interagindo com o que é postado. A comunicação via WhatsApp acontece de maneira orgânica; ou seja, as integrantes mandam as mensagens e as demais interagem com o texto. O grupo serve tanto para orientações e organização para o evento presencial, quanto para a integração entre as integrantes por meio da divulgação da realização e do regulamento de festivais de música, bem como das apresentações e trabalhos de artistas. Em suma, o grupo do Peitão no WhatsApp trata de assuntos comuns e de interesse a todas as participantes.

Foi identificado, também, que o grupo tem regras de convívio que restringem assuntos que não pertençam ao objetivo do evento, bem que há uma espécie de desdobramento do grupo, com a criação de grupos paralelos focados em assuntos ou atribuições pontuais. Estes são restritos a algumas das participantes, como um grupo das organizadoras e outros criados e mantidos por algumas das participantes com o intuito de resolverem questões relacionadas às suas composições no evento.

Em suma, é perceptível que o grupo de WhatsApp vem sendo usado como um meio interno de comunicação. As integrantes também utilizam outras plataformas, como o Instagram e o YouTube, para estabelecerem um diálogo entre si e com o público externo, divulgando o que acontece enquanto estão reunidas e as ações realizadas entre esses períodos. Após a identificação de uma forma própria de comunicação entre seus membros, por meio de veículos específicos, a pesquisa buscou observar qual a percepção das integrantes sobre a importância da comunicação no Peitão.



A comunicação é entendida pelas entrevistadas como essencial para a concretização do movimento – tanto no contexto midiático quanto no organizacional, como já identificado. Luiza Gomes Veloso (2023) crê que “a comunicação é que permite a gente estabelecer, desde a base do evento, desde a própria data. Nada no Peitão é construído sozinho [...] então a comunicação está presente desde a idealização do Peitão”. Adriana Sperandir (2023) conta que o grupo tem “uma comunicação muito interessante internamente, onde a gente se reúne, se organiza, traz as suas dificuldades e o grupo todo interage. E externamente, eu acho que meio que causou uma revolução, principalmente lá no começo [...]”.

Assim, podemos dividir a comunicação em âmbito externo e âmbito interno. Externamente, a comunicação é apontada como o meio que possibilita o conhecimento sobre o movimento, visto que é um evento fechado – que, por meio de entrevistas, textos e reportagens, tornou-se conhecido entre pessoas que não estão necessariamente ligadas ao meio cultural e musical. Oristela Alves (2023) julga que “a comunicação, com certeza, é importantíssima, para todos saberem o que está acontecendo, porque está acontecendo, porque que se deu esse projeto e como querem usar”. Conforme Bianca Bergmam (2023),

Essa comunicação, especialmente em mídia, que possa trazer um entendimento do público e de algumas outras mulheres, que foi o que aconteceu nessa segunda edição, que algumas mulheres que não participaram da primeira edição, nessa segunda estavam presentes, e de outras que virão para as próximas edições. Com certeza essa parte de comunicação ajudou muito a chegar nesse número bem mais expressivo. (BERGMAM, 2023).

Internamente, a comunicação acontece pela troca de experiências entre as participantes e é manifestada na convivência e na formação de laços que mantêm o grupo unido. Nair Teresinha (2023) relata: “é muito bacana tu fazer essa troca de experiências e a convivência, conhecer pessoas novas, conhecer a gurizada da nova geração e, principalmente, a união que há lá dentro voltada para o mesmo objetivo”. Charlise Bandeira (2023) considera que “a comunicação entre as meninas é maravilhosa, mas ainda tem algumas falas que a gente ouviu, do tipo: ‘Bah, cinquenta mulheres dentro de uma fazenda, vai dar muita fofoca, vai dar muita picuinha, vão acabar se pegando’. Não, muito pelo contrário”.

Esse foi um dos aspectos destacados quando as integrantes foram questionadas, pela pesquisa, sobre o que mais lhes chamou a atenção no movimento. Foi relatado que

a união do grupo e a disponibilidade em aprender e compor superaram um estereótipo ou preconceito pré-estabelecido. Nair Teresinha (2023) narra que

o pessoal tem aquela ideia de que mulher é desunida, que não se ajuda. Não é assim, pelo menos eu não tenho visto nada assim. A gente compartilha, a gente brinca, a gente passa momentos maravilhosos, a gente curte o trabalho uma da outra, eu achei essa questão da sororidade uma coisa muito forte e aqueles dias são sempre meio mágicos para a gente. (TERESINHA, 2023).

Em vista disso, Charlise Bandeira (2023) acredita que “as meninas acabam guardando para si muita coisa, de letra, de arte, de criatividade. Então eu acho que o Peitão chega pra acabar com esse silêncio delas, poderem mostrar, dar as vozes aquilo que elas acreditam e isso acaba se transformando em música”. Fátima Gimenez, considera:

Foi a quebra desse pré-conceito que havia anteriormente de que as mulheres não eram unidas, e ali se mostrou ou foi comprovado que isso não é verdade. Houve um fortalecimento feminino, nos demos as mãos e chegamos à conclusão de que unidas somos mais fortes. Uma auxiliando a outra, incentivando o trabalho de outra, sem essa pecha que existia e era uma grande bobagem! De que umas teriam inveja de outras. Nem todas podem ir todos os anos no encontro, mas a gente nota que há um acolhimento e fortalecimento dessa corrente feminina. (GIMENEZ, 2023).

Voltando novamente a relacionar a composição como o grande fator criativo e comunicacional do Peitão, Adrieli Sperandir (2023) declara: "a comunicação entra muito nisso, de a gente estar se escutando e podendo pensar juntas. Mas, acho que também porque a música é essencialmente uma atividade comunicativa. A gente, quando produz música, também tem algo a dizer". Por fim, Shana Müller (2023) acrescenta: “Não há Peitão sem comunicação”.

Com o que foi apresentado, podemos perceber os cinco aspectos importantes para a constituição de uma comunidade, definidos por Palácios (2001), em diversas falas das entrevistadas e em momentos do evento. O sentimento de pertencimento existe desde a formação do grupo por laços de pertencimento ao território do Rio Grande Sul, à cultura gaúcha, à música e ao objetivo comum que formou o evento e se tornou uma causa a ser defendida por todas. O sentimento de comunidade se apresenta em cada relato de troca de experiências, parceria profissional realizada e amizade concretizada após o ingresso no Peitão. A permanência – em contraposição à efemeridade – está igualmente presente nesses fatores, aliada ao desejo dessas mulheres em se reunirem, no contato

mantido por meio da comunicação digital e no desejo e esforço para a realização de eventos e futuras edições. A territorialidade – real ou simbólica – encontra-se no local onde são realizadas as edições, no grupo de WhatsApp, um território on-line de contato e troca de ideias, e também no sentimento de comunidade – por entenderem que onde estão são e representam o Peitão. Por fim, como forma própria de comunicação entre seus membros, por meio de veículos específicos, retomamos o grupo de WhatsApp criado para a formação do evento, que se mantém até hoje como elo entre as integrantes, desempenhando a função de comunicar.

Como efeito, o Peitão formou um laço entre o evento e as participantes, de modo que elas se reconhecem no movimento ao mesmo tempo que o carregam em si. Em uma de suas respostas, Oristela Alves (2023) afirmou: “onde está o Peitão, eu sempre estou presente”. A frase também pode ser interpretada como “onde eu estou, o Peitão está presente”. Isso não fica evidente somente nesta fala, mas em todas as vozes que aqui foram representadas – de modo que se pode afirmar que o Peitão criou, sim, um sentimento de pertencimento que supera os limites da localização física, passando a existir em cada integrante, fala ou composição a ele relacionado.

## **5.5 Resultados**

Baseado no que foi apresentado, este subcapítulo visa verificar os resultados do estudo relacionando-os aos objetivos e ao problema de pesquisa, que pretende responder ‘como a Comunicação pode contribuir na constituição de uma comunidade criativa como o Movimento Peitão da Composição Regional?’, conforme elucidado na sequência.

Para tanto, foi elaborada uma ponderação relacionando a discussão teórica às análises dos questionários e entrevistas realizadas em conferência aos objetivos geral e específicos, sendo eles:

1. relacionar o conceito de Comunidade Criativa com a área da Indústria Criativa;
2. mapear as fases da música regional gaúcha e a inserção das mulheres nesse movimento;
3. identificar de que modo o ambiente criado no 1º Peitão promove a criatividade;
4. analisar as percepções das integrantes do Movimento Peitão acerca do seu papel enquanto comunidade criativa.

Em referência ao primeiro objetivo específico, foi percebido que o conceito de Comunidade Criativa se relaciona com a Indústria Criativa pelo uso da criatividade.

Que é associada na comunidade criativa à inovação social, e usada para promover novos modos de agir pela união de indivíduos de semelhantes grupos sociais em comunidades na busca pela ruptura de modelos dominantes. Essa ação colaborativa visa à resolução dos problemas e à obtenção de soluções e oportunidades para solucionar as questões existentes, impulsionando processos de inovação social a partir da geração de capital humano, social e econômico (FREIRE; OLIVEIRA, 2017; MERONI, 2007; MANZINI, 2008).

Enquanto indústria criativa, a criatividade está posta como seu elemento central, que constitui produtos tangíveis e serviços intelectuais ou artísticos intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado resultando em ciclos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços presentes no centro da Economia Criativa. Como efeito, ao considerar a criatividade como ativo principal, a Economia Criativa promove a valorização econômica da propriedade intelectual, gera empregos e riqueza provenientes do capital humano (FAUSTINO, 2018; RELATÓRIO, 2010).

Desse modo, trazer o conceito de Comunidade Criativa para a área da Indústria Criativa amplia o estudo dos dois campos e promove a criatividade no âmbito acadêmico, humano e social. Ao aliar as duas áreas, têm-se a ampliação do entendimento dos processos e soluções possíveis da união das comunidades criativas; amplia o escopo da Indústria Criativa, agregando novas formas, conceitos e entendimentos; e une os resultados provenientes do uso da criatividade nos dois campos da Economia Criativa.

Quanto ao segundo objetivo específico, ao mapear as fases da música regional gaúcha pode-se perceber que esse cancionário foi constituído por, no mínimo, cinco movimentos que representam os assuntos e estilos vigentes em sua formação, sendo eles (1)música regional; (2)música tradicionalista; (3)música nativista; (4)música popular gaúcha (MPG); e (5)*tché music*.

Apreendeu-se, também, que a base temática para formação desse gênero musical foi desenvolvida sobre padrões do século XIX acerca do mito de um gaúcho herói em uma sociedade patriarcal. A origem do gênero fez com que alguns movimentos reproduzissem esses discursos, enquanto outros surgissem em questionamento à representação dessa realidade, o que refletiu no espaço ocupado pela mulher ao longo do tempo nesses movimentos.

Isso fez com que as mulheres fossem retratadas pela visão masculina. Tal realidade ocasionou em uma ausência representativa ou em uma representação projetada pelo homem, por vezes, relegando a mulher a um papel de espera, atreladas à passividade e à submissão ou a canções que as animalizam ou objetificam. Esses mesmos aspectos decorrentes da visão de uma sociedade patriarcal recaíram sobre a participação das mulheres na música regional gaúcha, em que por anos tiveram uma parca participação, com o tempo evoluíram junto aos movimentos que surgiram ocupando em um primeiro momento o lugar de intérprete e gradativamente o espaço como compositoras e instrumentistas.

Esse mapeamento foi de suma importância para construir o cenário em que o objeto de pesquisa está inserido e entender a problemática por ele levantada, que originou a comunidade criativa do Peitão da Composição Regional aqui estudada. A partir da aplicação das técnicas metodológicas de questionário e entrevista, os objetivos foram respondidos como tratado a seguir.

Em relação ao terceiro objetivo específico, a aplicação dos questionários possibilitou o entendimento de que o Peitão da Composição Regional promove a criatividade por meio do estímulo à composição em um ambiente criado para essa finalidade. Para tanto, o evento que reúne mulheres e propicia um lugar com o objetivo de incentivar a composição mostrou-se um estimulador criativo, ao formar um ambiente diverso, com a presença de pessoas com diferentes idades e personalidades, formação e atuação no meio artístico, contemplando a presença e a expressão do feminino liberto de julgamentos externos.

Essa ação fez com que mulheres que nunca haviam participado de algo assim tivessem contato com a composição e o desenvolvimento da criatividade. Pelas respostas obtidas pela aplicação dos questionários, evidenciou-se que o evento despertou instintos criativos ligados ao fortalecimento da concentração, do feminino, da liberdade e da capacidade criativa. As respondentes ainda destacaram, entre outros pontos, que o evento estimula o surgimento de novas compositoras, parcerias profissionais, promove espaços de reflexão sobre a composição e fortalece as mulheres nesse meio. Além disso, a promoção da criatividade fica evidente ao mensurar que 60% das respondentes nunca haviam feito uma composição, o que corresponde a, pelo menos, nove novas compositoras originadas dessa iniciativa.

Por meio da interpretação das respostas ao já referido instrumento de pesquisa, o 1º Peitão, ao criar um ambiente de estímulo criativo, promoveu a criatividade em

coletivo, unindo as suas participantes. Como evidenciado por Florida (2011), o agrupamento de pessoas em um mesmo local beneficia a formação de relações em que esses indivíduos criam e compartilham fortes vínculos e a partir de sua associação, fomentam a inovação e o crescimento econômico. Os efeitos são consequência de um lugar que gera elevados graus de tolerância social e densas redes de confiança e apoio mútuo que servem como motivador da criatividade.

No que diz respeito ao quarto objetivo específico, a realização das entrevistas permitiu captar a percepção das integrantes do Peitaco acerca do seu papel enquanto comunidade criativa. Pela fala das entrevistadas foi possível identificar a existência de um sentimento de pertencimento ao movimento presente desde a formação do grupo referente à cultura, ao território do Rio Grande Sul, ao feminino e à música gaúcha.

Esse sentimento de pertencimento foi constatado, ao perceber, pela análise das entrevistas, os cinco aspectos elencados por Palácios (2001) para a constituição de uma comunidade. Os aspectos estão presentes nas relações afetivas e profissionais formadas após a participação na primeira edição do evento; na permanência do desejo de união e de preservação e realização de futuras edições do evento; na construção de uma territorialidade real que é o ponto de encontro presencial para compor e simbólica na estruturação de um território on-line que é meio de contato, organização e troca de ideias e forma própria de comunicação, pela cultura e música regional gaúcha; e, no sentimento de comunidade atrelado a cada membro dessa comunidade.

As participantes se entendem como uma comunidade criativa, pois têm uma causa em comum - suprir a pouca presença de mulheres compositoras na música regional gaúcha, dividem um território físico que estimula os instintos criativos, mantêm o contato contínuo pelo uso das tecnologias digitais; e mantêm laços que as definem como uma comunidade, tanto dentro do movimento quanto por uma visão externa de quem não integra o Peitaco. As entrevistadas percebem, também, que seu trabalho, fruto da criatividade exercida nessa comunidade criativa, vêm ganhando mais visibilidade, propondo a inovação e a quebra de um padrão dominante no meio em que atuam.

Unindo os resultados correspondentes à ponderação entre a discussão teórica às análises dos questionários e entrevistas, em comparação aos objetivos específicos, é possível responder ao problema da pesquisa, que se voltou a compreender de que forma a comunicação pode contribuir na constituição de uma comunidade criativa no Movimento Peitaco da Composição Regional, abordado na sequência.

A comunicação, no presente estudo, é entendida como Indústria Criativa e, nesse âmbito, proporciona inovações resultantes da criatividade. Desse modo, a comunicação contribui para a constituição de uma comunidade criativa ao estabelecer processos que vão desde a percepção de uma questão ou problema - traço formador de uma comunidade criativa - passam pela instituição de laços, união e organização do grupo, até a formação de produtos ou processos criativos, que também podem ser entendidos como processos comunicacionais, resultantes da criatividade.

Nesse âmbito, a comunicação funciona como um potencializador criativo. Como explicitado por Florida (2011), a criatividade é um processo social, em que seu exercício costuma se dar em grupos. Quando exercida em grupo, a criatividade pode ser responsável pelo desenvolvimento econômico, aprimoramento e integração de atividades, produtos e processos. Referente à música, assunto intrínseco a essa dissertação e ao seu objeto de estudo, pode ser entendida como forma de manifestação artística, cultural e social do tempo e do lugar em que é criada; meio de comunicação que expressa sentimentos e opiniões; e indústria criativa que agrega valor cultural e econômico, desempenhando um papel na cultura e no entretenimento mundial.

No caso do Peitão, a comunicação contribuiu para a formação da comunidade por meio da comunicação digital. Pelo uso da tecnologia, as integrantes do movimento se mantêm em contato desde a idealização do evento até o momento em que esta dissertação era redigida, estabelecendo relacionamentos por meio de seu grupo de WhatsApp. Essa interação promovida on-line é indicada por Recuero (2009) como a representação do processo comunicacional, que se configura como a ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, e que, segundo Rodrigues (2015), como resultado do uso da tecnologia, constitui outras formas de interação que independem de tempo e espaço.

Consequentemente, a comunicação contribui na constituição de uma comunidade criativa pelo fato de se tratar, conforme Peruzzolo (2012), de fenômeno de caráter humano que ocorre na busca pela relação interpessoal. Ademais, como proposto por França (2001) o processo comunicativo é algo vivo, dinâmico, instituidor de sentidos e relações, em que os sujeitos assumem papéis e constroem socialmente um espaço de realização e renovação da cultura.

Ao conciliar as características apontadas por França (2001) e Peruzzolo (2012), o processo comunicacional promotor do Movimento Peitão contribui essencialmente para a estruturação da comunidade criativa na construção de um espaço favorável à

promoção da criatividade, propiciando, ainda, a união das integrantes em uma comunidade que supera limites físicos, locais e territoriais, que, como efeito, subsidia transformações sociais.

Os resultados expostos evidenciam que a comunicação como indústria criativa constitui um campo propício para o estudo e integração de novos conceitos e objetos, que contenham um caráter de atividade criativa e revelem algo inovador na área, como é o caso da comunidade criativa e do Peitão da Composição Regional. A explanação deste subcapítulo responde às questões e objetivos da dissertação e sustentam as conclusões que encerram o estudo.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação elaborou um estudo no campo da Comunicação como Indústria Criativa que consistiu na busca pelo entendimento da comunicação como formadora de uma Comunidade Criativa. O início dessa reflexão se deu no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, por meio das propostas das disciplinas que compõem o curso, aliando o conhecimento à observação de um movimento de mulheres que se une para compor.

A partir da consideração de alguns conceitos aliados à área da Comunicação e da Indústria Criativa no estudo do Peitão da Composição Regional, foi percebida uma possível ligação desse movimento com a área estudada no PPGCIC, em especial pelo estímulo criativo empreendido em sua idealização. Baseado nisso, foi suscitada a problemática dessa pesquisa e planejado o percurso metodológico que conduziu o estudo.

Como problema de pesquisa a dissertação voltou-se a responder: ‘como a comunicação pode contribuir na constituição de uma Comunidade Criativa como o movimento Peitão da Composição Regional?’. Por essa indagação, o objetivo geral buscou compreender de que forma a comunicação pode contribuir na constituição de uma Comunidade Criativa no movimento Peitão da Composição Regional. Com esse propósito, os objetivos específicos buscaram: relacionar o conceito de Comunidade Criativa com a área da Indústria Criativa; mapear as fases da música regional gaúcha e a inserção das mulheres nesse movimento; identificar de que modo o ambiente criado no 1º Peitão promove a criatividade; analisar as percepções das integrantes do Movimento Peitão acerca do seu papel enquanto Comunidade Criativa.

Para tanto, foi aplicada uma abordagem pragmatista estimulada pelo problema e o objeto de pesquisa - o movimento Peitão da Composição Regional - na busca por seu entendimento e possibilidades enquanto ação comunicativa e criativa que utilizou abordagens teóricas e metodológicas para a discussão e a prática da pesquisa. De agora em diante, como forma de embasar as conclusões e direcionar futuros desdobramentos do estudo, será realizada uma retomada do que foi abordado ao longo desta dissertação.

No primeiro capítulo foi apresentada a Comunicação como Indústria Criativa. Por meio das considerações e interligações viabilizadas pelos dois campos, foi possível

identificar a inserção entre a Economia e a Indústria Criativa, que embora guardem origens análogas e relacionadas, e tenham a criatividade como insumo principal, diferem entre si. A Economia Criativa por agregar valor ao produto da criatividade pela produção e distribuição de produtos criados pela Indústria Criativa que gera a inovação pelo emprego da criatividade. Esse esclarecimento serviu para identificar a presença de ambos nos processos originados pelo objeto de estudo.

Por meio disso, foi possível perceber a Indústria Criativa como um campo que oportuniza conexões entre diversas áreas, o que contribuiu, por meio da comunicação, para a formação de uma comunidade. Nesse contexto, a Comunicação como Indústria Criativa caracterizou-se como um fenômeno sociocultural que origina a inovação pela formação de um processo criativo, seja ele um produto, um processo ou, até mesmo, uma Comunidade Criativa. Está aí a contribuição da comunicação, que possibilitou por meio da mediação de plataformas digitais a união e o contato constante entre um grupo de pessoas, no caso o Peitão da Composição Regional que, por isso, estabeleceu um processo comunicacional.

O segundo capítulo abordou os conceitos de Comunidade, Comunidade Criativa e classe criativa, e os relacionou à comunicação. Ao estudar o conceito de comunidade foi possível compreender que sua formação não está necessariamente associada ao compartilhamento de laços sanguíneos e familiares ou limites físicos e geográficos associados ao território. A constituição de uma comunidade pode se dar pela livre escolha de pessoas a partir de um princípio criativo potencializado pela comunicação por meio das mídias digitais. Observou-se que a comunicação on-line potencializa a criação e manutenção de vínculos entre sujeitos facilitando e multiplicando o contato interpessoal superando a necessidade de existência de um local comum. Nesse sentido, Palácios (2001) indicou o sentimento de pertencimento como uma condição fundamental para a definição de uma comunidade.

Em sequência, a teoria evidenciou que comunidades criativas se formam pela associação de indivíduos com objetivos afins, que utilizam a criatividade em coletivo para promover o intercâmbio social e a solução de questões preexistentes e que, também, a criatividade, como um fenômeno multidirecional fruto da atividade humana, pode ser potencializada quando exercida em um lugar com elevados graus de tolerância social e densas redes de confiança e apoio mútuo.

O terceiro capítulo foi importante para o entendimento da música como um veículo de comunicação que evidencia os padrões e costumes existentes na sociedade

em que é produzida. Evidenciou-se também que seu significado varia de acordo com o local e o tempo, do mesmo modo como se relaciona com os indivíduos. Tais compreensões foram significativas para a percepção desse meio, visto que na dissertação a música foi considerada como produto da economia e da Indústria Criativa, forma de comunicação e área de inserção do objeto de estudo.

O mapeamento realizado sobre a música regional gaúcha evidenciou que o seguimento foi formado por movimentos que surgiram com o intuito de divulgar um estilo de composição ou comportamento; questionar realidades socioeconômicas; romper padrões temáticos e propor estéticas inovadoras, seja pela composição, temática ou combinação de ritmos, todos trazendo assuntos vigentes na época de seu estabelecimento.

Nesse íterim, percebe-se que a figura da mulher foi relegada à representação da visão masculina, ocasionando um apagamento do feminino nas composições ou então exaltação comparativa aos animais ou objetos. Nota-se, também, a presença da mulher em todos os movimentos originados no cancionero gaúcho, sendo em alguns ofuscadas pela figura do homem, enquanto em outros obtiveram maior destaque ocupando o lugar de intérpretes e, posteriormente, de compositoras e instrumentistas. Tudo isso se deve à construção social e representativa do gaúcho sob uma sociedade patriarcal que remonta a padrões e comportamentos do século XIX.

No quarto capítulo, foram trazidas as abordagens e técnicas metodológicas aplicadas ao longo da pesquisa, sendo elas a pesquisa bibliográfica e documental e aplicação de questionários e execução de entrevistas, e apresentou na sequência a análises de ambas as técnicas e os resultados. A pesquisa bibliográfica possibilitou a discussão teórica necessária para o desenvolvimento da problemática e o estabelecimento da intersecção entre os conceitos apresentados; a pesquisa documental permitiu a construção do objeto mediante a reunião de notícias e artigos publicados na mídia; a aplicação de questionários identificou de que modo o ambiente criado no 1º Peitão promoveu a criatividade; e a realização das entrevistas investigou como a comunicação pode ser promotora de uma Comunidade Criativa. Por fim, a análise dos resultados do estudo permitiu relacioná-los aos objetivos e ao problema de pesquisa.

Pelos resultados, foi possível afirmar que o Peitão da Composição Regional pode ser considerado uma Comunidade Criativa que, pelo uso da criatividade, busca resolver um problema ou questão comum ao grupo - a escassa presença de mulheres compositoras na música gaúcha - e que a comunicação contribui para a constituição de

uma comunidade ao estabelecer processos comunicacionais que instituem laços, promovem a união e organização do grupo, que formam produtos ou processos resultantes da criatividade.

Com base no que foi apresentado, considera-se que pesquisar a Comunidade Criativa, sob a égide da Indústria Criativa, fortalece ambas as áreas. Ao ser estudada como integrante da Indústria Criativa, o conceito de Comunidade Criativa ganha mais evidência e entendimento pela associação dos conceitos e investigações voltadas ao campo das Indústrias Criativas. Essa associação fortalece seu escopo aliando as inovações, produtos e processos provenientes das comunidades e, igualmente, a economia criativa, que poderá agregar valor pela produção e distribuição desses bens.

Relacionar o conceito de Comunidade Criativa e estudá-lo como Indústria Criativa representa um ganho para ambas as áreas e, também, para o estímulo da criatividade. Ao ponderar, promover ou viabilizar o que foi ou poderá ser criado em uma Comunidade Criativa e trazê-lo para o uso comum ocasionará benefícios para a sociedade, proveniente da criatividade, tendo em conta as diferentes motivações e aplicação que estimulam a formação de uma Comunidade Criativa.

Em relação ao objeto de estudo, apoiado no que foi abordado no terceiro capítulo, que remonta à formação do cancioneiro gaúcho, é natural que o Peitão da Composição Regional seja nomeado como um movimento. Pois, os movimentos originados na música gaúcha vieram justamente para evidenciar assuntos menosprezados no seguimento. Assim, o Peitão veio para evidenciar a forma como a mulher retratada e para suprir a pouca presença de compositoras, sem distinções estilísticas e temporais, em um ambiente de comunhão e estímulo criativo que não promove a competição entre os produtos ali criados.

Talvez esteja aí sua principal contribuição enquanto movimento - além do seu pioneirismo em abordar um assunto nunca evidenciado e em reunir mulheres em um ambiente voltado à composição - esteja na dimensão histórica que essa iniciativa poderá ganhar e no fomento à música gaúcha que poderá trazer. Esses resultados só poderão ser mensurados com o tempo, mas o que conseguimos observar agora é que enquanto atividade criativa o Peitão movimenta a Indústria e a Economia Criativa pelas parcerias, composições e atividades culturais provenientes do evento. Os resultados, também, se apresentam em cada participante, que pelo estímulo recebido podem criar tanto presencialmente em comunidade, quanto individualmente sem deixar de pertencer ao movimento.

Concretizar mais um trabalho relacionado à música regional gaúcha trouxe um ganho duplo, ao inovar dentro de meu campo de pesquisa, ampliando um assunto que vem sendo tratado desde a graduação, agora abordando o trabalho de compositoras mulheres. Ao fazer isso, pela perspectiva comunicacional relacionando o conceito de Comunidade Criativa com a área da Indústria Criativa, sinto que o pensamento construído a as relações estabelecidas entre todas as áreas, campos e conceitos que constituíram a presente dissertação contribui como fonte de conhecimento, consulta e pesquisa para futuros estudos em todas essas áreas e se soma em minha trajetória acadêmica como estímulo ao desenvolvimento de novos estudos e formações.

Esse trabalho contribui, ainda, para área tanto da Comunicação quanto da Indústria Criativa ao possibilitar o intercâmbio de saberes e oportunizar o desenvolvimento de trabalhos e pesquisas que permitem a abordagem de diferentes objetos de estudo, abordagens e técnicas metodológicas de pesquisa que não estão necessariamente relacionados ao campo de aplicação do estudo. Da mesma maneira, realizar essa pesquisa trouxe a satisfação de poder contribuir de alguma forma para a visualização da mulher, das iniciativas e trabalhos por elas desenvolvidos no meio musical gaúcho, do qual, em determinados movimentos, sou consumidor e me identifico por questões locais de nascimento e pertencimento cultural.

Como profissional da comunicação foi realizador unir a pesquisa acadêmica ao fazer jornalístico, exercitado na realização de todas as etapas envolvidas na realização de entrevistas, desde a produção, realização da entrevista em si, decupagem e redação dos relatos. Além disso, o fato de poder tratar, ouvir, conversar e contar a trajetória e motivações de mulheres singulares e de suma importância pelo que fizeram e fazem pelo segmento cultural gaúcho é enriquecedor de maneira pessoal, profissional e acadêmica. Tais considerações nesse ponto podem até soar repetitivas, mas se fazem necessárias.

O conjunto do que foi apresentado justifica o título dessa dissertação, que traz a palavra 'querência' para expressar um lugar que se passa a querer bem, a se sentir parte, como em uma comunidade. Uma Comunidade Criativa de representação do feminino, com questões, lutas e vínculos, que vão sendo construídos e constituindo processos comunicacionais por um grupo que enaltece a cultura, a música e a criatividade como elemento de mudança e identificação.

Portanto, esta dissertação buscou evidenciar o processo comunicacional existente nesses âmbitos, permitindo afirmar a comunicação como promotora de uma

comunidade criativa, estimuladora da criatividade e - por que não - da Indústria Criativa, sendo ela – a comunicação – a grande responsável pela interligação de todos os campos e inovações.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Agostinho Luís. **O PAMPA NA CIDADE: O IMAGINÁRIO SOCIAL DA MÚSICA POPULAR GAÚCHA**. 2005.

ALVES, Oristela Goulart. Entrevista 3. [Fev. 2023]. Entrevista ao autor. Porto Alegre, 20/02/2023. (por videoconferência). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta monografia.

AMADO, Pedro; VELOSO, Ana Isabel. **O Papel das Comunidades Criativas Online: a Alteração da Relação entre Produtores, Consumidores e Agentes das Indústrias Criativas**. In: VII Congresso SOPCOM, Universidade do Porto, 2011. Disponível em: <<[https://www.researchgate.net/publication/274080323\\_O\\_Papel\\_das\\_Comunidades\\_Criativas\\_Online\\_a\\_Alteracao\\_da\\_Relacao\\_Entre\\_Produtores\\_Consumidores\\_e\\_Agentes\\_das\\_Industrias\\_Criativas](https://www.researchgate.net/publication/274080323_O_Papel_das_Comunidades_Criativas_Online_a_Alteracao_da_Relacao_Entre_Produtores_Consumidores_e_Agentes_das_Industrias_Criativas)>> Acesso em: 28/10/2022.

**A Música de Oristela Alves**. Diretor: Sandro Cartier, Raquel Guerra. Criação e coordenação de projeto: Sandro Cartier. Santa Maria: Câmara de Eco, 2022. Disponível em: <<[https://www.youtube.com/watch?v=U2yRR\\_BZ-JU](https://www.youtube.com/watch?v=U2yRR_BZ-JU)>> Acesso em: 19/01/2023.

BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha; CARVALHO, Luciana Menezes. **Mídias sociais digitais a partir da ideia mcluhaniana de medium-ambiência**. Matrizes, Ano 7 – nº 1 jan./jun. 2013 – São Paulo – Brasil. Disponível em: <<<https://core.ac.uk/download/pdf/268325282.pdf>>> Acesso em: 21/10/2022.

BENDASSOLLI, Pedro F. et al. **Indústrias Criativas: definição, limites e possibilidades**. RAE, São Paulo, v. 49, n. 1., jan/mar 2009. Disponível em: <<<https://www.scielo.br/j/rae/a/kvm4rNbFpXGNmfDSknxVBSP/?format=pdf&lang=pt>>> Acesso em: 03/07/2022.

BERNARDES, Matheus. Mário Barbará – Trajetória de um Artista. Porto Alegre: Verbo Jurídico, 2019.

**BRINCO DE PRINCESA**. Shana Müller. ACIT, 2010. 1 CD.

BRITTO JÚNIOR, Álvaro Francisco de; FERES JÚNIOR, Nazir. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos**. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011. Disponível em: <<[https://met2entrevista.webnode.pt/\\_files/200000032-64776656e5/200-752-1-PB.pdf](https://met2entrevista.webnode.pt/_files/200000032-64776656e5/200-752-1-PB.pdf)>> Acesso em: 13/05/2022.

BOHMGAREN, Maria de Fátima da Silva Gimenez. Entrevista 4. [Fev. 2023]. Entrevista ao autor. Porto Alegre, 22/02/2023. (por videoconferência). a entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta monografia.

BRUM, Vinícius. A Alma Atada na Gaita – Songbook Luiz Carlos Borges. Porto Alegre: Búfalo Produções, 2016.

BRUM, Ceres. **As (Re) Configurações do Gauchismo**: Pensando as Relações Entre o Movimento Tradicionalista Gaúcho e a Escola. 2006. Disponível em: <<<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/019e3.pdf>>> Acesso em: 11/06/2022.

BUBER, M. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987. Av: Brigadeiro Luís Antônio, 3025 01401 — São Paulo-SP — Brasil.

**CANÇÕES DO CORAÇÃO**. Nair Teresinha. Uruguaiana: FCS Produções, 2001. 1 CD.

**CANÇÕES GUARDADAS**. Shana Müller. GM/2 Música & Selo Gadea, 2020. 1 EP.

**CANTO DE INTERIOR**. Shana Müller. GM/2 MÚSICA, 2016. 1 DVD.

**CRISTAL - 15 Anos de Sucesso**. Fátima Gimenez. Porto Alegre: Ran Discos, . 1 CD.

CARTA DE PRINCÍPIOS. MTG. Taquara: VIII Congresso Tradicionalista, 1961. Disponível em: <<<https://www.mtg.org.br/carta-de-principios/>>> Acesso em: 06/01/2023.

CASAROLI, L.; PERUZZULO, A. C. (2008). **A força da comunicação na sociedade midiática**. *Comunicologia - Revista De Comunicação Da Universidade Católica De Brasília*, 1(1), 64-78. Disponível em: <<<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/864>>> Acesso em: 14/01/2023.

CASTELLS, M. **O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, v.2, 1999.

CORRÊA, Bianca Helena Bergmam Silveira. Entrevista 7. [Fev. 2023]. Entrevista ao autor. Porto Alegre, 24/02/2023. (por videoconferência). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta monografia.

CORONEL, Luiz. **Canto de Leontina das Dores. Cantos de Gaudêncio Sete Luas. Memoráveis Parcerias** / Luiz Coronel – 1. ed. – Porto Alegre: Mecenaz, 2017.

COUGO JUNIOR, Francisco. **A historiografia da “música gauchesca”**: apontamentos para uma História. 2012. Disponível em: <<<https://home.unicruz.edu.br/wpcontent/uploads/2017/03/Alex-Della-Mea-A-MUSICA-DOS-FESTIVAIS-NATIVISTASDO-RIO-GRANDE-DO-SUL-COMO-ELEMENTO-FOMENTADOR-A-AFIRMACAODAS-IDENTIDADES-DO-POVO-GAUCHO.pdf>>> Acesso em: 27/03/2022.

DE LUZ E SOMBRA. Nair Teresinha. Uruguaiana: FCS Produções, 2005. 1 CD.

DEPINÉ, Ágatha. **"A classe criativa como novo vetor do desenvolvimento econômico urbano e regional"**. VIA Revista, publicação institucional do grupo de pesquisa em Habitats de Inovação e Empreendedorismo VIA Estação Conhecimento, da Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.



**Desgarrados - Quatro Décadas da Canção.** Diretor: Matheus Bernardes. Produção: Matheus Bernardes. Porto Alegre: Rec Neles, 2021. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=MU5smHuzBhQ&t=11s>>> Acesso em: 19/01/2023.

DIAS, Valton Neto Chaves. **O consumo de música regional como mediador de identidade.** Santa Maria, RS, 2009. Disponível em: <<<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6294/DIAS%2c%20VALTON%20NETO%20CHAVES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>> Acesso em: 26/03/2022.

DIAS, Valton Neto Chaves; RONSINI, Veneza Veloso Mayora. **Mídia e Cultura: o consumo de música regional na constituição da identidade.** Disponível em: <<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0530-1.pdf>>> Acesso em: 26/03/2022.

DUARTE, Colmar Pereira. **Califórnia da canção nativa: marco de mudanças na cultura gaúcha** / Colmar Pereira Duarte. José Édil de Lima Alves. – Porto Alegre: Movimento, 2001.

**Elas Nos Festivais Nativistas / Só Podia Ser Mulher!**. Diretor: Gustavo Brodinho. Produção de Gustavo Brodinho, Jean Kirchoff. Porto Alegre: Rec Neles, 2021. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=eA7vxKQaN6A&t=4104s>>> Acesso em: 19/01/2023.

FARIAS, Nair Teresinha Cardoso. Entrevista 5. [Fev. 2023]. Entrevista ao autor. Porto Alegre, 22/02/2023. (por videoconferência). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta monografia.

**FÁTIMA GIMENEZ.** Fátima Gimenez. Porto Alegre: A discoteca, 1990. 1 LP.

**FÁTIMA GIMENEZ.** Fátima Gimenez. Porto Alegre: A discoteca, 1991. 1 CD.

**FÁTIMA GIMENEZ.** Fátima Gimenez. Caxias do Sul: ACIT, 1996. 1 CD

FAUSTINO, Paulo. **Origens, Desenvolvimento e Abordagens nas Indústrias Criativas e Culturais.** 2018. Disponível em: <<<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/16391.pdf>>> Acesso em: 01/07/2022.

FEIL, Gabriel Sausen; GUINDANI, Joel Felipe. **Comunicação como e comunicação para a indústria criativa.** In: GUINDANI, Joel Felipe; SILVA, Marcela Guimarães (Orgs.). Comunicação e indústria criativa: políticas, teorias e estratégias. Jaguarão, CLAEC, 2018.

FEITOSA, Sara Alves; BELOCHIO, Vivian de Carvalho. **Quatro relações entre Comunicação e Indústria Criativa.** In: GUINDANI, Joel Felipe; SILVA, Marcela Guimarães (Orgs.). Comunicação e indústria criativa: políticas, teorias e estratégias. Jaguarão, CLAEC, 2018.

FEIX, Daniel. Teixeira – Coração do Brasil. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2019.

FERREIRA, Clarissa. **Gauchismo Líquido: reflexões contemporâneas sobre a Cultura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS: Editora Coragem, 2021.

FERREIRA, Clarissa. **Oficina de Musas Xucras no primeiro festival para mulheres da música regional**. Gauchismo Líquido, 18/07/2019. Disponível em: <<<http://gauchismoliquido.blogspot.com/2019/07/oficina-de-musas-xucras-no-primeiro.html>>> Acesso em: 04/04/2022.

**FIRMANDO O PASSO**. Shana Müller. Porto Alegre: Usa Records, 2006. 1 CD.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa** / Uwe Fiick; tradução Joice Elias Costa. — 3. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORESCIDA RAÍZ. Su Paz. São Leopoldo: Estúdio Velho, 2022. 1 CD.

FLORIDA, R. **A ascensão da classe criativa**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FONSECA, Caue. **Shana Müller: "O machismo não pode ser perpetuado no tradicionalismo"**. GauchaZH, Donna, Porto Alegre, 10/04/2017. Disponível em: <<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2017/04/shana-muller-o-machismo-na-o-pode-ser-perpetuado-no-tradicionalismo-cjpk54l9h003nxpcn1ip4dt89.html>>> Acesso em: 17/07/2022.

FONSECA, Juarez. **O Rei dos Trovadores**. Porto Alegre: Plus Editora, 2019.

FRANÇA, Vera Veiga. **Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?** Disponível em: <<<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784/21359>>> Acesso em: 06/01/2023.

FRANÇA, Vera Veiga. **O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional**. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 153-174.

FREIRE, Karine de Mello; OLIVEIRA, Caio Marcelo Miolo de; **"Soluções habilitantes para formação de comunidades criativas: um caminho possível do design para inovação social"**, p. 109 -132. In: Design e Inovação Social. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: <<<https://openaccess.blucher.com.br/article-details/06-20516>>> Acesso em: 30/04/2022

FREITAS, Carminha de. **Gildo de Freitas – O Trovador dos Pampas**. Porto Alegre: Editora Renascença, 2004.

**GAÚCHA**. Shana Müller. Porto Alegre: Usa Records, 2004. 1 CD.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais**. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

GOLIN, Tau. **Identities: questões sobre as representações socioculturais do gauchismo**. Passo Fundo: Clio, Méritos, 2004.

"**Grande Encontro - Músicas do Gaúchos**" homenageará este ano sonoridade da mulher. Correio do Povo, Porto Alegre, 04/11/2019. Disponível em: <<<https://www.correiodopovo.com.br/artesagenda/grande-encontro-m%C3%BAasicas-do-ga%C3%BAchos-homenagear%C3%A1-este-ano-sonoridade-da-mulher-1.377651>>> Acesso em: 27/07/2022.

**INTERIORANA**. Nair Teresinha. Porto Alegre: Audio Laser, 2012. 1 CD.

IV Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Copacabana, 1975. 1 LP.

HILL, Manuela Magalhães, HILL, Andrew. **Investigação por questionário**. 2. ed. Lisboa: Silabo, 2002.

JACKS, Nilda. **Mídia Nativa. Indústria cultural e cultura regional**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

LAZZARI, Artur; MAZZARINO, Jane M.; TURATTI, Luciana. **Comunidade: a busca de um conceito**. 02/08/16 • Aprobado: 12/09/2016. Disponível em: <<<https://www.revistaespacios.com/a17v38n03/a17v38n03p04.pdf>>> Acesso em: 30/09/2022.

LEAL, Ondina Fachel. **Os Gaúchos: cultura e identidade masculinas no pampa** / Ondina Fachel Leal. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2021.

LERINA, Roger. **Primeiro Peitaco da Composição Regional**. Roger Lerina, 17/07/2019. Disponível em: <<<https://www.matinaljornalismo.com.br/rogerlerina/agenda/primeiro-peitaco-da-composicao-regional/>>> Acesso em: 04/04/2022

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **NATIVISMO: Um fenômeno social gaúcho**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

**Linhas de Pesquisa**. PPGCIC - Programa de Pós Graduação em Comunicação e Indústria Criativa. Disponível em: <<<https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcic/linhas-de-pesquisa/>>> Acesso em: 14/01/2023.

LOPES, Israel. **Teixeirinha – O Gaúcho Coração do Rio Grande**. Porto Alegre: EST/Fundação Vitor Mateus Teixeira, 2007.

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. 2008. Disponível em:

<<[https://instrumentosprojetuais.files.wordpress.com/2019/02/design-para-inovacca7ac830-e-sustentabilidade\\_manzini.pdf](https://instrumentosprojetuais.files.wordpress.com/2019/02/design-para-inovacca7ac830-e-sustentabilidade_manzini.pdf)>> Acesso em: 22/04/2022

**Mapeamento da indústria criativa no Brasil / Firjan – 2022.** – Rio de Janeiro: Firjan, 2008- v.: graf. color. – (Estudos e pesquisas. Ambiente Socioeconômico).

MARTINS, Tiago Costa; OLIVEIRA, Victor da Silva. **Notas sobre a economia criativa e suas interfaces com o desenvolvimento.** In: GUINDANI, Joel Felipe; SILVA, Marcela Guimarães (Orgs.). Comunicação e indústria criativa: políticas, teorias e estratégias. Jaguarão, CLAEC, 2018.

MEA, Alex Sandro Della. **A música dos festivais nativistas do Rio Grande do Sul como elemento fomentador à afirmação da(s) identidade(s) do povo gaúcho.** Cruz Alta-RS, 2016. Disponível em: <<<https://home.unicruz.edu.br/wp-content/uploads/2017/03/Alex-Della-Mea-A-MUSIC-A-DOS-FESTIVAIIS-NATIVISTAS-DO-RIO-GRANDE-DO-SUL-COMO-ELEMENTO-FOMENTADOR-A-AFIRMACAO-DAS-IDENTIDADES-DO-POVO-GAUCHO.pdf>>> Acesso em: 25/03/2022.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 2008.  
MENUHIN, Yehudi; DAVIS, Curtis W. **A música do homem.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MERONI, A. **Creative Communities: People inventing sustainable way sof living.** Milano: Edizioni Polidesign, 2007. Disponível em: <<[https://www.academia.edu/877752/Creative\\_Communities\\_People\\_inventing\\_sustainab le\\_ways\\_of\\_living](https://www.academia.edu/877752/Creative_Communities_People_inventing_sustainab_le_ways_of_living)>> Acesso em: 22/04/2022.

MINAS, Vitor; LOPES, Israel. Pedro Raymundo. Coleção Esses Gaúchos. Porto Alegre: Editora Tchê!, 1986.

MORANDI, Angela Maria. et al. **Economia Criativa Capixaba: uma proposta de metodologia para o seu dimensionamento.** IN: VALIATI, Leandro; FIALHO, Ana Letícia do Nascimento. Atlas Econômico da Cultura Brasileira: metodologia 1. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2017. Disponível em: <<[https://www.ufrgs.br/cegov/files/pub\\_105.pdf](https://www.ufrgs.br/cegov/files/pub_105.pdf)>> Acesso em: 14/10/2022.

**MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO REGULAMENTO GERAL.** MTG. Porto Alegre: 90ª Convenção Tradicionalista, 2021. 96ª Convenção Tradicionalista, on-line, 2022. Disponível em: <<<https://www.mtg.org.br/wp-content/uploads/2022/10/REgulamento-Geral-MTG-outubro-2022.pdf>>> Acesso em: 06/01/2023.

MÜLLER, Shana Goulart. Entrevista 10. [Mar. 2023]. Entrevista ao autor. Porto Alegre, 16/02/2023. (por videoconferência). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice L desta monografia.

MÜLLER, Shana. **#Posteira: Não sou china, nem égua e nem quero que o velho goste!.** RBS TV, Porto Alegre, 07/04/2017. Disponível em: <<<https://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/galpaocrioulo/extras-galpao-crioulo/noticia/po>>>

[steira-nao-sou-china-nem-egua-e-nem-quero-que-o-velho-goste.ghtml](#)>> Acesso em: 02/04/2022.

**ORISTELA ALVES.** Oristela Alves. Santa Maria: Master, 2006. 1 CD.

**OUTONO DOS SENTIDOS.** Sperandires. Osório: Estúdio Cia. A3, 2012. 1 CD.

PALÁCIOS, M. **O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos.** In: RUBIM, A. A. (Org.). Idade média. Salvador: UFBA, 2001.

PAZ, Susane. Entrevista 1. [Fev. 2023]. Entrevista ao autor. Porto Alegre, 16/02/2023. (por videoconferência). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

PERUZZOLO, Adair Caetano . **Comunicação e cultura: implicações epistemológicas.** Revista Multiplicidade | ISSN 2179-8753 | Volume II | Ano I | Março 2012 | Bauru - SP 41-55. Disponível em: <<<https://revistas.fibbauru.br/multiplicidadefib/article/download/51/35/66>. >> Acesso em: 06/01/2023.

PRASS, Luciana. **Nas asas da Varige da Panair:** o Conjunto Farroupilha e o espalhamento da música popular brasileira e gaúcha nos anos 50 e 60 do século XX. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 22, p. 93-129, set./dez. 2017.

**Peitão: o documentário.** Diretor: Maria Rita Dias, Débora Lemos. Produção de Shana Müller, Maria Rita Dias, Débora Lemos, Diego Müller. Brasil: GM2/Filmes, 2020. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=MCZhygF3ZYU>>> Acesso em: 02/04/2022.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. **Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença.** Líbero – São Paulo – v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. de 2009. Disponível em: <<<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Conceitos-de-comunidade-local-e-regi%C3%A3o.pdf>>> Acesso em: 24/09/2022

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **A emergência das comunidades virtuais.** In: Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. Anais... Santos, 1997. Disponível em: <<<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36730/21307>>> Acesso em: 09/10/2022.

POLSBY, Nelson W. “**El estudio del poder em la comunidad**”, in SILLS, David L. (org.) Enciclopedia internacional de las ciencias sociales. Madrid: Aguilar Ediciones, 1974.

PUJOL, Leonardo. **A cantora que resolveu desafiar o machismo da música regionalista gaúcha.** BBC Brasil. BBC NEWS BRASIL, Porto Alegre, 19/04/2017. Disponível em: <<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39649460>>> Acesso em: 04/04/2022.

PUJOL, Leonardo. **Cantora gaúcha Shana Müller desafia o machismo do cancionista regionalista**. Folha de São Paulo, São Paulo, 19/04/2017. Disponível em: <<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/04/1877008-cantora-gaucha-shana-muller-desafia-o-machismo-do-cancioneiro-regionalista.shtml>>> Acesso em: 04/04/2022.

RAMIL, Vitor. Vitor Ramil - Songbook. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet** / Raquel Recuero. – Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Dezembro de 2005. Disponível em: <<<https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/57/57>>> Acesso em: 21/10/2022.

REIS, Jairo. **1º Peitaco reúne mulheres gaúchas**. Ronda dos Festivais, 20/07/2019. Disponível em: <<<https://rondadosfestivais.blogspot.com/2019/07/1-peitaco-reune-mulheres-gauchas.html>>> Acesso em: 04/04/2022.

**RELATÓRIO de economia criativa 2010 – economia criativa uma opção de desenvolvimento**. Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc.; São Paulo: Itaú Cultural, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

RODRIGUES, João Vitor. **Gramática da Amizade: Estudo sobre Comunicação e a construção das emoções nas redes sociais on-line**. Disponível em: <<<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3638-1.pdf>>> Acesso em: 14/01/2023.

ROSSETTI, Regina. **Categorias de inovação para os estudos em Comunicação**. Comunicação & Inovação, São Caetano do Sul, v. 14, n. 27:(63-72) jul-dez 2013.

SANTI, Álvaro. **Canto Livre? O Nativismo gaúcho e os poemas da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 1999. Disponível em: <<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93345/000233710.pdf?sequence=1>>> Acesso em: 27/03/2022.

**SHANA MÜLLER AO VIVO**. Shana Müller. GM2, 2012. 1 CD.

SILVA, Charlise Pereira e. Entrevista 2. [Fev. 2023]. Entrevista ao autor. Porto Alegre, 17/02/2023. (por videoconferência). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia.

SILVA, Dânae Rasia da. **REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS MÚSICAS DA COXILHA NATIVISTA, NA DÉCADA 2006 – 2015**. Cruz Alta – RS, 2017. Disponível em:

<<<https://home.unicruz.edu.br/wp-content/uploads/2017/03/D%C3%82NAE-RASIA-REPRESENTA%C3%87%C3%83O-DA-MULHER-NAS-M%C3%9ASICAS-DA-COXI LHA.pdf>>> Acesso em: 04/06/2022.

SILVA, Laura Rosa da; OLTAMARI, Leandro Castro. **“DE BEIJA-FLOR A URUBU”**: REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NA MÚSICA GAÚCHA. 2010. Disponível em: <<[http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277685081\\_ARQUIVO\\_beijafloraurubu.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277685081_ARQUIVO_beijafloraurubu.pdf)>> Acesso em: 13/06/2022.

SILVA, Marcela Guimarães. **Pesquisa, Desenvolvimento & Inovação em Comunicação e Indústria Criativa: noções introdutórias**. In: GUINDANI, Joel Felipe; SILVA, Marcela Guimarães (Orgs.). Comunicação e indústria criativa: políticas, teorias e estratégias. Jaguarão, CLAEC, 2018.

SPERANDIR, Adriana Pacheco. Entrevista 8. [Fev. 2023]. Entrevista ao autor. Porto Alegre, 27/02/2023. (por videoconferência). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta monografia.

SPERANDIR, Adrieli Pacheco. Entrevista 9. [Fev. 2023]. Entrevista ao autor. Porto Alegre, 28/02/2023. (por videoconferência). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta monografia.

SPERB, Paula. **Gaúchas se organizam para compor músicas regionais sem machismo**. Folha de São Paulo, São Paulo, 07/03/2020. Disponível em: <<<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/03/gauchas-se-organizam-para-compor-musicas-regionais-sem-machismo.shtml>>> Acesso em: 02/04/2022

SOUZA, Carlos Eduardo de. **Mitos e Possibilidades do Ensino de Música no Contexto Escolar**: uma análise crítica à luz da teoria histórico-cultural. São Carlos, 2016. Disponível em: <<<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8476/TeseCES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>> Acesso em: 23/03/2022.

TEREZINHA, Mary. *A Gaita Nua – Autobiografia*. Porto Alegre: Editora Rígel, 1992.

TÖNNIES, F. **Comunidade e sociedade como entidades típicoideais**. In: FERNANDES, F. (Org.). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 96-116.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

V Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul. São Paulo: Continental, 1976. 1 LP.

VALIATI, Leandro. et al. **Economia Criativa e da Cultura: conceitos, modelos teóricos e estratégias metodológicas**. IN: VALIATI, Leandro; FIALHO, Ana Leticia do Nascimento. Atlas Econômico da Cultura Brasileira: metodologia 1. Porto Alegre:

Editora UFRGS, 2017. Disponível em: <<<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/200211>>>  
Acesso em: 14/10/2022

VALIATI, Leandro; HERITAGE, Paul. **Economia criativa e disparidades: inspirações e desafios do Cool Britain para um Brasil Criativo**. REVISTA DO CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO / Nº 6, junho 2018. Disponível em: <<<https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/e6223804/a6da/4fc0/9195/e7a747394d9f.pdf>>>  
> Acesso em: 14/10/2022.

VELOSO, Luiza Gomes. Entrevista 6. [Fev. 2023]. Entrevista ao autor. Porto Alegre, 23/02/2023. (por videoconferência). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta monografia.

VELOSO, Luiza Gomes. **Um palco para a mulher gaúcha: percepções sociais acerca da imagem da mulher na música nativista**. Santa Maria, RS, 2023.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. **O conceito de comunidade na Comunicação**. Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 438-458, maio-agosto 2014. Disponível em: <<<https://www.redalyc.org/pdf/4955/495551016004.pdf>>> Acesso em: 23/09/2022.

6ª Tertúlia Musical Nativista. São Paulo: Gravações Elétricas S.A., 1985. 1 LP.

50 Anos de Nativismo - 6º Episódio. 50 Anos de Nativismo. Diretor: Henrique de Freitas Lima. Porto Alegre: TVE, 27/12/2022. Programa de TV.



## APÊNDICES

### APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

09/07/2022 18:18

QUESTIONÁRIO 1º PEIÇÃO DA COMPOSIÇÃO REGIONAL

## QUESTIONÁRIO 1º PEIÇÃO DA COMPOSIÇÃO REGIONAL

Este questionário integra a pesquisa de dissertação de Mestrado de Matheus Bernardes para o Programa de Pós Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) - Campus São Borja. A pesquisa visa apresentar o 1º Peição da Composição Regional como Comunidade Criativa e a música regional gaúcha como Indústria Criativa. O questionário pretende coletar dados sobre o evento, buscando informações sobre como se organizam, como funciona o evento, como o ambiente criado com a finalidade de compor influencia na criatividade e quebras de padrões dominantes. E, a partir do 1º Peição, como as composições nascidas movimentam a indústria criativa? O questionário foi dividido em três blocos temáticos: (1) informações pessoais; (2) relação sobre a participação no evento; e (3) resultados da participação.

\*As informações coletadas na pesquisa serão convertidas em dados sem divulgação da identidade das respondentes.

---

\*Obrigatório

#### INFORMAÇÕES PESSOAIS

1. Nome completo: \*

---

2. Nome Artístico:

Opcional.

---

3. Data de Nascimento:

Opcional.

---

*Exemplo: 7 de janeiro de 2019*

4. Cidade de Nascimento: \*

---

09/07/2022 18:18

QUESTIONÁRIO 1º PEIÇAÇO DA COMPOSIÇÃO REGIONAL

5. Cidade onde reside: \*

---

6. Qual sua ocupação no âmbito musical e/ou cultural? \*

É possível selecionar mais de uma resposta. Caso a opção desejada não esteja entre as listadas abaixo, por favor, cite-as na opção "Outros".

*Marque todas que se aplicam.*

- Cantora
- Instrumentista
- Melodista
- Letrista
- Outro: \_\_\_\_\_

#### PARTICIPAÇÃO NO EVENTO

7. Idade quando participou do 1º Peitãoço?

Opcional.

---

8. Já havia participado de algum evento como esse, dedicado à criação e composição? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

9. Há diferença entre compor em um ambiente dedicado a essa finalidade, como o 1º Peitãoço, em relação a outros ambientes? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

09/07/2022 18:18

QUESTIONÁRIO 1º PEITAÇO DA COMPOSIÇÃO REGIONAL

10. Considerando a resposta anterior, que instintos criativos o 1º Peitaço te despertou? \*

Considere como instintos criativos a criatividade/inspiração para composição.

---

---

---

---

---

11. Em sua opinião, qual a maior importância de movimentos como esse para a criação? \*

Marque todas que se aplicam.

Promover espaços de reflexão sobre a composição.

Incentivar o surgimento de novas compositoras.

Formar grupos e parcerias criativas.

Outro: \_\_\_\_\_

12. Como compor no 1º Peitaço influenciou em sua carreira?

---

---

---

---

---

13. Como você vê o papel da mulher na música gaúcha?

---

---

---

---

---

#### RESULTADOS DA PARTICIPAÇÃO

09/07/2022 18:18

QUESTIONÁRIO 1º PEITAÇO DA COMPOSIÇÃO REGIONAL

14. Você fez sua primeira composição no 1º Peitaço? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

15. De quantas composições participou? \*

A resposta deverá ser em números.

---

16. Cite o título de suas criações no evento: \*

---

---

---

---

---

17. Em que parte da criação participou? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Melodista

Letrista

Outro: \_\_\_\_\_

09/07/2022 18:18

QUESTIONÁRIO 1º PEIÇAÇO DA COMPOSIÇÃO REGIONAL

18. Na apresentação da composição, que papel desempenhou? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Intérprete
- Instrumentista
- Melodista
- Letrista
- Outro: \_\_\_\_\_

19. Quais composições produzidas durante o 1º Peiçaço já foram disponibilizadas ao público?

Gravações, lançamentos em plataformas físicas ou digitais, e participação em festivais.

---

---

---

---

---

20. Quais parcerias profissionais nasceram do 1º Peiçaço?

---

---

---

---

---

09/07/2022 18:18

QUESTIONÁRIO 1º PEIÇÃO DA COMPOSIÇÃO REGIONAL

## 21. Depoimento sobre o Peitão:

Opcional – Deixe um depoimento em linhas gerais sobre a experiência de participar de um evento direcionado à criação, como foi o 1º Peitão da Composição Regional. Como foi participar do 1º Peitão? Qual seu legado e como contribui para a posteridade?

---

---

---

---

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

**APÊNDICE B - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA**

1. Como e quando se deu seu ingresso no movimento Peitão?
2. Qual seu papel no movimento? Participa da organização?
3. Já interagiu ou tinha algum tipo de relacionamento com alguma das integrantes?
4. Qual a importância de fazer parte desse movimento?
5. Participou de uma ou das duas edições? Qual?
6. Como se organizam para as edições e eventos afins? (apresentações, gravações, entrevistas)
7. O que mais chamou sua atenção no movimento?
8. De que forma se mantém em contato nos períodos em que não estão reunidas presencialmente?
9. Faz parte de grupos no whatsapp ou nas redes sociais? Você é ativa nesses espaços?
10. Como foi a relação com a comunicação pela mídia digital? Houve alguma dificuldade?
11. Você se sente parte de uma comunidade ao participar do Peitão? Por que?
12. Existe sentimento de pertencimento a essa comunidade?
13. O que é comunidade para você?
14. De que forma participar do peitão fortalece o pertencimento ao território e aos símbolos do Rio Grande do Sul? (música)
15. O que é criatividade para você?
16. O movimento peitão incentiva o exercício da criatividade?
17. O exercício da criatividade no Peitão se dá de maneira individual ou coletiva? Como?
18. Você acredita que enquanto comunidade o Peitão resolve o problema da representação e do protagonismo da mulher na música gaúcha?
19. Você conhece a ideia de comunidade criativa?
20. Acredita que o Peitão pode ser considerado uma comunidade criativa?
21. Para você, que reais mudanças o trabalho desenvolvido no Peitão promove para as mulheres na indústria fonográfica? (dá mais visibilidade)
22. Sobre participação feminina na música gaúcha, qual a sua observação?
23. Como (ocupação de cada entrevistada) como se vê na música gaúcha?
24. De que modo o Peitão atua nessa realidade?
25. Enquanto espaço criativo, que influência o Peitão fez na sua carreira?

26. Tem algo a mais que gostaria de acrescentar?

**PERGUNTAS DIRECIONADAS AS ORGANIZADORAS**

27. Porque surgiu a necessidade de fazer esse movimento?

28. Como se deu a definição do nome?

29. Alcançaram os objetivos?

30. O que vislumbram para o futuro?



## APÊNDICE C - ENTREVISTA SU PAZ

PAZ, Susane. Entrevista concedida a Matheus Bernardes em 16 de fevereiro de 2023 por videoconferência para o projeto de mestrado em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC): "Uma querência entre acordes: práticas comunicacionais no Peitão da Composição Regional e a constituição de uma Comunidade Criativa".

**Matheus Bernardes (M.B):** Como e quando se deu seu ingresso no movimento Peitão?

**Su Paz (S.P):** Eu fui uma das convidadas não para a organização, mas para participar mesmo. No fim do ano de 2018, quando estava começando a organização. Me convidaram para participar e a organização veio mais posteriormente.

**M.B:** Qual seu papel no movimento?

**S.P:** Olha, são vários papéis. Como nosso movimento é muito jovem ainda, a gente recém começou e também são várias barreiras para quebrar, então, até na questão da organização do evento a gente já começa quebrando algumas barreiras. Porque até na cadeia produtiva, assim na cadeira de profissionais da produção a gente vê uma certa escassez dentro da cultura, que possam ancorar essa parte dos eventos. Se eu te falar, assim, que eu tenho um cargo ali vou te dizer que não, porque todas nós, da organização, a gente faz várias coisas, né, então a gente mexe no financeiro, a gente também mexe na comunicação, a gente também mexe na estrutura, a gente mexe no comercial, cada uma faz um pouco. O que ficou mais óbvio assim de eu cuidar foi a parte das redes sociais.

**M.B:** Já interagia ou tinha algum tipo de relacionamento com alguma das integrantes?

**S.P:** Já, várias meninas ali eu já conhecia.

**M.B:** Qual a importância de fazer parte desse movimento?

**S.P:** Ah, é muito importante. Nós temos a situação cultura, temos a situação mulheres, temos maternidade, temos composição, temos tradição. São muitos assuntos que o Peitão abraça, na verdade, não é só um ato de resistência feminino dentro nativismo, mas também é um templo de reflexão sobre vários assuntos pertinentes à presença feminina no setor da cultura.

**M.B:** Participou de uma ou das duas edições?

**S.P:** Participei das duas.

**M.B:** Como se organizam para as edições e eventos afins? Como apresentações, gravações, entrevistas...

**S.P:** Hoje, a comissão organizadora são cinco pessoas e tudo parte dessa comissão. Como eu te falei, não é nada muito claro os cargos, a gente não dividiu, então a gente age em comunhão. Parte de nós ir atrás dos recursos, para colocar em prática. Parte de nós fazer os roteiros como por exemplo o último evento que nós fizemos na Casa de Cultura Mário Quintana. Tudo é a gente que faz. E daí, quem a gente pode chamar, que tem a ver naquela situação ali para ajudar e que seja mulher, a gente chama e agrega.

**M.B:** Integrante ou não do Peitão?

**S.P:** No caso de chamar para organização?

**M.B:** Isso.

**S.P:** Integrante ou não. Teve pessoas que entraram inclusive nessa *vibe* de colaboração, só que, claro, tem algo a ver com cultura. Isso a gente cuida bastante. Mas sim, pessoas que entraram agora na segunda edição [do Peitão], por exemplo, foram através de ajuda.

**M.B:** O que mais chamou sua atenção no movimento?

**S.P:** O quanto a gente não enxergava as nossas amigas. Acho que isso é o ponto principal. Porque, como eu tava te falando, tinha meninas ali que eu já conhecia, umas a grosso olhar, umas dez gurias. Só que na primeira edição, por exemplo, foram mais de quarenta e cinco mulheres. Então os laços se estreitaram com aquelas pessoas que a gente passava no camarim, que descia do palco, passava na escadinha ali e só dava um ‘oi, super, legal, não sei o que, bla, bla, bla...’ mas não parava para conversar. Nesse momento a gente acabou parando e se conhecendo. Então, assim, hoje eu me comunico com uma média de trinta pessoas pelo menos, que continuaram na minha rede.

**M.B:** De que forma se mantém em contato nos períodos em que não estão reunidas presencialmente?

**S.P:** Tecnologia. Internet. Pelo WhatsApp, principalmente pelo grupo do WhatsApp. A gente faz como a gente tá fazendo aqui agora, marca reuniões da comissão, conversa, põe o que a gente precisa, o que não precisa, e geralmente a comunicação com as outras meninas é direto no grupo do WhatsApp.

**M.B:** Faz parte de grupos no WhatsApp ou nas redes sociais? Você é ativa nesses espaços?

**S.P:** Sim, bastante.

**M.B:** Como foi a relação com a comunicação pela mídia digital? Houve alguma dificuldade?

**S.P:** Olha, a gente ainda não tem uma base muito clara. Inclusive, como eu tava te falando, a gente vai fazendo conforme dá, então uma estratégia para alcançar um público maior, pras pessoas ficarem mais curiosas sobre o assunto, a gente não traçou. Fez como a gente tinha recurso na hora, e tem sido assim. Mas eu acho que a aceitação foi muito boa, inclusive eu acho que a gente conseguiu carimbar isso fazendo a segunda edição. Havia muita desconfiança de que não daria certo, das pessoas, a gente chegou a sentir alguns comentários, algumas conversas que a gente ficou sabendo, de homens e mulheres, nem vou entrar nesse mérito, mas que a gente não ia conseguir sustentar esse evento, que o primeiro ia dar fofoca porque mulher quando se junta tudo vira fofoca, que iam brigar, que não iam se aguentar três, quatro dias juntas e tal.

E na verdade foi maravilhoso, a primeira edição, e a segunda foi melhor ainda, embora, também, foi abaixo do mau tempo, foi muito mais em cima do laço que a gente conseguiu colocar em prática a segunda edição. Mas o clima das mulheres e o entendimento delas sobre esse coletivo, de estar ali convivendo em uma estrutura que não é ainda a que a gente gostaria de oferecer, mas que é uma forma de a gente estar junto ali. Então todas muito conscientes disso, muito felizes, interagindo, fazendo as dinâmicas, assistindo e participando das oficinas. Então para nós é perfeito assim.

**M.B:** Você se sente parte de uma comunidade ao participar do Peitão? Por que?

**S.P:** Sim. Porque, complementando até o assunto anterior, a gente conseguiu. As pessoas já olham para gente, quando chegamos num evento x, tal, festival não sei das quantas, 'as gurias do Peitão'. Ficou. Marcou. Entendeu?! Então não tem como negar que a gente é daquela comunidade.

- Ah, quando vai ser o Peitão? - Ah, como é que foi o Peitão? Direto vêm essas perguntas. 'E aí, já estão se programando?' E entre nós mesmas, é aquilo que eu estava te falando. A gente não tinha esse costume antes, hoje se uma não tá cuidando, a outra tá, para ver se em tal lugar, tal festival, tem quantas mulheres, passou quantas mulheres, quantas mulheres tão cantando, quantas são instrumentistas. A gente tá sempre cuidando disso. Sempre tem alguém reparando. E quando uma vai, a outra mesmo que não vá participar, vai lá torcer por ela, criou essa rede.

**M.B:** O que você entende por comunidade?

**S.P:** Na verdade, uma comunidade para mim é um grupo de pessoas que tem um propósito em comum, que conseguem conviver com esse propósito e conseguem achar caminhos para que esse propósito se perpetue ou que ele seja concretizado, executado de fato. Para mim, uma comunidade funciona assim: são pessoas que têm, mais ou menos o mesmo pensamento, os mesmos anseios.

**M.B:** Existe sentimento de pertencimento a essa comunidade do Peitão?

**S.P:** Existe, com certeza. Eu acho que é que nem família: eu falo mal da minha família, mas tu não pode falar. Tu não pode falar! Sabe aquela coisa?! É mais ou menos isso. A gente sabe que tem muita coisa pra melhorar, sabe?! Bah, a gente tá engatinhando mesmo, mas a gente tem muito orgulho do que foi feito até então. Então existe um sentimento de pertencimento muito grande.

**M.B:** De que forma participar do Peitão fortalece o pertencimento ao território e aos símbolos do Rio Grande do Sul?

**S.P:** Acho que no momento que tu junta esse monte de mulheres, com um monte de histórias, referências, de diferentes lugares geográficos do Rio Grande do Sul, mulheres que beberam de várias vertentes na música nativista. E também pela proposta que nós temos, da dinâmica, eu acho que isso aguça bastante esse sentimento, porque a gente não fala da composição em si. ‘Ah, tá, agora começou o festival, esse é o tema e a gente vai compor...’ não! A gente se preocupa em dar um apoio para essas mulheres, inclusive de aceitação dentro do meio nativista, porque a gente sabe que não é fácil ser mulher no meio nativista. Então a gente procura ampliar essa rede de apoio, com oficinas de teatro, oficinas de canto, oficinas de fonoaudiologia, oficinas de história de composição rítmica. Os assuntos são variados, principalmente as dinâmicas de bem-estar das mulheres para gente começar a se desgrudar dos nossos traumas dentro desse meio. Ressignificar tudo isso que a gente veio vivendo e conseguir compor de fato, estar leve para compor. Voltando para a pergunta, eu acho que tudo isso fortalece, porque no momento que tu entende aonde tu tá, porque que tu tá, tu valoriza quem tu é. O Rio Grande do Sul não foi feito só por homens, e muitas vezes nos livros está bem sublinhado isso, esqueceram de contar a parte da mulher. E no momento que a gente entende que a gente tinha lavadeiras, tinha costureiras, tinha curandeiras, enfim... “n” mulheres que cuidavam da administração de uma fazenda na época de guerra, “n” coisas que mulheres faziam que eram de extrema importância. No momento que a gente entende tudo isso, a gente sabe que a gente é uma parte da história do Rio Grande do Sul. Então, conseguimos também alavancar esse sentimento pra entender que a gente

faz parte sim da história, a gente tava lá, embora algumas pessoas não falem. E o amor cresce. Com certeza. Até porque a gente consegue começar a explicar. Veja bem, eu falei isso lá no Peitão até, os homens já fizeram ‘a parte deles’, ‘a história deles’, e agora eles já estão no recreio. Sabe?! Nós não, a gente recém está aprendendo a ler e a escrever, a gente está no começo do negócio, embora o negócio já tenha começado, a gente tá começando como mulher. Então é um caminho que a gente não escreve porque? Porque talvez a gente não consiga se expressar, porque a gente não consegue se entender. E no momento que a gente se entender, a gente vai conseguir expressar isso. Então também é um trabalho inclusive pras palestrantes ali, de poder expor, de conseguir expor de uma forma clara o porquê dos porquês, que nós estamos ali hoje, século XXI, ano de 2022, que foi o último, dentro de um galpão de pedra, falando sobre coisas muito antigas, para poder hoje, dentro da nossa contemporaneidade, escrever o que a gente quer. Então é muita coisa para ser estudada, muita coisa para ser modificada em cada uma.

**M.B:** O que é criatividade para você?

**S.P:** Eu acho que criatividade é praticamente autenticidade, na minha visão. Acho que a pessoa sendo autêntica, ela acaba sendo criativa. Se ela consegue colocar em prática melhor ainda, porque vem a questão identidade também – cada uma tem a sua – mas quando ela tem as ideias e ela lança, consegue colocar em prática de uma forma autêntica, eu acho que é materialização da criatividade de cada uma.

**M.B:** O Peitão incentiva o exercício da criatividade?

**S.P:** Sim. Através das oficinas, com certeza.

**M.B:** O exercício da criatividade no Peitão se dá de maneira individual ou coletiva? Como?

**S.P:** Os dois. Eu posso te citar do que foi feito até então, mas cada palestrante tem um método. No último ano agora, foi a Isabel Nogueira, a Marília Kosby, a Cristina Sorrentino na ‘fono’ [fonoaudiologia], mas daí é bem técnico no conteúdo. As três trabalhavam totalmente com criatividade. Dinâmicas corporais, emissão de sons, questionamento sobre palavras, exercícios de reflexo do teu pensamento, o que vem na tua cabeça tu coloca no papel, depois tu acha um sentido dentro disso, enfim. Vários exercícios foram feitos na primeira edição também, com a Clarissa Ferreira.

**M.B:** Você acredita que enquanto comunidade o Peitão resolve o problema da representação e do protagonismo da mulher na música gaúcha?

**S.P:** Não. Ele é só um bracinho, bem pequenininho, bem novinho.

**M.B:** Poderia explicar mais um pouco?

**S.P:** É um movimento muito jovem. Demorou um tempão, o nativismo aí tá pautado em cinquenta anos de existência. Olha aí, há quanto tempo tem o Peitão? Dois anos? Três? Claro que teve a pandemia ali no meio, que a gente tentou manter alguma coisa online, mas não. Foi bem difícil para todo mundo. Dá pra ter uma noção só por isso, né? Primeiro festival só de mulheres. É o primeiro da história. Recém o primeiro. E só tem ele. Então, é um começo de uma história. Claro que a gente não vai resolver, na verdade nem sei se isso vai ser resolvido em algum momento da história, mas é ao menos um entendimento, uma amenização dos problemas.

**M.B:** Você conhece a ideia de comunidade criativa?

**S.P:** Conheço.

**M.B:** Acredita que o Peitão pode ser considerado uma comunidade criativa?

**S.P:** Eu acho que ainda não.

**M.B:** Porque?

**S.P:** Porque eu acho que a gente deveria ter uma assiduidade maior. Na verdade é a ideia do festival, não só aqueles quatro dias, mas continuar com o calendário anual. Dessa pergunta, dez por cento talvez eu respondo de forma positiva e noventa ainda [por cento] com a negativa. Porque a gente tá ainda muito no começo e ainda tem que mudar muito a questão de consciência individual para priorizar esse projeto, porque, sabe que lidar com projetos assim não é fácil, não é simples. É uma empresa, uma empresa que a gente abriu, então não tem como ser leve, é bem pesado mesmo. São muitas coisas para pensar e não são poucas pessoas. No nosso grupo de WhatsApp, por exemplo, acho que a gente tem 80 mulheres, então tem muita gente para lidar. Então eu ainda não vejo assim, mas o intuito, nossa vontade é de que aconteça.

**M.B:** Para você, que reais mudanças o trabalho desenvolvido no Peitão promove para as mulheres na indústria fonográfica?

**S.P:** Olha, eu vou falar bem pessoalmente. Para mim fez total diferença ter ido no Peitão, na primeira edição. Porque para mim foi um ato de muita reflexão, foram dias de conversar com pessoas que eu via e não conversava antes, de laços que foram estreitados. Então, me vem vários questionamentos e esses questionamentos vieram com a vontade de colocar em prática algumas coisas. E eu vejo assim, tá intimista ainda, mas eu vejo uma crescente nos trabalhos fonográficos individuais. Várias meninas alavancaram outros trabalhos depois do Peitão, criaram coragem de expor as suas composições, de mandar para festival, embora a gente ainda não tenha muito sucesso

em passar nas triagens, mas várias gravam e mandam, a gente também se reparte as obras, a gente manda uma para outra ‘pra ver o que tu acha, tá legal, não tá...’. Então, eu acho que ali no individual, foi benéfico para todas, várias pelo menos.

**M.B:** Sobre a participação feminina na música gaúcha, qual a sua observação?

**S.P:** Eu acho que tem várias coisas para observar. Tem muita coisa para ser falada, desde quem nos recebe no evento até a nossa participação cantando a música que passou lá em tal festival. Ainda vejo muito a questão da mulher adorno, que é a flor do Pampa, linda, a beleza da nossa terra, que sobe no palco cantando. Ainda vejo isso meio incisivo, mas tá mudando, aos poucos tá mudando. Se a gente colocar no papel aí, não sei quantos festivais a gente tem, e a gente sempre cai no assunto festival, porque felizmente ou infelizmente ainda é a maior vitrine, porque existe o circuito de festivais no Rio Grande do Sul, então é ali sim que é laboratório, que a gente vê quem tá dando certo, quem não tá, quem tá participando, quem é chamado para interpretar, quem não é. Ainda é um termômetro bem importante na nossa música. E quando eu falo de festivais, teve essa crescente aí tanto dos trabalhos fonográficos de cada uma, quanto das interpretações. Acho que tem que derrubar isso ainda, de não ser só intérpretes porque nós temos instrumentistas, nós temos musicistas, nós temos compositoras, e ainda estão enxergando demais, como eu te falei, o adorno, a mulher só cantando. Não tô desqualificando, inclusive vou estar me auto desqualificando, porque eu sou cantora também, mas tem mais coisas pra gente fazer. E eu acho que é isso que tem que ser revisto, tanto por nós quanto por todos.

**M.B:** Como você se vê na música gaúcha?

**S.P:** Eu me vejo um pontinho ali, um grãozinho aí nesse areial. Eu tento fazer de modo mais sincero as coisas que eu coloco em prática. Não sou muito... em algum momento lá mais pro começo eu até era, mas depois de n situações eu vejo que não posso me apegar muito a agradar a todos e agradar também principalmente as regras que nos impõe, desde as vestimentas até o tipo de canção que a gente vai interpretar. Então, com esse mal eu não morro, de fazer o que eu não gosto, porque eu faço exatamente o que eu gosto e da maneira que eu quero, não me detenho muito a padrões, embora minha música seja uma música gaúcha, uma música regional, ela é um pouquinho mais aberta, tem uma linha mais aberta, então eu sou bem tranquila quanto a isso e eu acho que isso faz parte da evolução da nossa música, que muitas vezes esquecem.

Até, outro dia, estava vendo uma entrevista, a Shana [Müller] falou muito bem da questão do festival de Corrientes, do chamamé, e ela usava o exemplo de que era um ritmo, que era regional, que era conhecida milonga, tango e chacarera, e o chamamé ainda tava um pouco escondido. E eles criaram o projeto do festival. Primeiro foi fracasso, depois um pouco melhor, depois ruim, depois melhor, enfim. Mas eles não desistiram e abriram para TV 's, rádios e todo mundo foi indo e foi se criando a cultura do chamamé, até o chamamé chegar a ser patrimônio imaterial. Então eu acho que essa persistência também falta pra gente e também essas rotulações, esse bairrismo que tem aqui no Rio Grande do Sul, que de qualquer forma ele atinge, e falando de mulher mais ainda, que é como ela tava exemplificando lá, o chamamé é: vão lá pro festival – o festival acontece sei lá quantos dias do mês, são horrores de dias – só que dança o avô, dança o neto, dança o pai, dança a criança, e eles não tão preocupados se tão vestidos adequadamente, se tão pilchados, ou se a guria tá de short, tá de saia e top, dançando chamamé. Eles estão lá por causa do chamamé, entendeu?! Então, acho que quando esse tipo de pensamento chegar ao maior número de pessoas aqui no nosso Rio Grande do Sul, talvez a nossa música, falo como mulher, como homem, como todo mundo, ela vá mais além, porque ainda é muito regrado o sistema, ainda é muito conservador. E quando eu falo de regrado e conservador ele acaba respingando total e completamente nas mulheres.

**M.B:** De que modo o Peitaco atua nessa realidade?

**S.P:** Eu acho que através do nosso diálogo, é o pontapé inicial. Quando a gente começa a conversar umas com as outras a gente já tá colocando em prática esses pensamentos, tentando explicar as coisas, tentando analisar de outros pontos de vista. Porque além do machismo, o pior machismo que existe é o da própria mulher, que ela nem percebe que está fazendo. Então a gente tem isso antes de a gente chegar para o grande público, para as pessoas que querem saber o que que é a ideia do Peitaco, a gente já enfrenta barreiras dentro do nosso próprio grupo, porque a gente tem que achar uma linha de raciocínio que não fira ninguém, a gente tem que conversar de um modo legal nessas situações,. Por que a gente está aqui? Como é que a gente chegou aqui? Pra onde a gente vai? E a música? E a composição? Porque a gente escreve? Porque a gente não escreve? Então, é bem trabalho de formiguinha mesmo.

**M.B:** Enquanto espaço criativo, que influência o Peitaco fez na sua carreira?

**S.P:** Fez total diferença para mim, foi um momento de reflexão. Eu me encorajei, principalmente na área da composição, porque eu já vinha escrevendo há muito tempo,



só que eu não tinha coragem de mostrar para ninguém. Os mais próximos ali sabiam, aqueles que convivem musicalmente comigo há muitos anos. E daí teve uma canção específica, que falava de mulher, foi justamente numa situação x que eu estava vivendo na época, que eu me revoltei e disse: vou escrever essa música. E a música veio inteira, baixou um negócio e eu escrevi a música. E falava justamente sobre o papel da mulher, parafraseando até uma poesia, “que eu também sou filha da Pampa, que eu também sou daqui, eu também escrevi essa história”. Mais ou menos isso fala a música, que eu lutei muito para tá aqui hoje e que eu quero que me enxerguem, mais ou menos isso, dessa resistência da mulher, que é a ‘Flor de Pedra’. E quando eu escrevi a letra, eu pensei: ‘vou mostrar pra alguém botar a música, mas eu não posso mostrar pra um homem, o homem não vai entender o que eu quero passar’. Daí, quem que eu vou chamar? Primeiro, veio o nublado, porque tem poucas mulheres e as que têm, antes do Peitão, não estavam se comunicando, entendeu?! A gente não sabia que a Fulana fazia, porque a Fulana fazia e deixava guardado. Mas essa em especial a gente já sabia que fazia e faz muito bem, e que também entenderia a causa da minha letra, que é a Clarissa Ferreira. Daí, peguei e mostrei para ela, Clarissa fez a melodia e nasceu ‘Flor de Pedra’, que inclusive a gente cantou para as meninas lá no primeiro Peitão, na primeira edição. E foi realmente a primeira que eu fiz, mostrei para Clarissa, gravamos, foi legal, mas parei por aí. Mas depois da primeira edição do Peitão, eu tive real, eu preciso botar pra fora isso daqui, eu preciso escrever, não é possível que eu não vá registrar as minhas músicas porque eu tô com vergonha... Então, a maior lição que me deu ali, é olhar as histórias, histórias parecidas com a minha, que eu nem imaginava que as mulheres passavam, ou se imaginava não sabia detalhes, não sabia algumas coisas e me enriqueceu mais ainda de ter sabido. E a palavra é encorajar, me encorajou a colocar a minha cara a tapa.

**M.B:** Porque surgiu a necessidade de fazer esse movimento?

**S.P:** Na verdade, a parte de como surgiu o Peitão, eu não sei muitos detalhes. Sei desde quando eu fui convidada para ser participante. Eu não sei nem como é que eu virei da organização. Eu simplesmente fui fazer umas coisas lá, faltava alguém para fazer e eu fui, e daqui a pouco eu tava lá. Mas, falando bem pessoalmente, para mim é uma alegria tá participando desse movimento, porque eu acho que já deveria ter iniciado há muito tempo, mas tudo tem seu tempo certo, falamos por aí. E iniciou agora, dois, três anos atrás, e é um força em comum que nós somamos, vamos somando as forças e um apoio muito grande. Para mim é muito gratificante e me incentiva muito em todos os ambientes culturais. Quando eu cito que sou do Peitão ou quando eu penso que sou do

Peitaco, me vem alguns *insights* assim de que eu tenho que seguir adiante porque não é só por mim, é por elas também. Onde uma tá, todas estão. Então esse sentimento reforçou muito pra mim. E como eu sou uma pessoa aquariana, do coletivo, das ideias, eu gosto da função. Então, assim, eu me canso, é uma trabalhadora desgraçada, mas eu adoro.

**M.B:** Alcançaram os objetivos do Peitaco?

**S.P:** Eu acho que o principal, que é aumentar esse grupo e achar pessoas com a mesma ideia, bem aquele conceito ali da comunidade, acho que a gente já atingiu. Mas, tem muita coisa ainda, muito mesmo, para a gente alcançar.

**M.B:** O que vislumbram para o futuro?

**S.P:** A gente gostaria de melhorar nossa estrutura física lá, porque é uma loucura, é um acampamento só de mulheres. Tem o adendo filhos, porque nos festivais fechados de homens no Rio Grande do Sul vão só os homens, e lá não, vão às mães com seus filhos. A gente leva as crianças, todas. Então, além da programação das mulheres, tem a programação para as crianças e a gente tem que se preocupar com isso também. Então, tornar esse ambiente um pouco mais confortável é uma das coisas que a gente almeja bastante, que está escrito nas nossas metas, de a gente melhorar a estrutura lá. Até algumas pessoas perguntam, chegaram a falar: ‘Ah, porque vocês não mudam de lugar?’ não vamos mudar. Porque a gente também gosta de passar trabalho e porque lá se construiu uma atmosfera. Parece que a gente entra na porteira, entramos no mundo mágico do Peitaco. Ah, aqui é o nosso lugar. Virou nossa terrinha. A gente quer aumentar esse movimento também na questão nacional. Gostaríamos de trazer pessoas de outros estados, outras referências, quiçá internacionais, até porque nós temos muita influência da cultura argentina e uruguaia, inclusive na composição. A gente já tem alguns nomes cotados para serem as palestrantes da próxima ou das próximas edições. Nesse ano, foi tudo em cima do laço, a gente não conseguiu botar em prática tudo que a gente queria, mas a gente até fez mais do que a gente pensava que ia dar, porque foi bem contratempo mesmo. Mas já era pra ter vindo pessoas de mais distante geograficamente, de outros nichos, mas é isso que a gente almeja, assim. Trocar ideias com outras regionalidades também. Porque eu acho que a gente quer entender muito o nosso regional, mas se a gente conseguir conversar com outros regionais acho que isso tem bastante a acrescentar pra nós, como essas mulheres conviveram com suas regionalidades em outros Estados, em outros países.

**M.B:** E qual a importância da comunicação?

**S.P:** Eu acho que hoje não tem como escapar da comunicação, principalmente porque veio essa era digital que a gente tá vivendo. Então, comunicação é o setor básico, ainda mais falando de eventos. A gente tem muito a melhorar, mas é extremamente importante para nós e que bom que a gente tem de âncora a Shana, que é uma pessoa do meio da comunicação. Mas tem bastante coisa pra melhorar ainda, às vezes a gente se preocupa mais em colocar em prática o festival do que essa comunicação mais ativa.

**M.B:** Tem algo a mais que gostaria de acrescentar?

**S.P:** Que tudo é muito lindo, que tudo é muito trabalhoso, que isso aí é só o começo. Que tem muita coisa pra chegar até nós ainda. A gente vai escutar muito desaforo ainda, a gente vai quebrar muito a cabeça, mas faz parte do processo. Mas só em aumentar a comunidade, pra mim, em especial, já acho ótimo. Se eu falava com dez, agora falo com trinta, quarenta mulheres, e saber que tem pessoas que entendem a gente, é muito legal.

## APÊNDICE D - ENTREVISTA CHARLISE BANDEIRA

BANDEIRA, Charlise. Entrevista concedida a Matheus Bernardes em 17 de fevereiro de 2023 por videoconferência para o projeto de mestrado em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC): "Uma querência entre acordes: práticas comunicacionais no Peitão da Composição Regional e a constituição de uma Comunidade Criativa".

**Matheus Bernardes (M.B):** Como e quando se deu seu ingresso no movimento Peitão?

**Charlize Bandeira (C.B):** Então, foi através da Shana [Müller], que me chamou no privado, porque ela queria ajuda. Me chamou para fazer a organização, e aí ela disse: Charlize, como tu conhece muitas meninas, tu tá muito mais nos festivais do que eu, e eu não sei quem são esse pessoal mais novo que tá aparecendo agora, eu preciso da tua ajuda para gente poder convidá-las. Então, todas as meninas mais novas foram convites meus, as de meia idade foram a partir da Shana, tipo Nicole Carrion, Luiza Gomes, a Maria Alice, a Parla Macedo, enfim. Muitas. As mais novinhas foram convidadas por mim, então foi assim, através de um convite da Shana, pra fazer parte da organização e auxiliar ela nesse sentido.

**M.B:** Qual seu papel no movimento?

**C.B:** Eu faço parte da organização.

**M.B:** Já interagia ou tinha algum tipo de relacionamento com alguma das integrantes?

**C.B:** Todas.

**M.B:** Qual a importância de fazer parte desse movimento?

**C.B:** É de suma importância porque ele, além de agregar, também encoraja e incentiva as meninas a mostrar sua arte, poder mostrar o que tá compondo, o que tá fazendo. Porque muitas delas sentiam o ambiente hostil masculino, muito presente nos eventos, e acreditavam que aquilo que elas faziam, que aquilo que elas compunham não era adequado, não era bom o suficiente para mostrar. E lá no Peitão elas se sentiam à vontade. A gente tinha um kit de sobrevivência que a gente dava sempre pras meninas: caneta, bloco e caneca, porque tem que se hidratar. Todo mundo ganhava uma canequinha pra tomar água, bloco e caneta para poder escrever sua ideia, escrever um texto, o que quisesse, uma letra de música, os seus anseios, aquilo que estava sentindo

naquele momento ali, no próprio evento, então é fantástico. O Peitaco é fantástico nesse sentido de agregar e de dar todo o suporte a elas.

**M.B:** Participou de uma ou das duas edições?

**C.B:** Das duas. E estamos agora no movimento do terceiro [Peitaco].

**M.B:** Como se organizam para as edições e eventos afins? (apresentações, gravações, entrevistas)

**C.B:** Então, a gente tem um grupo de organização, todo mundo tem uma função. Eu cuido da parte agora de projetos, para inscrever o Peitaco em editais, alguma relacionada nesse sentido. Então, cada uma tem as suas funções lá dentro e a gente se organiza nesse grupo, eu, a Shana, a Su Paz, a Oristela [Alves], a Jaque Teixeira e agora tem a Tita, a Maria Rita Dias. A gente sempre busca diálogo com as meninas, do tipo: ‘Ah, o que vocês acham de uma oficina literária?’ Elas dizem, ‘gostamos’, a gente busca, dentro desse grupo de organizadoras, uma pessoa pra fazer a oficina. ‘Ah, o que vocês acham de uma oficina que fale sobre escrita criativa?’ ‘Bah, a gente gosta!’ Aí, a gente vai lá e busca, é assim que a gente faz.

**M.B:** O que mais chamou sua atenção no movimento?

**C.B:** Que tem muita mulher criativa, que tem muita mulher que sabe escrever, que sabe compor e que tem vergonha. Que fica naquela dúvida: será que o que tô fazendo, será que aquilo que eu tô produzindo é bom o bastante?! E isso encoraja elas.

Eu vi uma letra da Fátima Gimenez, maravilhosa! E a Fátima, ela não gosta de mostrar, porque ela acha que o meio não vai receber tão bem essa letra dela. E a gente tá até encorajando ela a gravar essa obra. A gente acabou fazendo uma chacarera da música. Então, as meninas acabam mostrando esse lado criativo, porque elas se sentem acolhidas, a gente busca sempre criar um ambiente acolhedor para essas mulheres que estão chegando. Todo ano a gente sempre busca trazer pessoas novas, em torno de quatro, cinco meninas, porque na fazenda da Shana Müller não comporta muita gente. Comporta quarenta e cinco, cinquenta mulheres, então todo ano a gente trás mulheres novas, pessoas novas para o evento, e claro, nem todas conseguem ir, tem suas agendas e tal, mas a gente tá sempre buscando a novidade para que elas se sintam acolhidas, sintam-se pertencidas aquele meio e conseqüentemente produza.

**M.B:** De que forma se mantém em contato nos períodos em que não estão reunidas presencialmente?

**C.B:** Grupo de WhatsApp.

**M.B:** Faz parte de grupos no WhatsApp ou nas redes sociais? Você é ativa nesses espaços?

**C.B:** Eu e a Suzane [Su Paz] somos as que cuidam da parte do Instagram do Peitão e a gente também é administradora do WhatsApp, junto com a Shana.

**M.B:** Como foi a relação com a comunicação pela mídia digital? Houve alguma dificuldade?

**C.B:** Muito pelo contrário, houve uma procura, uma curiosidade do que que a gente estava fazendo, de que forma se dava o Peitão, de que forma acontecia, como é que era organizado. Era basicamente isso.

**M.B:** Você se sente parte de uma comunidade ao participar do Peitão? Por que?

**C.B:** Vamos dizer que sim. Sim, porque eu sou da comunidade das instrumentistas, vamos botar assim. Eu faço parte, porque eu também agrego nesse sentido, pelo fato de às vezes ser a única instrumentista, o que vai acontecer agora no acampamento de Campo Bom, vou ser a única mulher tocando lá, e a Luiza Barbosa a única menina cantando. Então, eu faço parte da comunidade das instrumentistas que estão, vamos dizer, periodicamente nos festivais. Isso antigamente eram raras as participações das instrumentistas, e aí ano passado eu participei de quatorze e esse ano já vou pro meu segundo. Agora, no acampamento, é o segundo. O de São Borja foi o primeiro. Então, sim, faço parte sim.

**M.B:** E uma comunidade no sentido Peitão? Não?

**C.B:** Olha, o Peitão é um movimento. Um movimento de incentivar essas mulheres a compor, de incentivar essas mulheres a mostrar a sua arte. Eu não te diria que é uma comunidade, eu te diria que é um movimento.

**M.B:** Existe sentimento de pertencimento a essa comunidade?

**C.B:** Sim, com certeza, pelo fato de sentir na pele, de estar nos eventos e ter raríssimas mulheres, de ir para um júri de festival e só ter homens. Isso é fato, mas sim, com certeza.

**M.B:** Só para a gente abrir um parênteses, direcionado à comunidade das instrumentistas dentro do movimento Peitão?

**C.B:** Sim, sim, sim. Inclusive, sou a chefe de naipe. Porque as meninas não tem muita noção. Elas cantam, a maioria delas canta. E elas não têm noção de melodia e acabam pegando para nós que tocam instrumentos. E são poucos instrumentistas. Vou te dizer que somos vinte por cento, eu acho, do Peitão. Poucas tocam e cantam. Eu sou uma das muitas ali no meio que faz sete, oito músicas no projeto. Então, sim.

**M.B:** O que é comunidade para você ?

**C.B:** Eu acho que a comunidade é aquele local que a gente se sente pertencido, é o local que a gente exerce uma função e que se sente bem exercendo essa função.

**M.B:** De que forma participar do peitão fortalece o pertencimento ao território e aos símbolos do Rio Grande do Sul?

**C.B:** O Peitão é um projeto maravilhoso, porque antes as mulheres não tinham esse espaço de fala, esse espaço de criação. Muitas delas, as compositoras principalmente, eram esposas de músicos. Vou te dar o exemplo da Marlene Pastro, que foi casada com um maestro. Então, essas mulheres que eram casadas com músicos, elas até tinham uma certa abertura, porque tinham música em casa, mas tem muitas ali que cantam e que tocam e que não tinham esse espaço de fala, esse espaço pra poder expor o seu trabalho, a sua arte. Então eu acho que o Peitão tem uma função social muito importante, porque se tu pegar os dados de festivais, tu vai observar que mais mulheres participaram e mais mulheres classificaram. Eu, ano passado, fui a segunda mulher que ganhou uma Seara [da Canção Gaúcha]. Só uma poeta ganhou, na linha galponeira, em 1982, se eu não me engano, aí vinte, trinta anos depois, a Charlize ganhou a linha contemporânea, com a melodia. Isso acaba fomentando essa construção, essa participação das mulheres, inclusive em júri. No ano passado, o Canto de Luz [festival de música] teve duas juradas. No ano passado, a Califórnia [da Canção Nativa] teve duas juradas. Então tá tendo um movimento que tá apoiando isso.

**M.B:** O que é criatividade para você?

**C.B:** Depende do viés, mas para mim, a criatividade é todo o sentimento que a gente tem pela música, pela arte, e que a gente acaba colocando para fora, através da música, através do nosso instrumento, através de uma construção de melodia, de uma construção de letra. Mas ela pode ser expressada também sob outras formas. Tem pessoas que podem ser criativas através da pintura, através da escultura, através da moda. Acho que é mais ou menos isso.

**M.B:** O movimento peitão incentiva o exercício da criatividade?

**C.B:** Sim. Primeiro momento pelo fato de colocar um ambiente acolhedor para essas mulheres. A gente sempre leva oficinas, só mulher que entra no Peitão, para que elas conheçam um pouco de como colocar essa arte pra fora. A gente teve Isabel Nogueira no ano passado, a gente teve a Marília Kosby, ela trabalhou escrita, ela é de Bagé, Poesia Chucra era o nome da oficina. E tem uma terceira, que trabalhou

expressão corporal com as meninas. A criatividade, sim, é bastante trabalhada no Peitão.

**M.B:** O exercício da criatividade no Peitão se dá de maneira individual ou coletiva? Como?

**C.B:** As duas formas. Individual, porque tem meninas que precisam se afastar para poder escrever, para poder colocar sua ideia no papel, e em grupo, quando elas se juntam com a ideia para poder executar. E as oficinas também são sempre coletivas.

**M.B:** Você acredita que enquanto comunidade o Peitão resolve o problema da representação e do protagonismo da mulher na música gaúcha?

**C.B:** Não. Não porque a gente está se movimentando, a gente está percorrendo um caminho muito bacana, mas não depende só da gente. Depende daquela pessoa que manda no festival, daquele presidente, daquela organização que vai colocar no regulamento, como alguns já tá vindo, um destaque feminino do festival. Se tem um troféu de destaque feminino, basicamente tem que ter mulher no festival. Como é que não vai ter uma mulher? Aí fica complicado. Então eu acho que são alguns passos, é uma escada que a gente tá subindo, mas isso vai ser de acordo com o tempo, porque isso não é só a gente que tem a ingerência de mudar a mentalidade das pessoas, isso vai levar um tempo ainda.

**M.B:** Você conhece a ideia de comunidade criativa?

**C.B:** O Peitão é uma ideia de comunidade criativa, pelo fato de trabalhar criações, pelo fato de trabalhar composições com as mulheres. Mas, aqui na faculdade, em Pelotas, é um exemplo bem clássico de comunidade criativa. Todos os espaços são fantásticos.

**M.B:** Acredita que o Peitão pode ser considerado uma comunidade criativa?

**C.B:** Sim, com certeza. Com certeza.

**M.B:** Para você, que reais mudanças o trabalho desenvolvido no Peitão promove para as mulheres na indústria fonográfica?

**C.B:** As meninas, algumas, produzem muito, lançam *singles* que elas gravam, tem seus discos, mas tem algumas que acabam se perdendo. Algumas ideias acabam se perdendo. A gente até vai gravar todas as composições que foram feitas ano passado, vão ser lançados *singles*. Por exemplo, do primeiro Peitão, somente duas músicas foram gravadas, a que eu fiz com a Su Paz e a da Oristela Alves. A do ano retrasado, da segunda edição, só a minha com a Suzane foi gravada, que a gente tá mandando para festival. A da Clarissa Ferreira foi gravada, duas de novo. As composições do Peitão



elas não são tão bem cuidadas nesse sentido fonográfico, como as [músicas] das carreiras das meninas, as meninas gravam as suas obras, mas as do Peitão em si acabam ficando gravadas na história do projeto, mas não divulgadas externamente. O que isso observa? As meninas estão compondo, as meninas estão mandando para festivais suas obras particulares, estão tendo mais essa ingerência, mas a do Peitão a gente vê pouco.

**M.B:** Sobre a participação feminina na música gaúcha, qual a sua observação?

**C.B:** Está melhorando, já foi pior. Já tiveram momentos de ter pouquíssimas mulheres. Mas, como eu te falei, já está tendo festivais com mais mulheres. Esse ano, o Nilton Júnior falou que a Moenda vai ter três mulheres no júri. Então, tá tendo uma boa melhora, bem significativa.

**M.B:** Como você se vê na música gaúcha?

**C.B:** Já me vi mal, de não me sentir pertencente ao ambiente. Mas atualmente, já me sinto dentro do movimento, pertencente. O ano passado foi, eu acho, que a virada de chave, por eu ter... uma mulher, primeira música que grava já passa no festival e é premiada, num grande festival como a Seara. Então, já me sinto mais pertencente.

**M.B:** De que modo o Peitão atua nessa realidade?

**C.B:** O Peitão atua no sentido de cutucar a ferida dos homens, principalmente daqueles que acham que a mulher não tem que estar no palco, que ali não é o lugar delas. Eu acho que é nesse sentido. E também no sentido de mostrar que essas mulheres compõem, que essas mulheres cantam, que essas mulheres tocam, e que tocam muito bem. Tem muita mulher no Peitão que toca muito bem e que não possuem o reconhecimento de uma pessoa que tá tocando também, que é homem.

**M.B:** Enquanto espaço criativo, que influência o Peitão fez na sua carreira?

**C.B:** Como compositora. Vamos dizer que me impulsionou a compor mais. Depois do peitão, eu fiz cinco músicas e estou finalizando a sexta já, pra esse ano. Tem bastante música que vai rodar em triagem esse ano.

**M.B:** Porque surgiu a necessidade de fazer esse movimento?

**C.B:** Ele surgiu da necessidade de um questionamento nosso, do porque que tem poucas mulheres nos festivais, onde estão essas mulheres? E a partir desse questionamento que surgiu o Peitão, para tentar mudar e já estamos fazendo grandes mudanças, eu acredito, de participações femininas, de mais mulheres em palcos. E teve um outro questionamento que a gente também faz, se tu olhar esses festivais mirins, eles são praticamente de mulheres e depois que elas completam seus dezessete, dezoito anos,

esses festivais não permitem mais a participação. E a gente fica: cadê essas mulheres, que cantavam, levantavam troféus e que agora não estão mais no meio? Esse também é um outro questionamento, porque a gente acaba entendendo que essas mulheres fazem, vamos dizer assim, vestibular para trabalhar em outra área, porque não tem espaço pra elas, só tem espaço para os meninos. O Peitão também tem essa ferramenta social de buscar, de acolher, de tentar dar um direcionamento para que elas sigam na sua carreira.

**M.B:** Alcançaram os objetivos?

**C.B:** Estamos alcançando. É uma escadinha, ainda não está de acordo com aquilo que a gente almeja, mas a gente tá no caminho.

**M.B:** O que vislumbram para o futuro?

**C.B:** A gente vislumbra um festival só com juradas, por exemplo. Só mulher no júri. Que metade das participantes sejam mulheres, que mais mulheres possam mostrar pro mundo suas composições, possam subir a palco, que não seja tão dominado pelo homem, que a mulher saia do galpão, como diz a Leontina das Dores [canção], que ela saia do galpão e ganhe o mundo.

**M.B:** Como se deu a definição do nome?

**C.B:** Eu não me lembro de cabeça. Mas eu lembro que foi a Shana que deu a ideia, de vamos dar um peitão, tipo isso. E não é de seio, de peito. É peito de Peitão, de peitar algo. Foi mais ou menos isso.

**M.B:** No Peitão, qual a importância da comunicação no movimento Peitão? Como entende que ela age no Peitão?

**C.B:** A comunicação entre as meninas é maravilhosa, mas o pessoal externo ainda tem algumas falas que a gente ouviu, do tipo: ‘Bah, cinquenta mulheres dentro de uma fazenda, vai dar muita fofoca, vai dar muita picuinha, vão acabar se pegando’. Não, muito pelo contrário. Houve muito diálogo, houve parceria, houve irmandade. Então, essa comunicação às vezes fica truncada na parte externa. Mas na segunda edição, a gente conseguiu quebrar um pouco disso. Opa, as gurias estão se organizando pra produzir, vamos começar a ficar de olho nisso. A gente teve um pouco mais de abertura, foi mais ou menos isso.

**M.B:** Você acredita que a comunicação é importante para a formação do Peitão?

**C.B:** Sim. Eu acredito porque as meninas acabam guardando pra si muita coisa, de letra, de arte, de criatividade. Então eu acho que o Peitão chega pra acabar com esse silêncio delas, poderem mostrar, dar as vozes aquilo que elas acreditam e isso acaba se transformando em música.

**M.B:** Tem algo a mais que gostaria de acrescentar?

**C.B:** Só agradecer o espaço, parabenizar por estar fazendo um trabalho tão bacana. E agora, em 2023, vamos ter o terceiro Peitão, no mês de julho, na fazenda Val de Serra, e a gente tá querendo fazer um super evento, para poder agregar mais meninas e continuar essa manutenção de trabalhos delas, falar um pouco de si e lembrar que o Peitão é de composição. A gente até tentou, nesse ano passado, fazer alguma coisa relacionada a gerenciamento de carreira das meninas, porque elas sabem cantar, mas não sabem se vender, não sabem fazer nada. Mas aí acabou meio que perdendo o foco. A ideia do Peitão é composição, tirar do papel a ideia.

**M.B:** Sobre os editais que comentou, esses editais seriam projetos do Peitão em que sentido?

**C.B:** De fomentar, de fazer circular as composições. Ter um evento do Peitão numa cidade, mais ou menos isso. E também tem os custos de fazer o evento. E, por exemplo, a gente fez o primeiro documentário, com o documentário a gente pode concorrer em edital, então geralmente é eu quem faço a escrita desses editais. Eu seleciono para trabalhar essa parte do audiovisual, que a gente pode ser contemplado, ainda mais falando de um tema bem relevante que é a composição feminina.

**M.B:** Seria então projetos externos para a divulgação do que acontece dentro do movimento Peitão?

**C.B:** Isso, isso.

## APÊNDICE E - ENTREVISTA ORISTELA ALVES

ALVES, Oristela Goulart. Entrevista concedida a Matheus Bernardes em 20 de fevereiro de 2023 por videoconferência para o projeto de mestrado em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC): "Uma querência entre acordes: práticas comunicacionais no Peitão da Composição Regional e a constituição de uma Comunidade Criativa".

**Matheus Bernardes (M.B):** Como e quando se deu seu ingresso no movimento Peitão?

**Oristela Alves (O.A):** Foi bem numa época em que eu tava me aposentando da Secretaria da Cultura de Santa Maria, que eu trabalhava há trinta e sete anos, e aí foi quando a Shana [Müller] me ligou para saber do projeto, enfim, que ela tinha vontade de fazer, que ela já tinha iniciado há um tempo atrás a fazer um esboço do que que ela queria, que ela ia convidar outras pessoas também. E como eu tenho bastante entrosamento com o pessoal, para eu ajudar no convite com as cantoras da região, para indicar para participar do Peitão. E com o maior prazer eu fui, porque era uma coisa nova, e ainda é bem nova, tem quatro, cinco anos só, de todo um trabalho primeiro feito para depois ter a primeira edição que foi em 2019.

**M.B:** Qual seu papel no movimento?

**O.A:** Olha, o meu papel é de, na verdade assim, não é só no Peitão, mas enfim, é de acolher. De acolhimento para gente trazer as meninas, as cantoras, as artistas, as compositoras para dentro desse movimento, desse projeto, porque é uma coisa que tava precisando, e ainda tá precisando para a mulher, elas mesmas, se capacitarem a escrever e a compor.

**M.B:** Participa da organização?

**O.A:** Participo da organização, então o meu trabalho é pouquinho de tudo, mas é mais aquela coisa que vem de acolhimento, de fazer o melhor pelo projeto e para o projeto. Para que a gente traga cada vez mais mulheres, moças, meninas, enfim, que estejam no movimento para elas assistirem as oficinas e para iniciarem a compor, como já vem acontecendo.

**M.B:** Já interagiu ou tinha algum tipo de relacionamento com alguma das integrantes?

**O.A:** Olha, com noventa e nove vírgula nove por cento, mais ou menos.

**M.B:** Qual a importância de fazer parte desse movimento?

**O.A:** Para mim que já tenho uma história dentro da música do Rio Grande do Sul, dentro do movimento nativista, é uma coisa gratificante, bastante gratificante mesmo, porque como eu e as outras cinco, seis mulheres que estavam lá no início do movimento [Peitão], há cinco anos atrás, é maravilhoso ver que hoje se tem um número bem expressivo de mulheres cantando, não só em festivais, mas em todos os lugares, seja em bailes, seja em show, enfim, fazendo da carreira artística a sua profissão.

No meu caso nunca fui profissional, nunca encarei como profissão porque sempre trabalhei em outros setores. Bem antes do nativismo eu já trabalhava em outros outros setores, não só da cultura, depois ingressei em 1973, mais ou menos, em 1980, comecei a trabalhar com a cultura, dentro da Secretaria da Cultura aqui já em Santa Maria. Em Uruguaiana eu também já participava, eu era funcionária pública, trabalhava na Secretaria de Cultura no Centro Cultural, depois vim pra Santa Maria e continuei nesse mesmo setor da cultura, onde aprendi muito e desse aprendizado, eu creio que aprendi bastante para passar para outras meninas, para outras amigas, tanto na carreira como produtora, como coordenadora, como fazedora de arte, bem como no canto, que me deu muita estrada, muito ensinamento.

**M.B:** Participou de uma ou das duas edições?

**O.A:** Das duas.

**M.B:** Como se organizam para as edições e eventos afins, como apresentações, gravações, entrevistas?

**O.A:** Então, a gente tem um grupo que organiza todo o evento, um grupo de cinco, seis pessoas, que faz a parte da comissão organizadora do Peitão, em torno de cinco pessoas, e sempre tem o apoio de alguma que outra porque, assim como eu, todas as outras integrantes, mesmo essas cinco pessoas da comissão organizadora, tem as suas vidas, sua vida artística, profissional, enfim, dentro a cultura ou não, dentro da música ou não. São cinco pessoas que ficam trabalhando em torno de cinco, seis meses para acontecer o Peitão, sempre é no mês de julho. Então a gente, geralmente, a partir de março começa a trabalhar em função do próximo evento. Mas durante o ano, a gente sempre tem um que outro, não com a pandemia, mas em 2019 a gente participou ainda de vários eventos, depois veio a pandemia e parou, aí quando retornamos agora em 2022, a gente organizou alguns eventos, com participação não de todas, porque o projeto tem mulheres que são de todo Estado, até fora daqui, e aí não tem como tu trazer

todas num mesmo local. Como eu moro em Santa Maria, pra mim fica mais fácil eu ir a Porto Alegre, ir à Livramento, ir à Uruguaiana, pra fazer uma reunião ou outra, um evento ou outro do Peitão.

**M.B:** O que mais chamou sua atenção no movimento?

**O.A:** O que mais me chama a atenção é a vontade dessas meninas aprenderem. Em cada oficina que é dada nos três dias que se reúnem elas são bastante incentivadas a compor, a criar. É uma troca de experiência bem bacana, porque cada uma tem a sua história, tanto as mais velhas com as novas, tanto às novas com as novas, as velhas com as velhas. Digo velha nesse sentido, de a gente ter mais tempo nesse movimento [música]. Então, o que me chama a atenção mesmo é essa vontade de aprender, de conhecer a história de cada uma, isso é um enriquecimento maravilhoso pra quem está nessa linda história da música do Rio Grande do Sul.

**M.B:** De que forma se mantém em contato nos períodos em que não estão reunidas presencialmente?

**O.A:** É através das redes sociais, mas é mais pelo WhatsApp. A gente tem um grupo, onde todas as participantes estão ali cadastradas, então a gente conversa sempre através desse grupo.

**M.B:** Faz parte de grupos no WhatsApp ou nas redes sociais? Você é ativa nesses espaços?

**O.A:** Sim, onde está o Peitão eu sempre estou presente.

**M.B:** Como foi a relação com a comunicação pela mídia digital? Houve alguma dificuldade?

**O.A:** Não. Na época da pandemia a gente fazia lives a cada semana, ou a cada quinze dias, a gente juntava um grupo de participantes, para fazer as lives e falar, focava em algum tema específico. E foi bom na época, que a gente não podia ter contato, foi a maneira da gente não se desligar, ao contrário, para gente se conhecer mais através das redes sociais. Foi bem bacana.

**M.B:** Você se sente parte de uma comunidade ao participar do Peitão? Por que?

**O.A:** Sim. Eu acho que é porque eu sou apaixonada mesmo, sempre fui, pela música em si e também bastante pela história que eu aprendi, que eu ajudei a construir junto com tantas outras mulheres, acho que é por isso, porque eu sou apaixonada pelo movimento.

**M.B:** Existe sentimento de pertencimento a essa comunidade?

**O.A:** Sim.

**M.B:** O que é comunidade para você ?

**O.A:** Comunidade é quando tu sente que o pensamento é único, tem um objetivo e a gente trabalha em prol daquilo, daquilo que é proposto a cumprir. E eu acho que o Peitão veio com essa vontade, surgiu com essa vontade e está conseguindo manter essa comunidade unida. Acho que é isso.

**M.B:** De que forma participar do peitão fortalece o pertencimento ao território e aos símbolos do Rio Grande do Sul, como a música?

**O.A:** Como?

**M.B:** Participar do Peitão te traz um sentimento de pertencimento à cultura, à música, ao estado do Rio Grande do Sul?

**O.A:** Com certeza que sim.

**M.B:** O que é criatividade para você?

**O.A:** Criatividade é criar alguma coisa que não foi feita ainda, como é o caso de agora . Depois que surgiu o Peitão, pelo menos dentro do Peitão, é a criação de poesia e de música, estudar a forma, o como compor. E pra mim isso é criatividade, e a partir daí então criar, compor, como aconteceu e acontece dentro do Peitão.

**M.B:** O movimento peitão incentiva o exercício da criatividade?

**O.A:** Com certeza.

**M.B:** O exercício da criatividade no Peitão se dá de maneira individual ou coletiva? Como?

**O.A:** Coletiva.

**M.B:** Você acredita que enquanto comunidade o Peitão resolve o problema da representação e do protagonismo da mulher na música gaúcha?

**O.A:** Estamos tentando. É esse o objetivo, é que daqui a alguns anos, porque isso não se faz da noite pro dia, até porque cada uma de nós, como eu falei, tem as suas atividades, mas dentro do que está se propondo, o Peitão é um movimento muito novo, é recém-nascido como eu digo, mas a gente tá fazendo o possível para que ele cada vez mais se fortifique, que as integrantes tenham em mente que o Peitão foi criado pra isso, pra criação de poesia, música, enfim, para chegar ao nível tanto quanto, nada contra, mas tanto quanto o homem tem, para poder ficar no mesmo nível, porque se tu vai ver nos eventos, seja onde for, a mulher tem um por cento de canções ou de poesias mostradas, então esse é objetivo do Peitão, que a mulher também possa mostrar suas composições, suas criações num mundo da música, da poesia.

**M.B:** Você conhece a ideia de comunidade criativa?

**O.A:** Não.

**M.B:** Comunidade criativa é quando uma ou mais pessoas com objetivos afins, se reúnem para resolver uma questão ou problema.

**M.B:** Acredita que o Peitaco pode ser considerado uma comunidade criativa?

**O.A:** Acredito.

**M.B:** Para você, que reais mudanças o trabalho desenvolvido no Peitaco promove para as mulheres na indústria fonográfica? Dá mais visibilidade?

**O.A:** Acho que muito. Porque a medida que tu mostra teu trabalho, e se ele tem essa vitrine, também, que a indústria fonográfica que soma cada vez mais para ele.

**M.B:** Sobre a participação feminina na música gaúcha, qual a sua observação?

**O.A:** Eu comecei muito cedo cantando, porque naquela época não existia o movimento [nativista]. Eu observo que a cada ano surgem mais mulheres, sempre se empenhando e lutando, batalhando para que a mulher tenha lugar no movimento nativista. Na minha época eram pouquíssimas intérpretes, e compositoras menos ainda, ou talvez igual assim, mas hoje em dia já mudou bastante, então é muito bom ver a cada vez mais surgirem novos talentos, novas vozes femininas, até porque dentro desse movimento, onde há concurso desde criança, que na minha época não existia, que é dentro do CTG, no Centro de Tradições Gaúchas, que existem esses concursos e até nos próprios festivais onde tem concurso para as crianças mostrarem o canto através das canções que já estão editadas, ou as bem antigas ou as atuais, então ali surgem bastante meninas e meninos também, que dali os pais incentivam e os próprios professores, incentivam as crianças a seguirem no movimento e cantando. E dali surgem muitas crianças que até hoje brilham bastante dentro da cultura, da música, dentro dos palcos dos festivais, dos eventos afora.

**M.B:** Como você se vê na música gaúcha?

**O.A:** É muito difícil, pelo menos pra mim, a gente se enxergar. Mas pela visão dos outros, de outras pessoas, dizem que eu sou uma referência. Eu fico grata a isso, mas que bom que eu contribuí para esse movimento [nativista], porque eu digo sempre que o que eu sei fazer, porque dizem que eu sei fazer, é cantar, então eu sou muito grata a isso, por eu ter tido esse dom, e por ter incentivo desde que nasci, dentro da minha família, dos meus pais, dos meus irmãos. Sou muito grata, me deu várias oportunidades. Eu cresci bastante, eu aprendi bastante, eu aprendo todos os dias. Então eu me vejo como uma contribuinte, digamos assim, para o crescimento dentro da música regional gaúcha. Vejo assim, que eu contribuí, continuo contribuindo com o meu trabalho dentro



da área da cultura e às vezes cantando, muitas vezes atrás, nos camarins, organizando. Me vejo como uma pessoa que contribuiu na soma desse movimento.

**M.B:** De que modo o Peitão atua nessa realidade?

**O.A:** Ele atua nessa realidade trazendo as mulheres para dentro do Peitão, fazendo as oficinas, apresentando palestras. As oficinas são de exercícios de voz, de canto, para saber compor, trazendo escritoras, poetisas, intérpretes, e ali é uma troca de experiências bem bacana.

**M.B:** Enquanto espaço criativo, que influência o Peitão fez na sua carreira?

**O.A:** Na minha, assim, eu nunca me preocupei em compor, até porque eu acho que desde que eu me conheço por gente eu cantava. Meu pai compositor, meu irmão compositor, então o meu papel era cantar. Quando veio, no primeiro Peitão eu tive a oportunidade de compor uma melodia, que foi com a Bianca Bergman. Então pra mim foi a primeira vez que eu compus. A partir daí eu compus outras canções, outras melodias até com letra, porque me despertou isso. Ali me despertou. Eu acredito que muitas das meninas que vão no Peitão, das amigas que são, também pela primeira vez compuseram, e nunca tinha acontecido. Comigo foi acontecer nos meus sessenta e quatro anos. Foi maravilhoso compor e foi um início da minha trajetória escrevendo qualquer coisa, nunca tinha passado pela minha cabeça, mas ali despertou.

**M.B:** Porque surgiu a necessidade de fazer esse movimento?

**O.A:** Foi em função, e quem vai te informar isso certinho, com mais detalhes é a Shana [Müller], foi ela a pessoa que teve essa ideia. E ela teve a ideia de trazer pessoas que estavam ligadas nesse movimento para ajudá-la a realizar o projeto. Mas foi a partir de uma publicação que ela fez em torno da música do Rio Grande do Sul, em função da mulher, ela tinha uma coluna na Zero Hora, e a partir dali ela teve essa ideia. Foi aí que ela me convidou, assim como ela convidou mais três ou quatro para ajudá-la a realizar o projeto. Então que a gente entrou, aceitou o convite e lá fomos a organizar, isso durou uns quatro ou cinco meses, para fazer a primeira edição.

**M.B:** Alcançaram os objetivos?

**O.A:** Com certeza. Mas é como eu falei, isso não acontece da noite para o dia. Muitas iniciaram ali a compor, iniciaram ali a mostrar o talento que estava escondidinho. Com certeza. Sempre é válido quando a gente tem boa vontade, quando a gente quer fazer, aí acontece mesmo. E aconteceu com várias participantes que estavam ali, inclusive eu.

**M.B:** O que vislumbram para o futuro?

**O.A:** Agora a gente vislumbra fazer a terceira edição, no mês de julho, como a gente pensa em fazer, que seja um sucesso, que a gente traga mais integrantes para o grupo, que hoje é em torno de 80 mulheres. E realizar a terceira edição com sucesso, como foram as duas edições passadas. Têm várias meninas querendo entrar, querendo participar, novos talentos, então agora no mês de março, depois que passa o Carnaval, que a gente vai iniciar a trabalhar.

**M.B:** Como se deu a definição do nome?

**O.A:** A definição do nome foi criada através... tinha um outro nome até antes, que eu não lembro agora, mas quem vai te falar certinho isso vai ser a Shana, eu não tô bem lembrada... eu acredito que foi até o irmão dela, que deu esse nome.

**M.B:** Qual a importância da comunicação?

**O.A:** É importantíssimo. Eu acho que a comunicação é tudo. O projeto também tem que divulgar através dos meios de comunicação e ser divulgado dentro do nosso meio, dentro do nosso grupo. Então a comunicação com certeza é importantíssima, para todos saberem o que que está acontecendo, porque que está acontecendo, e porque que se deu esse projeto, porque que aconteceu esse projeto e o porquê e o que acontece dentro do projeto, e como querem usar. Então é importantíssima a comunicação.

**M.B:** Tem algo a mais que gostaria de acrescentar?

**O.A:** Não.

## APÊNDICE F - ENTREVISTA FÁTIMA GIMENEZ

GIMENEZ, Fátima. Entrevista concedida a Matheus Bernardes em 22 de fevereiro de 2023 por videoconferência para o projeto de mestrado em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC): “Uma querência entre acordes: práticas comunicacionais no Peitão da Composição Regional e a constituição de uma Comunidade Criativa”.

**Matheus Bernardes (M.B):** Como e quando se deu seu ingresso no movimento Peitão?

**Fátima Gimenez (F.G):** A partir do convite da idealizadora e promotora desse 1º evento diferenciado que aconteceu em 2019. Prontamente eu aceitei o convite da colega, cantora, apresentadora e amiga Shana Muller. Eu fiz questão de participar porque sempre foi importante para mim a presença feminina no movimento nativista, onde éramos uma minoria nos palcos. Como sempre digo, lá no final dos anos 70 nós éramos apenas três ou quatro representantes. E falando especificamente de festivais, não tínhamos uma união feminina. Cada uma de nós criou seu próprio estilo, sua própria identidade, sua própria forma de cantar, vestir e até porque não tínhamos referências.

Esporadicamente nos encontrávamos em algum evento. Éramos amigas, mas não havia interesse em fazermos uma união, digamos assim, uma ideia de agregarmos mais mulheres ao movimento. Então, em 2019, eu fui para o 1º Peitão e fiquei super emocionada, porque lá encontrei muitos jovens talentos, meninas que me admiravam mas não me conheciam pessoalmente. Elas vieram me abraçar de forma muito carinhosa e me elogiarem por ter sido uma das pioneiras ou primeiras a ingressar nesse universo predominante masculino em tempos difíceis. Muitas delas se guiaram pelas coisas que mostrei através do trabalho de artista. Foi gratificante vê-las agradecendo e contando entusiasmadas para mim: “olha, eu ganhei vários troféus cantando tuas músicas, ‘Súplica do Rio’, ‘Cabo Toco’, ‘Guerreiras da Paz’, ‘Pampeanas’, entre outras.

**M.B:** Qual seu papel no movimento?

**F.G:** O meu papel no Peitão foi de participação, foi de congregação, foi de conhecer mulheres do Rio Grande do Sul inteiro. Eu fui como convidada, ao chegar lá fui muito bem recebida pela mãe da Shanna, Dona Sandra [Müller] uma mulher incrível, super atuante que preparou um confortável dormitório, que dividi com a querida Adriana Sperandir. Além da excelente recepção, a organização contou com a

Oristela Alves, a fofa, ela chama todas nós de fofas, mas na realidade ela é uma das mais queridas da turma! E a Shanna que é a principal criadora do Evento. Existe também uma pequena taxa a título de colaboração, de cada uma das participantes, para obviamente cobrir as despesas de alimentação, sonorização, iluminação etc... Considerando o número de 40 e poucas mulheres, imagina só o custo disso tudo em 4 dias de Peitão.

**M.B:** Já interagiu ou tinha algum tipo de relacionamento com alguma das integrantes?

**F.G:** Com poucas. Mas principalmente com a Shana Müller por causa do programa Galpão Crioulo que eu participo desde o princípio e também já a conhecia há muitos anos desde de que ela apresentava programa de rádio. Mas no Peitão, eu tive o prazer de conhecer pessoalmente outras cantoras que eu já havia ouvido e ali pude abraçar: Nair Therezinha, Laura Guarany, filha do grande Noel Guarany, esse tronco missioneiro admirado por milhares de fãs. E certamente foi gratificante conhecer novos talentos, não só cantoras mas grandes instrumentistas, hoje por exemplo temos até conjuntos de baile formados somente por gurias.

**M.B:** Qual a importância de fazer parte desse movimento?

**F.G:** A importância é justamente abranger um maior número de público. Nos fortalecermos através das composições. Essa reunião impulsionou para que nós mulheres tivéssemos mais vontade em criarmos músicas falando de nós mesmas e não numa visão masculina. Eu me sinto muito honrada de trabalhar com grandes compositores, todos eles vestiram essa alma feminina através da música. Muitos compuseram na primeira pessoa, como Nilo Bairros de Brum: 'me chamo de cabo toco, sou guerreira, sou valente, sou mulher, combatente'; Luiz Carlos Borges compôs especialmente para eu gravar 'minha origem', Elton Saldanha também fez várias músicas para eu cantar, então eu me sinto gratificada e muito honrada por ter esses grandes compositores que fizeram música especialmente para eu defender, cantar, gravar. Mas, é importante que tenhamos mais composições vindas da própria mulher, da alma feminina, de nós mesmas. É importante que criemos cada vez mais para fortalecermos essa riqueza cultural que temos no Rio Grande do Sul que é um celeiro de grande obras, de músicas bem feitas as letras são muito bem construídas por causa dos festivais.

**M.B:** Participou de uma ou das duas edições?

**F.G:** Das duas. Ano passado eu fui até lá e inclusive tive o prazer de ver um número bem maior de mulheres que aderiram ao movimento.

No primeiro foram umas 40 mulheres artistas, e agora temos muitos outros nomes que se somaram a nós.

**M.B:** Como se organizam para as edições e eventos afins? (apresentações, gravações, entrevistas)

**F.G:** Nós temos um grupo de Whatsapp do Peitão, onde nos comunicamos quase diariamente e é através dele que acontecem todas as notificações das coisas que irão acontecer. Palestras, lives, informações culturais, shows, é muito importante essa comunicação direta do grupo.

**M.B:** O que mais chamou sua atenção no movimento?

**F.G:** Foi a quebra desse pré conceito que havia anteriormente de que as mulheres não eram unidas, e ali se mostrou ou foi comprovado que isso não é verdade. Houve um fortalecimento feminino, nos demos as mãos e chegamos à conclusão de que unidas somos mais fortes. Uma auxiliando a outra, incentivando o trabalho de outra, sem essa pecha que existia e era uma grande bobagem! De que umas teriam inveja de outras. Nem todas podem ir todos os anos no encontro, mas a gente nota que há um acolhimento e fortalecimento dessa corrente feminina.

Cada uma com seu trabalho, novas composições, divulgação de shows e todas aplaudem e acompanham. Cada uma de nós tem sua voz pessoal, cada uma tem seu estilo, mas obviamente as novas cantoras se basearam ou se guiaram em nossos trabalhos. Eu digo a nós: a Maria Luiza Benites, eu, a Marlene Pastro, a Loma. A forma de vestir, interpretar, mas nas suas trajetórias cada uma buscou sua própria identidade.

**M.B:** De que forma se mantém em contato nos períodos em que não estão reunidas presencialmente?

**F.G:** Através dessas mensagens do grupo no whatsapp ficamos sabendo dos shows e festivais que irão participar e então acontecem os reencontros. A Oristela é a nossa apresentadora lá no Peitão, é uma pessoa maravilhosa, carismática, a fofa, uma mãezona que abraça todas. Eu tive a alegria de conhecer a Oristela há uns 30 anos atrás no Musicanto de Santa Rosa e também na Tertúlia de Santa Maria. No peitão, nos reencontramos.

**M.B:** Faz parte de grupos no WhatsApp ou nas redes sociais? Você é ativa nesses espaços?

**F.G:** Sim, certamente. Eu penso que devemos acompanhar a evolução dos tempos através de todo esse aparato tecnológico que temos à nossa disposição e nós artistas, precisamos de mídia. Porque quando iniciamos, Oristela, eu, Benites, Marlene, nós não tínhamos essa facilidade da tecnologia imediata existente hoje. Por exemplo, eu quero promover um evento, vou no computador e em menos de meio minuto a divulgação está sendo vista lá no Japão. É abrangente. Eu não fiquei no passado e vejo que é uma ferramenta necessária e muito importante que ajuda nosso trabalho. É necessário estarmos em movimento. Eu sou super ativa. Atualmente, além dos shows, estou apresentando programa de rádio, faço parte das redes sociais, tenho Instagram, Facebook, whatsapp, faço cursos de idioma e ainda encontrei agora, tempo para fazer yoga. Sempre em dia, mente e corpo.

**M.B:** Como foi a relação com a comunicação pela mídia digital? Houve alguma dificuldade?

**F.G:** Complementando a resposta anterior, não tive dificuldade. Creio que basta apenas ter vontade de aprender coisas novas e me manter atualizada. Quanto à mídia feita pelo peitão, a Shana creio que teve apoio da RBS, rádios e todos canais de comunicação. Aliás, aproveito aqui para elogiar novamente a grande idéia que nunca antes havia acontecido aqui no Estado, e essa congregação de mulheres artistas, reunidas em grande número foi um fato inédito. No início muitas pessoas, principalmente homens, comentavam rindo sobre a escolha do nome ‘Peitão’, fazendo alusão ao peito feminino, mas não tem nada a ver. Por favor! Peitão, existe no vocabulário gauchesco há séculos e tu sabes bem que quer dizer arrojado, ir com tudo, fazer com vontade algo que nunca foi tentado antes ou ter coragem e isso se aplica não só para mulheres mas para os homens também, esse termo. E hoje reconhecem que foi um peitão que nós demos. Um grande passo para a união de mulheres artistas do Rio Grande do Sul.

**M.B:** Você se sente parte de uma comunidade ao participar do Peitão? Por que?

**F.G:** Sim. Me sinto parte de uma comunhão, com muito orgulho porque constatei e tive uma visão real do número imenso de mulheres que fazem arte no Rio Grande do Sul. Quando a gente percebe isso ao vivo, quando a gente tem esse contato imediato, se dá conta da grandiosidade disso tudo. Foi um despertar. Muitas não puderam ir, mas sabemos que fazem parte dessa corrente umas 70 mulheres e vai crescer cada vez mais através da divulgação e dos novos convites. A ideia foi concretizada com sucesso, está sendo repassada e não podemos deixar de prosseguir.

**M.B:** Existe sentimento de pertencimento a essa comunidade?

**F.G:** Com certeza! É um pertencimento do feminino. Pertencimento a igualdade.

**M.B:** O que é comunidade para você ?

**F.G:** No meu entender é participar de coração e alma de algo que nos una, que tenha um mesmo objetivo. No caso do peitão é a união para o fortalecimento da criatividade feminina, através da arte, que de certa forma estava adormecida no que se refere à composição.

**M.B:** De que forma participar do peitão fortalece o pertencimento ao território e aos símbolos do Rio Grande do Sul?

**F.G:** Justamente por termos consciência de que o Rio Grande do Sul é rico culturalmente. Respeitamos nossos símbolos Estaduais, as pessoas que vieram antes de nós e que nos deram a base para termos conhecimento de toda essa riqueza artística existente que ainda está sendo desenvolvida aqui. Fazemos parte de uma construção, estamos fazendo parte de uma história que será repassada para futuras gerações. Estamos completando 50 anos de Nativismo, mas antes desse movimento o folclore, as músicas gauchescas já aconteciam em território brasileiro e até internacionalmente com as apresentações do conjunto Farroupilha, que contava com participação feminina. O número expressivo de mulheres do Peitão oxigenando o movimento através de novos trabalhos certamente fortalece esse pertencimento. Mas devemos sempre nos guiar e respeitar aqueles que abriram o caminho! Barbosa Lessa, Paixão Côrtes, Glaucus Saraiva, Nico Fagundes e outros nomes importantes, que guiaram nossos caminhos.

**M.B:** O que é criatividade para você?

**F.G:** É ter ideias e concretizá-las. Não adianta ficar só nas ideias. Se faz necessário ir em frente. Minha cabeça está sempre fervilhando de idéias, aliás, muitas vezes contei com muito entusiasmo minhas idéias para pessoas que eu confiava e infelizmente realizaram antes de mim, o que eu havia contado com alegria. Agora aprendi a fechar a boca. Musicalmente compus várias músicas que eu defendi nos Festivais e que foram premiadas. Meu ex-marido Heleno Gimenez pegava o violão, íamos para a cozinha que tinha uma mesa grande onde ele colocava a letra de algum poeta que havia escrito um tema para eu cantar. ‘Tapejaras do Amanhã’ do Hilário Retamozo, ‘Cabo Toco’ do Nilo Bairros de Brum e tantas outras, quase metade das melodias são criações minhas, assim como tantas vocalizes que eu fiz nos anos 90 e eu mesma criava as frases e repassava com a voz para fazer duetos com o violino, a gaita ou teclado. Eu não dava a devida importância a minha participação, achava natural

contribuir com a construção da música e por isso meu nome nunca constou nas composições. Ficava no anonimato, e achava tudo bem. Geralmente as ideias me vem à cabeça de madrugada. Aí, me levanto da cama e escrevo para não esquecer no dia seguinte. Ideias de arranjos, ideia de colocar a gaita pela primeira vez no Hino Riograndense em 1989, quando era proibido mudar andamento, tom e arranjo eu gravei a interpretação do Hino com essa ideia que veio através do sonho. Acordei! E fui gravar!

**M.B:** O movimento peitão incentiva o exercício da criatividade?

**F.G:** Sim. Essa é a principal intenção do Peitão. É justamente cumprir essa missão de nós mesmas, mulheres, compormos músicas falando sobre o universo feminino. Já no 1º Peitão houve oficinas de composição para quem nunca havia feito músicas antes ou aquelas que nunca haviam escrito versos. Então aconteceu esse incentivo. Essa é a meta do Peitão. Não é uma disputa entre masculino e feminino entre compositores homens e mulheres. É uma soma para que tenhamos mais visibilidade e mostrarmos que temos capacidade de compor músicas e não ficarmos mais sentadas à espera de um novo trabalho feito por outra pessoa.

**M.B:** O exercício da criatividade no Peitão se dá de maneira individual ou coletiva? Como?

**F.G:** Coletiva sempre! A Shana chama meia dúzia de mulheres para irem pegar quatro, cinco ou seis palavras chave para construírem a composição. Eu fui ,peguei cinco palavras: voz, lua, semente, emoção e latina. E o tema já me veio à cabeça, peguei o caderninho e já escrevi a primeira frase da música: ‘Sou mulher, gaúcha e Latina e outras frases soltas’, aí, à tardinha consegui ir convidando as colegas e formamos um grupo de 5 mulheres. Sentamos ao redor da mesa e as ideias foram se somando. Cada uma dizia uma palavra e então de repente compusemos um Soneto. Como a letra ficou bem forte, combinamos de fazer em ritmo de chamamé bem pulsante. Demos uma ensaiada depois de pronta a tal música e no outro dia apresentamos no palco do Peitão, obviamente lendo a letra porque é impossível decorar de um dia para o outro. Foi muito bonito, muito edificante e as apresentações feitas num palco com iluminação, sonorização feita por mulheres, não tinha um homem lá, só mulheres, num palco com tudo e nos apresentamos e quando um grupo subia as outras sentavam e aplaudiam o trabalho das colegas.

**M.B:** Você acredita que enquanto comunidade o Peitão resolve o problema da representação e do protagonismo da mulher na música gaúcha?



**F.G:** É um primeiro passo. Eu acredito que a palavra não seria protagonismo e sim igualdade. Deixarmos de ficar em segundo plano e sermos sempre uma minoria na música gaúcha. A semente foi plantada em 2019 e depois da pandemia aconteceu o segundo encontro ano passado. Este ano acontecerá o terceiro e com certeza vai haver um fortalecimento e engrandecimento. Será um momento em que a mulher terá voz e vez!

**M.B:** Você conhece a ideia de comunidade criativa?

**F.G:** Olha, o Peitão não deixa de ser uma ideia de comunidade criativa. Com certeza é! E essa ideia do coletivo de mãos dadas com o objetivo de resolver questões que são em prol de um bem comum, certamente vai motivar e impulsionar a carência de mulheres compositoras que eram em pequeno número antes do Peitão.

**MB:** quer que eu te explique o conceito?

**F.G:** Diga!

**MB:** Comunidade Criativa É quando sujeitos com objetivos afins se unem para resolver uma questão ou problema.

**M.B:** Acredita que o Peitão pode ser considerado uma comunidade criativa?

**F.G:** Sim, de acordo com a primeira resposta, ele está resolvendo uma carência existente anteriormente ao Peitão. Era uma carência de mulheres compositoras, não da presença feminina nos palcos, isso já vinha acontecendo nesses últimos anos.

**M.B:** Para você, que reais mudanças o trabalho desenvolvido no Peitão promove para as mulheres na indústria fonográfica? (dá mais visibilidade)

**F.G:** Diretamente não. Mas eu notei um entusiasmo expressivo de colegas que estavam no anonimato, meio adormecidas ou sem ânimo de continuarem seus trabalhos musicais. Então de certa forma o movimento Peitão impulsionou e deu uma injeção de ânimo, motivando essas colegas voltarem à ativa e se jogarem com tudo nas redes sociais, relançando álbuns em plataformas digitais. Existe sim um número crescente de divulgação de trabalhos através das mídias que são fundamentais para a visibilidade do artista.

**M.B:** Só para evidenciar aqui, são mais de 80 troféus, quantas músicas gravadas?

**F.G:** Músicas gravadas eu perdi as contas! Foram 20 anos concorrendo nos Festivais, mais três CDs solo, umas 15, 20 participações em discos de colegas, Cd do Zaffari, coletâneas de gravadoras, discos de Rádio do interior. Mas penso que isso tudo dá em torno de umas 350. Quanto aos troféus, estes 80 são especificamente meus de melhor intérprete e outras homenagens individuais, porque os troféus de primeiro,

segundo e terceiro lugares que foram muitos, ficam sempre com os compositores e somando esses, tive o prazer de conquistar uns 25/30 troféus interpretando belíssimas obras. Atualmente eu participo dos festivais fazendo parte das comissões julgadoras ou sendo apresentadora. Continuo atuante no movimento nativista fazendo shows por todo Estado com minha banda de excelentes músicos.

**M.B:** Sobre a participação feminina na música gaúcha, qual a sua observação?

**F.G:** Eu lamento que grandes nomes que participaram de festivais, lá no início, grandes cantoras que esmoreceram e perderam o interesse, por isso que o número foi tão pouco lá nos anos 1990 e 2000. Muitas desistiram no meio do caminho e foram buscar outros rumos, procurar outro tipo de arte, de trabalho,, mas o importante é que cinco ou seis continuaram firmes sem esmorecer, sem deixar de lado e sem parar jamais, mesmo com todas as adversidades com as questões e dificuldades que encontramos no meio do caminho a gente continuou com o pé firme nesse segmento.

**M.B:** Como você se vê na música gaúcha?

**F.G:** Eu tenho muita alegria de ver o reconhecimento do fã, o carinho das pessoas que me encontram. Lá no Peitão tive essa demonstração com os novos talentos e até com as outras que já trabalhavam mas que não me conheciam pessoalmente. Chegamos a ficar com os olhos marejados, as lágrimas, eu senti aquele abraço carinhoso, apertado, então esse reconhecimento não tem preço é algo maravilhoso. Eu me vejo como quem fez um trabalho com seriedade, com carinho, dedicação, ao obter esse reconhecimento eu vejo que trilhar o caminho certo. É um sentimento de dever cumprido.

**M.B:** De que modo o Peitão atua nessa realidade?

**F.G:** Congregando e fazendo com que haja um pertencimento feminino. Eu acho que o momento é agora, que ele foi idealizado e concretizado, isso é o que é mais importante. Não ficou só no sonho, foi em frente, foi impulsionado e agora não dá para parar porque ele está cada vez maior, cada vez mais importante. Houve um reconhecimento por parte do movimento todo, por parte dos colegas homens então eu creio que estamos no caminho certo e as composições já estão sendo reconhecidas nos festivais, justamente, por causa do Peitão. Essas mulheres que participaram, nunca antes haviam tido a ideia de entrar nesse movimento ou de participaram dos festivais nativistas estão compondo e ganhando prêmios. Através desse grupo do Whatsapp a gente fica sabendo onde elas estão e elas mandam fotografias e a gente fica torcendo por elas. Deu certo desde o início, teve aquele primeiro passo em 2019, ano passado aconteceu o segundo e já cresceu imensamente o número de mulheres participando do

movimento nativista, dos festivais, fazendo shows, lançando cd's e compondo que é a meta principal e original do peitão: mais mulheres compondo.

**M.B:** Enquanto espaço criativo, que influência o Peitão fez na sua carreira?

**F.G:** Eu estava com essa vontade de compor adormecida, então ele restabeleceu o desejo de voltar a compor.

**M.B:** No Peitão, qual a importância da comunicação?

**F.G:** A comunicação é tudo em todas as áreas, é importante que nos comuniquemos cada vez mais. E as redes sociais, a mídia está aí a nossa disposição, é importante que façamos parte dessa globalização e que tenhamos essa mídia imediata, é um fortalecimento e divulgação do trabalho que fazemos.

**M.B:** Tem algo a mais que gostaria de acrescentar?

**F.G:** Eu gostaria de acrescentar que eu gosto muito de ti, admiro o teu carinho, a tua sensibilidade. Te desejo cada vez mais sucesso nos teus trabalhos e agradeço essa oportunidade que tu dá às mulheres, é importante que tenhamos cada vez mais pessoas como tu que promovem a cultura riograndense.

## APÊNDICE G - ENTREVISTA NAIR TERESINHA

TERESINHA, Nair. Entrevista concedida a Matheus Bernardes em 22 de fevereiro de 2023 por videoconferência para o projeto de mestrado em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC): "Uma querência entre acordes: práticas comunicacionais no Peitão da Composição Regional e a constituição de uma Comunidade Criativa".

**Matheus Bernardes (M.B):** Como e quando se deu seu ingresso no movimento Peitão?

**Nair Teresinha (N.T):** No primeiro Peitão que foi em 2019. Eu fui indicada e convidada pela Oristela Alves, que é minha conterrânea e contemporânea. Começamos na música juntas, ela um pouquinho antes, mas somos da mesma época. E ela me convidou e eu aceitei, porque eu sempre tive interesse em saber mais sobre composição. Até porque eu acho que chega um tempo em que a gente tem que se dedicar mais para essa parte para não ficar tão dependente de outros compositores.

**M.B:** Qual seu papel no movimento?

**N.T:** Eu sou apenas uma participante. Não faço parte do grupo que organiza, estou ali para aprender junto com todo mundo.

**M.B:** Já interagiu ou tinha algum tipo de relacionamento com alguma das integrantes?

**N.T:** Bem, isso eu até já te respondi, principalmente com a Oristela, mas eu já conhecia grande parte das mulheres que fizeram parte desde o início [do movimento nativista]. Então, principalmente as que iniciaram na música regional gaúcha, então eu tenho várias conhecidas ali. Mas principalmente a Oristela que me fez o convite, a Shana Müller, a Fátima Gimenez, a Análise Severo que eu acompanho a carreira e tive a oportunidade de conhecer muitas da nova geração também.

**M.B:** Qual a importância de fazer parte desse movimento?

**N.T:** Eu acho muito importante fazer parte desse movimento porque é um movimento que estimula a participação das mulheres como compositoras na música regional gaúcha. Eu agora estou fazendo um curso de composição online que inclusive o professor é paulista, roqueiro, jazzista, e ele ficou muito interessado quando eu falei que a minha composição era regional e ele se interessou em me ajudar nisso porque ele disse que não tinha experiência nenhuma nessa parte regional. Então eu acho muito importante que a gente se habilite em participar mais de festivais, ter uma maior

participação feminina dentro da música regional gaúcha no geral: festivais, shows e apresentações. Eu acho isso muito importante.

**M.B:** Participou de uma ou das duas edições?

**N.T:** Das duas.

**M.B:** Como se organizam para as edições e eventos afins? (apresentações, gravações, entrevistas)

**N.T:** A gente tem um grupo no WhatsApp em que estamos sempre em contato, uma prestigiando o trabalho da outra. Quando a gente tem alguma apresentação que envolve as participantes do Peitão a gente se comunica por ali e é por ali que a gente organiza tudo na maioria das vezes. Até, acho que foi em setembro do ano passado, a gente fez uma apresentação lá na Casa de Cultura Mário Quintana, onde a gente apresentou algumas das composições que foram criadas dentro do Peitão. E a gente ainda tá, por exemplo, eu fiz parte de um grupo, porque a gente se separa em grupos ali para facilitar o trabalho e o meu grupo era formado por feras, Loma, Adriana Sperandir, Marcia Freitas, Lizzi Barbosa, espero não ter esquecido de ninguém, e a gente tem um grupo do pessoal que a gente intitulou “Peitão do Litoral” porque é mais o pessoal de Porto Alegre/Litoral e ali também a gente faz os nossos contatos e a música que a gente criou no segundo Peitão nós já estamos providenciando para ir para o estúdio e gravar esses projetos do Peitão por nas plataformas digitais as músicas que a gente criou.

**M.B:** Certo, tu comenta a existência de um grupo à parte do grupo do Peitão, formado pelas integrantes com que tu compôs tua última composição no Peitão?

**N.T:** É só para a gente se organizar para a gravação, não tem nada de separado do Peitão, é para facilitar a comunicação, não é nada de segregação é para facilitar. O objetivo é a gente organizar a gravação da nossa composição.

**M.B:** O que mais chamou sua atenção no movimento?

**N.T:** O que eu achei muito bacana foi a união das mulheres. O pessoal tem aquela ideia de que mulher é desunida, que não se ajuda. Não é assim, pelo menos eu não tenho visto nada assim. A gente compartilha, a gente brinca, a gente passa momentos maravilhosos, a gente curte o trabalho uma da outra, eu achei essa questão da sororidade uma coisa muito forte e aqueles dias são sempre meio mágicos para a gente.

**M.B:** De que forma se mantém em contato nos períodos em que não estão reunidas presencialmente?

**N.T:** Basicamente é através do WhatsApp, tudo que é direcionado ao Peitão tá ali no grupo. Independente disso, a gente tem amigas de mais tempo e se comunica

particularmente. Mas quando tem a ver com o Peitão e a divulgação do trabalho a gente usa o grupo.

**M.B:** Faz parte de grupos no WhatsApp ou nas redes sociais? Você é ativa nesses espaços?

**N.T:** Olha eu faço o melhor que eu posso. Eu participo do grupo do WhatsApp principalmente.

**M.B:** Como foi a relação com a comunicação pela mídia digital? Houve alguma dificuldade?

**N.T:** Não, as gurias são muito bem organizadas. Além do nosso grupo do Peitão no Whatsapp a gente tem o nosso Peitão Oficial que é no instagram e as gurias fazem um trabalho muito bom, a Suzane [Su Paz], a Charlize [Bandeira], a própria Shana, mantém atualizadas as informações, o que interessa nessas páginas e eu acho que tá sendo bem satisfatório.

**M.B:** Você se sente parte de uma comunidade ao participar do Peitão? Por que?

**N.T:** Eu me sinto. Por causa da música que para mim a música é como o ar que eu respiro, sempre foi, e eu acho que para maioria das pessoa é. A música é essencial na vida de todo mundo, especialmente para gente que é artista, que seguiu uma carreira. Apesar de não ter uma carreira com muita divulgação, que apareça muito, faço parte dessa história [do nativismo] e me sinto muito entrosada, especialmente por causa da música.

**M.B:** Existe sentimento de pertencimento a essa comunidade?

**N.T:** Sim, existe. Existe até porque eu faço parte da história da música gaúcha. Inclusive, na última edição do peitão a gente foi homenageada, eu, a Oristela, a Fátima [Gimenez], a Loma, aquelas que começaram praticamente na música regional a partir do nativismo.

**M.B:** O que é comunidade para você ?

**N.T:** Comunidade é a convivência, é viver, é participar, é se envolver com as coisas que estão ao teu redor. Com as pessoas, com os assuntos, eu acho que isso basicamente é comunidade.

**M.B:** De que forma participar do peitão fortalece o pertencimento ao território e aos símbolos do Rio Grande do Sul?

**N.T:** Eu acho que, porque, além do que a gente já sabe e conhece, a gente aprende muito, principalmente sobre o Rio Grande do Sul, sobre a música gaúcha, Lá dentro a gente troca muitas experiências, muitos conhecimentos, não só nas oficinas que são

apresentadas, mas entre nós. Mesmo quando a gente está reunida em um momento de descontração a gente traz músicas antigas, música do cancionero gaúcho, numa brincadeira de cantar todo mundo junto, e nas conversas a gente aprende muito com o pessoal que já está a mais tempo na estrada, que tem uma atividade maior, eu acho isso muito importante.

**M.B:** O que é criatividade para você?

**N.T:** Criatividade é ter a condição de criar, como diz a palavra. É uma atividade criativa, de criar coisas novas e inovar em certas coisas. Eu tenho me preocupado muito, inclusive busco muito conhecimento nessa área da composição, porque quero ver se eu consigo fazer alguma coisa diferente, uma inovação num estilo, num ritmo. Eu tenho tido alguns desafios com poetas homens que têm me mandado letras para eu desenvolver essa parte da composição.

**M.B:** O movimento peitão incentiva o exercício da criatividade?

**N.T:** Incentiva, eu acho muito interessante os exercícios e as oficinas que a gente faz lá com as professoras fantásticas que a gente teve a oportunidade de conviver. No Primeiro Peitão eu achei muito interessante a oficina da Clarissa Ferreira que foi o que me entusiasmou muito a começar, porque até então eu pensava, pensava, e não começava.

Agora, no segundo Peitão tivemos a Isabel [Nogueira] e a Marília [Kosby], que são professoras da UFRGS, que fizeram vários exercícios e as palavras, os versos começaram a brotar. Eu lembro que na oficina da Marília eu estava ao lado da Ana Matielo, ela com uma cabeça mais jovem, mais arejada, é muito mais rápida para elaborar as coisas, e eu ao lado dela dizia: ‘Ana eu não consigo fazer, “tu consegue!”’, ela incentivou tanto que até o final da oficina alguma coisa saiu.

Então essa parte das oficinas, dos exercícios, isso estimula muito a criatividade. No primeiro Peitão, na oficina da Clarissa, o que eu achei fantástico foi que ela fez a gente caminhar pelo campo e ir até o açude em silêncio só observando. Quando eu quero pensar em um tema eu saio a caminhar por aí só observando as coisas, tanto é que no dia daquele exercício surgiu assim uma melodia na minha cabeça do ‘Canto do Quero-quero’.

**M.B:** O exercício da criatividade no Peitão se dá de maneira individual ou coletiva? Como?

**N.T:** De maneira coletiva. Porque vem a partir do exercícios que a gente faz nas oficinas, e nas oficinas a gente compartilha. É feito em grupo para formar as equipes

que vão compor, cada uma recebe um tema e a gente vai desenvolvendo aquele tema, então nesse sentido ela é coletiva. E é individual no sentido que ela te estimula, a mim pelo menos e eu acho que a maioria das gurias, a buscar dentro de ti o que tu queres fazer e como tu queres fazer, eu acho isso aí a parte mais idividula da cis, mas no gerla é coletiva.

**M.B:** Você acredita que enquanto comunidade o Peitão resolve o problema da representação e do protagonismo da mulher na música gaúcha?

**N.T:** Nós estamos na busca de resolver. Acho que o Peitão ta nos ajudando a cada uma fazer a sua parte para desenvolver a participação da mulher gaúcha no cenário, isso aí já nos levou a alcançar certos homens compositores e poetas que já nos veem com outros olhos, não só como intérpretes. Eles já apreciam o nosso trabalho e começam a acompanhar, tanto é que eu tenho várias parcerias aqui de poetas homens que mandam letras para mim fazer melodia. Então eu acho que isso já é uma forma que a gente tá alcançando algum objetivo. Para nós mulheres sempre foi mais difícil porque historicamente os homens eram os protagonistas de tudo na vida geral, hoje em dia a mulher tá em todas as carreiras e nós estamos acompanhando dentro da música regional e eu acho que a gente já lançou muita coisa. A gente ainda não mudou totalmente o panorama, mas a gente tá mudando.

**M.B:** Você conhece a ideia de comunidade criativa?

**N.T:** Eu acredito que seja de estimular a participação de todos no processo criativo.

**M.B:** Posso te dar a definição?

**N.T:** Pois não!

**M.B:** Comunidade Criativa é quando sujeitos com objetivos afins se unem para resolver uma questão ou problema.

**N.T:** É isso que a gente tem feito né!

**M.B:** Acredita que o Peitão pode ser considerado uma comunidade criativa?

**N.T:** Eu acho que pode, porque nós estamos ali, reunidas com esse propósito e nós fazemos parte de uma comunidade artística. Todas ali são artistas, intérpretes, musicistas, poetisas, então eu acho que é uma comunidade criativa com certeza.

**M.B:** Para você, que reais mudanças o trabalho desenvolvido no Peitão promove para as mulheres na indústria fonográfica? (dá mais visibilidade)

**N.T:** Eu não sei se a gente conseguiu galgar essa visibilidade toda dentro da indústria fonográfica, até porque, hoje em dia, eu não vejo mais indústria fonográfica,



eu vejo plataformas digitais que tu vai criando e vai lançando ali. Tenho acompanhado o trabalho de muitas gurias do Peitão nessa área, tipo a Suzane, a Bibiana [Alves], e outras que tem desenvolvido bem essa parte, e isso se deu a partir do Peitão que estimulou a criação, a criatividade e aos poucos as gurias vão desenvolvendo as suas composições e vão lançando nas plataformas digitais.

Eu mesma estou com alguns projetos, que ainda são projetos porque não é muito fácil, no meu caso eu não sou instrumentista, eu dependo músicos para fazer os meus shows, as minhas gravações e por isso eu to tentando aos poucos ficar um pouco mais independente para dar a ideia do que eu quero porque eu vou depender dos instrumentistas porque apesar de eu estar estudando violão eu estou indo muito devagarinho. Nós temos um grupo de instrumentistas maravilhosas dentro do Peitão, inclusive no show que nós fizemos da apresentação das músicas do Peitão a banda era só de mulheres, e foi fantástica, é uma ideia também de fazer alguns shows assim porque eu acho que vai ser uma coisa bacana.

**M.B:** Sobre a participação feminina na música gaúcha, qual a sua observação?

**N.T:** Eu acho que nós já conversamos sobre isso, porque a participação da mulher na música gaúcha aumentou muito, tanto que se tu acompanha os festivais por aí tu vê a quantidade de mulheres que participam como intérpretes, como compositoras, eu acho que a gente já tem alcançado algum sucesso nessa parte aí. Mas ainda há uma caminhada a ser seguida para que a gente chegue em um patamar maior, pelo menos parelho com os nossos companheiros, mas acredito que já se conseguiu muita coisa.

**M.B:** Como você se vê na música gaúcha?

**N.T:** Eu comecei na música popular como a maioria dos artistas da época, inclusive a gente já conversou sobre isso em algumas ocasiões. Adoro cantar música popular, mas eu sou muito fã da música popular gaúcha [MPG], sou fã mesmo do trabalho dos nossos compositores de música popular, e se tu observar os meus cds eu faço uma escolha de músicas nativistas que me tocam, que me fazem sentir bem cantando elas. Eu sou mais nativista, tradicionalista, eu nunca fui. Desde menina, com 11 anos, quando eu comecei a cantar eu música popular, depois com o evento do nativismo eu comecei a participar como todos os outros músicos e cantores.

**M.B:** Já que tu entrou nesse âmbito de música tradicionalista, nativista, MPG, tu acredita que o Peitão tem alguma delimitação quanto a esse estilos que compuseram o cancionário gaúcho ou ele é aberto a todos esses estilos?

**N.T:** É aberto a todos esses estilos, porque dentro do nosso grupo nós temos por exemplo a Marines Siqueira, que é uma gaiteira tradicionalista, se tu for observar o trabalho dela é um trabalho bem tradicional, nós temos a Jurema, que é poetisa que é bem tradicional nas suas composições, também temos o pessoal que é mais nativista e temos também a MPG, Adriana Sperandir é uma representante muito boa, ela a filha dela. E dentro do Peitão a gente desenvolve alguma coisa nesse sentido, é aberto se bem que é direcionado para a música regional gaúcha, nativista mais.

**M.B:** De que modo o Peitão atua nessa realidade?

**N.T:** O Peitão para mim atua como um estímulo para eu continuar, porque eu fiquei muito tempo fora do ambiente musical por questões profissionais e depois resolvi gravar os meus cds e voltar a cena. Quando eu participei do Peitão isso me ajudou na experiência com as outras artistas que participaram e também me incentivou a buscar um caminho. Eu acho que como era uma coisa que ficava no âmbito da vontade de fazer e não do fazer realmente, hoje eu tenho algumas coisas que eu já fiz, que já estão até gravadas e eu tenho encaminhado para festivais e nesse âmbito eu acho que é uma coisa que só me engrandece. Me ajudou a crescer dentro da música!

**M.B:** Enquanto espaço criativo, que influência o Peitão fez na sua carreira?

**N.T:** Eu acho que é isso, me fazer enxergar, obter os conhecimento que eu preciso para ser uma compositora. Eu basicamente nem tenho pretensão para fazer poesia, para fazer letras, para ser uma letrista, eu me esforço mas eu não tenho muito talento para essa área. A minha área é mais a parte das melodias que é o que eu gosto mais de fazer. E através do Peitão, além de eu conviver com outras artistas que tenham trabalhos que possam influenciar, me incentivou a buscar esse conhecimento. A tentar e a fazer alguma coisa. Eu reconheço que faço as coisa mais devagar mas estou fazendo, o meu projeto para esse ano é fazer coisas melhores, melodias melhores, tanto é que eu estou buscando cursos para fazer esse trabalho para que eu faça melodias cativantes que valham a pena para engrandecer os versos maravilhosos de poetas e poetisas que temos aqui no Rio Grande do Sul. Então dentro disso eu aprendi muito e fui muito incentivada pelo Peitão.

**M.B:** E no Peitão, qual a importância da comunicação?

**N.T:** No âmbito interno é muito bacana tu fazer essa troca de experiências e a convivência, conhecer pessoas novas, conhecer a gurizada da nova geração e, principalmente, a união que há lá dentro voltada para o mesmo objetivo. eu participei das duas edições e se tiver a terceira vou participar também até porque eu gosto de

conviver nesse meio, nós somos todas do meio artístico, do meio da música, então isso aí te traz uma realização muito grande.

E fora que tem muita gente em entrevistas, quanto em conversas com outros artistas o pessoal já reconhece ‘a tu participou do Peitão, que legal o trabalho de vocês’, e a imprensa também dá um certo espaço, mas é mais na época, depois a coisa é individual, cada uma segue a sua carreira. Mas como a gente tem aquele grupo a gente tá sempre divulgando uma o trabalho da outra e ali mesmo a gente tem as informações sobre festivais, porque cada vez que abre as inscrições para um festival é colocado ali no nosso grupo para as mulheres se incentivarem e mandarem seus trabalhos.

**M.B:** Tem algo a mais que gostaria de acrescentar?

**N.T:** Não, eu só tenho a agradecer a oportunidade que sempre me deste e deste ao Peitão tanto é que está desenvolvendo esse trabalho que eu acho muito importante que vai ajudar muito até mesmo na divulgação. Quero agradecer e desejar todo o sucesso com muito carinho e dizer que tu pode sempre contar comigo para o que precisar

## APÊNDICE H - ENTREVISTA LUIZA GOMES VELOSO

VELOSO, Luiza Gomes. Entrevista concedida a Matheus Bernardes em 23 de fevereiro de 2023 por videoconferência para o projeto de mestrado em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCI): "Uma querência entre acordes: práticas comunicacionais no Peitão da Composição Regional e a constituição de uma Comunidade Criativa".

**Matheus Bernardes (M.B):** Como e quando se deu seu ingresso no movimento Peitão?

**Luiza Gomes Veloso (L.V):** Ele aconteceu como indicação. Foi quando o movimento começou a organizar o evento em si. Até hoje eu não sei bem quem foi, mas se montou aquele grupo no Whatsapp, que começou como uma ideia, e se consolidou depois como o Peitão. E eu entrei bem no começo do grupo. Quando entrei devia ter umas 20 pessoas. Foi assim que eu comecei a me inteirar do que iria acontecer.

**M.B:** Qual seu papel no movimento?

**L.V:** Eu atuo muito mais como instrumentista do grupo. Eu acabo interagindo mais com as gurias, e me integrando mesmo como instrumentista, porque é uma falta que tem no grupo em geral, então acabei conseguindo me integrar e circular entre vários círculos ali.

**M.B:** Já interagia ou tinha algum tipo de relacionamento com alguma das integrantes?

**L.V:** Com algumas, umas quantas na verdade. Com as da minha geração, com as que convivo desde a época dos festivais de gurizada, e algumas mais velhas que eu conheci também nesse meio, como a Analise [Severo], a própria Oristela [Alves], como a Loma eu conhecia um pouquinho, mas não era muito, a Clarissa [Ferreira], a Charlise [Bandeira] também, mas não era muito. Com algumas tinham um contato prévio, mas não eram todas.

**M.B:** Qual a importância de fazer parte desse movimento?

**L.V:** Eu sou muito adepta do pioneirismo. E eu acho que esse movimento é pioneiro, no sentido da música regional em si, dele abranger e colocar em evidência a ausência da mulher, o que é um pouco contraditório na nossa música nativista. E eu sou uma pessoa que sempre fui muito ativa nessa causa das mulheres, desde que eu comecei a estudar e fui reparando em pequenas coisas que me incomodavam no meu cotidiano

no meio nativista. Eu acabei me envolvendo muito rápido e muito nova com esse contexto do feminismo, e para mim o Peitão é muito importante nesse quesito.

**M.B:** Participou de uma ou das duas edições?

**L.V:** Das duas.

**M.B:** Como se organizam para as edições e eventos afins? (apresentações, gravações, entrevistas)

**L.V:** Para o evento em si, a gente fica na espera dos comandos e das orientações da Shana [Müller], que foi a idealizadora principal e a mulher que abriu as portas da casa para que a gente fosse para lá, acampar um final de semana e ficar instaladas. Então, parte dela, num primeiro momento, sugere datas: ‘Gurias, eu penso em tal e tal datas. Votem’. Então, começa a votação e a discussão de quem vai e não vai. Para o evento parte daí. E no segundo ano teve muito mais uma integração, no sentido de que todas podiam procurar apoiadores para o evento, para fornecer alimentação, erva-mate, enfim. Apoiadores que se interessassem pela aura do evento. Isso abrangeu um pouco mais as gurias, teve um pouquinho mais de participação. E no evento em si, a gente conversa muito para ver como vamos levar essa proposta adiante, para a gente sair das cercas da fazenda ali, de Val de Serra. E algumas dessas ideias acabam conseguindo ir para frente, como foi ano passado, o evento na Casa de Cultura Mário Quintana. Foi uma ideia que surgiu lá e foi possível consolidar. Como são muitas pessoas envolvidas, têm muitas mulheres no grupo, muita coisa acaba se perdendo. Muitas ideias surgem num certo círculo e acabam não saindo dali. E fora a questão de recursos, como estamos espalhadas é meio difícil de reunir as gurias fora do ambiente do Peitão. Então, o que se pensa muito e ainda não se conseguiu fazer, é uma apresentação regional do Peitão, que o Peitão consiga acontecer em diferentes regiões com as integrantes daquele meio. É o que está por sair do papel, também, mas o acontecimento fora da cerca do Peitão é bem restrito ainda.

**M.B:** Esse evento que você comentou seria um show com as integrantes, por exemplo da Fronteira Oeste, do Litoral?

**L.V:** Isso. A ideia seria o Peitão no litoral, e abrir para as gurias da região e quem tiver por perto e quiser participar. Mas pensando na região para ser mais fácil daquelas se deslocarem.

**M.B:** Certo, seria um show, não uma ideia de grupo para compor?

**L.V:** Não, como show, ou oficinas. Porque esse também é o intuito do Peitão, a questão da educação.

**M.B:** O que mais chamou sua atenção no movimento?

**L.V:** Acho que o pioneirismo e a possibilidade do Peitão servir não só para a composição, mas como um modo de integrar tantas gurias que vivem disso. E muitas vezes a gente só se conhecia pelo nome, só ouvia falar uma da outra e, ainda que convivesse no mesmo ambiente, nunca tinha conseguido se cruzar ou não tinha tanto contato. E pra mim isso é muito importante. Eu acredito que numa cultura, as pessoas só ficam com aquilo em que elas se identificam. Então acaba sendo mais fácil e mais prazeroso a gente se sentir pertencente a um lugar onde vemos as nossas semelhantes. E é isso que eu vejo que acontece com o Peitão. A gente vê mais mulheres atuando, mais mulheres compondo e se sente espelhadas, para ir atrás e fazer a mesma coisa.

**M.B:** De que forma se mantém em contato nos períodos em que não estão reunidas presencialmente?

**L.V:** O grupo do WhatsApp com as gurias sempre está fervendo. Sempre tem algum comentário, a Oristela sempre está mandando regulamento de algum festival. E quando tem participação de alguma das gurias, tanto quando é uma ou oito das gurias participando, aí se tem uma comoção, as gurias param para assistir umas às outras, mandam fotos e torcem. Então se tem esse contato mais pessoal, já se tornou um grupo de amigadas.

**M.B:** Faz parte de grupos no WhatsApp ou nas redes sociais? Você é ativa nesses espaços?

**L.V:** Sim, participo bastante.

**M.B:** Como foi a relação com a comunicação pela mídia digital? Houve alguma dificuldade?

**L.V:** Não. E eu acho que muito pela minha geração, que acompanha o crescimento das redes sociais, então, para mim, sempre foi muito natural.

**M.B:** Enquanto a comunicação com o grupo?

**L.V:** Também. Com o grupo, ainda mais quando se tem grupos grandes, é meio um pouco mais difícil tu manter uma comunicação estável e organizada. Mas foi criado, para o grupo, algumas regras de convívio, para o grupo não ficar sobrecarregado e cansativo para quem não tem o hábito das redes sociais.

**M.B:** Tu poderia falar dessas regras e como funciona?

**L.V:** Por exemplo, aquelas mensagens de bom dia, boa noite, figurinhas e correntes de religião, essas coisas, não tem. O grupo é para informativos de festivais, quando a gente não está em atividade, e discussões sobre o Peitão em si, o evento em

si, eventos que surgem em decorrência dele. No geral é isso, a gente não comenta assuntos muito além do Peitão no grande grupo.

**M.B:** Tu falou em grande grupo, existem grupos menores?

**L.V:** Existe o grupo da organização. E existiu, na época da pandemia, quando a gente fazia lives conversando, e aí as gurias escolhiam um tema, escolhiam as participantes da semana, e essa live era transmitida pelo YouTube, existia uma grupo de quem tinha interesse em participar desse programa.

**M.B:** Dentro do grupo do Peitão, quando estão reunidas em quase 50 mulheres, existem grupos menores? Por exemplo, já foi citado [em outra entrevista] o grupo das instrumentistas. Existe o grupo das compositoras, das letristas?

**L.V:** Sim, mas eu noto que esses grupos menores acontecem mas, lá pessoalmente, por região ou por afinidade musical. Por exemplo, acaba formando o grupo das gurias que gostam mais da música litorânea, e elas ficam ali e compõe a música ao estilo mais litorâneo. Têm as gurias mais do contemporâneo, como é o caso da Clarissa, da Ana Mattiello, da Brenda, e aí elas acabam se juntando e compondo mais contemporâneo. Então, tem sim essa divisão e ela acontece tanto por questões regionais quanto pela afinidade musical. No segundo ano, um pouco mais que no primeiro, acho que pela questão de que a gente já se conhecia um pouco melhor.

**M.B:** Você se sente parte de uma comunidade ao participar do Peitão? Por que?

**L.V:** Sim. Porque eu vejo o Peitão como um marco que já reflete nas meninas mais novas. Por exemplo, depois do primeiro ano, quando eu ia participar dos festivais depois do Peitão, muitas das pequenas vinham falar ‘ah, eu sei que tu participou do Peitão’. Então, o Peitão em si já criou uma aura, um espaço onde as mulheres vão e convivem, e interagem, e as meninas já estavam muito encantadas e curiosas com essa ideia do Peitão. Sim, eu vejo o Peitão como uma comunidade por causa disso, eu vejo o reflexo do evento nas outras pessoas.

**M.B:** Existe sentimento de pertencimento a essa comunidade?

**L.V:** Sim, muito!

**M.B:** O que é comunidade para você ?

**L.V:** Para mim a comunidade é um grupo de indivíduos que acabam compartilhando algumas características em comum, seja físico, regional, cultural. Eu vejo a comunidade como esse aglomerado de indivíduos que compartilham afinidades, gostos e características em comum.

**M.B:** De que forma participar do peitaco fortalece o pertencimento ao território e aos símbolos do Rio Grande do Sul? (música)

**L.V:** Eu vejo muito por esse lado da identificação, de eu perceber como outras mulheres percebem o ambiente em que eu convivo, e o quanto que a descrição de outras mulheres desse ambiente, bate com o que eu vejo também. Do quanto eu sinto que elas estão enxergando a mesma coisa que eu, e do quanto isso tá mais dentro da nossa realidade do que uma poesia masculina, por exemplo. Por mais que eu tenha o contato com o campo, a gente tem a nossa visão de mulher, não dá para dizer que não. E é muito bom, nesse sentido, eu conseguir ver que tem outras pessoas falando sobre o que eu quero falar.

**M.B:** O que é criatividade para você?

**L.V:** Acima de tudo, eu acho que é explorar. Acho que é tu abrir um espaço na tua mente, para que tu possa se desenvolver além das tuas questões mais restritivas, te permitir explorar um ambiente que tu não tem muito contato.

**M.B:** O movimento Peitaco incentiva o exercício da criatividade?

**L.V:** No evento, sim. Isso é algo que a gente discute, porque depois acaba sendo difícil para as gurias, e me incluo nisso também, de manter o exercício da composição. Porque as gurias voltam para casa, e tem filho, e todo mundo trabalha, e tem faculdade, é outra rotina. E como a gente não tem esse hábito da composição, a gente precisa dedicar um tempo específico para fazer isso, acaba sempre ficando para depois. Mas lá é possível, porque a gente está reservada só para fazer isso. E se entende a composição como um processo que abrange o corpo inteiro, abrange corpo, mente, autoconhecimento. Então, desde o princípio, são feitas oficinas, não só de composição, mas que a gente se prepare para esse de sentar e compor juntas.

**M.B:** O exercício da criatividade no Peitaco se dá de maneira individual ou coletiva? Como?

**L.V:** Os dois. As oficinas acabam trabalhando mais de maneira individual, no sentido de ‘eu vou te dizer uma palavra e tu vai escrever uma frase sobre isso, sem pensar muito’. E aí tu escreve uma frase sem pensar muito, esse é um exercício individual. Nas oficinas acontece uma coletividade quando se propõe uma música em conjunto, em que cada uma vai cantar uma frase. Aí, tu agrega a parte individual com a coletiva e cria, numa oficina, um contexto do grupo. E o objetivo final do Peitaco que é a composição, então a gente acaba se dividindo em alguns grupos, se tenta enumerar os grupos, “a gente quer ter 13 composições e vocês se dividam para ter ter 13



composições; mas nem sempre dá, por essas questões de afinidade, de restrição de instrumento, são poucas que tem o hábito da composição”. Então a gente acaba reduzindo o número de músicas para conseguir incluir mais pessoas.

**M.B:** Você acredita que enquanto comunidade o Peitão resolve o problema da representação e do protagonismo da mulher na música gaúcha?

**L.V:** Resolver, não resolve, mas ajuda muito a dar visibilidade para esse tema que por muito tempo, acredito que muitas de nós batíamos nessa tecla, mas de forma particular. Eu ia no meu grupo e batia nessa tecla do “eu quero ver mais mulheres tocando”, mas eu era uma andorinha só. E aí estava a Analise, noutro lugar dizendo ‘eu queira ver mais gurias tocando’; a Aline [Ribas], em Pelotas, dizendo ‘poxa, porque só eu componho?’. Então, cada uma gritava a sua inquietação, sozinha. E nesse sentido, o Peitão juntou todas essas vozes que ecoavam nos seus cantos numa só, e deu essa visibilidade que precisava por causa do quórum que teve. Eu vejo essa importância.

**M.B:** Você conhece a ideia de comunidade criativa?

**L.V:** Acho que não.

**MB:** Comunidade Criativa é quando sujeitos com objetivos afins se unem para resolver uma questão ou problema.

**M.B:** Acredita que o Peitão pode ser considerado uma comunidade criativa?

**L.V:** Acho que sim.

**M.B:** Para você, que reais mudanças o trabalho desenvolvido no Peitão promove para as mulheres na indústria fonográfica? Dá mais visibilidade?

**L.V:** Dá mais visibilidade, com certeza. No ano da primeira edição, foi gritante a diferença das participações das gurias nos festivais. Naquele mesmo ano, antes do Peitão e depois. Claro que não foi assim, “naquele festival metade das participantes eram mulheres”. Não, isso ainda vai demorar. Mas, já teve, no mesmo ano, festivais com cinco, seis intérpretes, o que já é um passo muito grande, considerando o meio que a gente vive. Então sim, é uma ferramenta contribuidora para essa igualdade que a gente busca, mas não é o que vai resolver. É uma ferramenta que a gente tem que se apoiar para chegar onde quer.

**M.B:** Sobre a participação feminina na música gaúcha, qual a sua observação?

**L.V:** Para mim ela ainda é bem escassa. Eu vejo várias das gurias comentando que hoje em dia melhorou muito, que tem mais gurias participando. Mas ainda segue nessa, num festival com 30 participantes, tem duas mulheres instrumentistas, quando muito, tem três mulheres intérpretes, e uma música com compositoras mulheres. Então é algo

que avança ainda a passos bem lentos. É um trabalho de formiguinha, a gente vem colhendo isso desde as participações da Oristela e da Fátima nos festivais. E eu vejo alguns avanços, principalmente pela adesão das gurias mais novas. As gurias são maioria nos festivais mirins e eu espero que essa geração consiga ter espaço para seguir quando passarem para a categoria profissional.

**M.B:** Como você se vê na música gaúcha?

**L.V:** Eu me vejo como uma pessoa versátil, porque eu atuo como instrumentista e, ultimamente, eu tenho conquistado mais espaço para aparecer como intérprete, que é algo que eu sempre fiz como plano B, mas eu sempre gostei muito. E eu acho que se conquistei algum espaço foi, em primeiro lugar, por aparecer como instrumentista, e conseguir me consolidar, conseguir com que as pessoas olhassem para mim e pelo menos soubessem ‘ah aquela é a guriuzinha de Livramento que toca contrabaixo’. E a partir disso abrir espaço para eu construir uma trajetória como intérprete. Então eu vejo a minha participação assim. E agora, também, aliada a minha questão acadêmica por eu bater nessa tecla, de uma forma mais formal e acadêmica, sobre a participação feminina.

**M.B:** De que modo o Peitão atua nessa realidade?

**L.V:** O Peitão me ajuda muito na questão dos contatos. Em primeiro lugar, para mim, o que a gente mais precisava antes da composição, era se conhecer e ter essa possibilidade de estreitar laços e se fortalecer umas nas outras. Isso eu sentia muita falta, porque em Livramento nós somos poucas. Aliás, para ser uma cidade do interior, nós somos muitas gurias que tocam. Mas nós somos todas jovens. Então, nós todas estávamos enfrentando os mesmos problemas ao mesmo tempo. Não tinha uma para sair e dizer ‘eu já passei por isso, eu vou abrir o caminho para vocês’. Porque, todas nós estávamos tentando fazer a mesma coisa de jeitos diferentes. Então a gente precisa também dessa mola propulsora, de uma pessoa mais experiente, e isso o Peitão nos trouxe, de ouvir a experiência, de trocar ideias com quem já viveu e, de uma certa forma, a aproveitar que essas pessoas abrissem espaço do que elas já conquistaram para que gerações como a minha e as que vão vir ainda possam aproveitar.

**M.B:** Enquanto espaço criativo, que influência o Peitão fez na sua carreira?

**L.V:** Considerável. Eu não componho muito, tenho pouquíssimas composições. A composição ainda não faz parte da minha rotina, mas eu me permito criar mais arranjos, por exemplo, do que eu vou tocar, me permito, no meu próprio repertório, quando vou escolher, já pensar em uma instrumentação mais específica. Já dar os meus pitacos, dentro que eu me permito fazer, dentro do que eu me proponho. Por exemplo, eu tenho

dificuldade de fazer uma melodia sozinha, de eu começar do zero, mas se eu peço para o Cris, meu namorado, se eu peço para um amigo me ajudar, eu consigo dar um rumo. Então, eu já vejo alguns passos nesse processo de composição, que também é devagar porque é um hábito que se constrói a passos lentos, mas eu vejo esse progresso.

**M.B:** No Peitão, qual a importância da comunicação?

**L.V:** É tudo. A comunicação é que permite a gente estabelecer, desde a base do evento, desde a própria data. Nada no Peitão é construído sozinho. O Peitão, desde a sua concepção, todo ele é debatido, ele é conversado, ele é acordado entre partes, então a comunicação está presente desde a idealização do Peitão. De onde é que vai ser feito, porque é que vai ser feito, como é que vamos fazer as coisas. Nada foi decidido sozinho sobre o Peitão. Foi tudo discutido em ou entre a comissão organizadora, ou entre o grande grupo, ou alguém que tem mais contato com alguém da organização. Sempre tem essa troca de ideias.

**M.B:** Tem algo a mais que gostaria de acrescentar?

**L.V:** Não, acho que é por aí.

## APÊNDICE I - ENTREVISTA BIANCA BERGMAM

BERGMAM, Bianca. Entrevista concedida a Matheus Bernardes em 24 de fevereiro de 2023 por videoconferência para o projeto de mestrado em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCI): "Uma querência entre acordes: práticas comunicacionais no Peitão da Composição Regional e a constituição de uma Comunidade Criativa".

**Matheus Bernardes (M.B):** Como e quando se deu seu ingresso no movimento Peitão?

**Bianca Bergmam (B.B):** Eu participo desde a primeira edição. Nós já estávamos lá em 2019, 2020 não houve, 2021 também não em função da Pandemia, mas os grupos seguiram ativos no WhatsApp e tudo mais. Então, desde a primeira edição, e de toda a movimentação já participei.

**M.B:** Qual seu papel no movimento? Participa da organização?

**B.B:** Então, mais uma das compositoras. Não participo da direção do evento, nada do tipo, mas em tudo que a gente pode apoiar, trazer para as meninas que estão chegando e para as outras mulheres que já participam, mas não tem ainda um trabalho consolidado na parte de escrita, fazer todo esse processo colaborativo.

**M.B:** Já interagiu ou tinha algum tipo de relacionamento com alguma das integrantes?

**B.B:** Praticamente com todas. Para não dizer todas, acho que uns 90% das meninas eu já conhecia e tive a grata surpresa de conhecer algumas outras também.

**M.B:** Qual a importância de fazer parte desse movimento?

**B.B:** Eu considero esse movimento fantástico, porque ele traz, em especial, a vontade de fazer algo diferente pela nossa cultura, a vontade de trazer a mulher para o centro de toda uma movimentação cultural e dizendo ‘vocês também podem fazer parte desse meio’ que é, inevitavelmente, por questões culturais, predominantemente masculino desde sempre, então a parte de criação poética musical. As mulheres, elas vêm muito para o palco, mas ainda por trás, na pena, na caneta, nós temos poucas mulheres nos instrumentos, nós temos poucas mulheres melodistas, nós temos poucas mulheres. Então eu acho que esse é um movimento que realmente tem uma importância fantástica.

**M.B:** Participou de uma ou das duas edições?

**B.B:** Das duas edições.

**M.B:** Como se organizam para as edições e eventos afins? (apresentações, gravações, entrevistas)

**B.B:** Eu não faço parte da organização, mas eu percebo muito essa movimentação das meninas nos grupos de WhatsApp e depois por ligação. A Oristela [Alves], é uma pessoa que está sempre lembrando a gente. Eu sou uma que raramente vejo telefone, então quando tem uma coisa muito importante, a Fofa sempre me liga, ‘oh Bi, olha lá no grupo que a gente tem que decidir tal coisa’. Aí, eu entro lá e através dos grupos a gente consegue ir se organizando sim. Mas normalmente as meninas da organização fazem essa movimentação.

**M.B:** O que mais chamou sua atenção no movimento?

**B.B:** A vontade de trazer a mulher para o centro, para o foco de uma movimentação cultural, autoral. De a gente ter chance de mostrar a visão feminina, porque a gente sabe que já vem de muito tempo, com os meninos compondo e tentando olhar pela ótica feminina, então nós temos várias canções, vários poemas, que são falas em primeira pessoa, ou são falas como se fosse uma mulher, mas é ainda uma visão masculina da mulher. Então, consegui trazer essa movimentação foi o que me chamou bastante atenção.

**M.B:** De que forma se mantém em contato nos períodos em que não estão reunidas presencialmente?

**B.B:** Grupos de WhatsApp, telefones, os eventos que foram acontecendo, algumas apresentações e tudo mais. Se criou um círculo de amizade, então por mais que não seja através dos grupos, aquelas pessoas com as quais nós temos mais familiaridade, nós acabamos procurando mais, como qualquer ciclo social na verdade.

**M.B:** Faz parte de grupos no WhatsApp ou nas redes sociais? Você é ativa nesses espaços?

**B.B:** Eu sou espectadora ali. Eu acompanho toda a movimentação. Como eu falei, não olho muito o telefone, mas sempre que possível eu faço parte ali ativamente sim.

**M.B:** Como foi a relação com a comunicação pela mídia digital? Houve alguma dificuldade?

**B.B:** Eu não percebi. Acredito que não tenha havido, porque o meio digital hoje ele é tão vivo e tão presente que facilita bastante a comunicação, então para mim foi algo natural, acredito que para as meninas também.

**M.B:** Você se sente parte de uma comunidade ao participar do Peitão? Por que?

**B.B:** Com certeza. Por meios de afinidade artística, afinidade com pessoas também, isso faz com que a gente se sinta um grupo, que a gente se sinta realmente parte deste movimento.

**M.B:** Existe sentimento de pertencimento a essa comunidade?

**B.B:** Com certeza, total.

**M.B:** O que é comunidade para você ?

**B.B:** O lugar aonde a gente vai conseguir, ainda estamos tentando, mas vamos conseguir trazer muitas mulheres para esse meu lado da escrita. Eu tenho certeza que o despertar dessa vontade já é muito grande, nós vemos pelas próprias composições, que no primeiro ano nós tivemos um número pequeno de composições, e agora, já no segundo, foi um número bem mais expressivo. Então, com certeza a gente vai conseguir trazer sim muitas meninas para essa área, que também é, de certa forma, uma profissão.

**M.B:** Poderia falar mais sobre esses números de composições?

**B.B:** O que eu percebi, no primeiro ano nós fizemos grupos grandes de compositoras. Então, eu acabei fazendo uma letra que foi musicada pela Ana [Análise Severo] e pela Fofa [Oristela Alves], foi a primeira melodia da Fofa divulgada, digamos assim. E eu percebia que as meninas estavam em grupos maiores. Esse ano eu cheguei no segundo dia, os grupos já estavam formados desde a primeira noite. Então nós ficamos num grupo mais interno, das que foram juntas. Éramos eu, a Fernanda e a Aline [Ribas], então a música foi composta pelas três: letra minha e da Fernanda, melodia minha e da Aline. Foi uma movimentação bem legal, e eu notei, especialmente e em função de já termos tido uma outra edição e as meninas tiveram bastante tempo para se preparar, a qualidade musical desse ano foi muito boa, eu tenho certeza que se tu pegares o registro do festival deste ano, da edição deste ano, tu compõe tranquilamente um disco que a gente vai tranquilamente ouvir. Então ficou muito legal.

**M.B:** De que forma participar do peitaco fortalece o pertencimento ao território e aos símbolos do Rio Grande do Sul? (música)

**B.B:** Nossa, profundo mesmo! Como eu disse, nós somos mulheres em busca de um espaço. E o nosso espaço está dentro do nosso Estado, onde os meninos estão extremamente acostumados a se sentirem parte, a ser essa parte. Então no momento em que a gente cria um movimento e que a gente busca também, a gente não está buscando desbancar ninguém, tirar o espaço de ninguém, mas só ocupar aquele espacinho que está vazio e também é nosso. Então eu acredito que no momento em que nós estamos juntas isso facilita bastante essa trajetória também.

**M.B:** O que é criatividade para você?

**B.B:** Criatividade para mim é conseguir colocar no papel ou verbalizar tudo aquilo que a gente cria na nossa mente. A mente é um universo muito louco, na verdade, e se a gente consegue expressar isso, em forma de arte, vamos conseguir convidar as outras pessoas a viajarem um pouquinho por dentro da nossa mente também. Então, para mim é isso, é conseguir expressar tudo aquilo que se cria na mente com objetividade, clareza, seja na comunicação escrita ou falada, de qualquer forma, qualquer manifestação artística.

**M.B:** O movimento peitão incentiva o exercício da criatividade?

**B.B:** Com certeza, porque nós já chegamos lá predispostas a criar. Então, no momento em que a gente tem esse espaço já pensado, até para instigar a própria inspiração, porque hoje a composição, para mim, ela vem tanto da inspiração quanto da transpiração. Não é só exclusivamente “me inspirei e vou começar a compor”, não. Hoje, até eu tenho uma certa facilidade por conhecer um pouco da técnica, do como fazer. Mas, é óbvio que nós estarmos num lugar que também nos ajuda com as inspiração, facilita bastante esse processo.

**M.B:** O exercício da criatividade no Peitão se dá de maneira individual ou coletiva? Como?

**B.B:** Eu acho que das duas formas, depende do momento. Nós temos muitos momentos para estarmos com a gente mesmo, para que possamos focar, pensar exclusivamente naquilo que a gente quer desenvolver, e também no coletivo, porque a ideia de uma se somando a ideia da outra, com certeza o resultado acaba vindo de forma mais rápida também. Em muitos casos, especialmente por estar todo mundo se ajudando, é o que nos coloca fora da zona de conforto. Porque, no momento que tem outra pessoa criando junto, obviamente que tu não pode ficar para trás, ‘se o Matheus está fazendo um bom trabalho, eu também preciso fazer um bom trabalho, para honrar aquilo que ele está me entregando’. Então, isso exige bastante. E eu acho que, tanto individualmente quanto de forma coletiva, a gente consegue um bom caminho por ali.

**M.B:** Você acredita que enquanto comunidade o Peitão resolve o problema da representação e do protagonismo da mulher na música gaúcha?

**B.B:** Eu não sei se isso poderia ser definido como um problema, porque eu acho que o espaço ele está ali pra gente. Eu acho que o problema seria se não estivéssemos tendo acesso a esse espaço. Mas, sim, ele incentiva para que outras mulheres também consigam chegar lá. Tirando a parte filosófica, sim, ajuda a resolver sim.

**M.B:** Você conhece a ideia de comunidade criativa?

**B.B:** Então, comunidade criativa, acredito eu que seria no sentido de colaboração. É isso? Um termo técnico, algo assim, não.

**M.B:** Eu vou te dar o conceito. Comunidade Criativa é quando sujeitos com objetivos afins se unem para resolver uma questão ou problema.

**B.B:** Ótimo.

**M.B:** Acredita que o Peitaco pode ser considerado uma comunidade criativa?

**B.B:** Com certeza.

**M.B:** Para você, que reais mudanças o trabalho desenvolvido no Peitaco promove para as mulheres na indústria fonográfica? (dá mais visibilidade)

**B.B:** Visibilidade, sim. Amadurecimento por interação. Vamos absorvendo um pouquinho da obra das outras meninas também, então no momento em que tu conhece algo novo, é óbvio que teu horizonte também se expande. Então, com certeza.

**M.B:** Sobre a participação feminina na música gaúcha, qual a sua observação?

**B.B:** Gostaria que fossemos mais. Já temos um número bem expressivo de mulheres, ainda não exclusivamente na composição, e ainda não, em palco, como instrumentistas, mas nós já temos uma participação extremamente relevante de mulheres há muitos anos. Não é algo que a gente vem percebendo agora. A própria carreira da Oristela, a Fátima [Gimenez], são mulheres que estão aí desde sempre, foram escola para todas nós. Então nós já temos uma boa representatividade nesse sentido, mas ainda sinto muita falta de ter mais parceiras na parte, especialmente de composição, que é o meu seguimento.

**M.B:** Como você se vê na música gaúcha?

**B.B:** Hoje, eu me vejo com bastante representatividade, consigo me enxergar como uma das poucas mulheres que participam ativamente dos festivais. E como te disse, sinto muita falta de ter mais mulheres fazendo isso, porque às vezes, assim, a gente olha lista de festival, aconteceu agora nesses tempos e me chamou muita atenção, que foi, se não me engano o Festival de São Sepé. Eram quarenta e pouco autores ao todo e só eu de mulher. Não tem como a gente ignorar que está faltando a mulherada desse lado também. Mas, enfim, eu me vejo hoje nesse degrauzinho da escada, alguém que está conseguindo chegar, mas que está sentindo falta de ter mais gente para fazer parceria.

**M.B:** De que modo o Peitaco atua nessa realidade?



**B.B:** Instigando mais mulheres. Hoje, falando exclusivamente de composição, não falando de cantoras, de instrumentistas, mas de composição. Hoje, nós temos eu como letrista e a Aline Ribas como melodista, das que estão ativamente. Depois do Peitão, algumas das meninas já começaram a aparecer mais nessas listas também. A própria Charlise [Bandeira] que está fazendo melodias divinas, fiz uma parceria com ela esses dias, que eu fiquei boba ouvindo a melodia dela de tão linda. Então, o Peitão teve muita participação nisso também.

**M.B:** Enquanto espaço criativo, que influência o Peitão fez na sua carreira?

**B.B:** Muitas parcerias. Parcerias com as meninas que eu já admirava de longe e que hoje posso dizer que são minhas amigas de verdade. Já são vários anos de convívio, então, com certeza, essa parceria vem amadurecendo o meu trabalho. Um dia depois do outro, a gente vai participando esse amadurecimento com novas expressões, com novas colegas e eu percebo aí o Peitão como um divisor de águas nesse sentido.

**M.B:** No Peitão, qual a importância da comunicação?

**B.B:** Total. Porque eu acho que a comunicação quanto mais clara e mais transparente, mais vai refinando as afinidades naturais. Essa comunicação, especialmente em mídia, que possa trazer um entendimento do público e de algumas outras mulheres, que foi o que aconteceu nessa segunda edição, que algumas mulheres que não participaram da primeira edição, nessa segunda estavam presentes, e de outras que virão para as próximas edições. Com certeza essa parte de comunicação ajudou muito a chegar nesse número bem mais expressivo.

**M.B:** Bianca, tu já compõe a bastante tempo, como tu disse, eu sei que não e em tempo integral, mas em tempo integral, que diferenças tu vê de pessoas que fizeram sua primeira composição no Peitão, se continuaram fazendo isso após o Peitão, ou ficou restrito a essas duas edições, ou ao espaço físico lá, de Val de Serra. Conseguiu-se criar esse sentido de comunidade para além desses três a quatro dias que vocês ficam ali?

**B.B:** Com certeza. O exemplo que eu usei há pouco, da Charlise, é um. A Charlise já passou por festival, já venceu inclusive a Seara lá de Carazinho. Se não me engano, a melodia era uma melodia dela. A própria Oristela seguiu compondo, a Maria Alice também, que eu não entendia ela como compositora e descobri esse ano. Então, realmente isso fez muita diferença, sim, para muitas meninas, estou citando algumas, óbvio, mas para muitas meninas isso fez muita diferença.

**M.B:** Tem algo a mais que gostaria de acrescentar?

**B.B:** Não. Eu acho que deixar bem registrado a importância desse evento que é algo que realmente eu percebo como um divisor de águas entre o feminino da música. A gente realmente percebe muito interesse das mulheres que estavam lá de continuarem criando, de continuarem compondo, de continuarem tendo manifestações artísticas, sejam elas quais forem. Mas, especialmente na composição, com certeza, ele ajudou a libertar muitas poetisas que a gente nem sabia que andavam entre nós. Melodistas também. Cantoras também. Enfim, eu percebo esse evento como algo extremamente relevante e que precisa continuar vivo.

**APÊNDICE J - ENTREVISTA ADRIANA SPERANDIR**

SPERANDIR, Adriana Pacheco. Entrevista concedida a Matheus Bernardes em 27 de fevereiro de 2023 por videoconferência para o projeto de mestrado em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCI): "Uma querência entre acordes: práticas comunicacionais no Peitão da Composição Regional e a constituição de uma Comunidade Criativa".

**Matheus Bernardes (M.B):** Como e quando se deu seu ingresso no movimento Peitão?

**Adriana Sperandir (A.S):** Então, em 2019, quando foi realizada a primeira edição do Peitão, estava se falando muito nesse movimento nos festivais de música onde o pessoal ia cantar, as mulheres. Então, em alguns festivais a gente já vinha se organizando e essa ideia partiu da Shana Müller, com um grupo pequeno de mulheres, e a ideia foi se espalhando nos festivais de música em que a gente se organizou. Na verdade, o festival foi o ponto de encontro para as mulheres, porque era lá que nos encontrávamos com os filhos, enfim, mas normalmente para cantar. E a gente via que tinha uma deficiência muito grande no quesito composição de mulheres. E aí foi então, em 2019, que a gente começou, uma falando com a outra, e fomos buscando outras mulheres que poderiam estar interessadas também. Então, é um grupo bastante grande, que nem todas naquele primeiro momento conseguiram estar presentes, mas o grupo se mantém fortalecido.

**M.B:** Qual seu papel no movimento?

**A.S:** Na verdade, eu não tenho grandes pretensões em termos de compor. Porque compor é algo que tu precisa ter um certo tempo para se dedicar, como qualquer outra coisa que tu vais fazer na vida. Precisa de uma dedicação. Lá, no Peitão, o meu envolvimento maior é para que a gente possa fortalecer o movimento, mas também fortalecer a cena musical da mulher, fortalecer a mulher na cena musical do Estado, independente de ser compositora ou ser apenas intérprete e entender esse movimento. Porque o Peitão reúne muitas mulheres. É uma diversidade bastante grande em que ficamos reunidas trocando ideias, fazendo cursos, participando de oficinas, de bate-papos. Enriquece muito a nossa estrada.

**M.B:** Participa como integrante, não da organização?

**A.S:** Como integrante. Da organização, não.

**M.B:** Já interagiu ou tinha algum tipo de relacionamento com alguma das integrantes?

**A.S:** Com todas, praticamente. Quase que todas. Algumas eu acabei conhecendo mais próximo lá, mas a grande maioria a gente já tinha uma boa relação.

**M.B:** Qual a importância de fazer parte desse movimento?

**A.S:** Total. Acho que é fundamental. Talvez seja o primeiro movimento organizado, de forma bem organizada, estruturada, e com uma base bem forte de um legado, onde outras mulheres vão agregar durante o ano. Porque nós tivemos o ano da pandemia que acabou interrompendo, mas a partir do ano passado, quando a gente se reuniu novamente, nós entendemos a importância do projeto e a gente certamente vai seguir com o projeto. E agora buscando ainda mais patrocínios, uma organização maior para se manter, para poder fazer as ações bem consolidadas. Então é fundamental, eu acho, que é o pioneiro entre projetos de mulheres aqui no Estado do Rio Grande do Sul e certamente vai gerar muitos frutos.

**M.B:** Participou de uma ou das duas edições?

**A.S:** Participei das duas.

**M.B:** Como se organizam para as edições e eventos afins? (apresentações, gravações, entrevistas)

**A.S:** Tem uma comissão organizadora que parte da Shana Müller, com algumas mulheres. Acho que a Oristela Alves, a Su Paz, a Charlize Bandeira e a Maria Rita. Elas organizam. Nós estamos num impasse, porque isso foi discutido muito no último Peitão, porque tinham muitas mulheres que queriam ir, mas nós não temos mais espaço físico. A fazenda dos pais da Shana é ideal, é o local mais lindo para gente poder aguçar a criatividade, para produzir, enfim. Mas nós falamos muito sobre isso, sabe, porque lá não se comporta mais para tantas mulheres. Então isso é algo que está se pensando, mas acredito que ainda vai se manter por algum tempo lá na fazenda. Esse pessoal da comissão organiza datas, toda a programação que irá acontecer de oficinas, enfim. Tudo é muito pensado para que, de fato, a coisa aconteça da melhor forma possível e que aquilo gere realmente a produção das composições, que esta é a finalidade do Peitão. É compor, apresentar as composições que são criadas ali dentro, nos dias em que a gente está reunida. Existe um valor estipulado, elas fazem um levantamento sobre o quanto vai se gastar para isso. Normalmente é estipulado um valor para cada mulher que vai participar. E, no ano passado, o IEM [Instituto Estadual de Música] entrou como

apoiador, além de [outros] apoiadores, que não vou saber te dizer exatamente agora, mas tem supermercados, tem alguns patrocínios diretos Mas tudo é muito pensado por esta comissão.

**M.B:** O que mais chamou sua atenção no movimento?

**A.S:** A quantidade de mulheres que de fato gostariam, que estavam também com esse desejo de compor.

**M.B:** De que forma se mantém em contato nos períodos em que não estão reunidas presencialmente?

**A.S:** Através do grupo. Nós temos um grupo no WhatsApp. Por ali a gente se organiza, por ali são feitas as notificações, enfim, tudo o que eles têm que nos informar é feito através do grupo e o grupo é bastante ativo.

**M.B:** Faz parte de grupos no WhatsApp ou nas redes sociais? Você é ativa nesses espaços?

**A.S:** Sim.

**M.B:** Como foi a relação com a comunicação pela mídia digital? Houve alguma dificuldade?

**A.S:** Acredito que não. Acho que a mídia apoiou bastante o movimento. As gurias são bastante articuladas, assim, com a questão da mídia.

**M.B:** Você se sente parte de uma comunidade ao participar do Peitão? Por que?

**A.S:** Sim, com certeza. Eu acho que o Peitão é, além da proposta inicial, ele vai além da proposta inicial, porque nós estamos lidando com um movimento de mulheres. A gente brinca muito, porque tem a Barranca, que é o festival dos homens, e que os homens tomam duas cervejas, pegam o violão e saem compondo. Isso é uma facilidade enorme para eles. Nós temos que fazer uma desconstrução enorme. Vamos para a beira do rio, andamos de vela acesa. É feita uma desconstrução muito grande. Todas as oficinas são voltadas para isso. Então, é muito interessante. Para mim pelo menos, o Peitão vai muito além do que esta questão de compor, ele é como um abraço, um conforto, um carinho para tanta adversidade que a mulher enfrenta no dia a dia.

**M.B:** Existe sentimento de pertencimento a essa comunidade?

**A.S:** Sim, com certeza. Todas nós que estamos participando e outras que não participaram, que nós ainda estamos buscando, há uma forma muito bonita de promover esse encontro, de buscar essas mulheres.

**M.B:** O que é comunidade para você ?

**A.S:** Então, quando nos reunimos num grupo pequeno e ele vai aumentando, vai aumentando, e a gente vê que ainda tem um potencial para crescer ainda mais, e que tem um objetivo, isso para mim, é comunidade.

**M.B:** De que forma participar do peitão fortalece o pertencimento ao território e aos símbolos do Rio Grande do Sul?

**A.S:** A gente vem discutindo muito. O Peitão é um espaço muito democrático e de discussões. Por isso, eu sempre falo e reforço que ele não é apenas um espaço para ganhar força, para compor e participar de festivais ou de gravar o seu disco. É muito mais do que isso. Para nós, é um movimento importantíssimo de pertencimento total, porque a gente se sente muito acolhida no Peitão, com todas as nossas fragilidades e fraquezas, e ao mesmo tempo também força, a gente une forças.

**M.B:** O que é criatividade para você?

**A.S:** Criatividade todos nós temos. Eu falo todos nós, porque estamos falando do Peitão. Mas todos temos criatividade, alguns mais e alguns menos. Isso também é uma questão de hábito, de também observar outras pessoas fazendo ações, e dali, tu colocar para fora as tuas criatividades, os teus desejos. Acho que é isso, acho que todo mundo é muito criativo. Às vezes o que falta é oportunidade.

**M.B:** O movimento peitão incentiva o exercício da criatividade?

**A.S:** Total, o tempo inteiro, o tempo todo.

**M.B:** O exercício da criatividade no Peitão se dá de maneira individual ou coletiva? Como?

**A.S:** Ele é primeiramente coletivo. Mas nós nos reunimos depois em pequenos grupos, para que ali consigamos compor. Sempre são apresentadas todas essas composições no final, onde a gente vibra muito com cada composição que foi realizada, porque a gente sempre se espelha muito no coletivo, para fazer as suas ações individuais.

**M.B:** Você acredita que enquanto comunidade o Peitão resolve o problema da representação e do protagonismo da mulher na música gaúcha?

**A.S:** Na verdade, resolver talvez não seria a palavra ideal. Porque isso é algo muito mais amplo, como qualquer outras questões que nós temos no nosso país, no nosso Estado. Mas, eu acho que é um grande início, é um grande pontapé e a largada. E tudo que nós estamos fazendo e representando nesse meio musical para as mulheres, já

é de um grande potencial. Resolver isso é algo que é difícil de dizer, mas é algo muito dinâmico e de grande valia agora para esse movimento.

**M.B:** Você conhece a ideia de comunidade criativa?

**A.S:** Sim. Na verdade, nós da cultura estamos trabalhando muito diretamente ligados à questão da criatividade como economia. Porque, às vezes, a gente entende a arte apenas como um dom. ‘Eu sou artista e tenho um dom. Mas, como encarar isso como a tua profissão, como encarar a tua arte e viver dela? Ser protagonista a ponto de tu conseguir viver e sobreviver dela, como a tua profissão.’ Então, a gente trabalha muito a questão da economia criativa, não tem como desvincular isso agora da arte. Aqui na SEDAC, na Secretaria de Cultura [Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul], a gente tem trabalhado muito direto numa secretaria, numa instituição que está ligada diretamente à economia criativa. Aliás, nós todos da arte estamos ligados a essa secretaria. Então eu acho que é isso é encarar a sua arte como uma forma de sobrevivência, como é qualquer outra profissão.

**M.B:** Acredita que o Peitão pode ser considerado uma comunidade criativa?

**A.S:** Sim, total.

**M.B:** Para você, que reais mudanças o trabalho desenvolvido no Peitão promove para as mulheres na indústria fonográfica? (dá mais visibilidade)

**A.S:** Sim, nós temos a partir do Peitão no Rio Grande do Sul – não fizemos ainda uma estatística, eu não tenho esses dados bem presentes, mas faremos até o final do ano – a quantidade de mulheres compondo no Estado e de mulheres se reunindo para serem as suas próprias instrumentistas. O que nós tínhamos antes, e ainda temos muito, era uma cantora com seus músicos e com seus compositores. Hoje, nós já mudamos muito essa realidade. Nós já temos cantoras com suas instrumentistas e com as suas compositoras, compondo, tocando, acompanhando, indo para o palco, fazendo show, e compondo e participando de festivais. É claro que isso ainda é muito tímido, mas nós já temos um grande legado.

**M.B:** Sobre a participação feminina na música gaúcha, qual a sua observação?

**A.S:** Ainda estamos em passos lentos, sobretudo, no festival. Porque, apesar da gente ter muito mais mulheres compondo agora, a partir do Peitão, nós ainda temos um júri que é muito masculino. Então ainda passa por essa triagem do festival, onde os avaliadores ainda são muito masculinos. Nós temos, normalmente, um júri composto

por cinco pessoas. Uma é mulher, quatro são homens. Nós ainda precisamos mudar um pouco mais essa realidade.

**M.B:** Como você se vê na música gaúcha?

**A.S:** Na verdade, na música gaúcha me vejo como uma intérprete. Nunca compus nada, mas tenho uma ideia da composição geral, porque convivi com criação de música diretamente, na minha casa. Então, desde que a gente recebia uma letra, que o Adriano ia compor, acabávamos participando. E, de alguma forma, o intérprete acaba dando a sua cara para a composição também. Acaba também se tornando um pouco compositor, mas eu me entendo como uma intérprete de festival.

**M.B:** De que modo o Peitaco atua nessa realidade?

**A.S:** Na verdade, o Peitaco veio para mudar essa realidade. Ele veio para tornar as mulheres também compositoras das suas obras. E lá a gente teve vários relatos das nossas cantoras mais antigas, como Fátima Gimenez, Oristela [Alves], enfim. A Fátima [Gimenez], por exemplo, era uma pessoa que as composições, as primeiras que ela participou, que cantou, ela nos relatou que muitas ela arrumava as melodias, as letras. Então, ela compunha junto. Mas, o nome dela nunca era colocado, porque vivíamos uma outra época, uma outra sociedade ainda. Hoje já é difícil, tu imaginas naquela época.

**M.B:** Enquanto espaço criativo, que influência o Peitaco fez na sua carreira?

**A.S:** Eu vou te dizer que agucei muito mais a minha questão crítica sobre composição. Eu ainda não compus nada. Já a Adrielle [Sperandir], por exemplo, é diferente. Ela já é compositora, ela fez algumas músicas inclusive do disco dela, inclusive foi para festival com música dela também. Eu não, mas eu agucei o meu senso crítico sobre. Acho que isso foi bem importante.

**M.B:** E no Peitaco qual a importância da comunicação em âmbito externo e interno?

**A.S:** Temos uma comunicação muito interessante internamente, onde a gente se reúne, se organiza, traz as suas dificuldades e o grupo todo interage. E externamente, eu acho que meio que causou uma revolução, principalmente lá no começo, onde a gente estava muito ativa, que a gente começou a ir com o grupo inteiro para alguns eventos, como nós estivemos aqui no Teatro Araújo Viana, também estivemos reunidas em prol do Lucio Yanel, da saúde da esposa dele. Então foram alguns momentos que grande parte do Peitaco se reuniu e foi para o palco junto. Isso causou uma grande reação no público e houve um grande movimento que realmente estava acontecendo. Acho que



isso esfriou um pouco em razão da pandemia, mas certamente vamos voltar com esses movimentos.

**M.B:** Tem algo mais que gostaria de acrescentar?

**A.S:** Eu gostaria de acrescentar que o Peitão veio para ficar. É um movimento muito interessante, muito importante e que vai certamente deixar um legado muito grande. E eu penso o Peitão como uma ferramenta importantíssima para as próximas gerações. Então, nós do IEN [Instituto Estadual de Música], da Secretaria de Cultura do Estado, que já apoiamos a última edição, certamente vamos continuar apoiando. E o próprio Peitão pela representatividade que é, pela própria organização das gurias, que são super ativas nisso, vão conseguir abraçar a causa e levar adiante.

**APÊNDICE K - ENTREVISTA ADRIELI SPERANDIR**

SPERANDIR, Adrieli Pacheco. Entrevista concedida a Matheus Bernardes em 28 de fevereiro de 2023 por videoconferência para o projeto de mestrado em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCI): "Uma querência entre acordes: práticas comunicacionais no Peitão da Composição Regional e a constituição de uma Comunidade Criativa".

**Matheus Bernardes (M.B):** Como e quando se deu seu ingresso no movimento Peitão?

**Adrieli Sperandir (A.S):** O meu ingresso se deu logo que a ideia do projeto surgiu. Eu participei da primeira edição e, como eu venho de uma família de músicos, a minha mãe também é cantora, sempre estive muito nesse meio dos festivais. Fui uma das poucas jovens que estavam na primeira edição. Eu sei que na segunda edição tiveram mais mulheres jovens participando. Na primeira edição tivemos algumas, mas mais restritas e eu tive essa possibilidade de participar nessa primeira edição.

**M.B:** Qual seu papel no movimento?

**A.S:** Eu acredito que, inicialmente, foi muito de trazer também uma perspectiva das mulheres jovens, de alguém que já estava também começando a trilhar o caminho da composição e que também já participava de outros movimentos sociais. Eu sou uma mulher feminista, sou pesquisadora também. Atualmente, estou fazendo mestrado na UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] em Psicologia Social, e o meu trabalho de pesquisa é sobre mulheres compositoras. Atualmente, minha pesquisa é sobre mulheres compositoras do Rio Grande do Sul. Não é necessariamente sobre compositoras regionais, mas que estão alocadas aqui no estado do Rio Grande do Sul, então, de vários gêneros. Acredito que a minha contribuição se deu muito nesse sentido, assim, de tentar pensar movimentos e articulações que a gente poderia fazer, para estarmos mais preparadas para produzir canções próprias, uma vez que o modelo que está posto, nos festivais nativistas, principalmente, é um modelo extremamente masculino; onde as letras têm temáticas masculinas; a estética das canções é muito voltada para um pensamento que foi levado, durante muito tempo, concepções masculinas, então, uma estética que vem de uma concepção masculina. Acredito que tentei contribuir nesse sentido, assim, de fazer pensar outras possibilidades também.

**M.B:** Já interagia ou tinha algum tipo de relacionamento com alguma das integrantes?

**A.S:** Sim. Anteriormente, conhecia algumas das integrantes pelo fato de participar de alguns festivais, pelo fato também de circular desde muito pequena, era criança e já estava circulando com os meus pais nos festivais. Então, conhecia assim boa parte das participantes, e a minha mãe, que é uma das participantes, também, do projeto, que também estava comigo nessa primeira edição.

**M.B:** Qual a importância de fazer parte desse movimento?

**A.S:** Acho que esse movimento é um marco bem importante assim da nossa música regional. Eu atualmente não trabalho necessariamente com a música regional. Eu produzo uma música mais voltada para um conceito brasileiro, mais universal, apesar de ter características regionais. Mas acho que, por estar num estado que tem características bem fortes de um machismo estrutural, do patriarcado muito afirmado e reafirmado nas estruturas da tradição gaúcha, por estar nesse lugar, eu vejo que o Peitaco é um movimento que busca, de alguma maneira, romper, criar umas rachaduras nessas estruturas, que é uma estrutura muito difícil de combater. Vamos levar muito tempo ainda para conseguir equilibrar as coisas e ter um espaço mais igualitário, tanto de poder quanto de acesso aos locais que se produz música. A gente ainda está caminhando para isso e acho que a composição é uma via muito importante. Porque, a partir da composição, a gente consegue falar dos temas que são importantes para nós. Ano passado, eu fiz a minha primeira participação em um festival com uma composição minha, que foi, acho que para mim, algo muito importante. Particpei da Tertúlia Nativista com uma composição minha. Eu ainda sinto um pouco de resistência às temáticas que nós mulheres trazemos, os conteúdos das letras. Mas acho que são esses pequenos movimentos que vão fazer diferença no todo, e o movimento do Peitaco é um desses grandes movimentos, que vai gerar uma diferença no final das contas.

**M.B:** Participou de uma ou das duas edições? Qual?

**A.S:** Particpei de uma edição.

**M.B:** Como se organizam para as edições e eventos afins? (apresentações, gravações, entrevistas)

**A.S:** Atualmente, o Peitaco tem dois grupos no WhatsApp. A articulação se dá principalmente on-line, por conta da distância geográfica das integrantes. Então, muitas vezes as articulações de eventos, de entrevistas são feitas ali, pelo WhatsApp. Já aconteceram outras formas também de organização, reuniões pelo Google Meet.

Geralmente, essas articulações e organizações são feitas no formato on-line, para que todas possam participar de alguma maneira.

**M.B:** O que mais chamou sua atenção no movimento?

**A.S:** Eu acho que o que mais me chama atenção hoje, no movimento, é o fato de que se conseguiu reunir uma gama de mulheres extremamente diferentes, assim, mas que estão lutando por um mesmo propósito. No grupo, a gente vai ter mulheres de gerações muito diferentes, mulheres com concepções muito diferentes de mundo, de vida. Eu, por exemplo, sou uma mulher que me considero feminista, mas a gente tem no grupo mulheres que não se consideram feministas também. E isso é muito raro de conseguirmos reunir, no mesmo grupo, de forma harmônica e democrática mulheres que têm posicionamentos de vida e perspectivas tão diferentes, de uma forma muito respeitosa. Acho que isso é uma das coisas que mais me chama atenção também, porque tudo acontece de uma forma muito respeitosa. Claro, *volta e meia* tem algumas discussões acerca de temas que são importantes, sobre o cenário atual principalmente, mas tudo dentro de um campo muito respeitoso, dentro do campo das ideias. Então acho que isso é bem interessante.

**M.B:** De que forma se mantém em contato nos períodos em que não estão reunidas presencialmente?

**A.S:** Esse contato se dá principalmente on-line, pelo WhatsApp. Mas também, muitas vezes, a gente se encontra nos festivais, nos eventos, então, quando é possível a gente tenta se reunir de alguma maneira nesses eventos de festivais.

**M.B:** Faz parte de grupos no WhatsApp ou nas redes sociais? Você é ativa nesses espaços?

**A.S:** Faço parte sim. Não sou tão ativa quanto gostaria, tenho muitas funções, assim, para além do movimento. Mas sempre tento acompanhar, na medida que eu posso, e opinar quando consigo, também, nas questões da estruturação e de organização. Não consegui participar dessa última edição por conta do trabalho. Sou psicóloga também, então não trabalho só com a música. Trabalho no Tribunal de Justiça e aí não consegui a liberação para estar nessa segunda edição. Então, tento participar da maneira que eu posso e contribuir como eu consigo.

**M.B:** Como foi a relação com a comunicação pela mídia digital? Houve alguma dificuldade?

**A.S:** Eu acho que sempre tem um pouco de dificuldade quando a gente está falando do meio digital. Ainda estamos aprendendo, de alguma maneira, como se

comunicar de uma maneira mais clara pelo digital e ser compreendido pelo texto, ser compreendido de forma tão impessoal às vezes, porque a gente não está olhando para o outro, assim, é difícil. Eu acho que às vezes tem tropeços de comunicação, sim, mas acho que tem sido muito positivo. Tem várias articulações, no sentido também de a gente construir uma presença on-line, eu acho que isso é importante. Ter uma playlist no Spotify, por exemplo, com as obras das mulheres que participam do Peitão. Também tem um Instagram que divulga algumas ações. Então, tem uma presença online que eu acho que é bem interessante.

**M.B:** Você se sente parte de uma comunidade ao participar do Peitão? Por que?

**A.S:** Me sinto parte, sim, de uma comunidade, acho que pelo fato de estarmos ali, por um propósito que eu sinto que é bem importante, que é fomentar a presença feminina na música regional, que é fomentar também a produção e a criação de mulheres. Eu vejo muito que a produção das mulheres no Brasil e, no Rio Grande do Sul mais ainda, foi completamente apagada, assim, a produção musical das mulheres. Se a gente for falar a nível de Brasil, temos pouquíssimas compositoras que conseguiram chegar no *status* de serem reconhecidas como compositoras. E aqui, no Estado do Rio Grande do Sul, a gente tem uma dificuldade talvez maior ainda e a gente esteja caminhando para isso. Então, acho que me sinto parte de uma comunidade que está buscando uma mudança nesse cenário.

**M.B:** Existe sentimento de pertencimento a essa comunidade?

**A.S:** Sim, existe. Acho que apesar de sermos diferentes em perspectivas, assim, diversas, estamos sempre apoiando umas as outras. Independentemente da situação, a gente busca sempre fazer uma escuta e apoiar, então, sim, me sinto pertencente a uma comunidade.

**M.B:** O que é comunidade para você?

**A.S:** Eu acho que comunidade é uma rede de pessoas e uma rede também de troca de afetos e troca de experiências. Acho que isso.

**M.B:** De que forma participar do peitão fortalece o pertencimento ao território e aos símbolos do Rio Grande do Sul? (música)

**A.S:** Acho que é fundamental. Participar do Peitão foi uma forma também de me reconhecer gaúcha. Porque, durante um boa parte da minha vida, eu me sentia muito perdida com relação a essa identidade regional. Eu participei de alguns festivais de interpretação quando era mais jovem, e nesses festivais de interpretação ouvia alguns comentários, como ‘a tua voz não é gaúcha suficiente’; ‘a estética do que tu tá

fazendo não é gaúcho o suficiente’. E eu sempre ficava me perguntando, 'o que é ser gaúcho o suficiente? Porque eu não sou gaúcho suficiente?’ Ouvi, também, da minha roupa não ser gaúcha o suficiente ‘ah, porque era muito litorânea, não era gaúcha para estar ali’. E isso era uma coisa que ficava me perseguindo, essa questão de eu ficar pensando o que é ser gaúcha, o que era ser um gaúcho suficiente. E quando eu participei do Peitão, pude fazer uma certa reavaliação disso, assim, porque as nossas formas de sermos regionais são completamente distintas e variadas. Eu fui percebendo, também, que apesar de eu produzir músicas que tem ritmos que não são regionais, como samba um samba canção, enfim, ritmos que não são necessariamente do folclore regional. Apesar disso, a minha linguagem, o meu sotaque, a minha forma de escrever, a minha forma de ver o mundo parte também do meu lugar, assim, regional, o meu lugar de nascença. Acho que participar do Peitão foi importante para isso, para perceber que apesar de não fazer parte, talvez, do que diria música regional do Rio Grande do Sul, música nativista, o meu trabalho tem traços da regionalidade, e isso é importante de se perceber.

**M.B:** O que é criatividade para você?

**A.S:** Difícil. Eu acho que criatividade é um processo que a gente tem que estar em busca, não é uma coisa inata. É algo a ser treinado e é algo também a ser mais valorizado. Tendemos a achar que pessoas criativas nascem criativas e acho que a criatividade vem de um esforço. Mas também acho que não é cem por cento mecânico, é um movimento também de olhar para dentro, é um movimento de buscar referências internas e externas. Talvez seja um pouco de algo interno, mas também de trabalho externo, de ter que ficar buscando exercitar mesmo.

**M.B:** O movimento peitão incentiva o exercício da criatividade?

**A.S:** Com certeza. Acho que principalmente no encontro presencial, todas as atividades são voltadas para buscar a criatividade, para procurar formas de compor, formas de escrever. Então acho que sim.

**M.B:** O exercício da criatividade no Peitão se dá de maneira individual ou coletiva? Como?

**A.S:** Ele se dá, acho, que das duas formas, mas principalmente coletiva. Lá no evento, a gente faz uma produção que ela é coletiva inicialmente. Então, acho que, de alguma forma, é um trabalho muito coletivo. Mas claro que tem um pouco do individual, de cada um, porque a gente vai reunindo as mulheres conforme as suas habilidades. Então, tem aquela que toca violão e que pode ajudar a compor a harmonia

da música, tem aquela que já tem mais habilidade da escrita, na poesia, então, ela vai auxiliar nesse sentido. Então, sinto que é um processo em grupo, mas também que tem aspectos do individual, que são bem importantes e bem ressaltados.

**M.B:** Você acredita que enquanto comunidade o Peitão resolve o problema da representação e do protagonismo da mulher na música gaúcha?

**A.S:** Acho que não resolve, porque a gente tem mulheres que são compositoras, que são cantoras e que não participam do projeto. E acho que o Peitão é um movimento que deve ser feito, acho que tem outros tantos movimentos que a gente poderia fazer, enfim, não é não é suficiente para esgotar a questão. E, claro, o Peitão tem algumas entradas em alguns espaços para discussões. Talvez outros movimentos e outras formas de produzir, de certa forma, essa rachadura, nessa estrutura poderiam ser bem-vindos. Por exemplo, o movimento dentro dos CTGs seria muito importante. Movimentos de composição dentro dos CTGs, movimentos de valorização das mulheres dentro de CTGs seriam outros movimentos que talvez pudessem também ajudar a construir uma melhor representatividade. Mas acho que são muitos outros movimentos que poderiam ser feitos para além do Peitão. Acho que ele é um dos e não se esgota nele.

**M.B:** Você conhece a ideia de comunidade criativa?

Não, não conheço. Conheço muito pouco assim, de ouvir falar mesmo.

**M.B:** Comunidade Criativa é quando sujeitos com objetivos afins se unem para resolver uma questão ou problema. Você acredita que o peitão pode ser considerado uma comunidade criativa?

**A.S:** Sim, acho sim. Acho que tem os requisitos para para fazer parte do que seria uma comunidade criativa.

**M.B:** Para você, que reais mudanças o trabalho desenvolvido no Peitão promove para as mulheres na indústria fonográfica? (dá mais visibilidade)

**A.S:** Eu, sendo bem sincera, acho que ainda não. Acho que é possível num futuro, sim. Ainda é um movimento muito interno, das mulheres para as mulheres. Para a gente chegar nesse lugar da visibilidade fonográfica, por exemplo, da visibilidade nos espaços, a gente vai precisar compor com aliados. E eu acho que talvez esse seja o próximo passo, da gente pensar em homens que sejam aliados a essa causa e que possam também promover o projeto, promover o movimento, para que ele também possa, talvez, gerar mais visibilidade. Mas eu ainda enxergo como um trabalho muito de mulheres para mulheres e que ainda está nesse círculo mais fechado.

**M.B:** Sobre a participação feminina na música gaúcha, qual a sua observação?

**A.S:** Eu acho que a participação feminina na música gaúcha é muito baixa. Vemos pouquíssimas mulheres circulando nesses espaços. Eu acho que a gente passa por grandes dificuldades para conseguir ser reconhecida. Em partes, eu vejo que eu ter sido reconhecida como uma cantora, uma intérprete nos festivais, por exemplo, é porque eu tenho um pai que é músico e que já estava nesse círculo, já estava trabalhando nisso. Era mais fácil acessar, já tinha pessoas da família trabalhando com isso já e já nesse meio. Agora, para mulheres que vêm completamente destituídas de referência, é muito difícil de se afirmar, assim, de conseguir compositores que acreditem nela para que ela possa interpretar uma canção; onde conseguir recursos para criar suas próprias canções e participar dos festivais. A gente sabe que muitas vezes os festivais, por exemplo, são espaços em que sempre os mesmos compositores estão. Então, para uma mulher que não tem nenhuma relação com alguém que já está nesse espaço, é muito difícil de entrar. Eu acho que a baixa representatividade é a principal característica da mulher na música regional.

**M.B:** Como você se vê na música gaúcha?

**A.S:** Eu acho que me vejo um pouco como uma dissidente, uma pessoa que bebe das referências da música regional – eu cresci ouvindo música regional –, que produz música também, com células rítmicas da música regional, mas que de certa forma tenta romper um pouco com isso, até por entender que o regional também pode ser universal e universal também pode ser, de alguma maneira, o regional.

**M.B:** De que modo o Peitão atua nessa realidade?

**A.S:** Eu acho que o Peitão é uma perspectiva de esperança bem importante, de acreditar que a gente pode conquistar novos espaços, e também de acreditar que a minha música pode chegar talvez a outros espaços, para além dos espaços já estabelecidos.

**M.B:** Enquanto espaço criativo, que influência o Peitão fez na sua carreira?

**A.S:** Acho que principalmente incentivar mesmo a produção da composição, porque eu sempre me vi muito como intérprete. Fazia algumas composições, mas não me considerava compositora. Inclusive, foi um processo eu poder dizer ‘não, eu sou compositora’, apesar de já ter músicas compostas. Então é interessante, acho que o Peitão foi um movimento importante para eu reconhecer isso em mim assim, de que o que eu estava fazendo era para além de ser uma intérprete, era também de criar músicas e ser compositora.



**M.B:** E no Peitão qual a importância da comunicação?

**A.S:** Acho que a comunicação é algo vital dentro do movimento. Primeiro, porque a gente tem muitas participantes e precisa ter um fluxo de organização, então a comunicação entra muito nisso, de a gente estar se escutando e podendo pensar juntas. Mas, acho que também porque a música é essencialmente uma atividade comunicativa. A gente, quando produz música, também tem algo a dizer. Então, acho que caminha um pouco por esse lado.

**M.B:** Tem algo mais que gostaria de acrescentar?

**A.S:** Não. Acho que é isso.

## APÊNDICE L - ENTREVISTA SHANA MÜLLER

MÜLLER, Shana Goulart. Entrevista concedida a Matheus Bernardes em 06 de março de 2023 por videoconferência para o projeto de mestrado em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCI): "Uma querência entre acordes: práticas comunicacionais no Peitão da Composição Regional e a constituição de uma Comunidade Criativa".

**Matheus Bernardes (M.B):** A pergunta original é ‘como e quando se deu o seu ingresso no Peitão?’ Como tu foste a criadora, vou pedir para que conte como surgiu a ideia do Peitão?

**Shana Müller (S.M):** O Peitão, ele surgiu a partir de um texto que eu escrevi, na coluna que eu tinha no Galpão Crioulo, em que eu questionava a retratação, o retrato feito sobre as mulheres nas músicas regionais gaúchas. Enfim, assistindo uma gravação do Galpão Crioulo com um grupo de jovens, todos novos, entre vinte e poucos anos, dessa geração. E entendendo que a mulher ainda seguia retratada, não eram composições antigas que eles estavam apresentando, eram composições deles, e ainda tinha aquela coisa ‘porque eu vou no baile, porque eu pego pinguancha, porque eu escolho a mais bonita, porque eu boto a mão na cintura e rodopio na sala’. Então, aquilo eu fiquei ouvindo, assim, e pensando ‘Nossa, que coisa meio sem nexos. Para quem que isso está comunicando? O que que isso está retratando?’ Fui para casa com aquela coisa na cabeça. Era uma época que estava falando bastante. Tinha saído uma pesquisa, eu não me lembro exatamente onde, mas que falava o quanto as músicas influenciavam o comportamento das pessoas. Eu acho que era uma época também do início da efervescência do funk, até da sexualização infantil e outras coisas que apareciam, das coisas da exposição do corpo. E, também, na época tinha uma notícia referente ao Zé Mayer [José Mayer], que ele tinha assediado colegas de trabalho. Tinham muitas notícias focadas nisso, nas questões do feminino, em abusos. Então, tinha muita coisa na minha cabeça. Fui para casa e escrevi o texto ‘Não sou china, nem égua e nem quero que o velho goste!’, em que eu falava sobre isso. Sobre as canções gauchescas que retratavam a mulher, ou como um animal, ou como um objeto, ou uma mulher que não existia, não sei nem se existiu, mas que não cabia mais. Eram canções estritamente machistas e as consequências dessas situações, e aí eu citava lá ‘Não Chora Minha China Vêia’, ‘Ajoelha e Chora’. É a mesma coisa que a piada, em algum momento alguém achou engraçado, mas que hoje em dia, com a consciência crítica que a gente tem, o quanto era importante a gente refletir sobre isso. E eu mesma, em canções do

meu repertório, já tinha trazido, por exemplo, a palavra china, mas pensando ‘ok, china era uma alcunha usada para as mulheres, assim assado, que viviam no Rio Grande do Sul de tal tempo’. Está, mas hoje em dia, se chamar alguém de china, o que quer dizer? É sinônimo de prostituta. Então, toda essa adequação das palavras. Bom, foi uma polêmica esse texto, teve milhares, milhares, milhares de compartilhamentos, eu fui achincalhada na internet, foi notícia nacional, saiu em capa de jornal nacional, no O Globo, na CNN. Dei entrevista para o Canal Futura, várias coisas aconteceram. E aí eu pensei, ‘o que que eu vou fazer a partir disso aqui?’ Primeiro, gerir essa crise, porque eu sou uma pessoa pública, sou uma artista, então as pessoas também começaram a me apontar os dedos, ‘essa aí criticando a tradição’, ‘quer mudar tudo’. Comentários que até hoje, se eu falar sobre isso, vão aparecer ainda na internet. E aí, nessa reflexão de ‘bom, qual é o próximo passo?’. Eu identifiquei o problema, falei sobre ele para as pessoas pensarem, mas de que forma eu posso contribuir para que isso se modifique? Foi nesse momento que eu percebi a causa disso tudo, mais de uma das causas. Além do machismo da sociedade de um modo geral, das questões da tradição ser totalmente criada em cima da figura masculina. A tradição gaúcha foi criada exclusivamente por homens, baseada nesse mito do gaúcho, que é o guerreiro, o bravo, mas é um homem andarilho, e a mulher ela é uma satisfação pessoal do homem, desse gaúcho em que a tradição é inspirada. Então, a outra causa que eu identifiquei é que a gente tinha pouquíssimas mulheres compositoras. Raríssimas. E porque? O que faltava para essas mulheres? Eu mesma tinha composto uma música, que me desceu, eu compus e está, mas não era um exercício diário, não é um exercício diário da minha profissão. E aí a gente ficava submetida a cantar a visão do homem sobre o feminino, ou a visão do homem sobre o Rio Grande do Sul, ou a visão do homem sobre essa tradição. Sempre a visão masculina. Mas não bastava apontar isso, precisava-se entender porque as mulheres não compunham, e ajudar nesse processo. Fazer um movimento de transformação desse processo. E aí o Peitão surgiu, aí eu criei o Peitão, com ideia de ser um festival, sim, parecido com a Barranca, que era um festival exclusivo de homens, porém diferente. Porque ele não seria simplesmente um encontro para compor, entendendo que as mulheres tinham algum bloqueio com isso. Nós mulheres temos algum bloqueio com isso. Então, o que eu precisava? Precisava trazer atividades que ajudassem nesse despertar da composição do feminino. Então, o primeiro Peitão aconteceu com essa ideia de trazer oficinas criativas, para instrumentalizar as mulheres, para nesse exercício de imersão, um acampamento, onde só tinham mulheres, onde

estavam ali só envolvidas nesse processo, fazer esse exercício criativo. Inclusive, com atividades para as crianças, porque a própria maternidade me trouxe essa visão, de que muitas vezes a gente se priva de algumas atividades em função do cuidado com os filhos. Então, tinha atividade para as crianças, para que as mães não deixassem de ir e pudessem levar os seus filhos, e também ter atividades ligadas a arte para eles. E aí, então, veio a primeira edição, mais ou menos tentando tirar um resumo.

**M.B:** Só uma questão, esse texto que tu falou, se eu não me engano foi em 2017, o primeiro Peitaco aconteceu em 2019. Esses dois anos foi o processo? Como é que foi para ti?

**S.M:** Eu me lembro inclusive de, por exemplo, quando eu tinha o projeto do Buenas e M'espalho, de me perguntarem naquela época, 'porque tu não faz um projeto com mulher?' Eu dizia, 'eu não sei, porque os artistas com os quais eu tenho afinidade nesse momento são homens'. Então, não era algo que estava presente na minha cabeça naquele momento. E eu acho que o processo, ele passa também por um aprendizado da pessoa, de uma consciência de cada um. Eu acho que esses dois anos serviram para eu me entender dentro desse universo, até mesmo para me conscientizar da minha segurança artística, da minha capacidade para avançar nesse processo de transformação, e por questões, assim, de tempo, de logística, de organização. Porque começou como um evento caseiro, mas tomou proporções, de ter que hospedar quarenta pessoas num lugar que tenha um banheiro, enfim. Então toda a organização desse processo. Mas acho que esses dois anos foi, assim, aconteceu o texto, o que eu penso sobre isso, o que eu posso fazer para transformar e como eu estou nesse momento me entendendo como artista, para ser capaz de também ter isso como um braço da minha carreira. Porque não é simplesmente fazer um evento, mas é também tu realmente criar um movimento em prol desse raciocínio, que vai envolver as pessoas, que vai envolver a mídia, que vai envolver tu falar sobre isso com as pessoas. Então, eu precisava também estar muito consciente disso. Acho que esses dois anos serviram para isso. Aliás, nunca tinha pensado que havia levado dois anos.

**M.B:** Qual seu papel no movimento?

**S.M:** Criadora. Idealizadora.

**M.B:** Já interagia ou tinha algum tipo de relacionamento com alguma das integrantes?

**S.M:** Com quase todas.

**M.B:** Qual a importância de fazer parte desse movimento?

**S.M:** Olha, eu acho que o Peitaco é uma semente realmente, indo para a palavra feminina, fecunda, de um processo de transformação da cultura regional gaúcha. Principalmente, porque sendo essa cultura criada exclusivamente em cima do masculino, apesar das mulheres terem um papel fundamental tanto no movimento tradicionalista quanto no movimento nativista, é a história do lugar de fala. Falar por nós mesmas, conseguir essa capacidade de falar por nós mesmas, eu acho que é o único caminho de inclusão efetiva, definitiva, dentro desse processo. E mais, não só das mulheres, mas do feminino como parte da tradição da regionalidade gaúcha. Porque o olhar que se tem até hoje para isso é masculino, e a gente vive um tempo em que, se esses movimentos artísticos não dialogarem com os tempos de hoje, na minha visão, estão fadados ao fim. Não tem como hoje tu viver uma tradição, por exemplo, dentro de um CTG, dentro de um Centro de Tradições Gaúchas, e ignorar o acesso à informação, à tecnologia, a todas essas reflexões que são pertinentes à sociedade. Não tem como fazer uma bolha, eu acredito, hoje em dia, então eu acredito que o Peitaco é uma semente, eu já vejo os resultados dele, seja na participação, seja no tomar a frente, investir nas suas carreiras. Não precisa ser necessariamente na composição, apesar de já ver isso também, mas eu vejo as mulheres tomando o seu lugar, se sentindo parte dessa cultura regional, no movimento musical, no movimento da tradição, dentro das entidades tradicionalistas. Eu acho que daqui a dez anos, a gente vai olhar para trás e vai pensar ‘nossa, aquele tempo ninguém compunha, não tinha mulher compositora’. E eu acho que também tem uma outra coisa nisso tudo. No momento em que a gente, e isso a gente identificou na primeira noite do Peitaco, a gente sempre faz uma roda de apresentação, de conversa, de troca, e a gente ouviu histórias incríveis, de mulheres que ajudaram a compor e não tiveram seus nomes nas assinaturas das composições; mulheres que se sentiam tolhidas por um parceiro artístico ou por um parceiro, é muito comum as intérpretes serem casadas com músicos, pelos seus parceiros, enfim, foram várias histórias. Mas uma delas eu acho, e eu já ouvi isso em júri de festival, ‘ai, música de mulher, que saco’. É quase uma desconexão, de que a música nativista não combina com a voz feminina; ela combina quando a mulher, ou tem a voz mais grave, ou canta de um modo mais masculino. Então há esse distanciamento. Eu já ouvi isso inúmeras vezes, como já ouvi de compositor ‘não, não componho para mulher’, como se a gente tivesse temáticas que pudéssemos cantar e temáticas que a gente não pudesse cantar. E, entenda-se: as canções de amor são para as mulheres, as canções sobre campo são para os homens, as canções sobre a lida são para os homens, as questões de guerras são para

os homens. Então, eu vejo que as mulheres passando a compor, a gente começa a sair de um entendimento, de uma fórmula que é a correta, sabe, que é certa. Porque, provavelmente, a forma das mulheres pode ser outra. Não é o padrão existente, porque o padrão é masculino. Eu acho que também há a possibilidade de uma oxigenada artística na composição regional gaúcha, que eu vejo como necessária e vejo também como um compromisso, assim, que o Peitaco assume até sem querer.

**M.B:** Participou de uma ou das duas edições? Qual?

**S.M:** Duas.

**M.B:** Como se organizam para as edições e eventos afins, como apresentações, gravações, entrevistas?

**S.M:** Via WhatsApp. Então, desde a primeira edição eu convidei outras mulheres para fazer parte da organização, porque é um evento sem fins lucrativos, que depende de patrocínios para acontecer e para subsidiar o que acontece lá: alimentação, algum palestrante, alguma oficina, as despesas das pessoas. Basicamente isso, assim, os custos da realização do evento, do som, da luz. E a gente se organiza da seguinte maneira: via grupo de WhatsApp da organização, passamos as instruções para um grupo coletivo onde estão todas, via e-mail também, ficha cadastral com envio das composições depois. Algumas composições foram gravadas, enviadas para festivais. O projeto do ano passado era ter gravado logo em seguida as composições, mas não conseguimos colocar isso em prática ainda, infelizmente. Basicamente isso.

**M.B:** O que mais chamou sua atenção no movimento?

**S.M:** O que mais me chamou atenção realmente é essa capacidade adormecida das outras mulheres. Conhecer as histórias delas, tanto das que vieram antes, que são da geração anterior, que graças a Deus a oportunidade de tê-las conosco, a Oristela [Alves], a Fátima [Gimenez], a própria Marlene Pastro esteve em algum momento se comunicando conosco, mas não foi; a Loma [Pereira]; delas fazerem questão, delas serem entusiastas do movimento, de se sentirem reconhecidas e ao mesmo tempo enxergar que o legado delas vai ter permanência. Conviver com as da minha geração e ver que tem uma uma leva de novas artistas muito mais despachadas, muito mais sem medo, sem esses tabus, que talvez a gente tenha vivido muito mais. Elas chegam num tempo, e aí é muito legal porque a gente percebe também o resultado do trabalho da gente. Estava até vendo essa semana assim, tem umas cinco, seis mulheres lançando música, lançando trabalho, lançando clipe e isso me enche de entusiasmo, porque tu começa a perceber que isso toma um corpo de movimento. Então, o que que mais me

chamou atenção, voltando a tua pergunta são essas capacidades todas ali, as capacidades artísticas de compor, de cantar, de tocar, nesse convívio de várias gerações ao mesmo tempo também que também é incrível. Se a gente contar, da minha mãe que estava lá, que já tocou violão e já compôs, até a minha filha, assim, [são] três gerações no mínimo, talvez quatro gerações se gente contabilizar um pouco melhor, convivendo juntas. E entender essas capacidades artísticas que estão ali, as histórias de vidas, histórias artísticas, os perrengues, as conquistas. Até para a gente reconhecer tudo que já se viveu, para enxergar que muita coisa evoluiu, apesar de ter muito ainda para evoluir.

**M.B:** De que forma se mantém em contato nos períodos em que não estão reunidas presencialmente?

**S.M:** Via grupo do WhatsApp. A gente faz atividades, assim. Temos um Instagram do Peitão, onde a gente de alguma maneira também noticia os trabalhos, compartilha. Porque a ideia é também que o Peitão acabou virando um movimento mesmo, muito mais com evento, onde, nesse grupo, ‘a Shana está lançando uma música, ela vai ali, coloca, todo mundo ajuda a compartilhar’; ‘a Analise está montando uma música, vai lá todo mundo’, tentando ajudar nesse processo de uma dá a mão para outra. Que é um pouco isso, assim, o movimento nativista ele sempre instigou uma competição feminina, quase que como ‘só pode ter uma fazendo sucesso’, quase que como ‘vou fazer um festival, vou fazer um show. Ah, mas não, já tem um show de mulher’. Hoje mesmo falei sobre isso. ‘Já tem um show de mulher, já tem a quota’. Vamos fazer um júri, ‘não, mas eu já tenho mulher no júri’. É como se sempre tivesse que ter apenas uma, apenas uma. E isso é uma coisa que me chama bastante atenção, que eu acho que é uma coisa que a gente tem que começar a trabalhar. Porque que no júri não pode ter quatro mulheres e um homem? Ou três mulheres e dois homens? Ou três homens e duas mulheres? Porque que a gente não pode começar a inverter essa conta? Eu acho que também passa por essa, parece que a gente tem que provar a capacidade, e essa coisa da competição, que é instigada pelo movimento. Eu me lembro de quando eu comentei com alguns amigos homens, que eu ia fazer o Peitão, eles disseram ‘ah, mas não dura o primeiro dia, vão estar se matando, se puxando os cabelos’. Essas coisas que a gente dá risada, mas que no fundo é o que se imagina, que a gente está lá fazendo fofoca, botando uma contra outra, ao invés de estar criando, produzindo e entrelaçando em momentos incríveis de conexão, que acontece lá todos os anos.

**M.B:** Faz parte de grupos no whatsapp ou nas redes sociais? Você é ativa nesses espaços?

**S.M:** Sim.

**M.B:** Como foi a relação com a comunicação pela mídia digital? Houve alguma dificuldade?

**S.M:** Não, não houve. Na verdade, na primeira edição, inclusive, a gente teve uma assessora de imprensa para nos ajudar nessa divulgação. Claro que, como é um evento fechado, ele desperta curiosidade, mas ao mesmo tempo é pouco atrativo para a mídia comum. Mas foi super noticiado felizmente, talvez até por eu ocupar naquele tempo uma posição, assim, mediática, de ter esse acesso, então isso ajudou bastante. A gente sempre pensou na comunicação, até porque eu trabalho com isso, como algo fundamental para o evento sair das porteiras da fazenda.

**M.B:** Você se sente parte de uma comunidade ao participar do Peitão? Por que?

**S.M:** Sim, por essas coisas que eu te falei, assim, de conhecer, se reconhecer na outra, reconhecer histórias, conviver com ídolos, como é o meu caso, e ao mesmo tempo com aquelas jovens para as quais eu sou referência. Então, essa oportunidade de conviver entre gerações, eu acho que isso é a maior prova da comunidade feminina. Esse convívio, essa coisa da convivência com os filhos também. É preciso uma aldeia para criar uma criança. Acho que as mulheres carregam isso muito forte na sua intimidade, assim, no seu modo de vida. Então eu acho que sim, acho que a gente é uma comunidade por ter se dado as mãos, e lá dentro, os momentos que acontecem, permitem também que a gente confesse os nossos medos, os nossos tabus, as nossas dificuldades. E no momento em que tu se sente disposta para te abrir, para vivenciar essas experiências com outras pessoas, eu acho que isso é uma prova de que está todo mundo aberto para esse convívio realmente fraterno, sem amarras, sem máscaras.

**M.B:** Existe sentimento de pertencimento a essa comunidade?

**S.M:** Sem dúvida nenhuma.

**M.B:** O que é comunidade para você?

**S.M:** Comunidade é o convívio de pessoas que têm interesses comuns e diversos, mas que trabalham todos por um caminho de equidade de oportunidades. Pensando assim na comunidade geral, de oportunidade de trabalho, de fonte de renda, fonte de alimento, fontes de informação. Então, acho que o Peitão é a maior prova disso, porque lá nós estamos comendo juntas do mesmo alimento, nós estamos nos alimentando da mesma arte, da mesma inspiração, convivendo no mesmo ambiente, com a mesma



oportunidade de som, de tempo, com acesso às mesmas pessoas que vão lá fazer oficina, oferecer o seu conhecimento. Isso está ao acesso a todos. Para mim, esse é o meu entendimento de comunidade, quando as pessoas caminham juntas.

**M.B:** De que forma participar do peitão fortalece o pertencimento ao território e aos símbolos do Rio Grande do Sul? (música)

**S.M:** Acredito que por essa afirmação de que a mulher também faz parte da cultura regional do sul do Brasil, assim, na totalidade do que essa frase pode representar mesmo, tirando essas amarras e mostrando ‘opa, nós estamos aqui, nós também somos gaúchas, nós também temos o direito de emitir as nossas criações, as nossas opiniões a respeito do campo ou da cidade, do histórico e do atual’, de tudo que envolve uma cultura popular, que é a cultura do nosso povo gaúcho. E eu acho que a gente trabalha muito para que essa cultura realmente seja uma expressão popular, porque lá tem gente do Litoral, da Serra, da Campanha, do Centro. Então há um respeito muito grande aos estilos, às etnias formadoras desse estado, há uma diversidade realmente de artistas. E isso é para mim o pertencimento ao Rio Grande do Sul.

**M.B:** O que é criatividade para você?

**S.M:** É a liberdade. Criatividade para mim é sinônimo de liberdade, de expressão sem amarras. Se eu for pensar nos meus momentos de criatividade, de se eu estou cantando, ou se eu estou escrevendo um texto, ou se eu estou criando uma música quando eu estou cantando para um dos meus filhos dormir, é isso. A expressão de uma autoconsciência e ao mesmo tempo, assim, sem padrões. Criatividade é aquela que trabalha sem padrões impostos pela sociedade, pelo governo ou por qualquer outra coisa do gênero. Criatividade é liberdade.

**M.B:** O movimento Peitão incentiva o exercício da criatividade?

**S.M:** Com certeza. Esse é o cerne da criação do Peitão, que além da reunião de mulheres, ele é um evento que busca essa instrumentação criativa. De que forma? Com oficinas que oferecem o conteúdo literário, com oficinas que oferecem autoconsciência, com oficinas históricas, enfim. Com essa possibilidade de estar presente nesse lugar, se livrar, se libertar de qualquer padrão estabelecido e estar consciente, com a sua alma e com seu corpo, com a sua consciência mesmo, para poder criar de forma livre.

**M.B:** O exercício da criatividade no Peitão se dá de maneira individual ou coletiva? Como?

**S.M:** Eu acho que se dá das duas formas. Durante as oficinas a gente tem essa possibilidade de pegar o caderno e ir anotando inspirações, cada uma ter os seus

apontamentos, o seu entendimento. Eu emito uma informação, cada pessoa recebe a partir da sua construção, isso é o indivíduo. Agora, há o exercício proposto como exercício coletivo, de se reunir grupos para exercitar a composição, após todo esse exercício reflexivo individual. Então, eu acho que ele é um movimento que trabalha nas duas frentes.

**M.B:** Você acredita que enquanto comunidade o Peitão resolve o problema da representação e do protagonismo da mulher na música gaúcha?

**S.M:** De forma alguma. Acho que ele é só uma semente. Como te disse no início da conversa, ele é uma semente de uma construção que ainda vai levar muito tempo. Porque, imagina até essas mulheres se sentirem livres e capazes para compor. Nós, parece que eu tô sempre falando a terceira pessoa. Nós mulheres nos sentirmos livres, capazes de enxergarmos as nossas músicas como boas, isso vai levar um tempo, até essas músicas se tornarem populares, serem cantadas, serem escutadas. Então, acho que é um longo caminho. Mas eu vejo que esse movimento ele está andando em várias frentes, ele está andando na composição, que é uma peça-chave, mas ele também serve de alguma maneira para incentivar as intérpretes a seguir com as suas carreiras, as instrumentistas a investirem, e acreditarem na suas carreiras, enxergando um mercado que talvez há vinte anos atrás, era quase inexistente. Falo em mercado como profissão mesmo, como gravar um disco, fazer um show, fazer uma turnê, viver disso. Não eventuais participações em festivais e tal. Viver de música, viver da sua arte. Eu acho que as gurias da geração de agora já enxergam mais isso como uma realidade possível. Eu sou uma pessoa que vive na música, da minha arte, eu trabalho com isso, tenho uma carreira, tenho vários discos lançados, tem uma constância, que foi se construindo ao longo desses quase vinte anos de carreira. Então eu acho que tem a história da composição, mas tem essa representatividade, de mais artistas aparecendo, isso vai começar a incomodar, porque tem gente talentosa, tem show bom, os caras vão começar a querer levar para os eventos, o público vai começar a pedir. Têm as gurias que estão na plateia que se sentem representadas, mas eu acho que isso leva bastante tempo ainda. Espero que não, que menos, mas acho que vai ainda.

**M.B:** Você conhece a ideia de comunidade criativa?

**S.M:** Superficialmente.

**M.B:** Comunidade criativa é quando os sujeitos com objetivos afins se unem para resolver uma questão ou problema pautado pela criatividade. Acredita que o Peitão pode ser considerado uma comunidade criativa?

**S.M:** Acho que sim. Acredito que sim. Eu parto do princípio de que há um bloqueio criativo, porque somos todas artistas, com praticamente o mesmo acesso à educação, à informação e as mesmas capacidades intelectuais. Então, o que nos bloqueia? Eu acho que essa descoberta, talvez não tenha uma resposta exata para te dar, mas eu acho que o exercício dessa comunidade criativa é para solucionar esse bloqueio criativo, com seres que estão ali com um objetivo comum. Então, acho que sim.

**M.B:** Para você, que reais mudanças o trabalho desenvolvido no Peitão promove para as mulheres na indústria fonográfica? (dá mais visibilidade)

**S.M:** Tentando resumir, então, acho que ajuda a capacidade criativa, acho que incentiva as mulheres a investirem nas suas carreiras musicais, sejam elas intérpretes, compositoras, instrumentistas, poetisas, cria um movimento de mais mulheres atuantes dentro dessa área e, portanto, mais público, mais produção, e a conseqüente maior valorização desse espaço.

**M.B:** Sobre a participação feminina na música gaúcha, qual a sua observação?

**S.M:** Acho que é aquilo que te falei antes, uma preponderância da visão masculina, que sempre colocou a mulher como a cantora das canções de amor ou melodias mais melodiosas, que estereotipou a mulher como um único papel no palco. Eu acho que isso talvez resuma um pouco. E ao mesmo tempo, uma exclusão velada, como espaços pré-definidos para o feminino dentro de um movimento que é cultural, que é artístico e que deveria ter espaço para todos de forma voluntária sempre. Eu acredito que houve, no decorrer do processo, até pelo princípio de tudo, de como as coisas foram criadas, em cima do que as canções nascem dentro desse conceito, que isso se confunde às vezes, o nativismo, o tradicionalismo, porque o público acaba muitas vezes sendo o mesmo. Eu vejo que essa base construída em cima do masculino acabou excluindo as mulheres por muito tempo.

**M.B:** Como você se vê na música gaúcha?

**S.M:** Eu me vejo com muita responsabilidade de comunicação, com compromisso sempre assumido de usar meu canto, a minha arte, meus canais de comunicação e essas atividades que eu desenvolvo, como instrumento de transformação – minha também –, primeiramente minha, da minha visão de mundo – e que bom que ela muda, se transforma e evolui – e posteriormente, com esse compromisso, também, de sempre que eu tenho a possibilidade de me comunicar, de cantar, de compor, fazer isso com muita responsabilidade. E eu vejo, assim, olhando para esses vinte anos, vejo um resultado bem satisfatório. Muito difícil a gente parar e fazer essa avaliação, mas vejo que hoje eu

cumprir um papel, cumpro ainda um papel, bem importante dentro desse cenário de afirmação do feminino, da afirmação das capacidades das mulheres, da minha capacidade de ser empreendedora na minha carreira, ser empresária, ser cantora, ser artista, na mais complexa definição que isso possa ser, de conseguir o respeito das pessoas por isso, de tocar nos mais diferentes lugares, seja dentro de um Centro de Tradições Gaúchas, seja num evento para empresários os americanos que vêm visitar e, às vezes, me convidam. Então, eu vejo que eu tenho uma representatividade bem importante, assim, para as novas gerações, para essa música que eu acredito que deva ser a música que representa a cultura popular do Rio Grande do Sul.

**M.B:** De que modo o Peitaco atua nessa realidade?

**S.M:** O Peitaco é, dentro dessa minha construção, um passo super importante no meu exercício de consciência, desse meu propósito. Meu propósito como artista, de enxergar essa possibilidade de transformar esse movimento artístico em um espaço mais inclusivo para as mulheres. O Peitaco surge como um instrumento para isso, mas ao mesmo tempo, também, como a confirmação de um propósito, de algo que eu precisava afirmar, também, para mim, como mulher, como mãe, como artista. E eu acho que isso também veio com maturidade. Não só com a maturidade artística, mas com a maturidade como ser humano.

**M.B:** Enquanto espaço criativo, que influência o Peitaco fez na sua carreira?

**S.M:** Muita. Na minha carreira, nos meus escritos de casa. Eu já escrevi vários poemas pós Peitaco, muitos deles ainda estão inéditos, estão sendo exercitados, enfim. Com a participação das gurias também na minha carreira. Nessa semana, eu vou estar lançando um clipe, que é uma canção de um homem, que eu acho que isso é importante a gente dizer também, os homens não são adversários, eles precisam ser aliados dessa luta. É o que tu está fazendo aqui, quer dizer, um homem, com um trabalho universitário para analisar isso, uma comunidade criativa que busca esse rompimento de barreiras é fundamental. Porque ele não é uma luta de exclusão, pelo contrário. A gente não quer tirar nada do masculino. Queremos é a equidade de espaços, possibilidades, oportunidades para as mulheres e entendimento na nossa participação como seres gaúchos desse lugar. Além disso, eu estava falando do clipe, nessa semana eu vou lançar uma música do Érlon [Péricles], que é uma homenagem às mulheres, ‘Todo Dia é Teu Dia’, e no clipe são algumas das mulheres, retratadas em imagens, a Violeta Parra, a Mercedes Sosa, a Luisa Calcumil, que é um índia mapuche argentina, atriz e cantora, a Dalila que é uma cantora de São Gabriel e que correu o mundo cantando Bossa Nova e

música brasileira, a Berenice Azambuja, Fátima Gimenez, a Loma, as gurias do Canto Livre, as gurias do Conjunto Farroupilha, a Clary Costa, enfim. É uma forma de homenagem para elas, então hoje eu não tenho como eu pensar em uma música para minha carreira, para o meu trabalho, seja ela minha, ou de outro compositor, ou de outra compositora, sem que esse meu propósito não faça parte. Cada palavrinha vai ser olhada, cada melodia. Entende que eu me desprendi de um lugar, assim, que eu também fazia parte, eu também estava presa nesse lugar que me impunha limites para a minha possibilidade de criar, de cantar, de estar no palco, de me vestir. Isso também foi um processo para mim, e até hoje eu sou criticada por causa disso, cada vez que eu apareci com decote no Galpão Crioulo eu fui criticada. Quer dizer, porque? ‘Porque a mulher não pode expor o seu corpo e falar de tradição gaúcha’. Conceitos extremamente conservadores, e desubicados, como diriam os argentinos, porque as mulheres não usavam as roupas aqui, quem usava eram as filhas das pessoas de posses, que viviam nas cidades; as “chinas” das Vacarias usavam pés descalços, saia e uma blusa decotada. Então, assim, voltando um pouco na pergunta, me vejo com um papel bem de comprar brigas e, ao mesmo tempo, vejo que essas brigas efetivamente fazem parte, são minhas. Porque elas fazem parte da minha identidade como artista.

**M.B:** Porque surgiu a necessidade de fazer esse movimento?

**S.M:** Por essa necessidade transformadora. Validamos a resposta do início.

**M.B:** Alcançaram os objetivos?

**S.M:** Acho que quando a gente pensa em comunidade criativa acho que o objetivo não tem um fim, ele tem talvez um começo e o processo. Não acredito, até por entender que a criatividade é sinônimo de liberdade, não consigo identificar um fim; mas consigo identificar um processo em andamento, já alcançando objetivos e no caminho de um objetivo final, que, sabe-se lá quando vai ter fim.

**M.B:** O que vislumbram para o futuro?

**S.M:** Fazer mais edições do Peitão, não só na fazenda, mas tentar fazer algumas coisas mais durante o ano, encontros. A gente já fez um encontro em Porto Alegre, em novembro, na Casa de Cultura, uma apresentação. Temos projetos de fazer show coletivo. Acaba que as individualidades às vezes se sobrepõem, pelas necessidades urgentes de todo mundo, de tocar os seus projetos. E como a organização fica muito comigo, assim, as gurias acabam ‘não, tem que ver se a Shana deixa’. Até a Oristela [Alves] me pediu autorização para te dar entrevista, eu digo ‘Oristela, tu está ficando

louca, Oristela?!'. Mas ela sempre faz isso. E a Oristela é super uma entusiasta, ela é a mãezona do Peitão.

**M.B:** Como se deu a definição do nome?

**S.M:** A definição do nome foi uma ideia que eu tive junto com um homem. Eu queria algo que falasse do feminino. Bom, a palavra Peitão é sensacional, porque ela traz muitos significados. Ela fala do peito da mãe que alimenta o filho, de botar o peito na água, de ter coragem. Então, ela traz o feminino e traz força, ao mesmo tempo algo que possa parecer contrassenso para muitas pessoas. E quem sempre está comigo, tem uma alma feminina incrível nesse processo criativo é o meu irmão Diego. Ele é diretor, artista e tal.

**M.B:** No Peitão, qual a importância da comunicação?

**S.M:** Toda. Tudo que acontece é via comunicação, seja entre nós, seja com patrocinadores, com as pessoas, com a mídia, enfim. Não há Peitão sem comunicação.

**M.B:** Tem algo a mais que gostaria de acrescentar?

**S.M:** Que a gente tem as homenageadas, que tentamos também manter vivas as histórias de outras artistas que já não estão. Na primeira edição, a gente homenageou a Rhosammaria, acabou que Leontina da Dores virou um hino, porque tinha essa coisa emblemática, de contar história de uma menina que não podia sair do galpão, 'pra dentro Maria Leontina, menina não vai no galpão, Leontina de quarto e sala, Leontina quarto e prisão'. Poema lindo do Luiz Coronel, que retratava essa realidade. E a gente estava ali para dizer que a gente estava dentro do galpão e que estávamos abrindo as portas desse galpão. Mas foi a partir dessa homenagem para a Rhosammaria, que foi uma cantora que nunca se rendeu a essas amarras, nem do comportamento, nem do posicionamento no palco, nem do que podia, nem do que não podia cantar. Nós instituímos essas homenagens, a própria Oristela [Alves] como madrinha do Peitão, esse ano nós homenageamos a Secretária de Cultura também, que eu acho que são figuras super importantes nessa construção desse movimento cultural e desse empoderamento – não gosto muito dessa palavra, porque eu não acho que a gente está falando de poder, enfim – do empoderamento feminino dentro dessa cultura do Rio Grande do Sul.

**M.B:** Perguntei à Oristela se ela fazia parte, se ela era ativa nos espaços, e ela disse 'Sim, onde está o Peitão, eu sempre estou presente.'

**S.M:** É isso. Ela é a que fica me mandando mensagem, 'e aí, vamos fazer esse ano? quando é que vai ser? precisamos nos reunir com mais tempo'. Mas é muito legal.

E a gente conseguiu apoio de algumas empresas, e entender também que as empresas começam a olhar para isso com mais respeito, que a gente vê que a luta feminina é uma luta que também é discurso de marketing das empresas, e poder trazer essas empresas para dentro de algo que realmente é construtivo de um movimento, eu acho que é muito importante. Quiçá a gente possa ter outras frentes do Peitão, está nos planos fazer ele em várias cidades do Rio Grande do Sul, pelo menos como shows e oficinas diárias, assim, uma oficina e um show, para trazer outras pessoas. Porque acaba, por ser um evento dentro de uma casa, com uma estrutura, ele limita o número de participantes e, diariamente, eu recebo pessoas querendo participar. Isso é uma coisa que a gente não falou, como se dão os convites. No início, eu chamei dez, essas dez chamaram mais, que chamaram mais dez, e assim a gente juntou quarenta. E aí, eu instituí que a cada ano a gente tem um número 'x' de convites, para, a partir da estrutura disponível para aquele ano, convidar mais pessoas. Mas sempre acabam ficando pessoas que não vão ou que não foram convidadas e, às vezes, até a gente não lembra, 'bah, a fulana, como é que ninguém lembrou?', enfim. É algo muito caseiro, é feito por pessoas. A gente não tem uma grande empresa produtora, então ele parte realmente das nossas demandas, demandas e capacidades de realização mesmo.